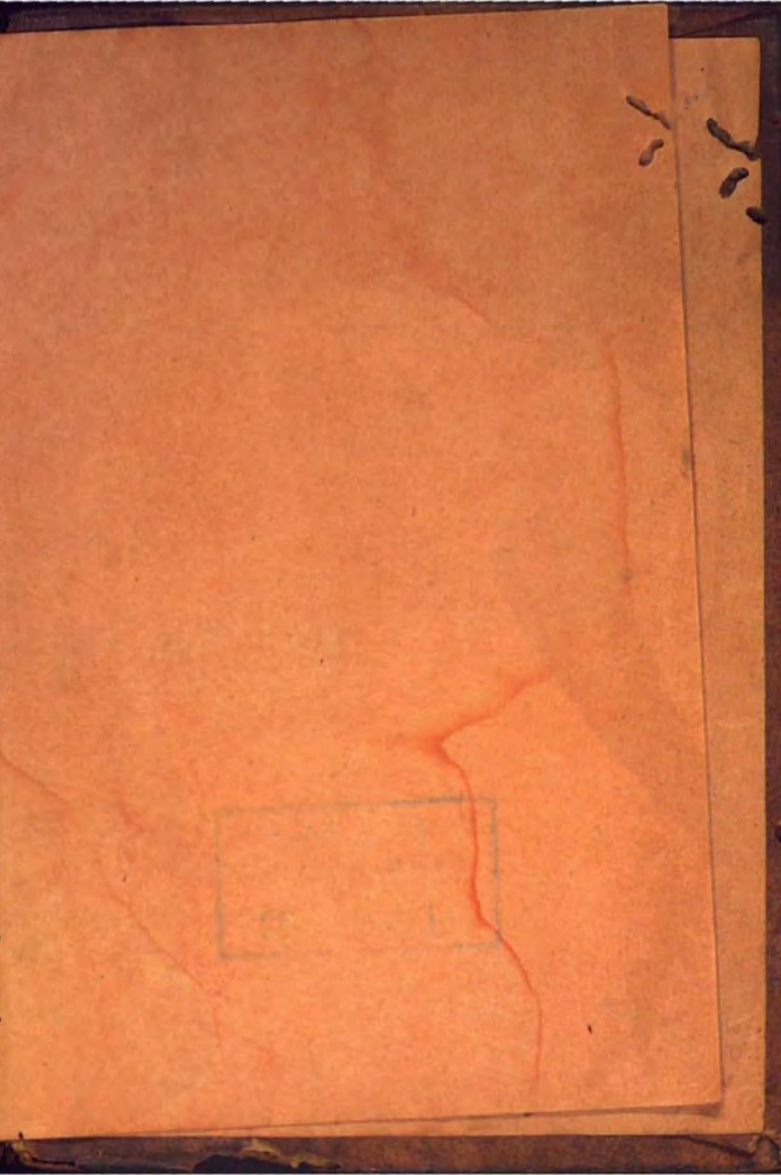




S. T. F.

PATRIMONIO

11 044.348.0



S V C C E S S O
D O S E G V N D O
C E R C O D E D I V .

E S T A N D O
D O M J O H A M M A Z C A R E N H A S
P O R C A P I T A M D A F O R T A L E Z A .

A N N O D E 1 5 4 6 .

Fielmente copiado da Ediçam de 1574.

P O R
B E N T O J O S E D E S O V S A F A R I N H A ,
Professor Regio de Filozofia , e Socio da Aca-
demia das Sciencias de Lisboa.



L I S B O A :
N A O F F I C . D E S I M A M T H A D D E O F E R R E I R A ,

A N N O M . D C C . L X X X I I I I .

Com Licença da Real Meza Censoria.



PROLOGO

Ao muito poderoso Rey Dom Sebastian, o primeiro deste nome em Portugal, nosso Senhor.

DEs pois que Deos (quasi milagrosamente) nos fez merce do desejado, e ditoso nascimento de V. A. vimos sempre inclinar-se a cousas arduas, graves, e belicosas. Isto me moveo a escrever este successo do segundo cerco de Diu, e a batalha tam perigosa que venceraõ os Capitaes do invictissimo Rey D. Ioam, o terceiro deste nome, vosso avó, que esta em gloria: por ser (a meu juizo) hũa das mais notaveis, e famosas cousas, que assi nos tempos antigos, como nos dagora, no mundo se fizeraõ. O desejo de o dirigir a V. A. me fez passar levemente o trabalho de o escrever em verso Eroyco. E porque a lectura he grande, debuxei de minha maõ os combates, os socorros, e tudo o mais que no descurso deste trabalhoso cerco succederaõ, para que a invençaõ da pintura satisfaça a rudeza do verso. E pois este foi o meu intento, peço a V. A. o receba, e aja por seu.

CARTA AO LECTOR.

Os grandes, e finalados feitos que nesta 'nos-
sa idade agora lemos daquelles antigos Gre-
gos, Troyanos, e passados Romãos nos es-
pantaõ, e sam julgados de nos quasi por impossi-
veis, pola elegancia das palavras, polo ornamen-
to, polo facundo, e copioso estillo com que sam
encarecidos por Poetas illustres, e outros gravissimos
autores. Como sam os feitos de Achilles, louvados
por Homero: os de Encas por Virgilio: os de Iulio
Cesar e gram Pompeo por Lucano: os de Alexan-
dre magno por Quinto Curcio: os de Anibal, Ci-
piaõ, e outros muitos Capitães Romãos por Tito
Livio, e Salustio. Cujos ingenhos foraõ tam raros,
e peregrinos no mundo, de suileza tam viva, de
sciencia e doutrina tam marevilhosa, que com ra-
zaõ nos pode parecer serlhes de Deos concedidos por
particular privilegio, pola grande differença que
delles a outros muitos avia. E que os antigos es-
criptores illustraraõ, e ennobrecearaõ os feitos destes
valerosos hommões, bem se mostra ser assi: pois o
grande Alexandre lendo a Iliada de Homero disse.
Que maior inveja tinba de Achilles por ter tal es-
criptor, que dos grandes e perigosos feitos que aca-
bava. Por sem duvida tenho, que se Virgilio trata-
ra dos verdadeiros vencimentos dos Portuguezes
(assi em Portugal, como na India) como escreveo
os fabulosos de Encas, fizera emmudecer, e pas-
mar aos que depois de nos no mundo succederaõ.
E os outros que com verdade escreveram as guer-
ras,

CARTA AO LECTOR. v

ras, e diffensões de Carthago contra o Senado Romano: muy certo esta que confessorão ser com iguaes numeros de gente, e sem ajuda dos instrumentos, e artificios de fogo: que de poucos annos a esta parte forão inventados, quasi com industria, sutileza e arte diabolica. Quem duvida, que se estes autenticos homens (cuja profissam foy escrever, e tratar de cousas grandes) viram ao glorioso Rey dom Afonso Henriques vencer tantas vezes exercitos poderosos de soberba, e fera gente, com um pequeno numero de Portuguezes, nam fizera sobre cada victoria que alcançava, mil volumes, e grandes livros? E desde tempo deste bemaventurado Rey ategora, de quantas batalhas, recontros: de quantos feitos famosos, e de manifesto perigo, sam neste helicoso Reino acontecidos com tanta honra, com tam gloriosa e immortal fama? Este successo do segundo cerco de Diu (estando o valeroso dom João Mazcarenhas por Capitão e Governador da fortaleza) foy bũa das notaveis cousas que se fizeram na India, ou por ventura no mundo. Onde affi elle, como outros Capitães Portuguezes, prudentes, e muy esforçados, no exercicio, e disciplina militar desfrissimos, fizeram cousas dignas de ficar em eterna memoria, por outra habilidade mais sutil, e mais viva que a minha. As quaes todas estavaõ postas em esquecimento: nam por falta de ingenhos, que muitos á nesta terra muy delgados, e cheos de prudente artificio: mas por culpa do tempo que tem as cousas chegadas a termos, que se ha por mal empregado o trabalho sofrido em escrever cou-

sas

VI CARTA AO LECTOR.

fas tam dignas, e merecedoras de louvor, feitas por tam valentes Capitães: por tam illustres fidalgos: por tam valentes e esforçados Cavalleiros. Hús que neste trabalhoso cerco perderão as vidas, comprindo com suas obrigações: outros que alli ganharaõ tanta honra, com muitas feridas, e espargimento de seu sangue. Senti tanto ver que se hia ja perdendo a memoria deste tam raro feito, que determinei escrever o successo deste cerco: ainda que fosse em estilo grosseiro, rudo, e mal polido. E trabalhei por aver a maõ as mais certas, e verdadeiras enformações que se poderaõ achar em homẽs de muito credito, que ao trabalho deste cerco foraõ presentes. E se naõ nomear todos os fidalgos, e soldados que neste cerco se acharaõ, naõ he a culpa minha: mas naõ pude aver os nomes de todos: ainda que com muita diligencia o procurei. Naõ quero mais premio deste trabalho, senaõ que se me admita, e receba o meu intento: que como Portuguez desejo ver as cousas da patria engrandecidas, e divulgadas por todas as naçoens. E isto bastara para ser relevado das faltas, e imperfeições que nos frasis desta obra, e na pouca policia, e ornamento della se acharem.

EPIGRAMMAS

De Luis Alvaroz Pereira.

DE fangue illustre fez a natureza
 A mor obra que pode, e satisfeita
 De seu intento, vendo a mor fineza
 Quanto fez ate li despreza, e enjeita.
 Com eterno louvor, e alta pureza
 Emprende outra igual cousa ao Ceo aceita:
 O fangue orna com partes, e com nome
 Que o tempo, a inveja, e o homem nunca dome:

ESte de que o Ceo tanto apregoa
 IERONIMO so he, que faz evidente
 Quanto do Portugues por Asia soa,
 E do Levante corre ate o Ponente.
 De Appelles victorioso ouve a coroa:
 Nas Musas o estais vendo o mais prudente:
 Ao grande Orpheo venceo, foilhe a honra dada:
 Tudo que diz co a lingoa obrou co a espada.



SONETO

de Dom Jorge de Meneses.

AS armas, e as letras fundamento
 De Reinos, e de Imperios poderosos:
 Nos Gregos, nos Romãos victoriosos
 Fizeram no principio seu assento.
 Por successam depois seu aposento
 A Portugal passaram, e os generosos
 Espiritos acenderam, que ociosos
 Se deixavam levar do esquecimento.
IERONIMO nos mostra claramente,
 Em seu divino canto esta verdade:
 O clara luz da Lusitana gente.
 Honraste tua patria, e nossa idade,
 Celebrandoa, e defendendoa altamente
 Co a espada, e mais que humana habilidade.

EPIGRAMMA SVA.

COrrida a Natureza do apertado
 Nome de cruel madrastra que lhe damos,
 Em IERONIMO pos abreviado,
 Tudo o que em varios homês admiramos.
 Nobreza, esforço, engenho levantado,
 Com que das mãos da Morte nos livramos.
 O que em Lino, em Appelles nos espanta,
 E o que de Narciso, e Absalon se canta.

Soneto de Francisco Dandrade.

Spirito entre mortaes ja mais que humano
 Que a patria, e os teus estās de gloria enchendo
 Por quem agora vemos irte erguendo
 Ate as nuvẽs o nome Lusitano.
 De ti mesmo recebe o desengano,
 O que louvar te quer, pois estā vendo,
 Que por ti so teu nome ha dir crescendo
 Sempre (a pensar da enveja) de anno em anno.
 Dente graças os vivos, que contaste,
 Dentas os que ao Ceo ja sam passados,
 E dos outros, qualquer que a patria ama,
 Pois juntamente a todos obrigaste,
 Os vivos, pois por ti sam celebrados,
 Os mortos, pois por ti vivem na fama.

Soneto de Pero Dandrade de Caminhã.

Espritos valerosos, e esforçados,
 Que tanto ao mundo tem de si mostrado:
 De hum valeroso espirito, e esforçado,
 Deviaõ dignamente ser cantados.
 E a feitos com razam tam celebrados,
 Se devia alto verso, e celebrado:
 E que tudo a alto som fosse cantado
 Em branda voz, e em cantos desusados.
 A tudo isto respondes igualmente,
 Rarissimo IERONIMO, e em cores
 Vivas, mostras aos olhos quanto cantas.
 Deste louvor alheo, mil louvores
 Instantemente te vem, nam so da gente
 Mas dos que entendem mais, que mais espantas.

EPIGRAMMA

Do Doctor Antonio Ferreira.

Quem pode ô gram IERONIMO louvarte
 Dos raros doês que em ti os Ceos juntaram?
 No pincel vences natureza, e arte:
 Na lira, quantos a melhor tocaram:
 Na forte espada representas Marthe:
 Nos brandos versos poucos te igualaram.
 Ate no claro fangue, e gentileza,
 Fortuna, e Ceos roubaste, e natureza.

Ad Lectorem.

Qicumque hunc librum manibus gestare requiris
 Et legere attente carmina docta cupis.
 Scito hæc castalidum longe superare camænas,
 Vincere quod Latium & Græcia tóta docet.
 Nanque opus authorem opus commendat & ornat,
 Alternantque pares author opusque vices.

EPIGRAMMA

Petri Landini Hieronymo Corte Real auctore illustriſſimo.

Hostes confecit juvenili Hieronymus ævo
 Regia cui nomen curia grande dedit.
 Hostes confecit maturo Hieronymus ævo,
 Mirificis condens versibus historiam.
 Ingenio summus, summus quoque viribus unus,
 Et belli laudes ingenique tulit.

De eodem.

MArthe premunt nostros oblivio, & indicus hostis
 Ille petit vitam, gloriam at illa perit.
 Nunc dormit virtus constans, neglecta sed illa,
 Gestorum illustres lenta vorabat opes.
 Se tamen opponens monstro huic Hieronymus, illud
 Carminibus vicit constituitque decus.

Petri Landini

SONETO

De Diogo Bernaldez.

COlhei Nimphas do Tojo , as mais cheirosas
 Flores , de quantas rouba o tempo avaro ,
 E dellas , e de louro , a Phebo caro ,
 Com roxos lirios , e purpúreas rofas ;
 Tecei (alegres ja , nada envejofas :
 Das do famoso Po , e Mincio claro)
 Capellas a este voffo fpirito raro
 Que tanto vos honrou Nimphas fermofas.
 Graças que industria humana nam alcança ,
 Juntas o largo Ceo fo nelle inspira ,
 Por fazer immortal voffa belleza.
 Orpheo a voz lhe deo , Apollo a lira ,
 Amor a branda penna , Marthe a lança
 E o feu proprio pinzel a natureza.

T A V O A D A.

- C**ANTO I. *Que trata de huã Visã que el Rey de Cambaya vio em sonhos . e de como determina cercar a fortaleza de Diu. Pag. 1.*
- C**ANTO II. *Que trata de como Coge Çofar com grande diligencia , e cuidado ordenava hum poderoso exercito , e de como mandou hum Capitam Rume , para que secretamente impedisse os mantimentos na fortaleza até que elle chegasse. 11.*
- C**ANTO III. *Que trata como o Capitam dom Joaõ Mascarenhas mandou espias que lho trouxeram certa nova do cerco , e de como se começou aperceber com muita pressa. - - - - - 25.*
- C**ANTO IIII. *Que trata da falla que o Capitam dom Joaõ Mascarenhas fez aos capitães das escancias : e de como mandou queimar huã grande não em que Coge Çofar tinha inventado hum sutil , e danoso artil. - - - - - 36.*
- C**ANTO V. *Que trata como chegon Dom Fernando de Castro com nove navios em socorro da fortaleza : E de como Coge Çofar se vinha chegando aos muros , para dar batalha. - - - - - 44.*
- C**ANTO VI. *Que trata como os inimigos batiam a fortaleza : e de como el Rey de Cambaya espantado de hum tiro , se foy da Cidade : deixando Fuzarcão Abexim que governasse a gente que com elle viera. - - - - - 52.*
- C**ANTO VII. *Que trata como os Mouros continuavam sua obra com grande diligencia para entulhar a çava , e os da fortaleza secretamente*
- te

- re lhe furtavam o entulho : na qual obra morreu
 Antonio Freire Alcaide mor da fortaleza. 65.
- CANTO VIII. Que trata como Simão Feo foi com
 recado ao Capitam mor, e da resposta que o Ca-
 pitam lhe deu. Trata tambem do primeiro com-
 bate, e do successo delle. - - - - - 75.
- CANTO VIII. Que trata do segundo combate que
 os Mouros deram na fortaleza, e de como a en-
 traram, e foy tornada a cobrar por dom João
 Mazcarenhas: trata tambem da morte de Inzar-
 cam Aberim. - - - - - 85.
- CANTO X. Que trata do terceiro, e quarto com-
 bate que os Mouros deram. E de como ale-
 vantaram a sua artilheria da frontaria da for-
 taleza. - - - - - 107.
- CANTO XI. Que trata do quinto combate que os
 Mouros deram na fortaleza, onde pela falsa
 informaçam de hium Gazarate, os Portuguezes
 receberam grande dano no incendio e ruina do
 baluarte Sam João. - - - - - 130.
- CANTO XII. Que trata como os Mouros mina-
 ram a torre de Sanctiago, e como chegaram a
 fortaleza Antonio Moniz, Gracia Rodrigues de
 Tavora, apartados da armada de dom Alvaro
 de Castro filho mais velho do Visorey: trata
 tambem da vinda de algũs fidalgos com outras
 cousas que succederam. - - - - - 148.
- CANTO XIII. Que trata como chegaram a for-
 taleza Luis de Melio de Mendonça, e dom
 Duarte de Meneses filho do Conde da Feira, e
 dom Jorge de Meneses com algũs fidalgos: tra-
 ta

ta tambem da vinda de dom Alvaro de Castro, e de como o Capitam mor subiu aos inimigos tornando-se a recolher com perda de algũs fidalgos. - - 162.

CANTO. XIII. Que trata como foy levado recado ao Visorey do descurso do Cerco, e do estado em que estava a fortaleza: trata tambem da morte de Nuno Pereira. - - - - 204.

CANTO. XV. Que trata como o Visorey partio de Goa levando grossa armada em socorro da fortaleza: trata tambem como dom Manoel de Lima chegado de Portugal aa India, o Visorey o mandou de Baçaim aa costa de Cambaya fazer guerra, onde os Mouros receberam muito dano. - - - - - 224.

CANTO XVI. Que trata como dom Manoel de Lima tornou aa costa de Cambaya por mandado do Visorey, contase nelle todas as cousas que ali fez nesta segunda viagem: trata tambem da chegada do Visorei a Diu. - - - - 240.

CANTO XVII. Que trata como o Visorey entregou a dianteira a dom Joã Mascarenhas Capitam da fortaleza, e de como se apresentaram aos inimigos. - - - - - 267.

CANTO XVIII. Que trata da gloriosa victoria que o Visorey dom Joã de Castro teve dos Capitães do gram Soltam Mamude ajudados dos Turcos, e do que mais succedeo despois do vencimento desta tam famosa batalha. - - 282.

CANTO XVIII. Que trata como dom Manoel de Lima per mandado do Visorey foy buscar duas
naas

naos del Rey de Cambaya , e nam nas achanilo
entrou outra vez , na enseada de Cambaya on-
de destrubio a Cidade de Goga. - - - 301.

CANTO XX. Que trata como dom Manoel de Li-
ma atravessou a enseada de Cambaya com gran-
de trabalho e risco , queimando , e destruindo a
Cidade de Gandar : tratase nelle de huã figam
em que levado o Visorey polo Merecimento ao
templo da victoria lhe mostra os feytos de Affri-
ca , e da India pintados em huã parede do
templo. - - - - - 318.

CANTO XXI. No qual prosigue o Merecimento
na demonstraçam dos feytos da India , mostralhe
em prophecia o nascimento do involtissimo Rey
dom Sebastiam , declaralhe algũas cousas que
ainda estam por vir , tratase nelle tambem da
chegada do Visorei a Goa , e da vinda de dom
João Mazcarenhas a Portugal. - - - 367.



S V C C E S S O

DO

SEGUNDO CERCO DE DIU

Estando D. Joam Mascarenhas por Capitam, e Governador da fortaleza.

FEITO POR

HIERONYMO CORTE REAL.

Dirigido ao invictissimo Rey Dom Sebastião, o primeiro deste nome em Portugal.

Neste primeiro Canto se trata de hũa visam, que el Rey de Cambaya vio em sonhos: e de como determina cercar a fortaleza de Diu movido por muitas razões, que alguns Reys, e Principes do Oriente para isso lhe deram.



S forças, a destreza, a valentia,
Opiniam, valor, e esforço grande
Dos Portuguezes canto: e o trabalho
De hum perigoso, estreito, duro cerco.

A batalha tambem canto daquelle
Insigne Visorey dom Joam de Castro.

A

Na

2 SVCCESSE DO SEGVNDO

Na qual os Capitães do gram Mamude
Forão todos vencidos : e a Cidade
Populosa de Diu toda entregue
Ao furor dos Soldados , cobiçosos
Da honrada fama , mais que de riquezas.
Deixo o monte Parnaso , e a Cabalina
Fonte , tam celebrada noutro tempo.
Deixo Apolo , e Minerva : deixo as Musas
Que os antigos Poetas invocaraõ ,
Nam alcançando o bem tam verdadeiro
De nossa Fé sagrada , e luz divina.
O gram Calvario invoco , invoco a fonte
Do Sanctissimo Sangue nelle aberta :
Onde foram lavadas nossas culpas :
Onde foram remidas nossas almas.
A Vós , ó bom Jesu , Verbo encarnado
Nas Virginaes entranhas de Maria ,
A Vós , ó Deos piadoso lavoço , e peço
Aquelle favor vosso : aquella graça ,
Que a quem vos pede dais com amor puro
Ajudaime Senhor , para que cante
Dos vossos Capitães os grandes feitos ,
Que no cerco de Diu bem mostraraõ
Ser por Vós ajudados , e regidos.
Informai meu estillo , e juntamente
Guiay a minha lingua grossa , e ruda :
Para que dê noticia eterna ao mundo ,
Das mortes , dos estragos , dos incendios :
Daquelle grande estrago , e total perda ,
Que em Diu receberam os inimigos
De vossa sancta Fé , e sacro nome

CERCO DE DIV. CANTO. I.

Reinando em Lusitania o prudentissimo,
O Catholico Rey dom Joam terceiro:
Senhoreando a terra grossa, e fertil,
Que do espaçoso Indo tomou nome:
Onde as preciosas pedras, e as especies
Odoriferas nascem, e enriquecem
Quasi todas as partes do universo.
O gram Soltaõ Bhaudur Rey de Cambaya,
Neste tempo pagou, com crua morte,
Tyranias, e males que usou sempre,
Em quanto teve vida odiosa ao mundo.
Nas mãos dos Portugueses rendeo a alma:
Lá na barra de Diu: governando
Nuno da Cunha a India, varaõ nobre,
Prudente, grave, affabel, e esforçado.
Sendo morto este Rey, herdou o Reino
Hum mancebo seu neto, cujo nome
Era Mamude, forte, e animoso.
Mil cousas incitavaõ sempre o vivo
Animo iuvenil, a intentar guerra:
Alem do odio grande que mostraya
Aos Portugueses ter, e alem da yra
Que o morto avò lhe causa: era este Reino
Que elle herdara de novo, abundantissimo
De riquezas, e de outras cousas grandes:
De muy fortes mancebos, a quem Marte
Infunde geralmente esforço, e furia.
Os seus almazés tinha todos cheos
De grossa artilheria, e mantimentos:
De munições á guerra necessarias,
Thesouros infinitos tinha juntos,

4 SVCCESSE DO SEGVNDO

Que sam as principaes forças da guerra.

Todas estas razões estimulavaõ

O coração soberbo , e belicoso ,

Do poderoso Rey continuamente ,

Para que em dissensões , e cruel odio

Exercitasse os annos florecentes :

Engcitando os conselhos verdadeiros

Que a paz segura , e certa prometiaõ.

Estava o mundo todo envolto em sombra,

De luzentes estrellas o Ceo cheo :

Em grave , e doce sono transportados

Os trabalhados corpos dos que vivem.

As feras , nas montanhas , e desertos ,

Em profundo silencio descansavaõ.

Naõ repousa Mamude , desvelado

Eltá , que nunca os olhos sono admitem :

Mas hum cuidado a outro encontra , e fere ,

Crecendo por momentos a milhares.

Revolve na torvada fantasia

Hum gram tropel dacordos diferentes :

Parecelhe já ver bem sucedidos

Os casos , que inda nam vê começados.

Hum pensamento vão , húa esperança

De natural soberba acompanhada ,

Já deste incerto bem o certificaõ.

Estando assi comsigo vacilando ,

Entra o sono quieto , e invisivel :

Prende com subtil manha os desvelados

Olhos , e liga os membros de Mamude.

Cessaraõ por entam os pensamentos ,

E o seu animo teve algum alivio.

Não tardou muito espaço , que o mancebo
 Sepultado em profundo , e doce sono
 Lhe parecia ver huma disforme
 Horribil , infernal , triste figura :
 A cabeça de bitoras cercada ,
 E rebuçada com sangrentas toucas.
 O nome desta furia era Discordia ,
 Que até nos paternaes peitos acende
 Odios , e dissensões , guerras , e mortes.
 Chegase a fera sombra ao Rey dormido ;
 E com rigor lhe diz estas palavras :
 Qual coração será tam de diamante ?
 Quaes entranhas de Hircano , fero Tigre ?
 Que não se movaõ , vendo a crua morte
 Que ao grão Soltam Bhaudur se deu sem causa ?
 Como sofrerás tu tam grande offensa ?
 Como nam andarás sempre corrido ?
 Se nam vingares morte de hum tal homem ,
 Em tudo tam perfeito , e acabado ?
 Sofrerás por ventura , que hũa gente
 Peregrina , estrangeira , e tam soberba ,
 Mate hum grande Rey dentro em seu Reino ?
 Nam és tu neto seu ? que mais aguardas ?
 Que fazes , que nam vingas tal deshonra ?
 Dizendo isto parece ao Sarracino ,
 Que o centro immundo , vil , caligioso
 Onde o tartareo reyno está fundado ,
 Se abria : e delle vinha a horrenda Alesto
 (Das tres filhas da noite , a mais esquiva)
 Os ares corrompendo , e quanto toca
 Enchendo de mortifera peçonha.

6 SVCCESO DO SEGVNDO

Viperinos cabelos tem , que a todas
Partes se vem movendo , e rebramando :
Dando golpes crueis no fero rosto :
Revolvia ligeiros os fogosos ,
Encarniçados olhos : toda acesa
Em mortal , venenosa , e dura raiva.
Pola horrivel garganta lança grandes
Montes de negro fumo , envolto em fogo
Sulfureo , infernal. Este pestifero
Monstro perjudicial , vem sacodindo
As serpentinhas asas com estrondo ,
Que o mundo todo espanta : chega aonde
Persuade a discordia ao Rey soberbo ,
Que a ferro , fogo , e fangue vingue a morte
Que ao gram Soltaõ Bhaudur se deu em Diu.
Infunde nas entranhas do mancebo
Huma rayvosa furia , e yra supita :
Passalhe o coraçam co a tocha horrenda ,
Envolta em fumo escuro , e negro lume.
Despois que assi o deixaõ alterado ,
Ardendo em vivo fogo : num momento
Se abalançaram ambas juntamente
Nas trévas infernaes , e triste abismo.
Rompeolhe entam hum gram pavor o sono :
Manoulhe hum copioso suor grosso ,
Causado da agonia trabalhosa
Que a sua alma sentio da visam fera.
Levantase frenetico , e furioso :
Determina cercar a fortaleza
De Diu , e combatella tam continuo ,
Até que arrase os grossos , e altos muros.

CERCO DE DIV. CANTO. I. 7

Ajudão este seu intento, os muitos
 Avisos que outros Principes lhe davaõ,
 Escrevendolhe todos, e dizendo:

Bem ves ó gram Mamude, como he justo,
 E deuido acodir aos grandes brados,
 Que o morto avô te dá continuamente,
 Pedindote vingança: sabe certo
 Que a misera alma passa grave penna,
 Junto daquelle lago turvo, e triste
 De Estigie, sem passar as negras aguas:
 Onde males, e bês mundanos ficaõ
 Esquecidos ali, e as almas passaõ
 Contentes, descansar na eterna vida.

Movate ó gram Soltam quanta miseria,
 Quanto trabalho, e mal ali padece:
 Aré que por ti seja bem vingada
 A sua defestrada, e cruel morte.

Olha Rey poderoso a grande injuria
 Que nisto recebeste, por estranhas
 E barbaras nações. Outros lhe davaõ
 Aquellas razões mesmas, e diziaõ:

Para que queres paz com homicidas
 De teu natural sangue? os quaes costumaõ
 Obrar continuamente taes maldades.

Estes sam sem verdade, roubadores:
 Bem craro o podes ver no mal que usaraõ:
 Vindo com civel manha, publicando
 Hũa paz verdadeira, hũa anzidade

Pura, defenganada, e sem suspeita.
 Nenhum socorro esperaõ, nem estranho,
 Nem do seu natural: pois assi vivem

Apar-

8 SVCCRESSO DO SEGVNDO

Apartados de nós, que bem podemos
Dizer que habitaõ outro mundo novo.
Muy dura, e grave cousa he que soframos,
Que estes tyranos mandem nollõs Reinos:
Que sejam Capitães, e senhoreem
Todas nollõs cidades, e persigaõ
Os naturaes vizinhos com injurias:
E assi como a cativos os maltratam.
Até quando será que nós soframos
Tantos danos, e agravos, tantos males?
Desta maneira assi persuadiaõ
Muitos Reis e senhores a Mamude,
Que começasse a guerra, pois que tinha
Hum Reino de riquezas abundante:
No qual muitas gales, e esquadrões grandes
De belicosa gente armada, e destra,
Levemente faria em breve tempo,
Com que os duros cossaios (que assi sempre
Os Mouros lhe chamavaõ) fossem todos
Destruídos, e mortos: e podia
Fazerse, se quisesse, potentissimo
E absoluto Monarcha do Oriente.
A isto, outras razões muitas ajuntaõ,
Dizendo que os Mogores revolviao
A India, perturbando com discordias
Os povõs: e por isto os Portugueses
Húa gram parte della destruíram:
Sendo o numero delles tam pequeno,
Que sós cinco mil homés se podiaõ
Com trabalho ajuntar por toda a terra.
E que estes sempre andavaõ repartidos

Por

CERCO DE DIVI CANTO. I. 9

Por diversos lugares, conquistando
 Opulentas Cidades, com soberba:
 Vencendo com triumphos gloriosos,
 Batalhas de nações fortes, e feras.
 Mas isto, e tudo o mais que entam fizessem,
 Atribuir se devia ás diferentes,
 Revoltosas discordias, que os Mogores
 Alevantavam sempre: e nam ás forças,
 E esforço destes mãos, e falsos homês.
 E pois que tudo estava apaziguado,
 E tudo reduzido em amor firme,
 Poderia vingarse facilmente
 Da injuria recebida, e a Cidade
 De Diu livraria de tiranos:
 Que com roubos, e mortes avexavaõ
 A misera, plebea, fraca gente.
 Parte muy principal foy a destreza,
 A grande valentia dos soldados,
 Para que logo a guerra se comece:
 E os capitães prudentes, e animosos,
 Que de pequena idade se criaraõ
 No paço de Bhaudur, com esperanças
 De premios, e mercês. O terra digna
 De ser de todas partes celebrada:
 Onde os merecimentos, e os serviços
 Se julgaõ justamente, e com bom zelo:
 Onde a satisfação, conforme a elles
 Largamente se dá, e gratifica.

O gram Soltam Bhaudur, tendo assentado
 No coração perverso, lem gram segredo,
 Esta grave, violenta, e dura guerra,

Que

10 SVCCESO DO SEGUNDO

Que a morte lhe atalhou: honrava muito
Todos os cavalleiros de alto preço:
E ainda que estrangeiros algũs fossem,
De terras apartadas, adqueria
Os coraçõs de todos, e as vontades,
Com honras, e favor. Por esta causa
Sempre se lhe chegavaõ cavalleiros,
Que a Fé sagrada, e sancta avorrecendo,
Os costumes seguiraõ viciosos
Dos Mouros, e perderaõ suas almas,
Como cousas muy vis, e de pouco preço:
Abexins, Fartaquins, fortes Arabios,
De todos tinha numero escolhido.
A estes lhes parece, que acabada
Esta guerra, e avida hũa victõria
Geral dos Portugueses, lhes faria
ElRey grandes mercês. Todos tratavaõ
Particular proveito, prometendo
Ser vencida a batalha facilmente.
O animo delRey, e o poder grande
Louvavaõ de continuo, desprezando
A força, e valentia portuguesa.
A estes capitães sobrepujava
Hum varaõ, de naçam Italiano,
Cogeçofar chamado: assaz prudente,
Grave, experto na guerra: de conselhos
Sutis, e proveitosos: tinha grande
Vso, e conhecimento na milicia:
Nas batalhas industria, manha, e arte:
Avisado, secreto, e animoso:
Grande senhor de terras e vassallos:

Senhoreava Curreate, Reinel, e outras
 Cidades de muy grossos, ricos tratos.
 Confederado estava elRey com elle,
 Fazialhe mil honras, e estimava o
 Como a mais principal do seu conselho.
 O mando, e o governo desta guerra
 Foy comedido a este, porque tudo
 Faça com diligencia, e o tivesse
 Resguardado em segredo, como em rodas
 As coufas de sustancia costumava.



Neste segundo Canto se trata como Coge Çosar com grande diligencia e cuidado ordenava hum poderoso exercito, e de como mandou hum Capitam Rume, para que secretamente impedisse os mantimentos na fortaleza até que elle chegasse.

MVitas vezes se escondem grandes males
 Nas mostras de amizades contrafeitas:
 Danados corações se amor prometem,
 Em fim vem descobrir hum puro engano.
 Em tal tempo, e com tal gente, muy certo
 O perdimento está de vida, ou alma:
 Quem se nam pervinir, corre perigo,
 Se do Ceo nam tiver algum socorro.

O sagaz Capitam geral do campo,
 Manda logo fazer com brevidade,
 Para bombardas grossas, e espingardas,
 Grandes montes de polvora: e outras muitas

Mu-

12 SV.CCESSO DO SEGVNDO

Munições necessarias : tambem manda
 Os almazés abrir , e apercebellos
 De muita , e fina malha : de rodellas
 Fortissimas , nervosas. Já por todo
 O Reyno se apelidaõ bõs soldados :
 Artifices de minas já se buscaõ.
 Ia toma bombardeiros , e esprementa
 Os mais destros , e vsados neste officio.
 Canarins , Malavares , já se ajuntam
 Em grandes esquadões com curvos arcos.
 Nam avia officinas de ferreiros ,
 Onde hum fogofo estrondo nam se ouvisse :
 Ali bigornas , com valentes golpes
 Feridas , dam horrifonos bramidos :
 E em fornalhas ardentes se forjava ,
 Húa copia infinita de pelouros.
 Official nam se acha que descanse ,
 Porque hús , os ferrugentos arcabuzes ,
 Com diligente estudo , e artificio
 Trabalhaõ por tornar ao ser primero.
 Outros a capacetes , e a terçados ,
 Fazem resplandecer : outros se occupam
 Em cortar de Angelim , troncos antigos ,
 E deltes fazer muy fortes reparios :
 Mil carretas de campo , e outras muitas ,
 E necessarias cousas para a guerra.
 Era o aparato tal , tam poderoso ,
 Que promeria já , nam só a perda ,
 E total destroçam da fortaleza
 De Diu : mas da India , muytos Reynos
 Bastava sujeitar. A fama voa :

Verdades , e mentiras afirmando.
 Diz que o Soltam Mamude apercebia
 Hum exercito grande , potentissimo :
 E que todo seu Reyno nam se occupa
 Em mais , que em munições , lanças , e armas.
 Esta verdade contra a monstruosa
 Gigant' abominavel , que de medo
 Muy pequena se mostra no principio :
 Mas logo em pouco espaço se alça tanto ,
 Que co a cabeça as altas nuvês toca.
 Tambem afirma , e diz que este soberbo
 E belicoso campo se fazia ,
 Para que rezistisse a grande força
 Que elRey Pathano traz sobre Cambaya.
 Isto era ardil manhoso ; e fingimento
 Que o gram Coge Çofar tem inventado ,
 Para que os Portugueses se descuidem ,
 Parecendolhes ser isto verdade.
 Tinha elRey de Pathane puro odio ,
 E viva enemizade com Mamude ,
 Porque eram comarcaõs : ambos tyranos :
 Ambos ambiciosos , e soberbos.
 Por esta via estava bem cuberto ,
 E bem dissimulado o cerco , e guerra :
 Sem aver nos christãos sospeita algũa ,
 Que para os offender era isto feito .

Neste tempo , Çofar vai adquirindo
 Com cautellas , e enganos , amizade
 Falsa , dissimulada : dando grandes
 Sinaes ao Visorey de hum amor puro.
 A quantos capitães christãos avia

Na India se mostrava amigo claro ,
 Verdadeiro : fiel , e nam fingido ,
 Em quanto mil traiçõs imaginava ,
 E de todo sabia o que em segredo
 Fazia cada hum : e quantas forças ,
 E quantas munições , e gente tinhaõ.
 Tudo quanto queria , e necessario
 Lhe era saber , sabia facilmente.
 Pois tendo já de todo aparelhadas
 As cousas , que ao exercito cumpriaõ :
 Sendo chegado o tempo de mostrar-se
 Aquelle desamor que está escondido :
 O gram Soltam mandou embaixadores
 Aos Principes , e Reys que ali possuem
 Maritimas cidades , onde avia
 Fortalezas christãas : e a todos quantos
 Ao Lusitano Rey pagaõ tributo.
 Mandou ao Hidalcao , e ao Bramaluco :
 Mandou rambem aos Reys , que a grande costa
 Do Malavar habitaõ : e as palavras
 Das cartas que mandava , assi diziam :

A vós Reys poderosos do Oriente ,
 Mamude , paz , amor , e bem deseja.
 Bem vedes quam sojeitos fomos todos
 A estes Portugueses , fementidos :
 Bem vedes quantos danos , e desgostos :
 Quantos roubos , e mortes : quantos males ,
 Estes duros inimigos vaõ fazendo ,
 Cada momento mais por nossas terras ,
 Opprimindo , avexando a gente fraca.
 Bem vedes que por força se fizeram

CERCO DE DIV. CANTO. II. 245

Absolutos senhores do Oriente.
 Se se isto nam atalha, e se castiga,
 Cedo nos deitaram de nossos Reinos
 Por força deshonorados, e abatidos.
 Restauremos as terras quasi postas
 Em jugo, e vencimento: com armada,
 E belicosa gente perfigamos
 Estes crueis tyranos, e imigos.
 Como a nova vos for que já de todo
 Sam quebrados os pactos, e a paz rota,
 Que por nós foi guardada injustamente:
 Todos acodireis com tal socorro,
 Qual para livres ser, he necessario.
 Húa liga façamos todos juntos:
 E assi conquistaremos esta gente,
 Enganosa, e soberba: tiraremos
 Os nossos naturaes de ser captivos:
 Vingaremos aquella grande afronta,
 Que até este ponto a todos nos he feita,
 Tributos, e pensões sempre pagando:
 Fazendonos sujeitos sendo livres.
 Isto he o que escreveo Mamude a quantos
 Reis ao longo do mar tinham cidades:
 E ainda que esperava, e tinha certo,
 Que destes o favor nam faltaria,
 A outros escreveo mediterraneos,
 Procurando tambem delles socorro.
 Mandou Coge Çofar a hum seu parente,
 Que no estreito de Meca residia,
 Com cartas, grande copia de fino ouro:
 Para que este lhe mandasse cavalleiros

Os mais exprementados, e escolhidos.
 A este meſmo roga que lhe mande
 Das partes do Abexim, Suez, Iudá,
 Tambem os mais ouſados, e robustos.
 Mandoulhe destas partes varões fortes:
 Valentes, animoſos, sempre ouſados
 Em militares, duros exercicios.
 Os Principes, e Reys que na gram costa
 Do mar, tem ſeus governos, e cidades,
 Moſtranſe ali neutrac: nam ajudando
 A hũa, ou outra parte: mas aguardam
 O ſucceſſo da guerra, e determinam
 Favorecer aquelles que a Fortuna
 Tambem favoreceſſe: Já acabado,
 E poſto tudo em ordem: o discreto,
 Prudente capitam, aſſentar manda
 Todos os mantimentos nos lugares
 Mais viſinhos a Diu, onde ordena
 Que os valentes ſoldados exercitem
 Aſ forças, e deſtreza, até que o tempo
 Seja ao que determina favoravel.
 Diſſimulando quis que ſe paſſaſſem
 Os meſes, quando o Sol deixando Aquario
 É outros humedos ſignos, que coſtumaõ
 Grandes calmas cauſar naquellas partes,
 Entraſte deſde Tauro ao ardente Leo,
 Trazendo ali bulcões, negros, horriveis,
 Com aſpero ſembrante carregados:
 Que aquella regiaõ toda ameaçam
 Com forres, e medonhas tempeſtades.
 Quando neſtes taes ſignos entra Apollo,

Entam fica da India mais vizinho ,
 E os seus ardentes rayos com mais força
 Grossos vapores tiram para cima :
 Os quaes reciprocados já no meyo
 Da regiaõ aerea , se convertem
 Em ventos , que a mil partes vaõ lançando
 Mil grossas negras nuvês , e as desatam
 Em humido licor , e agua espessa.

Era naquelle tempo a fortaleza
 De Diu , governada por hum grave ,
 Prudente capitam muy valeroso ,
 Que dom Joaõ Mascarenhas se chamava :
 Em quem virtudes grandes respondiam
 Ao nobre sangue , e origem donde vinha.
 Criado foy na guerra de pequeno ,
 E sempre nella teve honrado nome :
 De hum animo feroz , ousado , e forte ,
 Sem signal de fraqueza poder verse
 Em seu severo aspecto , e rosto alegre.
 Duzentos homês lós tinha consigo
 E ainda que era o numero pequeno ,
 Eram seus corações cheos de esforço ,
 De valor , lealdade , e já de muito
 Tempo a grandes affrontas costumados.
 Com estes se atrevia , nam semente
 Guardar a fortaleza , e defendella
 Do gram Soltam Mamude : mas de todos
 Os poderosos Reys de toda a India.

Já Phebo hia deixando aquella casa
 Do Touro , que a Phinicia faz tam triste ,
 Roubando de Agenor a bella filha :

B

E

18 SVCCESSE DO SEGVNDO

E entrava a visitar os irmãos gemeos ,
 Que nasceram de Leda , e do gram Jupiter :
 Causando lá na India hum tempo escuro ,
 Hús dias invernosos , e pesados :
 Quando Coge Çofar hum Turco manda ,
 Capitaõ de quinhentos fortes Rumes :
 Para que os mantimentos impedisse
 Com dissimulações na fortaleza.
 Escrivendo por elle hũa enganosa ,
 Dissimulada carta , amiga , e branda
 Ao nobre capitam , desta maneira :
 Ati Capitam forte , valeroso :
 Hum dos mais esforçados Portugueses ,
 Que nas Orientaes partes residiram :
 Coge Çofar amigo verdadeiro
 De ti , e tua naçam , bem te deseja :
 E que a fortuna sempre se te mostre ,
 Em tudo favoravel , e propicia.
 O gram Soltam Mamude , a quem eu sirvo ,
 Mercè me fez agora da cidade
 De Diu : e determino brevemente
 Ir della tomar posse : desejo
 De te servir em tudo : e que a amizade
 Fique sempre entre nós muito mais firme.
 E porque sempre fuy servidor grande
 Do Lusitano Rey : cuja nobreza ,
 Virtude , e magestade eu tenho em muito :
 Determino fazer ricos a quantos
 Vassallos seus ahi contigo habitam.
 Peçore bom senhor que nam desprezes
 Este amor , e vontade : nem sospeites

Algum mal dessa gente que lá mando ,
 Pois he para nobreza da cidade :
 Que por ser minha tês nella mòr parte ,
 E sempre serás nella mais servido ,
 Que nessa fortaleza em que estás posto
 Por principal de todos. Co esta carta
 O Turco capitam chegou a Diu :
 Metendo na cidade mantimentos ,
 Com gente belicosa , destra , e forte.

Despois que o capitam Rume foy vindo ,
 E os seus lá na cidade apousentados ,
 Hum Abexim chegou á fortaleza ,
 Que de Coge Çotar era soldado :
 Encontra o capitam que já tornava
 Da casa onde a Clemente Sacra Virgem
 Intercessora nossa , era de todos
 Com grande devaçam muy visitada.
 Abaixase o Gentio , beija a terra ,
 Guardando ao capitam a cerimonia
 Entre elles costuniada , dizlhe : Dame
 O' bom senhor licença que te diga
 O que te cumpre muito : e parecendo
 Ser isto algum mysterio , ou caso grave ,
 Que lhe fosse importante : vaife logo
 Desejando saber este segredo :
 Entra em seu apousento , despedindo
 A gente roda , fica só co Mouro.
 O qual vendo despostos casa , e tempe ,
 Com saluços , com lagrimas começa
 Contar summariamente sua vida :
 Dizendo : O' capitam forte , e animoso ,

20 SVCCESO DO SEGVNDO

De esforço , e de virtude claro exemplo :
 Inda que assi me ves nas apparencias
 Idolatra Genticio : sabe certo
 Que sou christam , e a Deos confessey sempre
 Cã no meu coraçam , tendo esperança ,
 Que a estado me traria de salvarme.
 Nas terras do gram Preste fuy nascido :
 Professey religião , e deste estado
 Em que agora me ves , nam tenho a culpa.
 Cativaraõme Mouros , e por força
 Mouro tambem me fiz , nam por vontade :
 Mas hum temor da morte , huma fraqueza
 Com que todos nascemos , me fizeram
 Que o verdadeiro Deos entam negasse.
 Desde entam atégora esta alma minha
 Sempre triste viveo : sempre com pena
 Pungida , estimulada da verdade.
 Desejo de tornar , se for possivel ,
 Ao moesteiro em que Deos me chamou , quando
 Soléne voto fiz de acabar nelle.
 E porque sou Christaõ , e a Fé confesso ,
 Pedindo a Deos perdã de meus peccados :
 A ti peço tambem que lá me mandes ,
 Onde fiz profissam : mas quero darte
 Hum proveitoso avizo : que nam sendo
 Tu delle sabedor , muy facilmente
 Puderás por traizã ser destruydo.
 Sabe senhor , que aqui anda encuberto ,
 Dentro na fortaleza hum homem falso :
 A elRey tredoro , e a ti : mas Deos nam queira
 Que a tanto mal nam dês algum remedio.

Este

Este infernal maldito, tem vendida
 Esta força em que estás com toda a gente
 Ao gram Coge Çofar. Senhor atenta
 Que se a isto nam dás credito, ficas
 Homicida, e culpado em mal tamanho.
 O capitam que em tudo era prudente,
 Nam fez destas palavras pouca conta:
 Mas antes com lurtis razões inquire,
 E escudrinha as entranhas: que mostravam
 Hũa verdade facil, clara, e firme.
 Pergunta, e diz: Amigo como sabes
 Isto que me descobres? e se acharmos
 Que o que dizes he falso? como cuidas
 Que poderás passar sem gram castigo?
 O Mouro lhe responde com sembrante
 Seguro (que a verdade em fim segura
 He sempre e descansada:) senhor quero
 Cruelissima morte, se o que digo
 Achares ser engano, ou falsidade.
 Saberás capitam famoso, e forte,
 Que hum Portugues dos teus, ou por cobiça
 De grandes interesses, ou que fosse
 Por se esquecer de Deos, e estar já todo
 Do divino favor desemparedado,
 Escondido em Çurrate entra o maldito,
 Vaife a Coge Çofar (que como sabes
 He geral capitam do gram Mamude)
 Prometelhe lançar secretamente
 Mortifera peçonha na cisterna
 Donde todos bebeis: tambem promete,
 De pôr fogo na casa onde tens posta

22 SVCCESSE DO SEGVNDO

A polvora que aqui te he necessaria.
 Chaves falsas tambem disse que tinha ,
 Para hum postigo abrir que era vizinho
 Da torre que se chama Sanctiago :
 E que este lhe abriria quando o tempo
 Sem muito dano seu lho concedesse.
 E quando nada disto fazer possa ,
 Que entam daria entrada sufficiente
 Por hũa casa sua onde morava ,
 Que bem junto co muro , pola parte
 Do mar tinha secreta serventia :
 Por onde a gente com facilidade
 Por escadas podesse sobir , quando
 A noite se mostrasse mais escura.
 Isto que aqui te digo he verdadeiro :
 Atenta o que te cumpre , nam descanses :
 Nam venhas bom senhor crer isto a tempo ,
 Que juntamente vejas a verdade
 Co effeito do mal , quando perdida
 Verás a fortaleza , e a esperanza
 De cobralla já mais : e verás mortos
 Todos os teus soldados : e estes muros
 Banhados sem vingança co teu sangue.
 Dizendo estas palavras , importuna
 Ao capitam que o mande ao seu moesteiro ;
 Para fazer devida penitencia ,
 Do tempo em que a Deos foy tam rebelde.
 O capitam mandou que fosse posto
 A bom recado , e guarda bem segura.
 Em grande confusam ficou , e atado
 A hum profundo , e grave pensamento.

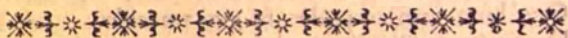
Aqui, e ali diverte a fantasia,
 Revolvendo mil cousas differentes.
 Cuida ser por ventura ardil, e manha
 Do discreto Çofar: ora cuidava
 Que este Mouro diria mais do que era,
 Querendo-o grangear, inda que fosse
 Assi como afirmava. Muy confuso,
 E afadigado tinha o pensamento:
 Mas no meyo de taes extremos vinha
 A verdade mostrando tudo claro.
 Ficava o invencivel, e robusto
 Animo, todo inquieto, sem repouso:
 Fica ardendo em ira, por acharse
 Portugues que traçam tal cometesse.
 Determina chegar com tudo ao cabo:
 Tirando inquiriçam secretamente,
 E dar grande remedio aos grandes males
 Que ali desta traçam, resultariam.

Poucos dias despois da proveitosa
 Vinda deste Abexim: tambem descobre
 Hũa molher casada, que já fora
 Turca de geraçam, a falsidade
 De como a fortaleza está vendida.
 Esta molher, despois de bautizada,
 Ali com seu marido viveo sempre:
 E sabendo a traçam, vaíse depressa
 Onde está o capitam: dizlhe em segredo:
 Necessario he senhor que tenhas tento
 Em toda a fortaleza: porque hum Turco
 Destes agora vindos á cidade,
 Muyto me persuadio que nam quisesse

24 SVCCESSE DO SEGVNDO

Esperar aqui mais : porque chegando
 Coge Çofar , seria logo entregue
 Desta torça , matando toda a gente.
 Avisote que tenhas bom resguardo :
 Que se estás prevenido , pouco dano
 Te poderá fazer : que os Portugueses
 Que aqui tens , bem se atrevem defenderse
 Contra todo o poder do gram Mamude.
 O capitam folgou de ouvir a Turca ,
 Agradecendolhe muyto aquelle aviso :
 E logo começou com diligencia
 Tirar inquirições , quem poderia
 Ser aquelle nefando , e infernal homem ,
 Que com Coge Çofar tinha amizade :
 Tratando de lhe dar a fortaleza.
 Ruy freire se chamava este perverso ,
 Que de Çofar , cada anno tinha tença.
 Buscou outro parceiro , para effeito
 Deste secreto mal , debaixo sangue :
 Mourisco Granadil , conforme a elle
 Em ter mão coração , mão zelo , e alma.
 Pois como o capitam taes dous avisos
 Teve , mandou chamar estes dous homés :
 A Ruy freire mandou que se aperceba ,
 Para que ao Visorey , que estava em Goa
 Levasse deste cerco nova certa.
 Ao outro tambem manda que se faça
 Prestes para Chaul : escreve logo
 Ao Visorey , que tenha lá Ruy freire ,
 Por quanto delle tinha má suspeita.
 Outras cartas escreve desta mesma

Tençam ao capitam , que neste tempo
Residia em Chaul: nellas lhe pede,
Que a Francisco rodriguez lhe detenha,
Porque he mourisco , e delle nam confia.



*Neste Canto terceiro se trata como o Capitam dom
João Mazcarenhas mandou espias que lhe trou-
xeram certa nova do cerco. E de como se co-
meçou aperceber com mxyta pressa. Trata tam-
bem da vinda de Coge Çofar: com outras cou-
sas que soccederam , dandose principio a esta
tam trabalhosa guerra.*

Quem a seu adversario teve em pouco,
Vimos a suas mãos ficar rendido.
Grandes males, e danos soccederam
Por hum pouco resguardo, ou por descuido.
O capitam na guerra atalayado,
Nam deve de temer mais que a fortuna.
Prudencia he previnirse em casos leves,
Porque nos grandes possa estar seguro.

Ainda que dom João vio as palavras
Que o gram Coge Çofar na carta escreve,
Cubertas com brandura, e artificio,
Entendeo serem falsas e enganosas.
E como elle tambem usava manhas,
E ardis sutis de guerra: mandou logo
Trez sagazes espias, que foubessem
A certeza de tudo o que sua alma

Def-

Desta guerra lhe estava revelando.
 Eis aqui vem , passados cinco dias
 As espias , correndo alvoroçadas :
 Amedrontando com terribeis vozes
 A fortaleza toda , alto dizendo.
 Que hum campo poderoso , guarnecido
 De muita artilheria , e gente armada :
 Com bandeiras , guioes , e hum aparato
 Que parecia ser o mundo janto ,
 Vinha de Champanel marchando á pressa ,
 E que em muy breves dias chegaria.
 Tanto esta nova causa de alvoroço
 Nos peitos generosos , e esforçados ,
 Quanto de gram temor no baixo vulgo.
 O Capitam insigne ouvindo as novas
 Do gram poder de gente , que sobre elle
 Vinha : depressa manda a todos quantos
 Pedreiros , carpinteiros se agasalham
 Fora da fortaleza : e outros muitos
 Officiaes , que num ponto se recolham ,
 Trazendo vigas , maltos , e a madeira
 Toda que fóra estava. Neste tempo
 Passado o mes de Abril chega outro grande ,
 E muy forte esquadram , que ali mandava
 Coge Çofar : e entrando na cidade
 Começase a romper , e a divulgarse
 O segredo da guerra : que escondido ,
 E em dissimulaçam esteve sempre.
 Tanto que o capitam teve certeza
 Deste cerco , mandou com diligencia
 Avisar Baçaim , Chaul , e Goa :

Mandandolhes dizer que o socorressem
Com gente, munições, e mantimentos,
Porque de tudo tinha grande falta:
Que ali na fortaleza nam avia
Mais que duzentos homês: e que a gente
Porque estava esperando, bem passava
De quarenta mil homês, os mais delles
Fortes, e bem armados: onde vinham
Capitães excellentes, no exercicio
Militar, sempre ousados, e affaz destros.
E sabendo despois que nam consente
O Rume capitam que se lhe vendam
Aquelles mantimentos, e outras cousas,
Que ali sempre os Christãos comprar sohiaõ:
Mandalhe dizer logo, que bem via
Que aquillo que mandava, era começo
De guerra, e que se nisso elle insistisse,
Que lá o yra buscar com maõ armada.
Porque Coge Çofar lhe tinha escripto,
Que aceitâra a cidade: por mais firmes
Verdadeiros amigos serem sempre.
Que diferente disto se mostrava,
Tolhendo mantimentos, e agua, dando
De gnerra conhecida mil indicios.
Que logo ali mandasse vender tudo
Como de antes faziam: porque sendo
Isto de outra maneira, elle yria
Buscallo com batalha. Mas o Turco
Lhe mandou mil desculpas dos agravos
Que até ali recebêra, e que elle estava
Disto tudo innocente: que o fariam

Algũs soldados seus por algum premio ,
 Que só nos baixos animos tem força :
 E que o castigo disto mostraria ,
 Quam fóra elle está desta gravè culpa.
 Que a sua vinda ali era proveito ,
 E bem da paz que tinham verdadeira :
 E para confirmar hũa amizade ,
 Que segura durasse para sempre.
 Geraes pregões mandou que se lançassem ,
 Este Turco manhoso , e que se vendam
 Todos os costumados mantimentos :
 E aquelle que quebrasse este mandado ,
 Com a vida o pagasse. Isto fazia ,
 Porque Coge Çofar expressamente
 Lhe mandou que guardasse a paz inteira
 Ate elle chegar. Nam foi remisso
 Dom Joã Mazcarenhas : que entendendo
 O engano encuberto , e a malicia
 Dissimulada , quiz aproveitarse
 De quantos mantimentos se podiam
 Comprar : e com cuidado fez que enchessem
 O almazem de madeira , que no Cerco
 Proveitosa lhe foy , e necessaria.
 Mandou trazer murroës para espingardas.
 E outros mil artificios para fogo :
 Mas diligencia , e manha que aproveitam ?
 Onde o tempo he tam breve , que nam teve
 Mais dilatado espaço que tres dias
 Para se remediar ? e sendo nove
 Dias de Mayo andados , amanhece
 O Campo todo a roda povoado

De lustrosa , soberba , e fera gente.
 Bandeiras de mil cores arvoradas :
 Grandes montes de lanças , de muy limpos ,
 E çacalados ferros , onde Apollo
 Mostrava hum resplandor que vence os olhos.
 Viamse ali tambem espessas bandas
 De nervosos , e duros , fortes arcos ,
 E nos armados hombros , povoadas
 Aljavas , de furiosos , mortaes tiros.
 A estas companhias se ajuntavam
 Luzidos esquadroes de homês robustos :
 Que lançam pelejando ardentes rayos ,
 Dando apressadas mortes a quem tocam.
 Brancas toucas louças , luzidas armas :
 Roupas de fina graã se devisavam ,
 E outros trajos diversos , que excediam
 Em labores sutis , a humana industria.
 No meyo desta gente se aventaja
 O gram Coge Çofar , que a governa.
 Hũa roupa vestia de purpurea ,
 E muy lustrosa seda , guarnecida
 Toda por derredor de orientaes perlas.
 Hum alfange cingido de fino ouro ,
 E na cabeça touca ao Ceo erguida :
 Ornada com rubis de grande preço.
 Apousentouse dentro na Cidade
 Com bom concerto , e ordem , e os soldados
 Tomaram do trabalho algum descanso.
 Nesta tal conjunçam com atrevido
 E desenvolto passo , sae depressa
 Da Cidade , hũa serva la nas horas

Que ja de todo o ar se escurecia.
 Chegando á fortaleza, diz bradando:
 Recolheime la dentro, ô Portuguezes.
 E ao capitam dizey que he neccessario,
 E releva fallarme elle em segredo.
 Pois como ao capitam lhe fosse dito
 O que a ferva dizia, manda logo
 Que seja recolhida, e que lha tragam
 Diante, por saber se he novidade
 O que esta lhe queria: ou se era o mesmo
 Que já dos outros dous tinha sabido.
 O capitam ficando so co ella,
 Começa ella a fallar desta maneira:
 Saberás capitam que estás em risco
 De perderes a vida, e juntamente
 Contigo a perderam quantos te seguem.
 Perderás tu tambem por puro engano
 Toda esta fortaleza: se deixares
 Entregue o seu remedio a esquecimento.
 Sabe nobre Senhor que estás vendido,
 Por dous homês dos teus que se obrigaram
 Dar a Coge Cosar a fortaleza.
 Deste perfido pacto se mostrava
 O nosso capitam estar contente:
 Mas quando soube certo que Ruy freire
 Tinhas mandado a Goa, ficou triste,
 E muito pensativo, parecendo
 No descontente rostro esta verdade,
 Que aqui neste lugar só te descubro.
 Ouvindo o capitam, que se conforma
 Este aviso cos outros: que ja de antes

Sabia , manda ver com diligencia
 A casa limitada para guardar
 De toda quanta polvora ali avia.
 Acharam da traiçam , muy verdadeiros ,
 E evidentes sinaes : acharam rota
 Hũa forte argamassa , que cobria
 O lugar onde estava em negra especia
 Escondido hum furioso , ardente fogo.
 Manda tambem correr todas as casas
 Fabricadas na rocha , pola parte
 Onde continuamente o mar batia ,
 Por ver se estam seguras , e acham hũa
 Que era de Ruy freire , lugar proprio ,
 E accomodado assaz , ao que intentava.
 Hũa rasa varanda tem nas costas ,
 Que sobre a rocha cae , por onde podem
 Os imigos sobir , e sem trabalho
 Entrar na forralleza facilmente.
 Aqui estava hum sobrinho de Ruy freire ,
 Ao qual , o capitam manda que deixe
 Nura momento esta casa , e se va logo
 Num pequeno batel , ao baluarte
 Que do mar se chamava. Tambem manda
 A varanda rapar , e logo entrega
 As casas aos soldados , de que tinha
 Hũa certa , e segura confiança.
 A polvora mandou para outra parte ,
 Onde estivesse livre de perigo :
 E nam se contentando disto , manda
 Que de noite , e de dia , algûs soldados ,
 Que em firme lealdade , ja mil vezes

Se mostraram muy firmes , a guardassem
 Com gram cuidado , e summa vigilancia.
 Na cisterna tambem mandou pôr guardas ,
 Porque beber pudessem sem sospeita ,
 E manda derrubar aquella ponte ,
 Que atravessava a cava no postigo
 Da estancia sanctiago , outra fazendo
 Levadiça que sempre estava alçada.
 Ja prevenido , e ja de tudo prestes
 Estava o capitam cada momento
 Esperando que a guerra se rompesse ,
 Quando Coge Çofar dizer-lhe manda :
 Que era ali chegado , e a primeira ,
 E mais principal causa desta vinda ,
 Era para fazer , e tomar ambos
 Em casos importantes , algum termo
 Proveitoso , e que mais fosse seguro.
 Que o gram soltam Mamude lhe mandava
 Que nada ali fizesse , sem primeiro
 Lhe dar informaçam , e larga conta.
 Por isso lhe pedia que mandasse ,
 Hum homem de que tenha confiança ,
 Polo qual saberá ao que elle vinha.

Inda que o capitam entendeo claro
 Que lhe vinha pôr cerco : quis que fosse
 Simão feo saber o que queria.
 Era este homem sefudo , e entendido :
 De engenho sufficiente a cousas graves.
 Chegando aonde estava o duro imigo ,
 Soube delle a razam da nova vinda.
 Dizendo que o Soltam expressamente

Lhe mandava fazer com brevidade
 Hũa grossa parede: que ficara
 No contrato da paz por dom Garcia
 Visorey, concedida: e alem disto,
 Tambem firmes queria duas cousas.
 A primeira, que os seus navios fossem
 Livres, por toda a terra de Cambaya:
 Porque elRey se affrontava, vendo que eram
 Seus vassallos sogeitos, e opprimidos.
 A segunda que as naos dos mercadores
 Nam fossem constrangidas tomar porto
 Naquella fortaleza: mas que fossem
 Forras, desembargadas a outras partes
 Vender suas fazendas. Ouvindo isto,
 Este Eroo valeroso, que ali estava
 Naquella fortaleza, por supremo,
 Lhe responde: que a elle nam compete
 Nada disto que pede: que la em Goa.
 Estava o Visorey, a quem devia
 Requerer estas cousas: porque a elle
 Nam lhe era dado mais, que ter guardada
 A paz, e as condições que confirmaram
 Bhaudur Rey de Cambaya, e dom Garcia
 De Noronha, que fora ja absoluto
 E geral Visorey de toda a India.
 Tornoulhe responder o Mouro astuto.
 Que o Soltram nam mandava que pedisse
 Isto, se nam a elle: que licença
 Lhe desse, e que faria logo a obra,
 Porque se lha negasse, elle faria
 O muro, como elRey tinha em vontade,

34 SVCCESSE DO SEGVNDO

E se elle o defendesse , ficaria
 Quebrantador da paz. Vendo ja claro
 O capitam insigne , a falsidade ,
 E que a razam urgente nam bastava ,
 Tomando o parecer dos cavalleiros
 Que ali estavam co elle , quis que o imigo
 A guerra levantasse , a Deos tomando
 Por juiz desta causa: logo torna
 O mesmo Simão feo com recado ,
 Dizendo : Que o trabalho se escusara ,
 Pois que nam vinha a mais que ao que dizia :
 Que tam pequena cousa bem pudera
 Fazella o Tenadár delRei , se avia
 De guardar o contrato confirmado.
 As taboas lhe mandou , onde o contrato
 Da paz estava escrito , e que se reja
 Por elle , nam quebrando o que assentado
 Fora por dom Garcia de Noronha.
 Que tudo quanto ali se prometia ,
 Elle determinava de guardalo ,
 Para sempre seguro , inteiro , e firme ,
 Porque assi lho mandava , assi o queria
 O gram Rey Lusitano : e se intentava
 O muro fabricar fora do termo
 Ia limitado de antes , que impossivel
 Seria soffrello elle em nenhum modo.

Quando Coge Çofar vio as palavras
 Do capitam , e como se mostrava
 Iustificado em tudo , mais nam pode
 Dissimular o engano. Logo manda
 Que se pubrique a guerra , e se começse

O que despois tam caro ali lhe custa.

Manda que Simão feo seja posto

Em aspera prisam com boa guarda.

Grandes festas se fazem com mil gritos

Na Cidade alterada, e posta em armas

Os roucos atambores apregoão

Guerra: por guerra bradam apressados.

Crece o fervor, o brio, e alvoroço

No exercito enemigo, e vão correndo

Muitos Turcos sem ordem, o apelido

Chamando de seus deoses enganosos.

Voão nuvês de setas polos ares,

Que estes soberbos tiram com violencia:

Disparam arcabuzes, fazem outros

Mil sinaes de ardimento, e grande furia.

Despois que o capitam vio começada

A guerra com furor, com tal soberba,

As estancias reparte por fidalgos:

O primeiro dos quaes, dom Joam era

Dalmeida: que em trabalhos, e perigos

Mostrava aquelle esforço, e grande preço

Do sangue antigo, e puro donde vinha.

A este se entregou hum baluarte

Chamado sanctiago. A Luis de Souza

Filho do Chançarel mor, deram outro

Que Sam Thome se chama: a Gil coutinho

Outro, cujo apelido era daquelle

Filho do Zebedeu que Christo amava.

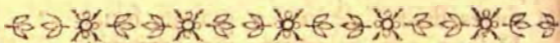
O baluarte Sam Jorge, fabricado

Sobre hũa grande, forte, e nova porta

Tinha Antonio peçanha: e a Couraça

36 SVCCESO DO SEGVNDO

Entregue foy a Joaõ de Venezeanos.
 Outra torre que o nome tem do Apostolo.
 Que Mouros tanto temem, deuse a Alonso
 De Bonifacio: e a Couraça grande
 Tinha Antonio Rodriguez, que entam era
 Feitor ali naquella fortaleza.
 Em outra torre nova, situada
 Sobre hũa porta antiga, tinha mando
 O Alcaide mor. Aqui se repartiram
 Por cada estancia destas, are vinte
 Soldados: porque a gente era por toda
 Duzentos de pelleja, e o trabalho
 Era contino, e grande em todos elles.



Neste Canto quarto se trata da falla que o Capitam Dom Joaõ Mazcarenhas fez aos capitães das estancias: e de como mandou queimar hũa grande não, em que Coge Cosar tinha inventado hum sutil, e danoso artil.

Grandes ardis em guerras ja se uzaram,
 Engenhos, e invençam nellas se viram:
 Exemplo nos fera o Grego astuto,
 E o cavallo de tal traçam armado.
 Exemplo nos será o de Pescára,
 Valleroso Espanhol, que o belicoso
 Francisco Ruy Frances, sobre Pavia
 Prendeo com sutil manha, e pura industria.
 Mas vimos outros muitos que o successo

CERCO DE DIV. CANTO. IV. 37

Com defestrado fim foy differente :

Mil vezes nam responde o que intentamos

Ao que Fortuna , e fado , e Ceo ordenam.

Dadas estas estancias aos fidalgos ,

Segundo a cada hum lhe coube em sorte

Estando todos juntos em silencio ,

O capitam lhes disse estas palavras :

Esforçados senhores , valerosos :

Vsados a trabalhos , e a perigos ,

Bem vedes este cerco tam soberbo ,

Que Mamude nos poem sem causa justa.

Bem vedes que este tempo , em tempestades

Metido , mil trabalhos nos promete.

Alembrevos que temos Jesu Christo

Por nosso capitam : e que está certo

Vencermos , pelejando contra inimigos

De sua Fe sagrada. O Portuguezes

Dignos de immortal fama , e nome eterno ,

Aqui mostray quem sois com vivo esforço :

Mostray vosso poder , e valentia.

Temos nas maos agora o que conuino

Vossos corações pedem belicosos :

Nam deixemos perder a honra presente.

Mil perigos passastes , mil trabalhos :

Mil batalhas vencestes affaz duras :

Patria , e nome honraestes pera sempre ,

Sigamos a fortuna que se mostra

A Portuguezes sempre favoravel.

Hum Deos temos por nos brando , e benigno :

Que nam quer , nem consente nosso dano :

Hum Deos que em fim morreo por nos dar vida.

38 SVCCESSE DO SEGVNDO

O fortes Portuguezes , o Senhores
 Que sois de Jelu Christo Cavalleiros,
 A religião Christãã vos lembre a todos,
 E aquella gloriosa , eterna fama
 Que os nossos ja passados adquiriram.
 Alembrovos que somos filhos destes:
 Alembrovos quam justo he que sigamos -
 A via tam ditosa por onde elles
 Com tanta gloria , e honra caminharam:
 Deixandonos hum rastro todo tinto
 Com sangue sempre fresco , que nos guie
 Por caminho direito , ate que ajamos
 O galardam final que pretendemos.
 Lembrovos que este imigo he fraudulento:
 Quebrantador do pacto , e paz firmada:
 Que nam guarda palavra prometida:
 Nem sabera vencer , nem cos vencidos
 Terá clemencia algũa : atenray todos
 Que esta guerra he muy justa , pois quebraram
 Contratos , condições entre nos postas.
 Lembrovos que o vencer he glorioso ,
 E que o morrer he certo em toda patte.
 Lembrovos defender a Fe sagrada
 Daquelle que por nos na Cruz com dores
 Morrendo , derramou seu puro sangue:
 O qual ja nos promete hum vencimento ,
 Que celebrado seja em todo mundo.
 E ainda que este cerco trabalhoso ,
 E duro se nos mostra : bem confio
 Nos vossos corações , a quem perigos ,
 A quem a mesma morte pam espanta.

Troquemos nossas vidas que nam duram ,
 (Pois somos a morrer em fim fogueitos)
 Por hũa honrada fama , e alto nome
 Que ficará de nós eternamente.

Apos estas palavras se levantam

Todos num coraçam : ja desejosos
 De se verem travados cos inimigos.

Repartense dali por baluartes :

Cada hum no lugar ja limitado.

De laminas se vestem logo todos ,

E de luzente malha grossa , e forte.

Ja claro se enxergava o grande esforço

Dos fortes capitaes , e bons soldados.

Ja se viaõ nas torres mil bandeiras ,

Que aqui , e ali o vento revolvia :

Sonorosias tromberas dentro se ouvem :

Luzentes capacetes aparecem

Por todas as estancias : e no meyo

Andava o capitam provendo os muros

De tudo quanto ali he necessario.

Cobremse os baluartes de fumoas

Espessas negras nuvês , atroando

Os ares , e altos Ceos com trovoes falsos.

Vaõ pelouros de ferro em fogo envoltos ,

Rompendo o ar com força : e vaõ fazendo

Hum estrondo espantoso , destroindo ,

E abatendo com furia quanto alcançam.

Começada esta guerra , ordena logo

O gram Coge Çofar hum proveitoso ,

Sutilissimo ardil , desta maneira.

Manda que nũa nao soberba , e grande ,

140 SVCCESSE DO SEGVNDO

De madeira, se façam muitas torres,
 Cheas de munições, lanças, e dardos,
 Espingardas, e setas, e outros muitos
 Instrumentos de fogo: e que vão dentro
 Escolhidos soldados: porque quando
 A bellissima filha de Lathona
 A sua luz perfeita descobrisse,
 As agoas augmentando, a nao chegasse
 Junto daquella torre, rodeada
 De continuas, salgadas, grossas ondas:
 Combatendo igualmente, sem trabalho
 Pudessẽ saltar dentro os fortes Turcos.
 E sendo taes, etantos bem podiam
 Facilmente tomar a fortaleza:
 Pois nam estavam nella mais que trinta
 Soldados Portuguezes: tal secreto
 Do forte Mazcarenhas foi sabido,
 E logo em pouco espaço fazer manda
 Prestes a dous catures muy ligeiros.
 Vão dentro nelles vinte bons soldados,
 Esforçados, valentes, e animosos:
 Aos quaes Jacome Leite ali regia,
 Que entam naquelle tempo tinha cargo
 De capitam do mar. Pois como todos
 Apercebidos foram: quando Apollo
 Vay descansar nos braços do Oceano,
 E a noite se chegava a grande pressa,
 Polo Ceo estendendo o negro manto:
 Os ligeiros catures se espedem
 Daquelle porto, e vão dobrando os remos
 Com força, e com silencio: ate que chegam

Onde ancorada estava aquella grande
 Machina bellicosa, alta, e soberba.

Pois como as cintinellas devisassem

Os catures Christaões, deram mil gritos,
 Apelidando a gente: que num ponto
 Foy a mais della junta, e posta em armas.

Começam disparar hũa gram sorna

De arcabuzes, e grossa artilheria:

Mas os catures vão remando sempre

Por meyo das bombardas, sem mostrarem

Algũa covardia: e quanto estavam

Os imigos mais fortes, tanto insistem

Os Portuguezes com furor dobrado,

No cemçado intento perigoso:

Querendo antes morrer que fazer cousa

Que lhes fosse notada por fraqueza.

Com tal risco chegaram aonde estava

A nao: e cortam logo aquellas cordas

Que ligavam as grossas fortes ancoras.

Lançam de la de cima, ardendo em fogo

Com impeto alcanziás, e outros vasos

De ardentissimo azeite: que caindo

No mar, alevantava rechinando

Hum fumo espesso, e negro. Nada disto

Foy parte que impedisse estes soldados,

Que com heroyco esforço, e ousadia:

Rompendo por perigos, e por morte

Que ante os olhos ali se lhe apresenta,

Deixam a nao de todo ja abrazada,

A pesar dos que entam lha defendiam.

Alçanse em pouco espaço grandes nuvens

42 SVCCESO DO SEGVNDO

De fumo: e vay o fogo embravecido
 Correndo toda a nao, e desfazendo
 Em breve espaço aquelle fundamento,
 Que aos olhos se mostrava inexpugnavel,
 Dos castellos que as nuvês se igualavam.
 Ia polo mar, nadando vam madeiros,
 Ardendo em vivas chamas: ja se abria
 A nao por mil lugares, recolhendo
 Quasi o mar todo em si. Hum rumor grande
 Se ouvia no arrayal: correndo todos
 Por acudir á não: mas sem proveito
 Era todo o trabalho: que os catures
 Seguros hiaõ, ja tendo acabado
 Hum temerario caso, porem digno
 De perpetua memoria: porque sendo
 Vinte soldados sos, acometeram
 Tam grande multidam de taes imigos.
 Foilhes isto tam grave, e espantoso,
 Que todos a esperança ali perderam,
 De entrar a fortaleza pola parte
 Que era do mar cercada. Quando a nova
 Chega a Coge Cofar, vem num momento
 Com sembrante feroz: a gente toda
 O segue, e vendo aquelle grande incendio
 Com colerica furia se embravece
 Porque via desfeito o proveitoso,
 E bem achado ardil, com que cuidava
 Fazer na fortaleza mortal dano.
 Faz grandes juramentos, e promessas
 De nam alevantar aquelle cerco,
 Ate que nam destrua, abata, e queime

A fortaleza: dando cruel morte
 A todos os que estavam dentro nella.

O'entendimento humano, sem firmeza
 Da fortuna futura, e sorte incerta:
 Facil sempre a subir, sem guardar modo
 Em prosperos successos favoraveis.
 Nam estava muy longe o porto, e ora,
 Em que Coge Çofar muy facilmente
 Dera sua riqueza, seu estado,
 Por nam ter começado tal empresa,
 E por nam alcançar tal dignidade,
 Nem ter posto tal cerco: agora o triste
 Promete o que lhe nega a crua morte.

A nao tam alterosa, pouco a pouco
 Abaixando se foy, ficando as ondas
 Fervendo, e fumegando grande espaço.
 Estavam para vir na outra costa:
 Corias, e navios dos imigos
 Carregados de arroz, que he mantimento
 De que os Mouros mais usam nesta parte
 E sendo o capitam disto informado,
 Mandou algús catures, que impedissem
 Este grande remedio, e que corressem
 Ate a ilha dos mortos: nam ficando
 Navio dos imigos que nam fosse
 Alagado, roubado, e destruido.
 A Antonio de Sousa tambem escreve,
 Tambem ao de Noronha dom Hieronymo
 Capitaes ambos nobres, e esforçados:
 Rege este Baçaim, Chaul aquelle
 Que cada hum detenha os Guzaratès,

44 SVCCESSE DO SEGVNDO

Tolhendolhes a carga, e mantimentos
 Que dos rios traziam: que esta guerra
 Era a que os Mouros mais temer podiam.
 E logo á vista delles, dous catures,
 Com mais quinze cotias carregadas,
 Roubadas, destruidas foram todas
 Com morte dos que dentro nellas hiaõ.
 Desta maneira em furia, e em braveza
 A guerra hia crescendo cada dia,
 Accendendose mais dambas as partes
 Os odios, os furores, e os trabalhos.



*Neste quinto Canto se trata como chegou Dom
 Fernando de Castro com nove navios em socorro
 da fortaleza: E de como Coge Çofar se vinha
 chegando aos muros, para dar bataria. Trata
 tambem da vinda de Mamude Rey de Cambaya.*

E Sforçase o que está affrontado, em risco,
 Onde a vida se mostra aventurada
 Se algum favor lhe vem, e mais o estima,
 Quando a esperança delle tinha incerta:
 Parecelhe ser menos o perigo:
 Renovanselhe forças, e outadia.
 Nam teme o focorrido a seu contrario,
 Antes mostra sinaes de tello em pouco.

Como a nova chegou a Goa, logo
 O visorey mandou nove navios,
 E por capitam mor mandou seu filho

Dom

Dom Fernando de Castro, moço em annos,
 Ousado nos perigos: mas os fados
 Infelices ali se lhe mostraram:
 Negaram-lhe o viver: mas nam puderam
 Escurecer co tempo seus louvores.
 Co este valente moço vaõ fidalgos,
 E outra muy bem armada, destra gente.
 Desejosos de honra, e fama; partem
 Rompendo o mar com força de muy fortes
 Valentes remadores. Vaõ vencendo
 O vento embravecido, e grossas ondas
 Que os contrastam mil vezes, e affadigaõ
 Com trabalho contino: em fim vieram
 Ao lugar desejado, e que os deseja.
 Capitaes eram destes, dom Francisco
 Dalmeida, cujo esforço era notavel.
 Este forte mancebo era chamado
 Do Ceo, para lhe dar eterna gloria,
 E ca entre os mortaes, hum alto nome
 Qual elle por seus feitos merecia.
 Outro era Pero Lopez dos de Souza
 Antigos decendido: e hum mancebo
 Que Diogo de Reinoso se chamava,
 Esforçado, e infelice juntamente,
 Ao qual o Ceo guardado tinha hum caso,
 A nollo parecer aspero, e duro.
 Mas que cousa he Deos meu, o entendimento
 Dos miseros mortaes, para que possa
 Alcançar, e entender o que depende
 Da vossa providencia, e ser divino?
 Tambem Diogo da Sylva co estes hia:

46 SVCCESO DO SEGVNDO

Mancebo de opiniaõ , e vivo esforço.
 Vay Antonio da Cunha , cavalleiro
 Exprimtado em mil grandes perigos.

Tanto que a fortaleza ali foi vista ,
 Batem com gram fervor os fortes remos :
 Cheganse a terra , e fazem pranchas prestes
 Para desembarcar. Algũs aguardam
 O ponto , em que o refluxo do mar vinha
 Para dentro encolhido , e muy ligeiros
 Saltam dos esporoës na branca arca.
 Outros com grande pressa desembarcam
 Por onde melhor podem. Grandes festas
 Fazem na fortaleza , quando viram
 As fustas , e socorro desejado :
 Que inda que era pequeno , he de soldados
 De infoffríveis trabalhos soffredores.

Quando ja parecia a fresca aurora ,
 Com seu fermoso rostro affugentando
 A tenebrosa , triste , e negra sombra ,
 Aparecem na barra muitas fustas
 Do gram Coge Cofar , embandciradas
 Com ricos estandartes , cujas pontas
 Se arrastram polo mar sereno , e calmo.
 Diversos instrumentos sonorosos
 Daõ de sua chegada certa nova ,
 E nos ares diaphanos , formando
 Vaõ hum alegre som , que guerra incita.
 Os seus naturaes salvam com mil gritas :
 Disparando algũs tiros , e em chegando
 Pola costa se espalham defendendo
 O socorro , que os dias invernosos

Tambem com tempestades defendia.
 Muitos navios tomãõ, dos quaes vinham
 Algũs á fortaleza carregados,
 E desta armada incertos, ali todos
 As almas dam a Deos, ao mar os corpos.

Outros que navegavam com mais tento,
 Em vendo aparecer a frota inimiga,
 Arribavam em popa, e vãõ quebrando
 Com força os fortes remios por salvarse.

Muy diligente andava neste tempo

Coge Çofar, fazendo hũa parede
 Tam intriscada, e cega, que excedia

O enredado lavor maravilhoso,
 Que Dedalo fundou, para morada,
 E perpetua prisam do tero monstro.

Faziãse esta obra, quando Apollo
 Escondendose, deixa o mundo escuro:

Porque quando tornava com luz nova,
 O mar, e os altos montes aclarando,

Vinham da fortaleza mil pelouros,
 Que muy grandes canhões com furia mandaõ,

E com morte de muytos, estorvavam
 A perjudicial obra, deligente.

Os soldados nam cessam nos baluartes,
 E nos lanços do muro grosso, e forte,

De disparar furiosos arcabuzes
 Na parte onde se faz este confuso,

E encuberto edificio: mas nam deixam
 Os Mourqs de acabar o que inventado

Foy com industria esperta, e sutil manha.
 E ainda que recebem mortal dano,

48 SVCCESO DO SEGVNDO

Tam junto á fortaleza chegam, quanto
 Lançar pode hũa pedra hum forte braço,
 De mar a mar vaõ logo atravessando
 O campo com parede de grossura
 De quinze palmos grandes, e outros tantos
 No ar se levantava, com cubellos,
 E fortes baluartes. Era esta obra
 De pedra so sem cal: mas tinha tanto
 Entulho, que a fazia inexpugnavel.

Estava esta tal força ali fronteira
 Da christaã fortaleza, e num momento
 Assentam nella muita artilheria
 Grossissima, e furiosa, encheram de armas
 Aquelle novo muro, e abrem outras
 Bombardeiras debaixo ondo puferam
 Assettados violentos, grossos tiros:
 Depois que este edificio, povoado
 De artilheria foy, de armas, e gente
 Muy belicosa, e forte, chega o grande
 Soltam Mamude, Rey da gram Cambaya,
 Hũa manham, ja quando descobriam
 Os Phebos cavallos no Orizonte
 As soberbas cabeças, e lançavam
 Por narizes, e bocas, puros rayos.
 Luzida gente traz, em armas destra:
 Bandeiras arvoradas, arambores,
 E outros mil instrumentos que alvoroçam
 Os cavallos, e os fazem dar mil saltos:
 Sacudindo, e batendo a dura terra.
 Alguns fortes mancebos, desejosos
 De fazer cousas grandes, e notaveis:

Cujos coraçõs ardem , por ventura
 Em amoroso , vivo , e doce fogo ,
 Vinham na dianteira , desenvoltos ,
 Brandindo grossas lanças dando mostra
 De grande esforço , forças , e ousadia.
 O gram Coge Çofar sae da Cidade ,
 Com grandes esquadrões , bem guarnecidos
 De muitas espingardas , e de muitos
 Arcos fortes truquescos , e em chegando
 Onde o Soltam ja vinha , alevantaram
 Huma niuy bem travada escaramuça.
 Os de cavallo vem com força , e furia
 Em cerrado tropel : acometendo
 Aos outros esquadroés de infantaria :
 Mas todos a hum tempo ali disparam ,
 As espingardas dando grandes gritas.
 Espantanse os cavallos , e algús delles
 Polo estendido campo vão fugindo :
 Cos pes ameaçando as altas nuvens.
 Outros duros , e pouco obedientes
 Aos domadores freos , atropelaõ
 E maltratam alguns : Nesta revolta
 Andam ja tam metidos , que parece
 Batalha verdadeira , e nam fingida.
 Com todas estas festas entram dentro
 Na Cidade : que mostra hum prazer grande ,
 Desta vinda de elRey : e ordenam logo
 Que com força se de na fortaleza ,
 Húa apressada , e forte bateria.

Quando os da fortaleza ouviram tantos
 Anafis , e atambores que soavam

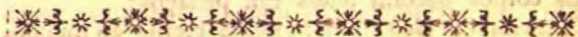
50 SVCCESSE DO SEGVNDO

Na contente Cidade, a todas partes:
 Com mil sinaes, e mostras de alegria.
 Querendo o capitam saber a causa
 Deste contentamento, logo manda
 Dizer ao capitam que tinha em guarda
 Aquelle baluarte que o mar cinge,
 Que inande ao arrayal secretamente
 Algũs valentes homens: que trabalhem
 Por lhe tomarem lingua, de quem saiba
 A causa destas festas improvilas.
 Manda Fernam Carvalho seis soldados,
 Antre muitos ousados, escolhidos:
 Desejosos de fama, e honra: partem
 Nas horas quando a muda, negra noite
 Com mais força, hum pesado sono intunde.
 Estando os Mouros todos descuidados
 De tal atrevimento, os companheiros
 Ferozes acometem hũa estancia:
 Guardada, e defendida de sessenta
 Valentes, esforçados, fortes Mouros.
 Com grandes golpes fazem grave dano,
 Sepultando no inferno as tristes almas
 Daquelles, cujos corpos, sepultados
 Estavam no profundo, e doce sono.
 Espantados acordam dando gritos:
 Atônitos as armas vão buscando:
 Por armas branaão, armas, armas gritam!
 Alterase a Cidade num momento
 Ao rebate improviso: os fortes homens
 Recolhendo se vão: mas não vão todos
 Quantos ali vieram, que alguns delles

CERCO DE DIV. CANTO. V. 51

Os corpos deixam feitos mil pedaços :
Ganhando o Ceo , e hum nome eterno ao mundo.
Os outros que escaparam , levam preso
Hum Mouro , que contou a nova vinda
Do Solram ; e os conselhos que deseja
O capitam saber , do que em segredo
Antre elles nesta guerra se consulta.
Logo em amanhecendo , chegam muitos
Mouros aos baluartes : affrontando
Com soberba aos de dentro , e com injurias.
Dizendo : O' sem ventura , ó brutos homens ,
Contra todo o poder do gram Mamude
Presumis defendervos ? sabey certo
Que essa temeridade justamente ,
Com tormentos sera bem castigada.
Em vos todos fara grandes cruezas :
Para que fique exemplo aos atrevidos ,
Que com tam pouco sizo se quizeram
Defender da potencia , e magestade
Do gram Rey de Cambaya. Todas estas
Palavras de arrogancia despendiam
Os Mouros cada hora , sem proveito :
Sintindo o soltam na alma o grave caso ,
Nesta passada noite acontecido.
Com grande furor manda , que num ponto
A gente toda junta , e posta em armas ,
Combata sem cessar a fortaleza.





Neste sexto canto se trata como os inimigos batiam a fortaleza: e de como el Rey de Cambaya espantado de hum tiro, se foi da Cidade: deixando Juzarcão Abexim que governasse a gente que com elle viera.

O Sol ardente em seu fogaoso carro,
 Quasi mea jornada ja compria,
 Quando la polos ares se levanta
 Hum alarido horribel, que penetra
 As nuvens, e alto Ceo: os vivos gritos
 Espalhados nos ares, vão buscando
 As concavas cavernas dos mais altos
 E solitarios montes, e nos valles
 Mais fndos, e vazios: com ajuda
 Da triste, e namorada Echo: formam
 Com impetu diversos apelidos.
 Das contrarias paredes começaram
 Disparar basiliscos, e salvages,
 Quartaos, espalhafatos, lioes grossos:
 Com que as altas montanhas se estremecem:
 O principal que offendem, he a estancia
 Do Apostolo, que a maõ meteo no lado
 De Christo, e todo o lanço que ali della
 Corro ate Sanctiago, porque viram
 Ser estes tres lugares menos fortes:
 Danificados mais, e mal seguros.
 De todas estas partes lhe respondem,

Com muy furiosos tiros. Cobre hum fumo
 Escuro, e infernal as fortalezas.
 Supiros, e mortaes ardentes fogos
 Luzem com grande pressa em ambas partes:
 O capitam ordena hum contramuro
 Dentro naquella parte combatida:
 De parede tam grossa, que medidos
 Tinha dezasscis palmos, e de entulho
 Tres covados. Repairos fez muy grandes,
 Com fortes contracavas, no baluarte
 San Thome: porque vio que a elle vinham
 Determinados com violenta furia.
 Ferve a gente la dentro, crece a obra:
 Hús madeira acarretam, outros abrem
 Com forças, e com ferro, a dura terra,
 Fazendo contraminas. Outros correm
 Com grande pressa ao muro, e as estancias
 Povoão de arcabuzes, lanças, dardos,
 De polvora, pelouros, e outras muitas
 Proveitosas maneiras de peleja.
 Os capitaes acodem diligentes,
 Onde os tiros crueis fazem mor dano,
 E ali com mil repairos fortificam
 Lugares dos pelouros derrubados.
 Corre o capitam mor a todas partes:
 Com animo esforçando aquella gente
 Que tinha de favor necessidade.
 Fronteiro estava ali do baluarte
 Sanctiago, de bronzo, hum grande tiro:
 O pelouro do qual, tem bem medidos
 De roda treze palmos; e lançava

Cada pelouro destes , com tal furia
 Que o mundo parecia confundirse :
 Aonde chega faz tam grande dano ,
 Que nam bastava ali nenhum remedio :
 Nem grande diligencia , que num ponto
 O soberbo pelouro desfazia ,
 E derrubava sem contraste , o muro.
 Grande espanto causava , e torpe medo
 Nos baixos coraçõs , o gram rugido
 Com que vinha rompendo o ar delgado :
 Destruindo de todo o que alcançava.
 Hum singular varaõ o tinha a cargo :
 Tam destro no aritar , que nam lhe escapa
 Quanto a vista lhe alcança , sem poderem
 Os nossos remediar hum mal tamanho.
 Nascido foy na Gallia Cisalpina :
 E era do gran Solram , avantajado
 Com merces , e favores : porque a todos
 Os que aritar usavam , excedia.
 Trinta pelouros tinha ja lançados
 Dentro na fortaleza : e se mais vida
 Tivera , derrubara tudo quanto
 Ali se achara mais seguro , e firme.
 Mas hum ligeiro dardo , arremessado
 Da fortaleza vem , e acerta o peito
 Deste Francez perverso : levemente
 As entranhas lhe passa , e num momento ,
 Ia da morte vencido cae em terra.
 Reboleandose ella sem ter repouso ,
 Com mortal agonja : e ja chegado
 O derradeiro ponto , cerra os olhos ,

Sepultandoos em noite eterna, e triste.
 Logo foy admitido neste cargo,
 Outro que exercitado de pequeno
 Foy neste tal officio: mas nam tinha
 A fortuna ditosa, antes adversa,
 E imiga se mostrava ao triste sempre.
 Quantas vezes dispara o tiro horrendo,
 Tantas nos proprios seus, faz grave dano.
 Que arremessado ao Ceo com grande furia
 O pelouro espantoso, nam levando
 O ponto bem medido, justo, e certo
 Para dentro cair na fortaleza,
 Cahia no arrayal, e aos que alcançava,
 Deixava huns em pedaços, e outros muitos
 Tolhidos, maltratados: dando gritos
 Tristes, e miseraveis. Neste tempo
 A revolta era tal, a pressa tanta:
 Estrondo de bombardas, e arcabuzes,
 E os gritos eram taes, que parecia
 A machina do mundo destruirse.
 Dom Joam Dalmeida andava diligente
 Na estancia Sam Thome, sempre acodindo
 A remedear o dano que os pelouros
 Faziam, sendo tantos, e continos.
 Causavalhe o trabalho hum suor grosso,
 Que por abertos poros estilava:
 Soffrendo o grave peso, e a molestia
 Das trabalhosas armas, levemente,
 Aos soldados esforça com palavras,
 Das quaes elles ficavam satisfeitos,
 E com dadivas grossas os anima.

56 SVCCESŒO DO SEGVNDO

Isto mesmo fazia Luis de Sousa :
 Que la no baluarte Sanctiago ,
 Com esforço defende o que parece
 Dos mouros conquistado , e combatido.
 Dem Fernando de Castro bem mostrava
 O animo incansavel , deseioso
 De ganhar honra , e fama pelejando
 Com mais força , e fervor , do que promete
 Aquella tenra idade que entam tinha.
 Aqui bem se aventaja dom Francisco
 Dalmeida , todo armado : o rostro aceso
 Numa cor inflamada , com gram furia ,
 Sem descanso tomar , sempre peleja :
 E com voz levantada , a grandes brados
 Incita , e move a guerra , todos quantos
 O posto defendiam do animoso
 E valeroso irmaõ dom Joaõ dalmeida :
 Que em grande affronta estava : porque tinha
 As ameas ja rasas , e feridos
 Com setas , e arcabuzes muitos homens.
 Aqui Diogo da Sylva , sempre andava
 Com animo esforçado , honra adquirindo.
 Pero Lopez de Souza ali soffria
 Ciravissimo trabalho , pelejando.
 Aqui Antonio da Cunha affaz mereçe
 Honrado nome , e fama para sempre.
 E Diogo de Reinoso , bem mostrava
 Robusto coraçam contra os imigos :
 Nam se apartando nunca hum so momento
 Daquelle ousado moço : que entam era
 Gloria , e suprêmo bem do muy prudente

Insigne Visorey dom Joaõ de Castro,
 Que quando la de Goa se partiram,
 Em guarda lho entregou: mas aqui neste
 Tam trabalhoso cerco, os fados dambos
 Infelices, e tristes se mostraram,
 Perdendo as vidas ambos juntamente.
 O capitam dom Joaõ derrubar manda
 Edifícios alguns na fortaleza:
 E sendo elle o primeiro no trabalho,
 Aos lugares ja fracos acodia,
 Os Mouros vendo ali sempre presente
 O seu grande Soltam, que os animava;
 Redobram mais as forças, e combatem
 Com mor braveza, e furia a fortaleza.
 Hum estrondo espantoso de bombardas:
 Hum disparar contino de areabuzes,
 Em ambas partes soa, nam cessando
 Hum so momento a dura bateria.
 Mil clamores, mil gritas sempre crecem:
 Direitos indo ao Ceo, e la nas nuvens
 Abraçados, hum tal som vaõ formando,
 Que os corpos, e os cabellos arreperia,
 Estando este cruel fero combate
 Acefo em mais furor: onde morriam,
 E se feriaõ muitos de ambas partes:
 Na fortaleza soa hum trovam forte,
 Com impeto rompendo os sutis ares.
 Vay o rayo mortal encaminhado,
 Onde o Soltam andava, e junto delle,
 Num momento desfez em mil pedaços,
 Hum insigne baram, nobre, e animoso.

Atonito ficou este Rey grande,
 Vendo a morte apressada ali tam perto,
 E desaparecer supitamente
 Quem lhe estava fallando: ficou frio
 Quando a vida daquelle co as palavras
 Meo formadas, vio num mesmo ponto
 Cortadas, e as entranhas sanguinosas
 Semeadas na terra. Nam aguarda
 Outro successo tal: vaise a Cidade,
 Recolhendose em seu rico aposento,
 Entra no real leyto, que costuma,
 Aos cansados membros dar repouso.
 Aqui, e ali diverte a fantasia:
 Traça no pensamento mil successos,
 Desta tam trabalhosa, dura guerra.
 Ia se ve vencedor, ja triumphando,
 Dos grandes capitaes, vay glorioso
 Por todas as Cidades do Oriente.
 Nesta sombra fantastica se sobe,
 A quanto ali lhe pede o vaõ desejo:
 Mas logo se demuda, e fica triste
 Vendo o grande valor de seus contrairos.
 Imagina ficar vencido delles,
 Com infamia, deshonra, e grande perda.
 Assi esta num mar de ansias engolfado,
 Vendose num momento, ora no cume
 Da venturosa roda, ora cahido
 No mais baixo, e infelice estado della,
 Com pensamentos taes, foy entregando
 A hum profundo sono, os lassos membros.
 Dormindo lhe parece ver gram soma

De belicosos Arabes ferozes,
 Em sangrenta batalha ser vencidos,
 Por pequeno esquadram, de gente estranha:
 Que huma branca bandeira levantada
 Com Cruz vermelha seguem. Muitas outras
 Bandeiras derrubadas, ve no Campo:
 Mortos os capitaes, a terra chea
 De corpos em pedaços, e de sangue,
 Ve a fera Belona sacodindo
 Com gram furor, o seu sangrento açoute:
 E o bravo cruel Marte, acompanhado
 Das furias yr pisando a morta gente,
 Todo alterado acorda o gram Mamude:
 Treme o triste de medo, do infelice,
 E pròdigioso sono, dando voltas
 A huma, e outra parte, sem descanso.
 Hum penoso, deficit, grosso annelito,
 Oprime o triste peito, e affadiga
 Aquella alma trovada da medonha
 Espantosa visam, que o doce sono
 Com tal rigoridade lhe mostrara,
 Levantase num ponto, e com gram pressa
 Se parte do arrayal: ali deixando
 Juzarcao Abexim que governasse
 Aquella gente toda que com elle
 Viera. Este Abexim, tinha antre todos
 Nome de mais valente: tinha muitas
 Terras, e grossas rendas que lhe dera
 O mesmo gram Soltam. Avia doze
 Dias que elRey chegara a esta Cidade,
 Quando a morte daquelle seu parente

60 SVCCESSE DO SEGVNDO

Tal medo lhe causou, que o fez partirse.
 Indose a huma Cidade que se chama
 Amadabat, dali com diligencia,
 Mantimentos, dinheiro, e tudo manda,
 Quanto ao arrayal he necessario.

Despois que se elRey foy, crece o trabalho:
 Crece a força dos Mouros, e a soberba,
 Frequentando-se os combates, nam cessando
 De dia, e noite a grossa artilheria.
 O quantas almas vão dando mil gritos,
 Deixando os corpos feitos em pedaços:
 Quantas se vão ao Ceo, ô quantas decem
 Ao reyno cruel, fero, escuro, e triste:
 Onde nam tem lugar, concerto, e ordem:
 Mas hum continuo horror, e penna eterna.

Ia de todo se arrasam dous lugares,
 Aonde Luis de Sousa, e Gil Coutinho
 Passam trabalhos grandes, sustentando
 Com grande esforço a honra. O muro grosso
 Que corre de hum ao outro, ja por terra
 De todo posto está: mas a esforçada
 Gente, a entrada lhe faz difficulosa.

Quando o capitam vio a gram ruina
 Do muro, e baluartes, e o perigo
 Em que todos estavam: vendo que era
 Impossivel fazerse pola parte
 De fora contramuro, porque a cava
 Tinha muy grande altura: e nam avia
 Na rocha outro lugar que o que parece
 Occupado do muro: ordena logo
 Pola banda de fora, huma cubello alto

No meyo do travez : o qual servia
 De triangulo justo a estas estancias.
 Quarenta espingardeiros que o defendam
 Pos aqui dentro nelle , e porque a este
 Tal tempo era ja morta muita gente ,
 E outra muyta ferida : deu o cargo
 Deste cubello novo , e destes homens ,
 A Antonio Peçanha , varaõ forte ,
 Valeroso , esforçado : o qual a todos
 Deu largamente tudo o necessario.
 Manda tambem a Joaõ de Venezeanos
 A estancia vigiar , que ali ficava
 Orsaã do gram Peçanha. Neste tempo
 Defronte a Sam Thome os Mouros fazem
 De terra , e pedra hum cumulo muy grande ,
 E nelle assentam altas , e frondosas
 Arvores : fabricando ali hũa estancia
 Tam alta , que co as torres se igualava.
 Nesta ramosa torre se escondia
 Hum valente esquadram dos enemigos ,
 Para entulhar a cava desta parte.
 Por que estas obras taes os Mouros fazem ,
 Quando as humidas noites se mostravam
 Ao mundo , de hũa cor mais negra , e triste :
 O capitam mandava fazer grandes
 Ardentes luminarias , com que os ares
 Da luz favorecidos , aclarassem ,
 Os que na escuridam sempre trabalham ,
 Mais por força , e temor , que por vontade ;
 Andava huma gram turba , baixa , e cruel ,
 De huma misera , fraca , e triste gente ,

62 SVCCRESSO DO SEGVNDO

Neste trabalho tal: aos quaes de cima
 Dos altos baluartes, maltratavam;
 Matando muitos delles: mas aviam
 Tam grande medo aos seus, que se ali fogem
 Das perigosas setas, e dos dardos
 Que sobre elles choviaõ de contino:
 Por força os fazem logo, e com feridas
 Tornar, para dar fim ao que cuidavam
 Serlhe certo proveito: tanto medo
 Aos seus naturaes tinham, como aos outros
 Que das torres os matam. Muitas vezes
 Vendose dos pelouros todos mortos,
 Todos de agudos dardos traspassados,
 De pedras muy pesadas, e alcanzias,
 Que em fogo ardem, cubertos: ja nam querem
 Fugir: antes se deixam queimar vivos,
 Padecendo crueis, e tristes mortes.

Estavam tam cansados, tam feridos
 Os Portugueses, que era grande espanto
 Poderense foster. Os mais daquelles
 Que o dano dos pelouros num momento
 Tornam a refazer, eram ja mortos:
 As torres maltratadas, destruidas:
 Principalmente aquellã que defende
 Dom Joã Dalmeida: e outra que guardava
 Antonio Freire, o qual tinha ali cargo
 De alcaide mor daquella fortaleza.
 Valente homem, criado na familia
 De dom Lopo Dalmeida, cujo filho
 Era este dom Josõ, e dom Francisco,
 E dom Pedro mais moço: que aqui neste

CERCO DE DIV. CANTO. VI. 63

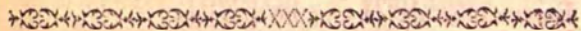
Cerco todos se acharam, e aqui todos
 Mostraram grande preço, e valentia.
 Assi como estes dous lugares eram
 Neste ponto mais fortes na peleja,
 Assi dos Mouros eram combatidos
 Com muita mais braveza, e era tanto
 O dano recebido, que os imigos
 Tinham por certo ja que os Portugueses,
 Ou por firme contracto, ou que por força
 Ali se entregariam. Vinham sempre
 Chegandose cubertos, nam deixando
 Aquelle lavor cego, e tam confuso
 Das paredes, que davam cem mil voltas:
 Virando e revirando a todas partes
 Encobriendo o caminho que traziam
 Dircitos aos lugares, onde estavam
 Por capitaes Alonso Bonifacio,
 Luis de Sousa, e Gil couinho. Tanto
 E com tal força os Mouros trabalharam,
 Que em fim chegaõ á cava, dando pouco
 Por todos os ardis que ali buscava
 O sabio capitam, para impedirthe
 A perjudicial obra que faziam,
 Pois tanto que elle vio que desta parte
 Onde a ramosa torre está fundada,
 Os Mouros se cobriam, nam cessando
 De deitar sempre terra, pedra, e rama:
 Manda dentro ajuntar (a par da Igreja,
 Defronte desta torre, que do vento
 Era movida a hũa, e outra parte:
 Com rumor somnoso, e consonancia

Con-

64 SVCCESSE DO SEGVNDO

Confusa , e mal destinta) muita terra :
 E manda que hum castello ali se faça ,
 No qual assentar manda hum basalisco
 Com ontra artilheria mais meuda.
 Aponta hum bombardeiro , o grosso tiro
 A esta verde torre , e pondo fogo ,
 Dispara , resonando os altos ares :
 Derruba , abate , e quebra num momento
 As grossas , e altas vigas , que sostinham
 A deleitosa estancia. Nam se viam
 Correr neste pomar canos de hũa agoa
 Christalina , delgada , clara , e fria ,
 Com manso , e doce som : nem lamentarse
 De seu mal Philomena com brandura ,
 O que se pode ver sam grandes chamas
 De fogo acompanhadas de mil gritos
 Dos que ali dentro estavam. Huns fenecem
 Desfeitos em pedaços : outros ficam
 Abrasados do fogo , e mal feridos.
 Outros que mais vezinhos estam destes ,
 Fogindo vaõ , medrosos , e confusos :
 Dando com alaridos , e altos brados
 Hum medonho rebate a toda a gente.
 Em pouco espaço foy toda desfeita ,
 E derrubada esta obra ate o cimento :
 A qual com gram trabalho dos imigos
 Foy feita em muitos dias. Nam sabendo
 Que conselho tomassem : determinam
 Encher a funda cava , e ver se podem
 Sobir na fortaleza , por lugares
 Que a furia dos pelouros ali abria.

Começam entulhar grande a cava ,
 Por hûas ruas feitas de paredes
 Cubertas com palmeiras: cujo fructo
 Era bravo , amargoz : encima dellas ,
 Grandes , e verdes ramos deitam cheos
 De terra humedecida : porque o fogo
 Que sobre elles lançassem , nam tivesse
 Força , nem sen intento lhe atalhasse.
 De madeira muy grossa fazem mantas
 Bem fornidas , e fortes , com que cobrem
 Os lugares vazios , que estavam
 Na cava : e por debaixo dellas lançam
 Pranchas , por onde noite , e dia corre
 Entulho , sem cessar hum so momento.



*Neste canto septimo se trata como os Mouros con-
 tinuavam sua obra com grande diligencia para
 entulhar a cava , e os da fortaleza secretamen-
 te lhe furtavam o entulho : na qual obra mor-
 reo Antonio Freire Alcaide mor da fortaleza.
 Trata tambem da morte de Coge Çojar , e do
 seu enterramento , com outras cousas que socce-
 deram.*

HAy de quem neste mundo se confia ,
 Que pode durar hum ditoso estado ,
 Pois o tempo se passa , e a fortuna ,
 Tem por costume ser sempre mudavel.
 Brevissima he a vida : certa a morte :

Estreita a conta , e nada disto lembra :
 Triste de quem nam ve com livres olhos
 Por onde ha de passar , pois nam se escusa.

Hum pequeno postigo aqui se esconde
 No fundo desta cava , tam secreto
 E ja tam esquecido , que memoria
 Quali delle nam ha , o qual o tempo ,
 De terra , pouco a pouco foy cobrindo.
 O capitam mandou com grande pressa ,
 Que fosse logo aberto. Ia aparece
 O que estevc escondido largo tempo.
 Ia vay por elle a gente delarmada ,
 E os armados que vaõ em guarda della ,
 Ia fazem que o trabalho dos imigos
 Fique de todo vaõ , e sem proveito ,
 Furtandolhe de ca quanto traziam ,
 Para fazer a cava igual cos muros.
 Em ambas partes crece a diligencia :
 Em ambas o trabalho. Os Mouros fervem
 Nesta continua obra , e os da cava
 Com hum silencio grande , hũa so hora
 Do proveitoso roubo , nam se apartam.
 Faziase do entulho huma piramide ,
 No fundamento larga : mas na ponta
 Mais aguda se mostra. Os Mouros lançam
 Prumo para saberem quanto crece
 A obra , o qual na ponta fez assento.
 Cuidam que do caminho a mayor parte
 Andado tinham ja : mas que aproveita
 Levantar o edificio , se o alicesse
 Está todo gastado , e pouco firme ?

CERCO DE DIV. CANTO. VII. 67

Isto esteve em segredo sos dous dias
 Porque outra vez lançaram prumo os Mouros,
 E como a ponta ja do entulho estava
 Gastada, e muy futil, foy resvalando
 O peso, indose ao fundo, mostrou claro
 O engano dos inimigos, e o prudente
 Conselho dos cercados. Isto vendo
 Os Mouros, espantados aparecem,
 Todos postos em armas, e aos que andavam
 Furtando a terra, offendem com gram copia
 De arremessadas lanças, dobram arcos
 Grossos, com grande força, e delles voa
 Huma nuvem de sétas que o sol cobre.
 Huns trazem grandes pedras, que achegadas
 Junto da cava, empuxão, e vem dando
 Dali daquella altura grandes saltos,
 Fazendo hum fero estrondo: outros disparam
 Espingardas furiosas: a vil gente
 Que na cava trabalha, foge logo:
 Socorreos o esforçado Mazcarenhas
 La de cima dos muros. Ia se trava
 Huma rija batalha, aspera, e dura:
 Deste jogo vaõ muitos mal feridos,
 Em ambas partes morrem. Bem se mostra
 Em todos os fidalgos, vivo esforço,
 E a grande valentia dos soldados:
 Cada hum mostra valor, cada hum procura
 Nos mais fortes perigos finalarse.
 Estando em mayor furia este sangrento,
 Perigoso combate, vem dos Mouros
 Desmandado, hum pelouro despingarda:

Dereito vai buscar Antonio freire :
 Passalhe levemente armas , e corpo ,
 Cae debruços na cava , e ali fica
 Ate que anoiteceo , que foy forçado
 Que ceçasse a peleja. Recolhidos
 Os Mouros á Cidade alevantaram
 Da cava aquelles corpos já defunctos :
 Com pompa fueral , os levam todos
 A darlhe sepultura para sempre.
 Estava o mundo ja todo cuberto
 De huma espantosa sombra , negra , e fria ,
 Quando se abre o postigo mansamente :
 Saem por elle armados muitos homens ,
 Com todos os escravos. Muita pedra
 Acarretam : e ordenam que se faça
 Hũa rua cuberta com barrotes :
 Pondo sobre elles tavoas , e sobre ellas
 Terra , porque nam possam porlhes fogo.
 Esta rua sahia do postigo ,
 E entestava no entulho : em pouco espaço
 Foy feita , e vaõ por ella sem receo
 De setas , darcabuzes , e de pedras
 Que chovem de continuo , nam cessando
 Hum so momento a obra. Toda a noite
 A seu salvo trabalham : mas ja quando
 Ajollo levanta o carro ardente ,
 Sobre o nosso Emyspherio , viram claro
 Nam poder entulhar por esta parte ,
 E que era todo em vaõ o seu trabalho.
 A Coze Çofar levam disto nova :
 Perdida ja esperanza vem depressa

CERCO DE DIV. CANTO. VII. 69

Todo aceso em furor: logo ali mostra
 As entranhas raivosas, que rebentam
 Por vingança cruel de muitas mortes
 E de outros muitos males que ali passam.

Estando assi provendo, e ordenando
 O que devem fazer: tendo alma pronta
 Em buscar mil ardis que lhe aproveitem,
 Descuidado da morte ja vezinha,
 Dispara a fortaleza hum grosso tiro:
 Estremece-se a terra, os ares bramam:
 Cobrense de fumosa, e negra nuvem.

O furioso pelouro fae envolto
 Em fogo repentino, e vai dircito,
 Guiado ali por Deos, num ponto leva
 A soberba cabeça, astuta, e grave
 Do gran Coze Çofar, que governava
 Todo este belicoso, e grande campo:
 O destroncado corpo ali se estende,
 E aquella alma perversa vay furiosa,
 Gritando polos ares, indinada
 Dece ao reino choroso, escuro, e triste.

Tanto que o capitam geral foy morto,
 Levantase hum clamor de toda a gente
 Rasgase o alto Ceo com grandes gritos:
 Correm todos sem ordem por mil partes,
 A morte desastrada publicando.

Via-se o arraial todo alterado,
 Todo posto em acordos diferentes:
 Os alaridos crecem, e onde estava
 O capitam defuncto eram mais vivos.

Fegyc a gente sobre elle: e vendo o corpo

Assi descabeçado , muytos mostram
 Huma amarella cor que os desfigura :
 Outros com grande furia determinam
 Morrer na dura empresa , ou verse destas
 Mortes , e graves males , bem vingados.
 O combate cessou , e ordenam logo
 Fazerlhe honras funebres , sepultando
 O corpo morto , ingrato ao beneficio.
 Dos mais principaes homens , rodeado
 Estava , quando chega ali seu filho :
 Que como lhe foy dada a triste nova ,
 Perdida a gravidade , se arremessa
 Por meyo do conflicto turbulento :
 Derrubase aos paternos peas , rezando
 Com copiosas lagrimas a terra ,
 E com dor entranhavel enche os ares
 De mil palavras tristes , e gemidos.
 Com grande magoa todos os mais nobres ,
 De sangue mais antigo , claro , e puro ,
 O levantam da terra , e nella mesma
 Lhe vaõ com rouco pranto dar morada
 Escura , fria , triste , e sempiterna.
 Ali sam celebradas as obsequias :
 As vsadas , e antigas ceremonias :
 Ali com muitas lagrimas lhe dizem
 O derradeiro valle para sempre.

Despois disto acabado se ajuntaram
 Todos para conselho , e nelle ordenam
 Que seja capitam geral seu filho
 Chamado Rumeção. Começa o Mouro
 Novo na dignidade , com dobrado

CERCO DE DIV. CANTO. IV. 71

Trabalho: com dobrada força, e pressa
 A profeguir a guerra, desejando
 Tomar justa vingança. Logo manda
 Fazer outras seis ruas, que estavam
 Na cava, pola parte onde o postigo
 Debaixo dos barrotes se escondia.
 Lançam sobreles pedras de grandeza,
 E gravissimo peso, com que opprimem,
 Rendem, quebram, e fazem mil pedaços
 As tavoas, e os barrotes: mal tratando
 Os que debaixo andavam, e o postigo
 Cerrado foy com grossas, fortes vigas.
 Crecia cada hora o grosso enaulho
 Por seis partes lançado: e esta porta
 Que em segredo estivera, outra vez torna
 Elconderse, atalhando a serventia
 Que era tam necessaria, e provciosa.
 Vendose assi affrontado, em tanto risco
 O forte Capitam, de louvor digno,
 Vendo saltarlhe a gente, e que o socorro
 Estava duvidoso: porque a força
 Do tempestuoso inverno lho impedia.
 O Vigairo mandou da fortaleza
 (Que aqui se offereceo nesta jornada)
 Que num catur se embarque, e va depressã,
 Sem passar de Chaul, e que ali diga
 Quanta necessidade de socorro,
 Quanta falta de gente ja avia.
 O Vigairo partido, nunca deixam
 Os Mouros o trabalho: crece a terra,
 Crece o contentamento, e a esperança

Destes duros imigos. Ia se chega
 O temor ao perigo nos que estavam
 Dentro na fortaleza. Em poucos dias
 Entulharam de todo, e arrasaram
 De terra a grande cava, larga, e funda.
 Pola parte onde estava Gil Coutinho,
 Os Mouros atravessam grossos mastos,
 Pregadas nelles tavoas, que serviam
 De pontes espaçosas, e seguras.
 Ardentísimos fogos se lançavam
 De la da fortaleza, nestas pontes:
 Mas em vaõ era tudo, e sem proveito:
 Que o esquadrão cuberto com reparos,
 A seu salvo apagava logo o fogo,
 Levando sempre avante o seu intento.
 O capitam mandou fazer de pressa,
 De ferro, huma cadea grossa, e forte,
 E manda pegar nella muitas facas
 De lona, que levavam para offensa
 Das enemigas pontes, mil maneiras
 De pernicioso fogo ali escondido.
 O pesado artificio foy lançado
 Na obra dos imigos, com grande impeto:
 Acendese hum furioso, grande fogo,
 Queima dos grossos mastos, grande parte:
 E queima quantos acha ali mais perto.
 Bem assi como quando hum grani penedo,
 Que longo tempo esteve, de fragosa
 Rocha dependurado: ameaçando
 O rio que por baixo vay fogindo
 Com curso acelerado, e as correntes

Forçosas, e continas, solaparam
 A terra, que sustinha o grave peso:
 Dali daquelle altura com gram furia
 Se deixa vir fazendo hum espantoso
 Estrondo, e dando nagoa, os ares gemem
 Com sonora voz, ali causada
 Do fero golpe, rouco, e escumoso.
 Os pexes que alcançou a dura pedra,
 Encima da agoa ficam em pedaços,
 Outros de espanto cheos, vão fugindo:
 Mas ja passado o impeto furioso,
 Do perigo esquecidos, tornam logo
 Proseguir os caminhos costumados.
 Assi desta maneira os Mouros vendo
 O dano que este fogo lhes fizera,
 Queimados, todos delle se affastaram:
 Mas com esforço grande, e ousadia,
 Arremetem com furia, dando pouco
 Por tiros despingardas, com que morre
 Grande numero delles, e outros muitos
 Mal feridos affaz, em terra caem.
 Recebem mortal dano: mas nam deixam
 De errecer muito mais cada momento:
 E o lugar que ali fica dos que morrem
 Vazio, se povoa com dobrado
 Numero, e com dobrado esforço, e animo.
 Em fim fizeram pontes, por mais dura,
 E por mais forte que foy a resistencia.
 Cobriraõnas com terra humedecida,
 E com mil verdes ramos, logo ordenam
 Polas bandas das pontes humas grossas,

74 SVCCESO DO SEGVNDO

E muy grossas paredes, que resistam
 Aquella violenta, e grave força
 Dos pelouros, que fazem fero estrago.
 Outras paredes alçam polo meyo,
 Cubertas com palmeiras, e erva verde,
 Para virem por baixo sem ser vistos,
 Dos que na fortaleza seu mal buscam.
 Esta tal obra ja sendo acabada,
 A força de picoens, tambem fizeram
 Naquelle baluarte (onde reside
 Dom Fernando) hum portal que da licença
 A dez homens entrarem nelle juntos.
 Tendo tudo isto feito, acometeram
 Hum dia ja bem tarde a fortaleza:
 Nam foy rijo o combate, nem foy muito
 Travado: mas alguns foram feridos,
 Outros feitos pedaços. Assi andavam
 Estes fortes contrairos, dando sempre
 Rebates, sem concerto, a todas horas:
 Sem nunca o capitam tomar repouso,
 Nem fidalgos, nem outros cavalleiros
 Deixarem hum momento as duras armas.



Neste Oitavo canto se trata como Simão Feo foy com recado ao capitam mor, e da reposta que o Capitam lhe deu. Trata tambem do primeiro combate, e do successo delle.

A Mudavel fortuna muytas vezes
 Desfaz, e abate mil grandes estados :
 Trabalhos offerece a quem primeiro
 No mais alto da roda tinha ufano.
 Mas se apos isto tira a liberdade,
 Todos os outros males ficam fracos :
 A Deos se tornará de meu conselho :
 So nelle achará com que consolar-se.

Vendo o gram Rumeção a fortaleza,
 Por muitas partes ja quasi desfeita,
 E que a seu parecer estava certo
 Entrala sem trabalho, todavia
 Achava sempre forças renovadas
 Nos que dentro pelejam, e com morte
 He muitos, recebia mortal dano.
 Dum recado mandou por Simão Feo :
 Que atras se coitou ja como levara
 Do Capitam recado no principio
 Deste cerco, e que fora por mandado
 De Coge Çofar preso. Este de muitos
 Mouros, muy bem armados, rodeado
 Ao pe dos muros chega, e em voz alta
 Os companheiros chama, conhecidos :

76 SV.CCESSO DO SEGVNDO

Dizendo que esta sua vinda façam
 Saber ao Capitam : porque trazia
 De verdadeira paz firmes contratos.
 E ainda que os de cima nam no viaõ,
 Por causa de hum escuro, e triste manto,
 Que entam naquellas horas geralmente
 Polo Ceo se estendia a todas partes :
 A voz d'elle conhecem, e alguns correm
 Levando ao capitam disto recado:
 O qual ao muro chega, preguntando
 A que era sua vinda? Simão Feo
 Responde logo, e diz estas palavras:
 A vos ó capitam, a vos fidalgos:
 A vos soldados fortes, e animiosos,
 Peço que vos doais de vossas vidas,
 Que em ponto estam ja todas de perderse.
 Olhay o grande risco em que estais poltos:
 Os muros derrubados, destruidos,
 E a fortaleza ja quasi tomada:
 E com defenſa tal que em pouco espaço
 Sera por Rumecaõ toda vencida.
 Avifovos Senhores que ensiltirdes
 Mais nêſta vaã empresa sera dano,
 Para quantos ahi estaes: que se se anoja
 O Rumecaõ de vossa contumacia,
 Despois que vos tomar com mail tormentos
 A todos mandará enterrar vivos.
 Dai vos de meu conselho, e eu vos fico
 Que juntos sereis todos perdoados,
 E com dadivas grandes satisfeitos:
 Que este gram capitam he piadoso,

CERCO DE. DIV. CANTO. VIII. 77

Magnifico, clemente, e bom amigo.
 Depois que o Capitam esteve ouvindo
 As forçadas palavras, que dezia
 Simão Feo, com yra lhe responde,
 Dizendo: Nam sejaes mais atrevido
 Para chegar aqui com taes palavras:
 Porque se aqui vierdes, o castigo
 Mandarey que vos dem, que ellas merecem:
 Dizey ao Rumeção, que com taes homens:
 Tam perfidos, tam maos, nunca amizade
 Nem paz concederey: que bem confio
 Em Deos, que antes que passe muito tempo
 Seram por nos subjeitos, e vencidos.

Que os homens que aqui estam sam costumados
 Vencer mores trabalhos: e que nunca
 A perigos, e affrontas se renderam.

Levando Simão Feo tal reposta,
 A Rumeção a deu, que gravemente
 Delle sentida foy: e em quanto a noite
 Dilatava de Aurora os frescos rayos,
 Em vivo fogo ardia, desejando
 Tomar huma cruel, dura vingança,
 Daquelle temerario atrevimento.

Aquella sombra triste humedecida,
 Que occupado em silencio tinha o mundo,
 Fogia com gram pressa da luz nova,
 Que o clarissimo Apollo ja mandava
 Para que a cada cousa desse o lustre
 Que a noite lhe roubou: quando em tal hora
 Ajunta o Rumeção seu poder todo
 Bandeiras, e guioes entrega ao vento

78 SVCCESO DO SEGVNDO

O qual ligeiramente , a muitas partes
 As revolve em mil ondas : e resonam
 Mil clarões , e atambores , e altas gritas :
 Com grandes alaridos , que ali causam
 Alvorço aos espiritos gosto aos olhos .
 Hum fero assalto dam no baluarre
 Que Sam João se chama , o qual ja dantes
 Quasi estava arrasado , e ali foram
 Recebidos nas mãos de Dom Fernando
 De Castro , que guardava o perigoso
 E ruinado lugar , tendo consigo
 Muy valentes soldados : acomete
 Com grande esforço os Mouros que sobiam :
 E ainda que ali todos defenderam
 A entrada aos imigos , nam foy parte
 Os tiros despingardas , e alcanzias
 De fogo que sobre elles se lançavam ,
 Para lhes impedir que nam sobissem ,
 E com morte de muitos , braço a braço
 Entrassem cos valentes Portugueses .
 Na dianteira andava Dom Fernando ,
 Que dava , e recebia grandes golpes ,
 Todo aceso em furor . O' caso estranho ,
 Feito de admiraçam : O' monstro horrendo
 Digno assaz de ficar eternamente
 No mundo por exemplo , antes espanto ,
 Ver em tam poucos annos tanto espirito ,
 E hum coraçam de Alcides , o Thebano .
 A idade era pouca : mas iguala
 Em esforço , e valor ao mais robusto ,
 E ao mais assinalado antre os ousados .

Onde a pelleja estava mais revolta,
 O combate mais rijo, mais violento,
 Ali buscava o moço mil perigos,
 Para se sinalar, e mostrar claro
 O forte coraçam livre de medo.

Assi como acontece em larga praça,
 Na qual entra o novilho esquivo, e bravo
 Criado no deserto, aspero monte:
 Vendo os altos palanques, e as bandeiras
 Ornadas com mil cores differentes.

Ouvindo os sonorosos instrumentos,
 Ouvindo juntamente as altas gritas,
 Que o ar, e as gossas nuvens vaõ rompendo,
 Espantado levanta muy furioso

A soberba cabeça, isenta, e livre
 Do trabalhoso jugo, e olha ousado
 A gente que o persegue: e com braveza
 Se abalança onde a gente esta mais junta,

Fazendo largo campo, e ay daquelle
 Que neste ponto alcança, que no meyo
 Das miseras entranhas banha, e tinge
 Com sangue os muy crucis agudos cornos.

Assi desta maneira o fero moço,
 Ousado ali se mete nos lugares
 Que pareciam ser mais duvidosos,
 E com morte de muitos vay mostrando
 As forças, e o poder do forte braço.

Aqui Bastiaõ de Sá, filho daquelle
 Prudentissimo velho que o governo,
 E mando tem da illustre, gram Cidade
 Do Porto em Portugal: bem claro mostra

Que

78 SVCCESO DO SEGVNDO

O qual ligeiramente , a muitas partes
 As revolve em mil ondas : e resonam
 Mil clarões , e atambores , e altas gritas :
 Com grandes alaridos , que ali causam
 Alvorço aos espiritos gosto aos olhos .
 Hum fero assalto dam no baluarie
 Que Sam João se chama , o qual ja dantes
 Quasi estava arrafado , e ali foram
 Recebidos nas mãos de Dom Fernando
 De Castro , que guardava o perigoso
 E ruinado lugar , tendo consigo
 Muy valentes soldados : acomete
 Com grande esforço os Mouros que sobiam :
 E ainda que ali todos defenderam
 A entrada aos inimigos , nam foy parte
 Os tiros despingardas , e alcanzias
 De fogo que sobre elles se lançavam ,
 Para lhes impedir que nam sobissem ,
 E com morte de muitos , braço a braço
 Entrassem cos valentes Portugueses .
 Na dianteira andava Dom Fernando ,
 Que dava , e recebia grandes golpes ,
 Todo aceso em furor . O' caso estranho ,
 Feito de admiraçam : O' monstro horrendo
 Digno assaz de ficar eternamente
 No mundo por exemplo , antes espanto ,
 Ver em tam poucos annos tanto espirito ,
 E hum coraçam de Alcides , o Thebano .
 A idade era pouca : mas iguala
 Em esforço , e valor ao mais robusto ,
 E ao mais assinalado antre os ouçados .

Onde a pelleja estava mais revolta ,
 O combate mais rijo , mais violento ,
 Ali buscava o moço mil perigos ,
 Para se sinalar , e mostrar claro
 O forte coraçam livre de medo.
 Assi como acontece em larga praça ,
 Na qual entra o novilho elquivo , e bravo
 Criado no deserto , aspero monte :
 Vendo os altos palanques , e as bandeiras
 Ornadas com mil cores differentes.
 Ouvindo os sonorosos instrumentos ,
 Ouvindo juntamente as altas gritas ,
 Que o ar , e as gossas nuvens vaõ rompendo ,
 Espantado levanta muy furioso
 A soberba cabeça , isenta , e livre
 Do trabalhoso jugo , e olha ousado
 A gente que o persegue : e com braveza
 Se abalança onde a gente esta mais junta ,
 Fazendo largo campo , e ay daquelle
 Que neste ponto alcança , que no meyo
 Das miseras entranhas banha , e tinge
 Com sangue os muy crucis agudos cornos.
 Assi desta maneira o fero moço ,
 Ousado ali se mete nos lugares
 Que pareciam ser mais duvidosos ,
 E com morte de muitos vay mostrando
 As forças , e o poder do forte braço.
 Aqui Bastiaõ de Sá , filho daquelle
 Prudentissimo velho que o governo ,
 E mando tem da illustre , gram Cidade
 Do Porto em Portugal : bem claro mostra
 Que

Que de tal pai, tal filho se esperava.
 Com furibundo animo arremete:
 Bem cuberto do escudo ali revolve
 O incausavel braço a todas partes.
 A rutilante espada, ja perdida
 Aquella clara luz, que os olhos cega,
 Manchada está do sangue que os inimigos
 Mais escondido tinham nas entranhas:
 Aquella opiniam ativa, e grande,
 Aquelle muito esforço, e vivo espirito,
 De que o seu coração ornado estava,
 E a memoria dos claros, e altos feitos
 Dos seus antepassados tam famosos,
 As forças lhe sustentam que nam falem,
 O impeto, e furor acrecentando.
 Assi estando inflamado no combate
 Crudelissimo, e fero: hum Turco dobra
 Com increivel força, hum arco grosso,
 Nervoso, duro, e forte, escapa, e voa
 A seta rechinando horribelmente,
 Por meyo dos fuis, delgados arcs:
 Huma perna lhe passa toda em claro,
 Por cima do joelho, donde os musclos
 Ajuntando se vem (lugar temido,
 E perigoso assaz) passalhe os nervos
 Com dor acerba, e grave: logo corre
 Hum arroyo de ruyvo, e quente sangue.
 Mas o nobre mancebo desstimula
 Aquella dor pennosa: tira forças
 Redobradas de novo, e dobra os golpes,
 Movido da ferida, ali peleja,

Mais raivoso, e mais forte que ao principio.
 Assim como se mostra Hircano Tigre,
 Quando o sagaz monteiro, dalto posto,
 Ou antre espessas mattas escondido,
 Lhe tira com ervada, mortal seta,
 Sentindose ferido, encrespa o lombo:
 Os olhos revolvendo, encarniçados
 Lançando delles fogo ardente, e vivo,
 Vai dando bravo, e fero grandes saltos,
 Com horrendos bramidos. O ditoso,
 O bem affortunado pay, que viste
 Todos teus filhos taes, que bem merecem
 Ser por eterno tempo celebrados:
 Dotados todos de virtudes grandes,
 Que vistas, e notorias sam ao mundo:
 De preço, de valor, e eroycio esforço:
 De delgados engenhos na sciencia:
 De grande valentia na milicia.

Pois Diogo de Reinoso, nam perdia
 Hum momento de tempo: mas com força,
 E ousado coraçam ali resiste,
 O impeto violento dos imigos.
 Tambem Diogo da Sylva ali passava
 Hum immenso trabalho pelejando,
 E a vida levemente offerecendo
 Ao notavel perigo, manifesto.
 Vendo estes duros homens que os imigos
 Hiaõ prevalecendo, e que os feriam
 Crudelissimamente, muy furiosos:
 Animaõse huns aos outros, e arremetem
 Com furor denodado, com dobradas

82 SVCCESSE DO SEGVNDO

Forças, e corações; ferindo rijo
 Aos que ja se mostravam vencedores.
 Foy este impeto tal, com tal braveza,
 Que os inimigos nam podem resistillo:
 Retirandose vão com grande pressa:
 E os soldados fingindo este desmayo,
 Huma grita levantam, todos juntos
 Dizendo: Nam nos fique nenhum vivo.
 E com estas palavras vão banhando,
 As agudas espadas cortadoras,
 No sangue que lhe fae pelas feridas,
 Em grandes, e escumosas espadanas.
 Derrubão com fains de grossas astas,
 Os que ja no mais alto estam dos muros:
 E os outros que apegados nas escadas
 Estam, lhes fazem dar daquella altura
 A seu pesar mortaes, e grandes saltos,
 Com que as pernas quebravam, e as cabeças
 Escondidos miolos descubriam.
 Assim com muita perda se afastaram,
 Morrendo muitos delles: e na estancia
 Alguns ficam dos nossos, mal feridos,
 Morrendo dous nam mais, neste travado,
 E revoltos combate perigoso.

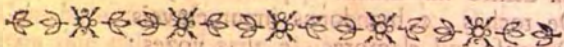
Afastados os Mouros, deram fogo
 Aos grandes basiliscos, que ali tinham
 Afastados defronte, estrelecendo
 A terra toda á roda, com muy grandes,
 E fortes bombardadas. Os pelouros
 Tam juto hirão passando das cabeças
 Dos que na estancia estavam, que o rogado

CERCO DE DIV. CANTO. VIII. 87

Do vento impetuoso fo bastava ,
 A por espanto , e medo a quem nam fosse
 Tam costumado a ouvillos cada hora.
 Despois deste combate , grande tento
 Os soldados tiveram nas estancias :
 Com summa vigilancia dos fidalgos ,
 E dos capitaes grandes que ali estavam.
 Nunca mais os inimigos se atreveram
 Sobir tam descubertos : mas sobiam
 Agachados , medrosos : e chegando
 Ao lugar , que as bombardas lhes concedem ,
 Deitam dali de cima ardendo em fogo
 Cada momento muitas alcanzias.
 Outras vezes ao som dos instrumentos ,
 Mostram quererem dar outros combates ,
 Arvorando bandeiras , com mil gritas :
 E quando a gente toda em cada estancia
 Apercebida estava , e posta em armas ,
 Disparam basaliscos espantosos ,
 E outros muy grossos tiroes : os quaes davam
 Por permiffam divina , nos entulhos ,
 Sem fazer muyto dano : todavia
 Mataram alguns homens. Bem merece
 Ficar o preço , esforço , e valentia
 Dos soldados , que os quartos vigiavam ,
 Em perpetua memoria , em todo tempo :
 Aos quaes os furiosos basaliscos ,
 Cujos pelouros punham grande espanto :
 Nem aquellas ardentes alcanzias ,
 Que em vivas chamas vinham de continuo ,
 Nunca tiveram força que bastass :

84 SVCCESSE DO SEGVNDO

A lhes pôr algum medo , antes oufadoss
Com animos ferozes , vão brandindo
As grossas , telas lanças , pelo meyo
Daquelle infernal fumo , e fogo ardente.
Chegavanse queimados , e feridos
Aos lugares que estam mais perigosos ,
E das bombardas mais danificados.
Cubertos de fumaça , espessa , e negra :
Os braços , e as espadas vão movendo
Com furia , porque os Mouros nesta pressa
Confusa , e revoltosa nam entrassem.
Assi acabam seus quartos da vigia :
E ainda que estam quasi meynos mortos ,
O lugar nam daram por muito preço.
Neste tal tempo , ja , mais de sesenta
Esforçados soldados tinham dado
As almas pelejando , ao que as remira :
E outros muitos tambem estavam postos
No termo derradeiro , mal feridos.
Pois como ja tivessem , concertados
Os Mouros , os caminhos que sobiam
Aos baluartes ambos , onde estavam
Dom Fernando de Castro , e Luis de Souza :
Tendo a cava de todo ja entulhada ,
Entrar por força de armas determinam ,
E vingança cruel tomar de quantos
Males dos Portugueses receberam.



Neste Canto nono se trata do segundo combate
 que os Mouros deram na fortaleza, e de como
 a entraram, e foy tornada a cobrar. Trata tam-
 bem da morte de Iurzarão Abexim capitam da
 gente que o Soltam ali trouxera.

Q Vem puser firme em Deos sua esperança
 Na mor força do mal, tera o remedio.

Quando os perigos vir mais manifestos,

La do Ceo lhe virá certo o coccorro.

Exemplos temos muitos nas sagradas

Antiguas scripturas que seguimos.

Nunca Deos se esqueceo dos que o confessam.

Se com fervor, e se seu nome invocam.

Daquelle baluarte fabricado,

No meyo das salgadas, grossas ondas,

A Cidade se via, e tudo quanto

Os Mouros nella fazem, se devisa.

Vinte e quatro de Julho eram compridos,

Em era de quinhentos, e quarenta,

E seis, affora mil: que Christo ao mundo

Veo por nos nascer em lugar pobre,

Quando o Sol recolhido, ja mostrava

Huma sombra, que o Ceo, e terra occupa:

Os clarissimos ares convertendo,

Em tenebrosa cor avorrecida.

Da maritima estancia viram todos

Os que para defensa nella estavam,

36 SVCCESŒO D O SEGVNDO

La dentro na Cidade resplandores ,
 De rochas , e brandoens innumeraveis.
 Ouvenſe mil clamores , e altas vozes :
 Merce pedindo em vaõ a eſſe maldito
 Inventor do alcoram , e ſecta falſa.
 Polas principaes ruas vay luzindo ,
 A grande prociffam abominavel ,
 Entrando nas mezquitas muitas vezes :
 As quaes de luminarias , e de gente
 Eſtavam todas cheas , e tornando.
 A ſair polas portas , com devotas
 Rogativas , favor , e ajuda pedem.
 Vendo Fernam Carvalho a novidade ,
 E aquellas tam nefandas ceremonias ,
 Num pequeno batel ſe embarcou logo :
 Indoſe a fortaleza , diſſe tudo
 Quanto la ſe paſſava na Cidade
 Ao capitam , que bem entendeo eſta
 Superſtiçam ſer feita , para darem
 Fortiſſimo combate ; logo manda
 Dizer aos capitaes , que apercebidos ,
 E armados eſtem todos : que por certo ,
 E ſem duvida tem , que a meſma noite ,
 Ou no ſeguinte dia , acometidos
 Polos Mouros , ſeram com grande força.
 Neftes dous baluartes arrafados
 Eſtavam dom Fernando , e Luis de Souſa ;
 Em Sam Joaõ eſtava dom Fernando :
 Que por ſer mais batido , e menos forte
 O capitam lho deo , que o defendeſſe.
 E no cubello , feito antre elles ambos

CERCO DE DIV. CANTO IX. 87

Esta Antonio Peçanha sempre prestes :
 Com hum coração vivo , e animoso ,
 Para que dali possa a qualquer parte
 Destas duas effancias dar socorro.

O' Padre eterno Deos omnipotente ,
 Chegada he ja a fazam : chegado o tempo
 Que com vosso favor será cantada
 A grande valletia , o vivo esforço
 Dos Portuguezes , vossos cavalleiros ,
 A que vos neste cerco concedestes
 Pelejando por vos , tanta honra , e fama.
 Eu contarey as horridas batalhas :
 As famosas victorias que ali foram
 Compradas com tam puro , e limpo sangue.
 Inspiraime senhor hum novo alento :
 Concedeime abundosa , e larga vea :
 Que para eu escrever cousas tamanhas ,
 Chegarme a vos meu Deos me he necessario.

Aquelle sacro dia ja chegava ,
 Em que a Igreja sanctissima Romana ,
 Com mil grandes louvores , faz memoria
 Do Apostolo Espanhol , a cujo templo
 Concorre quasi toda a Christandade :
 Quando os Turcos , e Mouros determinam
 Entrar na fortaleza , a força de armas.
 Ainda a bella aurora nam mostrava
 Os seus louros cabellos , quando tinham
 Postos seus esquadroes em bom concerto :
 Postas suas bandeiras em lugares
 Onde ficam senhoras , e devassam
 A fortaleza , e muros Portuguezes.

88 SVCCESSE DO SEGVNDO

Levando com solemne reverencia,
 E honrado acatamento, húa figura
 De aspecto ferosissimo, espantoso:
 A qual representava o seu propheta,
 Perverso, e causador de tantos males.
 Estando todos ja perto dos muros,
 Cheos de confiança, e vaã soberba:
 Com fermosos guioês, e mil bandeiras
 Desfatadas ao vento: tocam muitos
 Instrumentos da guerra, dando gritas,
 Que com medonho estrodo vaõ rompendo
 O ar, e as altas nuvês. Todos juntos
 Com impeto arremetem, e em tres partes
 Daõ hum assalto fero: mas em todas
 Acharam forte, e dura resistencia.
 Os nossos arremessam com grã furia,
 E com igual destreza, toda sorte
 De offensivas, crueis, e duras armas.
 Impellemnos com força, como aquelles
 Que o mais de sua vida exercitaram
 Em asperos combates, em batalhas
 Perigosas, e duras: arriscando
 Cada momento as vidas pola honra.
 Capitaês excelentes, de ambas partes
 Acodem, animando os seus soldados:
 Os quaes cada hum deffende, e guarda o posto
 Que com perigo lhe assignou a sorte.
 Alçase hum gram clamor, e vozaria,
 Que o campo reuinar faz todo em roda,
 Cada momento mais, e mais se ascende
 A furia do combate sanguinoso.

CERCO DE DIV. CANTO. IX. 89

Os muros , as estancias todas ardem ,
 Com corruscantes rayos : caem grandes
 Montes de corpos mortos dos inimigos.
 Acoje aqui a fról dos Sarracinos :
 Frecham com força , e pressa curvos arcos :
 Lançam dardos espessos , com que ferem ,
 E maltratam valentes cavalleiros.
 Aqui aos cercados dam grande trabalho ,
 As homicidas setas , escondidas
 Polas escuras sombras , e ares negros.
 Aqui perdendo os Mouros vidas , perdem
 As almas para sempre , cousa digna
 De lastimosa dor , e sentimento.
 Dom Fernando de Castro aqui peleja ,
 Com coração , e animo invencivel :
 Resistindo aos inimigos , tinge a espada
 De sangue fresco , e quente , sobre aquelle
 Que nella estava ja qualhado , e frio.
 Dom Francisco Dalmeida , grande parte
 Sostem do fero assalto , dando muitos ,
 E grandissimos golpes : pois dom Pedro
 Dalmeida seu ymaão , bem claro mostra
 Hum coração mayor do que prometem
 Os poucos annos seus , e tenra idade.
 Estava ali diante o forte moço ,
 Soffrendo a força , e furia do perigo :
 De laminas cuberto , e dum escudo ,
 Cortado dos pesados , duros golpes.
 Encima da cabeça hũa celada ,
 Que ferida do Sol , outra vez torna
 Mandar ao alto Ceo os claros rayos.

90 SVCCESO DO SEGVNDO

O rostro juvenil, em cor sanguinha
 Convertido, mostrava a grande affronta,
 E o trabalho em que está, soffrendo, e dando
 Golpes de muita força. Luis de Souza
 Também se mostra aqui ousado, e duro:
 Por força deffendendo a entrada aos Mouros:
 Aqui Antonio peçanha fortemente.
 Acometido foy polos contrairos,
 Com muitas espingardas, e com grande
 Cantidade de setas: mas com forças,
 Com fero coração dos seus soldados,
 E grande esforço seu, vai resistindo.
 O impeto, e furor destes imigos.
 Em todas partes foam grandes golpes:
 Desparanse espingardas, e huma soma
 De lanças mil de fogo arremesadas.
 Ouvesse hum grande estrondo: hum gran rugido
 Das armas: como quando no gram monte
 Etna, os feros ministros de Vulcano
 Com agua, terra, fogo, e ar forjavam
 A Jupiter coriscos, atroando
 As sombrias moradas com continuas,
 E grandes martelladas. Aqui os gritos,
 E hum alarido triste, ate as estrellas;
 Dos miseros que morrem, vai sobindo.
 Bem se pelleja, e fete em ambas partes:
 Bem se conhecem forças, e ousadia.
 Neste tempo era tanta a força, e pressa
 De lanças, dardos, setas, e espingardas:
 De tam continos golpes, que parece
 A machina do mundo destruirse.

Tal era a tenebrosa escuridade ,
 E tal a confusam , que punha espanto
 Em todo coraçam : mas nesta sombra
 Escura , negra , e triste resplandecem
 Nos altos muros , fogos rutilantes
 De alcanzias , que lançam com gram furia
 Os nossos aos inimigos : que profiam
 Na fortaleza entrar por pura força.
 Estando este combate alli affrontado ,
 E a batalha em seu peso mais esquivia :
 Os soldados que estavam para guarda
 E vigia da rocha , vem correndo ,
 Metense na revolta perigosa :
 Desemparando todo aquelle lançaço.
 Do muro que velavaõ. Foy sentido
 Do Iuzarcaõ , que estava isto deserto :
 E como fosse ousado , vem depressa ,
 Nos tenebrosos ares escondido ,
 Traz consigo Abexins , e fortes Turcos ,
 Traz escadas , que foram num momento
 Arrimadas na rocha : Sobem logo
 Com gram desenvoltura , e entram dentro
 Polo desemparado , fraco muro.
 Levantam seus guioens , e nelle os firmaõ ,
 Julgando por rendida a fortaleza.
 Muitos decem a rua , e vaõ buscando
 As casas de molheres povoadas ,
 E de tenros mininos , cuja idade
 As armas , e a pejeja lhe impedia.
 Ouvindo este rumor , abre hũa porta
 Hũa molher , por ver que era o que ouvira :

92 SVCCESSE DO SEGVNDO

E como conheceo que eram imigos
 Congelafelhe o sangue nas entranhas:
 Fogelhe a cor do rosto, e ja querendo
 Alevantar hum grito, fica muda,
 Cortado o coraçam, e a voz pegada
 No meyo da garganta: como aquelle
 Que metido em prizam por graves culpas,
 Por casos que prometem certa morte,
 Affrontada, e medrosa de continuo,
 A misera alma tem, sempre temendo
 A horrida, final, dura sentença:
 Como a nova lhe dam, desconfolada,
 E o ministro cruel apercebido
 Ve, para executar o triste officio:
 Com extrema fraqueza se lhe cerram
 Os espiritos vitaes, e de improvizo
 De todo fica frio, emmudecido:
 Trespaffado de dor, e mortal ansia.
 Ao tempo que a mulher a porta abria,
 Hum Turco chega a ella, e vendoa triste,
 Que com mortal desmayo toda treme,
 Dizlhe: Nam ajaz medo: mas dinheiro
 Me traze todo aqui quanto tiveres;
 Aquelle sobrefalto, e temor grande
 Que a misera sentio, ja lhe concede
 Ao animo o vigor, o uso á lingua,
 E com cansada voz lhe diz: Espera,
 Que ja por elle vou. O Turco incauto;
 Deulhe lugar que fosse: e num momento
 Pola porta se fae, indo correndo
 Com temerosos passos, parecia

Nam

CERCO DE DIV. CANTO. IX. 97

Nam se poder mover. Como acontece
 Aquelle que na praça deixa morto,
 E ja de todo frio, o adversario.
 Ouvindo o rebuliço, ouvindo os gritos,
 E os altos alaridos das molheres:
 Vai para se acolher, e porse em salvo,
 Com rosto demudado, e cor defuncta:
 Mas a torvaçam grande nam consente,
 Que com desenvoltura mova os passos.
 Vai com tal sobrefalto atribulada,
 A casa de huma amiga, que ali junto
 Era vizinha sua: com voz baixa,
 E medrosa, lhe diz que ja os inimigos
 Dentro na fortaleza estavam todos.
 A outra se levanta dando gritos,
 Aos quaes logo acodio outra vezinha
 Casada, que entendendo este successo
 E infelice, desestrado: va-se a casa,
 Arrebata huma lança, e vem correndo
 Com coraçam ousado, com esforço,
 E animo varoil. Como se mostra
 A soberba lioa, brava, e fera,
 Quando os pequenos filhos acha menos:
 Do natural amor pungida, salta
 Por montanhas espessas, e altos montes,
 Os olhos revolvendo encarniçados,
 Sangue nelles mostrando, e vivo fogo:
 Com mortal raiva bate os brancos dentes,
 E de horrendos bramidos enche os ares.
 Chega a illustre molher assi furiosa,
 Sem nella se enxergar femeníl medo:

Mas

94 SVCCESSE DO SEGVNDO

Mas com furor , e colera acomete
 Alguns Turcos que estavam recolhidos
 Num pequeno portal , co a noite escuro ,
 E com grandes lançadas lhes defende ,
 E resiste a saida. Nunca foram
 Harpalice , e Camila nas batalhas
 Tam ousadas , e fortes. Neste tempo
 Andando o Capitam correndo todos
 Os lugares de affronta , e acodindo
 Aos mayores perigos , e trabalhos:
 Trazendo dous soldados sos consigo ,
 E outro criado seu , que o acompanha ,
 Que nas mãos hum guiaõ traz arvorado :
 Eis aqui vem correndo quanto podem ,
 Tres homens dando brados , e deziã ,
 Que os Turcos escalarã pola banda
 Do mar , a fortaleza , e estã dentro.
 Pois como ao Capitam foy dada a nova ,
 Manda a hum destes tres , que a todos quantos
 Encontrar polas ruas , va guiando
 Para a estancia do mar com grande pressa ,
 O segundo mandou a hũa estancia ,
 Que dos Mouros esta desaffrontada :
 Os soldados chamando , que ahi estavam ,
 Avisaos que se calem , que nam digam
 O perigoso estado em que estã postos :
 Porque aquelles que estavam pelejando
 Nos outros baluartes , affrontados
 Dos inimigos soberbos , e atrevidos :
 Ouvindo como estava a fortaleza
 Pola banda do mar , quasi rendida ,

CERCO DE DIV. CANTO. IX. 99

Nam deixassem vazios os lugares ,
 Que com tanto trabalho defendiam ,
 Por acudir ao mal que nam cuidavam .
 Em Deos so confiado , em Deos so posta
 Toda sua esperanza , diz : Mostraime
 O lugar que os inimigos ja ganharam .
 Polas escuras ruas vai correndo ,
 Sem esperar por mais outro socorro :
 Levando o coraçam aceso em yra ,
 Chega onde os Mouros ja na rua estavam ,
 Para bem pellejar apercebidos .
 Ouve grande rumor de gente armada ,
 Dentro num aposento , e vio na porta
 Hum corpo atravessado , ja espirando .
 Este misero estava enfermo , e fraco
 Onde os Mouros entraram . Vio que o triste
 Tinha grandes feridas , e com vozes
 Da morte ja vezinha embaraçadas ,
 Se queixava , e gemia mansamente .
 Vio estar num telhado vinte Turcos ,
 Com dous guioes lustrosos arvorados :
 E vio outros no muro esperar tempo ;
 Para decer abaixo , e fazer dano .
 Depressa pede hum vaso todo cheo
 De polvora , que quer deiralo dentro
 Na casa onde os inimigos estam fortes .
 Hum Abexim casado estava junto
 Delle , com desmayado , e triste rostro :
 Mandao que logo va , e o vaso traga .
 Mas como refusasse polo medo
 Que tinha concebido , foy forçado

96 SVCCESSE DO SEGVNDO

Tomalo por hum braço : e ja movido
 De raivoso furor , quasi por força ,
 O empuxa , e costringe a yr depressa.
 Dando os primeiros dous forçados passos ,
 Assegurou a morte o temeroso
 Atribulado peito : vindo hum rayo
 De furioso arcabuz , dentro da casa ,
 As entranhas lhe passa facilmente :
 Estendese na terra o corpo inutil ,
 Ia livre do temor , ja morto , e frio.
 Despois que ja trazido foi o vaso ,
 Onde escondido vinha ardente fogo ,
 O capitam nas mãos o toma , e tira
 Co elle dentro a casa : o fogo aceso
 Cruelmente abrasou alguns dos Mouros.
 Remete o capitam , entra chamando
 O divino favor : os Mouros fogem
 Por hum eirado abaixo , donde foram
 Feitos em mil pedaços os seus corpos ,
 E as almas la no escuro , triste reino ,
 A sempiterno fogo condenadas.
 Huma molher vai logo , e traz correndo
 Huma escada : que posta em breve espaço
 Foy naquelle telhado , que sostinha
 O peso dos imigos , que estam nelle.
 Sobre por ella hum homem bem cuberto ,
 Com grosso , e forte escudo : mas de cima
 Hum Mouro o recebeu na aguda ponta
 De huma grossa , mociza , e dura lança :
 E do degrao mais alto , mal ferido
 Com grana força o empuxa , e abaixo o manda.

Cain-

CERCO DE DIV. CANTO. IX. 97

Caindo em terra este homem , vem correndo
 Hum tropel de valentes bons soldados :
 Chamando a vozes altas , o apellido
 Do sancto , defensor da nossa Espanha,
 Envolve-se cos Mouros , e acometem
 Com ousadia , e animo furioso.
 Travase huma batalha horrenda , e aspera :
 Arremessanse lanças de ambas partes ,
 E os lisos capacetes , os escudos
 Retinem com muy grandes , duros golpes.
 Ali anda o Capitam sempre diante ,
 Onde o perigo estava mais notorio :
 Trazendo as armas ja rotas , e a espada
 Toda banhada em sangue , aos seus incita ,
 Dizendo : Ea valentes Portugueses ,
 A vencer costumados , dia he este
 Para ficar de vos eterna fama ,
 E para que mostreis o grande esforço ;
 O preço e o valor que em tudo tendes.
 Com Mouros pelejamos , pouco valem ,
 Que em fim procuram vida , e honra engeitaõ.
 Dizendo estas palavras , todos juntos
 Redobram mais os golpes , e arremetem
 Com dobrado furor. Aqui nam podem
 Os Mouros aguardar o bravo encontro ;
 Da furia Portuguesa , que os costringe
 Buscar algum remedio de salvarse ,
 Retirandose vaõ com grande pressa ,
 Deixando hum lago ali de negro sangue ;
 E alguns corpos sem vida envoltos nelle.
 Mas os soldados cheos de victoria :

98 SVCCESSE DO SEGVNDO

A seguem sem temor, e sobem todos
 Tam travados ao muro, que se arriscam
 Tratarense tam mal, como aos inimigos.
 Aqui com tefas lanças, com gram força
 Aos vencidos empuxam, trespassados
 De hum desmayo mortal, e torpe medo.
 Cegos, desatinados, se arremessam
 Pola parte onde o muro situado
 Está, sobre hũa rocha em grande altura:
 Ao pe da qual, o mar continuamente
 Bramando se desfaz em branca escuma.
 Ficavam por mil partes os pedaços
 Dos miseros, que a morte perseguia:
 As entranhas ficavam penduradas
 Por penedos, de quente sangue tintos:
 E as almas vão com dor naquelle instante,
 Ao reino abominavel dos defunctos.

O' magnimo Eroe, varão forte,
 Capitam excelente, valeroso,
 A quem Belona, e Marte engrandeceram,
 Com insigne triumpho, e fama eterna.
 Se meus versos tiverem algum tempo
 Valor, para que possam ser ouvidos,
 Sempre nelles teras a mayor parte,
 E em lira sonora, com voz alta,
 Seram por my cantados teus louvores.

Ligeiro vinha ja corendo Phebo,
 O seu caminho usado, rodeando,
 Sem parar hum momento, nem cansarse,
 Affugentando a triste, e negra sombra:
 Quando o Capitam torna com victoria,

CERCO DE DIV. CANTO. IX. 93

Para saber o estado do combate ,
 E ver o que era nelle acontecido.
 Aos baluartes chega , que ainda estavam
 Trabalhados assas : mas ja se via
 Nos nossos vantagem conhecida.
 Vendo aquella revolta tam furiosa ,
 Alevantou a voz , alli dizendo.
 A' valentes soldados , á Sanhores ,
 Fazeivos conhecer a estes inimigos :
 Corra por toda a terra do Oriente ,
 A fama deste tam ditoso dia.
 Tiveram tanta força estas palavras ,
 Que os que estavaõ cansados do trabalho
 Tamanho , e tam contino , com dobrado
 Animo acometeram aos contrarios :
 Os quaes , combatem ja com menos força ,
 E com menos soberba que ao principio.
 Andava Iuzarcaõ sempre diante ,
 Costrangendo os soldados á pelleja :
 Mas todos ja mostravaõ , de fraqueza
 Mil sinaes conhecidos. Todo aceso
 Em furia , sem tomar algum descanso ;
 Esforça , anima aos seus , que ja nam podem
 Valerse , nem soffrer ramanhas forças.
 Estando nestes termos o combate ,
 Hum luminoso estrondo vem rompendo
 O ar : este hum pelouro traz consigo
 Rodeado de morte repentina ,
 Encontra Iuzarcam , passalhe o peito
 Com ferida mortal : ali estendido
 Fica , e acelerada vay sua alma ,

100 SVCCESSE DO SEGVNDO

La nas tartareas sombras esconderse.
Esta morte causou grande desmayo
Em todos os imigos, e apartarãse,
Ficando ali mil corpos em pedaços,
E outros mil, e quinhentos mal feridos.

Avida esta victoria, os Portugueses
A Deos d. andolouvores, fazem festas,
Correndo polos muros: com mil gritas
Mostram grande alegria do successo
Tambem afforrunado, e tam ditoso.
Nos Mouros o contrairo se enxergava:
Huns fazem sentimento por amigos,
Cujos corpos ali ficam no campo,
Regando a dura terra, com mil rios
De hum escumoso, negro, e frio sangue;
E la no inferno foram trasladadas
Em vivo fogo as almas para sempre.
Outros dão mil sinaes de sentimento,
Porque de Iuzarcam a cruel morte,
Lhe roubara o remedio, e a esperança,
E todo quanto bem os sustentava.
Mas quanta mais tristeza, e mais trabalho
Os Portugueses viaõ nos imigos,
Tanto com mais prazer se alegam todos.
A sete companheiros que morreram
No combate, dão logq sepultura.
Nam se ouvem nas obsequias tristes cantos;
Que a sancta Igreja ordena para os mortos,
Nem officios se rezam com funesto,
E tristissimo som: mas com trombetas,
E com mil alegrias encomendam

As almas destes sete cavalleiros ,
 A aquella que na cruz morreo por ellas.

Affastaraõse os Mouros com tal dano :

Ficando ali mil mortos , e outros tantos ,
 Com quinhentos encima mal feridos.
 Com bandeiras perdidas , e a figura
 Do seu falso propheta Mafamede ,
 Toda despedaçada , e com injurias ,
 Que elles muito sentiram. Logo mandam
 Recado deste triste , e mau successo ,
 Com muita diligencia , ao gram Mamude ;
 Que estava em Madabat. Esta ma nova
 Foy delle assaz sentida , porque via
 Contrastado , offendido o grande exercito ,
 Onde o seu poder todo estava junto ,
 Por tam poucos contrairos : isto lhe era
 Gravissimo tormento , e nunca hum hora
 A sua alma affrontada , se ve. livre
 De tristes , e diversos pensamentos.

Molheres ouve ja de illustre fama :

De excellentes virtudes , e alto preço ,
 Que nos passados tempos bem mostraram
 Ser de grande louvor mercedoras :
 Mas neste tempo agora , muitas se acham ,
 Que em perfeiçoens , excedem as antigas.
 E se o grosseiro vulgo , rudo e torpe
 Presume de aver nellas erro , ou falta ,
 Ignorantes nam devem ser juizes ,
 De cousas onde Deos seu saber mostra.
 Nam he razam que assi fique esquecido
 O zello virtuoso , e o trabalho

Tam contino , e tam grande das caçadas ,
 Viuvas , e solteiras que aqui sempre
 Neste cerco serviram , e estiveram
 Em todos os perigos , e combates :
 Soffrendo grandes fomes , e miserias ,
 Que a coraçõens robustos , muitas vezes
 Fazem desfalecer. E se eu deixasse
 Sem memoria os louvores tam devidos
 Sendo o Ceo testemunha de seus feitos ,
 Elle entam mostraria ao mundo todo
 Com grande gloria e honra , o que por culpa ;
 Ou negligencia minha se perdesse.

Estas , quanto durou o estreito cerco
 (Trazendo cada huma ali consigo
 Os mais pequenos filhos , e criados
 Que nas casas avia) trabalhavaõ
 Trafendo muitas dellas nas cabeças
 Louras , cestos de cal , de pedra , e terra.
 E do grande trabalho , aquelles rostos
 Que a natureza mostra em tenra idade ,
 Em cor de alexandrina roza acesos ,
 Causavam piedade em quem os via
 De espesso pó , de grosso suor cheos.
 Nos combates violentos , e arriscados ,
 Com fortes coraçõens , sem nenhum medo
 Da morte : que presente a cada passo
 Ali se lhes mostrava , davam todas
 Aos soldados , panellas , e alcanzias :
 Que elles com grande furia , das estancias ;
 Sobre os Mouros com força arremessavam.
 E como a luz do Sol , nestes combates

Impedia ficasse, turva e cega,
 De grandes, e fumosas, negras nuvens,
 Per antre as quaes voavaõ duras setas:
 Mil vezes se encravavaõ tenros braços:
 Mil vezes alvos peitos se tingiam,
 Com sangue puro, e quente das entranhas.
 Dalgumas, eram taes estas feridas
 Que a suas almas davam liberdade:
 Outras que tanto mal nam recebiam,
 Tiravam as crueis, ligeiras setas,
 E apretando as feridas se tornavam
 Ao lugar trabalhado, e perigoso.
 No meyo da revolta, crua, e fera;
 Quando a terra, e os ares rebramavaõ,
 Com hum medonho estrondo de bombardas:
 Com gritos, e alaridos de ambas partes,
 Alguãs empeçavam nos maridos
 Charissimos: que ali de mil feridas
 Traspassados, defunctos, se estendiam.
 Outras que antre seus olhos derrubados
 Aquelles corpos viram, que escondidos
 Nove meses trouxeram nas entranhas,
 E com dores gravissimas pariram,
 Em mil pedaços feitos, e pisados,
 De arrebatados pes dos que pelejam.
 E ainda que huma dor pennosa, e grave
 Lhe cortava, e feria as tristes almas:
 Vendo a tam cruel morte de seus filhos,
 Deixavam nos estar, com mãos, e rostros
 Envoltos no seu mesmo negro sangue,
 Ate que o fero assalto se partia,

Ou por noite, ou com perda dos imigos.
 Depois os levantavam dos lugares,
 Onde com tanta honra feneceram:
 E com gemidos baixos, e infinitas
 Lagrimas, lhe ordenavam sepultura.
 Aos soldados feridos acodiam
 Com cousas necessarias: procurando
 Seu remedio, e saude: e ellas mesmas
 Lhes davam de comer, com zello sancto,
 E virtuoso amor. Como em convento
 Observante, costumaõ fazer obras
 Religiosas, sanctas, e devotas,
 Com puro, e sancto intento, e de Deos cheo.
 Affora o seu trabalho tam contino,
 As casas destas donas pareciam
 Hospitales verdadeiros: despendendo
 Seu dinheiro, e fazenda, cos que estavam
 Pobres, necessitados, e feridos.
 Nesta tam virtuosa obra divina,
 Principal era ali Isabel Madeira,
 De Mestre Joaõ molher, fermosa, e moça,
 Que sempre trabalhou, andando prenhe,
 Acarretando terra, e pesos grandes:
 Iustamente devidos a outras forças
 Mayores, e a robustos fortes membros.
 Governava e regia o esquadram fraco
 Dos femininos braços, que contino
 Acarretavam pedra, e grossas vigas:
 Com que se repairavam, e entupiam
 Os lugares batidos com pelouros
 De ferro, cujo peso tinham certos,

Nam menos, antes mais noventa arrateis.
 Aqui Grácia Rodriguez ajudava,
 De Ruy Freire molher: Isabel diaz
 Casada co feitor, tambem servia
 Com grande diligencia, em qualquer parte
 E Catherina Lopez, tambem digna
 De grande nome, e fama: de grande honra
 Molher de Antonio Gil, com outras muitas
 Que grande parte foram na defenza
 Desta tam ruinada fortaleza.

Escreva Tito Livio com palavras
 Ornadas de artificio, engrandecendo
 As illustres Romanas: encareça,
 E levante ate o Cco, seus feitos dignos
 De perpetua memoria: va louvando
 Com elegante estillo, como davam
 As honradas matronas, e as donzellas
 Belissimas, e nobres, quantas joyas:
 Quantas riquezas tinham, para o gasto,
 E paga dos soldados, que animosos
 A trabalhada patria defendiam,
 Que estas davam seus bens: mas neste cerco
 As molheres serviam, e ajudavam
 A reparar os muros com trabalho:
 Quali todos os dias, desde tempo
 Que o Lathonico carro, levantando
 Se vinha do Orizonte, ate que o mundo
 Deixava escuro, e triste, com sua ausencia.
 E quando nos combates, os pelouros
 Que das bombardas vinham rodeados
 De embravecido fogo, aos setis arcs

106 SVCCESO DO SEGVNDO

Inflamavam com fero , horrendo estrondo :
 Andavam sem temor de morte , ou dano ,
 Ajudando os soldados , e acodindo
 Com coufas proveitosas aos feridos.

Os mortos enterravam , onde algumas
 Ficavam maltratadas , das nocivas ,
 E voadoras setas : padecendo

Gravissimos trabalhos , com paciencia ,
 Com grande coraçam , e alta bondade.

Antigo Portugal , Reino ditoso ,
 Ganhado aos infieis : e concedido

Por divino favor , ao Rey primeiro :

Que rasgados os Ceos , vio la na gloria

Cos olhos corporaes , as Sanctas chagas.

Em ti o gram Marte influe sua potencia ,

Fazendote temido , ate nas partes

De ti mais apartadas , onde o Indo ,

E furioso Ganges , com crecidas

Apressadas correntes , vao regando

A fertil , oppulenta , e rica terra.

Muy fera , e belicosa gente crias :

Costumada a vencer grandes batalhas ,

E a romper mil exercitos famosos ,

Com numero pequeno de valentes ,

E fortes cavalleiros : os quaes todos

Dotados sam de esforço , e cortesia.

Pois de honradas matronas , pois de damas

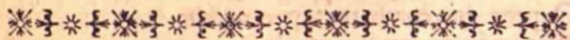
Honestas , e fermosas , bem se pode

Dizer , que es escolhido em todo o mundo.

Governado de Reis prudentes foste ,

Com justiza direita , e sancto zello :

Ao pequeno , ou pobre sempre ouvindo
 Seus agravos , seus males , e misérias.
 Agora em ti florece hum Rey potente ,
 Cuja vinda mostrou ser milagrosa :
 E quando quasi estavas arriscado ,
 Sogeito a mil trabalhos , e perigos ,
 Entam to concedeo aquella eterna
 Divina Magestade. Este promete
 Na sua idade tenra , hum alto preço :
 Hum esforço , e valor , ao mundo raro.
 Este Senhor será perfeito em tudo ,
 Segundo claro delle o Ceo nos mostra :
 Darlhe Deos felices , largos annos ,
 Para que te acrecente em fama , e honra :
 E para que com gloria , e nome eterno ,
 Faça o que delle está prenosticado.



Neste decimo Canto se trata do terceiro , e quarto combate que os Mouros deram. E de como alevantaram a sua artilberia da frontaria da fortaleza.

SE os Troianos do fado perseguidos ,
 Ao falso Sinon nunca deram credito ,
 Nam passara a infilice triste Troya
 Aquelle tam horrivel , bravo incendio.
 Nema aquelle mortal , sangrento estago ,
 No mundo nam ficara por memoria ,
 Se foram prevenidos nos enganos ,

108 SVCCESO DO SEGVNDO

Nas manhas , nos ardis na guerra usados.
 Tristissimo , e turbado estava sempre
 O animo do gram Rey de Cambaya ,
 Vendo que o seu poder era vencido :
 Os seus capitaens mortos , por tam pouca ,
 Debilitada gente , desvelada ,
 Das continuas vigias , nam deixando
 Hum so momento , as trabalhofas armas.
 De escravos fugitivos tinha nova ,
 Da fome que passavam : tambem sabe
 Quantos estam feridos , sem poderem
 Nos muros pelejar. Tinha certeza ,
 Que as estancias estavam derrubadas ,
 E entulhada de todo a funda cava.
 E quando ve que os seus , sendo tam destros :
 Bem armados , e fortes : tendo tanta ,
 E tal artilheria , sempre levam
 O peor dos combates : pouco falta
 Para o juizo perder , e aceso em yra ,
 Manda logo recado , que com forças
 Dobradas acometam : combatendo
 Com animos ferozes juntamente
 Os maltratados muros. Neste tempo ,
 Avendo ja tres dias que era entrado
 Aquelle ardente mes , que em si recolhe
 O soberbo Liaõ , que o grande Alcides
 La na serra Numea matou , dando
 Das suas grandes forças , grande mostra.
 Os Mouros bem defronte a Sanctiago ,
 Hum bestiaõ levantam , alto , e grosso.
 Assaz perjudicial aos Portugueses.

CERCO DE DIV. CANTO. X. 109

O Capitam chamou dom João Dalmeida,
 E seu yrmam dom Pedro, vindo juntos,
 Manda que ambos se vão, acompanhados
 Com cem soldados fortes, e valentes,
 E que ponham por terra aquella força,
 Com perda, dano, e morte dos imigos,
 Ouvindo este mandado os irmaõs ambos,
 Aguardam que o silencio da sombria
 Noite lhes de favor: e vendo que era
 A luz do claro dia, ja mudada
 Em cor escura, e triste, armaõse todos
 De grossa malha, e peitos daço puro:
 Levaos o capitam a hum lugar baixo,
 Que sobre a cava cae: dali deceram
 Por hũa bombardeira mansamente,
 Sem fazer reboliço. Ia decidos,
 Todos juntos na cava, o passo movem
 Quietos: mas das armas bem se ouvia,
 Hum rumor surdo, e baixo: e em chegando
 Onde o bestiaõ estava, sobem logo
 Per hũa estreita ponte, que mandara
 O Capitam fazer naquella parte.
 Os valentes irmaõs acometendo:
 Com vozes altas dizem Sanctiago.
 Cobremse dos escudos, e entram rijo,
 Os seus os seguem, dando grandes golpes.
 Mil gritos vão sobindo ate as estrellas,
 Daquelles que ali estavam descuidados.
 Alterase o arrayal, e poense em armas:
 Aos gritos atinando, disparavam
 Arcabuzes, e setas, com muy grandes,

110 SVCCESO DO SEGVNDO

E vivos alaridos: mas na parte
 Onde a peleja estava em maior força,
 Os Portuguezes dam mortaes lançadas:
 Deixam corpos ali feitos pedaços,
 Banhando a fria terra em negro sangue:
 E vaõse retirando em bom concerto,
 Aguardandose todos, hūs aos outros.
 Ailli na fortaleza entraram juntos,
 Espantados deixando seus contrairros,
 De tamanha onfadia. Nam passaram
 Muitos dias, despois disto que he dito,
 Que logo o capitam mandou quatorze
 Valerosos soldados, pola cava
 Por onde os outros foram: mas sobiram
 Por outra estreita ponte, que ali estava
 Num confuso lavor de altas parèdes
 Que os imigos erguiam, bem fronteiras
 Da estancia S. Joaõ. Chegaram todos
 Com animo esforçado, dando morte
 Aos que neste trabalho andam contino.
 Foge a misera gente com mil gritos
 Acode hum gram tropel de armados homens:
 Crecendo sempre mais a grande turba
 Dos soberbos imigos: mas os nossos
 Com vagaroso passo, se recolhem
 Sem receberem dano, ou perda algũa.

Passados eram ja vinte, e seis dias
 Deste calmoso mes, quando os imigos,
 Em grandes esquadroes vinham guerreiros,
 Marchando a grande pressa: despregadas
 Bandeiras, e guioes a hum brando vento:

Trazendo levantada em grossa lança,
 Do falso Mafamede, outra figura
 Mais fera, mais horribel que a primeira.
 Os compridos cabellos se estendiam,
 No rosto diabolico, mostrando
 Hum aspecto, e sembrante ferocissimo.
 Seguiaõ todos esta insignia torpe,
 Espantosa, infernal, fera, e medonha.
 A hum tempo levantam todos juntos,
 Hũa grita improvisa, e arremetem,
 Sobindo polas partes derrubadas:
 Mas em todas acharam valerosos,
 E duros adversarios, que os recebem
 Com salva de furiosas espingardas:
 Com muy grandes penedos, que com força,
 Com impeto gravissimo, derrubam
 Aos que na dianteira se mostravam,
 De espirito mais ousado. Ia começa
 Acenderse hũa rija, perigosa,
 E travada batalha. D. Fernando
 De Castro, e Luiz de Souza bem resistem
 A entrada violenta, aspera, e dura.
 Dom Francisco Dalmeida, com Dom Pedro
 Dalmeida seu irmão, ambos pelejam
 Co aquelle esforço grande, que os passados
 Perigosos combates defenderam.
 Pois Antonio Peçanha, e Gil Coutinho,
 De suor copioso ambos banhados,
 Os inimigos maltratam. Tambem soffre
 Pero Lopez de Souza hum gram trabalho,
 E Diogo de Reinoso, la na estancia

112 SVCCESSE DO SEGVNDO

Sam João , mostra aver nelle bondade ,
 Affaz merecedora de gram fama.
 Esse Antonio da Cunha , esse da Sylva ,
 Que Andrade tambem tem por sobrenome ,
 Mostram com gram louvor alta bondade.
 Dom João Dalmeida faz da sua estancia
 Dano , e perda notavel , disparando
 Furiosos arcabuzes , e aos soldados
 Incita a pelejar , sendo o primeiro
 Que ao perigo evidente se offerece ,
 Cobrense os baluartes de fumosos ,
 Turvos , grossos vapores : e as estancias
 Em fulminoso fogo todas ardem.
 Alaridos , e gritos se levantam ,
 Com vozes desiguaes , chamando todos ;
 Hús a Christo Jesu crucificado :
 Outros a Mafamede immundo , e torpe.
 Os pagãos capitaes , sofrem trabalho ,
 Constringendo por força os seus que subam :
 Mas vendo aquella turba miseravel
 Como os que sobem , vem ardendo em fogo ,
 Dando mil tristes gritos , das pennosas ,
 E gravissimas dores que padecem ,
 Nam ousam de sobir , antes aguardam
 O castigo cruel dos seus mayores.
 Insofrivel tormento ali causavam ,
 Os trajos de algodam que todos vestem ,
 Que accendendose o fogo levemente
 Nelles , os hia assi queimando vivos.
 Estolado ficava o corpo , e rostro ,
 O braço , e perna , tudo fica ardido.

CERCO DE DIV. CANTO. X. 111

Os homens abrasados, se convertem
 Em disformes visoens, feras, e feas:
 Ficando os Christaõs salvos deste dano.
 Porque o furioso fogo que sobre elles
 Cada momento, os Mouros arremessam,
 Os fez estar a todos prevenidos,
 De cordavaõ fazendo vestiduras,
 Que a labareda ardente defendessem
 E porque falta a algũs este remedio,
 Destas vestes de couro proveitosas,
 O Capitam mandou que se repartam
 Húas douradas peles (ornamento
 No veraõ costumado em ricas casas)
 Por todos os soldados, e que façam
 Vestiduras que as vidas lhe defendam,
 Assaz foy proveitoso este remedio:
 Porque todos os dias se lançavam
 Dentro na fozaleza, ate duzentas
 Grandes panellas, cheas de mortifera
 Confeçam infernal: que tantos males,
 Tantas mortes, e danos, tantas perdas
 No mundo tem causado. Do cubello
 Onde Antonio Peçanha está fizeram
 Grande dano aos imigos, derrubando
 Mortos, e mal feridos muitos delles.

Destroçados os Mouros se affastaram,
 Deixando ali trezentos estendidos:
 Hús tornados em cinza, outros abertos
 Cruelmente as' entranhas: outros levam
 Queimados, e feridos a Cidade.
 Passando de trezentos os feridos,

Para nam tomar armas , e dos nossos
 Ainda que algũs ouve maltratados ,
 Nenhum delles morreo. Pois vendo os Mouros
 Quanto mal este dia receberam ,
 Da estancia que o Peçanha tinha a cargo ,
 Poseram nesta parte aquelle grosso
 Espantoso quartao , que despedia
 Com horrifono estrondo , hum fero , e grande
 Pelouro , cuja roda se igualava
 Aquellas que nos carros vaõ com roucas
 Vozes , e vagaroso movimento.
 Puzeraõno rasteiro encaminhando
 O ponto ao cubello do Peçanha :
 Dando crueis , e grandes bombardadas :
 Mas sempre desta parte lhe respondem
 Com muitas: espingardas : com furiosos ,
 Grossos , e reforçados arcabuzes ,
 Ate que presumiram que o cubello
 Minado estava ja : porque se ouvia
 Hum estrondo contino , e apressado
 Dos agudos picoens , que o muro batem.
 Nestes dias os Mouros procuraram
 Com grande diligencia , astucia , e arte ,
 Entulhar toda a cava ali fronteira
 Da torre Sanctiago : mas foy sempre
 Por hum grosso camelo defendida :
 O qual estando posto ao pe da escada ,
 Da estancia Sam Thome , dali fazia
 Mortalissimo estrago , nos que a torre
 Com fervor entulhavam : muitas vezes
 Os caneiros fazendo mil pedaços ,

Onde muitos morriam: e entendendo
 Os Mouros este dâno, levantaram
 Bestioens de muy grossas, fortes taipas:
 Puseram nelles dous soberbos tiros,
 Cobriraõnos com mantas, de grossura
 Que o violento furor bem resistissem.
 A Sam Thome tiraram tantas vezes,
 Que o camello de todo lhe cegaram:
 E como nam tivessem resistencia,
 Foy chea a funda cava em poucos dias,
 E os que mais se mostravam desejosos
 De bater, e arrasar a fortaleza,
 Com perda, dano, e morte dos que dentro
 Com valeroso esforço a defendiam,
 Eram aquelles maos, perversos homẽs,
 Que na primeira idade receberam,
 O Sagrado Baptismo, e desprezando
 Hum tam alto mysterio, preferiram
 Sua inclinaçam ma, a hum bem tamanho,
 Que Deos lhe prometia. Estes pelejam
 Com furia, com braveza: e aos imigos
 Esforçam com palavras: persuadindo
 Que com grande rigor pelejem todos,
 E os cercados maltratẽm. Tambem pedem
 Que quando for entrada a fortaleza
 (O que cedo seria) nam concedam
 Vida a molheres, velhos, e meninos.
 O' maldade nefanda, ó dignas almas
 De tormento sem fim la nos abismos.
 Apostatas malditos, que perderam
 Hũa tal redempçaõ, hum Dcos tam brando:

116 SVCCESSE DO SEGVNDO

Hum Senhor piadoso , que com morte
 Deshonrada remio nossos peccados.
 O falso Matamede vão seguindo
 (Cegos de todo ja) e os seus conselhos
 Fundados em mentira , e vás promessas.
 Quinze dias avia que o gram Delio
 Com clarissimos rayos ja dourava
 Aquella quarta casa , aonde o signõ
 Do Tropico que ao Norte se declina ,
 Tem nella seu poder , valor , e forças ,
 Quando aquelle Catur , que levou cartas
 A Baçaim , pedindolhe socorro ,
 Ia de Chaul tornava , e nelle vinham
 Nove muy esforçados cavalleiros :
 Todos muy desejosos de chegarem ,
 Onde podessem ter parte nas honras ,
 Que ali com tanto risco se ganhavam.
 Todo quanto prazer na fortaleza
 O navio causou , tanto em dobrado
 Trabalho converteo : que vendo os Mouros
 Como este navegara , lhes parece
 Que tambem mor soccorro acudiria.
 Sabem que em Baçaim , seis centos homens
 Aguardam , que hum bom tempo lhes conceda
 Viagem , amansando o mar inchado ,
 Das grandes travessias , e altas ondas ,
 Que o muy furioso Austro ali levanta ,
 Com força de espantosas tempestades.
 Estas novas sabiam por espias
 Sagazes , que na costa andam continuas.
 Determinar os fez este receo ,

Que

Que os trabalhados muros, e as estancias
 Com tanta furia, e pressa se combatam,
 Que ja sem resistencia os entrem, dando
 Crudelissimas mortes aos veneidos.

Nestes dias mandou o gram Mamude
 A outro Juzarcaõirmaõ do morto,
 Que va ao arrayal, e tome posse
 Do cargo fraternal, com toda a renda,
 E terras que o irmaõ ja possuira:
 O qual polo servir ali perdera
 (Sempre com grande esforço pelejando)
 As terras, mando, e vida juntamente.

O louro, e claro Apollo, desejoso
 De banhar os cavallo la nas grossas
 Ondas daquelle velho horrendo, e bravo:
 Ia declinava hum pouco ao Occidente,
 Quando os Mouros em bom concerto chegaram
 Ao pe da fortaleza, e acometem
 Com animo esforçado os fracos muros.
 Todos vinham soberbos, confiados
 Por serem raes, e tantos: mas ja tinham
 Certeza da gram força dos contraitos,
 E da dura defenfa regurosa
 Que nelles sempre achavam. Neste ponto
 Lhe infundio o gram Marte hũa grande furia,
 E hum desejo entranhavel de vingança:
 Encendeolhe nos peitos hũa honrosa
 Presumpçam, nunca antre elles costumada:
 Para determinar de morrer, antes
 Que o combate deixar sem vencimento.
 Com grande impeto correm, dando gritas

Que

118 SVCCESO DO SEGVNDO

Que os vales, e altos montes atroavam :
 Assi animosos sobem pola estancia ,
 Que Sam Thome se chama , porque a viram
 Danificada , e quazi posta em terra.
 Dom Francisco Dalmeida , nestas horas
 A seu cargo , a vigia tinha deste
 Baluarte tam cahido , e perigoso.
 Vinte , e cinco homês tem nam mais consigo :
 Mas cada hum destes he experimentado ,
 Em combates , afrontas , e trabalhos.
 Todos juntos seguiram dom Francisco ,
 Que diante delles vai ao repentino ,
 Muy improviso , e nam cuidado encontro.
 Cuberto de hum pesado , e forte escudo ,
 Os primeiros cometeo : e a hum que vinha
 Com devisa lustrosa , e ricas armas ,
 Dalhe hum pesado golpe , outro , e outro
 Lhe redobra com força , e entra rijo ,
 Todo aceso em furor lhe esconde a espada
 No meio das entranhas , pola parte
 Por onde a alma se rende mais asinha.
 Lançase impetuoso antre os que ficam :
 Rodea ali com força , e grande pressa
 O incansavel braço a todas partes ,
 Dando muitos , e feros mortaes golpes.
 Assi como se ve lobo raivoso ,
 Que a vorace garganta tem faminta ,
 De sangrenta comida , e costringido
 De dura fome , salta sem receo ,
 (Nem de bravos mastins , nem de pastores)
 Em rebanho de ovelhas temerosas ,

Fazendo nellas hum mortal estrago.
 Os Mouros o rodeam nuni momento:
 Carrega ali sobre elle grande turba,
 Com alarido horrendo, e som das armas:
 Mas elle firma o pe forte, e seguro,
 Sem atras o tornar, espera, e sofre
 Mnitos, e duros golpes. Como quando
 Ena acendida fragua, decem juntos
 Aquelles instrumentos trabalhosos,
 Movidos com gram força, per obreiros
 Que de suor, e po negro cubertos,
 Dando golpes continuos, e apressados,
 A mal composta casa cnchem de vivas
 E de ardentes faiscas, retinindo
 Os negros cantos, e fumoso tecto:
 Assi descarregavam nelle os Mouros
 Mil alfanges, pedras, e zargunchos:
 Os famosos soldados, que o seguiam,
 Com tal exemplo fazem cousas dignas,
 De fama gloriosa, e alto nome:
 O combate travado, e a peleja
 Acendendose em furia sanguinosa:
 Altas vozes se dam na fortaleza,
 Armas, armas bradando. Logo se ouve
 Polos ares delgados, sonnoroso,
 Agudo, e vivo som, alvorocado,
 Do sino, que com pressa chama, e brada:
 Socorrey, socorrey. Eis vem correndo
 O Capitam, e traz força de gente.
 Ia soldados chegavam, ja fidalgos,
 E outros bons cavalleiros se arremessam

120 SVCCESSE DO SEGUNDO

No meyo da batalha, que arde em furia.
 Que como estes imigos sospeitassem
 O propinco socorro: determinam
 De mostrar seu poder, ardis, e forças:
 De todo seu exercito traziam
 Os mais fortes, melhores, e escolhidos
 Naquelle dianteira. O quantas lanças
 Em fogo ardente acetas se arremessam:
 O quantas alcanzias inflamadas,
 Voando vaõ de huma, e outra parte,
 Grande dano causando nos lugares
 Onde acertam cair. Ia se levantam
 Gritos, e ja se dam grandes lançadas:
 Ligéirissimos dardos sacodidos
 De mil valentes, e nervosos braços,
 A muitos corpos ferem mortalmente.
 Ouvense trovoadas contrafeitas,
 De arcabuzes furiosos. Grandes gritos,
 Vozes desconsoladas, ja se ouviam
 Na parte dos imigos; abrafados
 Com espessas panellas acendidas:
 Que hũa carniça fazem de pestifero,
 E peçonhento cheiro. Aqui os fidalgos,
 Capitães, e soldados, bém pelejam
 Por defender, as yidas, que bém vian
 Postas em tanto risco: porque as forças,
 E o impeto dos Mouros era grande,
 E tinham ja queimados, e feridos
 Muitos, e bons soldados. Mas os fortes
 Ousados Portuguezes, nam perdendo
 O lugar que ali tem, assi queimados

CERCO DE DIV. CANTO. X. 121

Pelejam com furor, e grande força.

O vento se mostrava favoravel

Aos imigos que delle se aproveitam:

Levantando eos pes o po do entulho,

O qual vinha por força (constrangido

Do poderoso altopro) dar nos olhos

Dos que a afrontada estancia defendiam.

Os soldados raivosos se apegavam

Nas paredes, e os pes na terra firmão:

Cerram olhos ao po, dentes apertam,

Com colera mil corpos derrubando,

Delles mortos, e delles mal feridos.

Estava o baluarte todo cheo

De corações fetozes, de rebustos,

E muy ousados animos, fervendo

Em todos viva raiva, pelejando

Com espadas, com lanças, e com dardos:

Com grossas chuças, pedras, e alcanzias.

E os que sobir nam podem, disparavam

Compridas espingardas furiosas,

E mil montes de setas, nas estancias,

E mal tratados muros: mas respondem

Das torres, e cubello, com muy grandes,

Medonhas bombardadas, derrubando

Muitos Mouros, e outros em pedaços:

Sem lhe valer o arnes, menos a malha.

Cubellos, baluartes, todo: ardem,

Com coruscantes fogos ardentissimos.

Levantaõse nos ares mil maneiras

De formas diferentes, que o espeffo;

E negro fumo faz: mas em pequeno

122 SVCCESO DO SEGVNDO

Espaço se desfazem. Tambem se alçam
 De turbalento pô nuvens muy grandes:
 Ouvense ná peleja, em cada parte
 Mil brados, e outros mil gemidos tristes:
 Muitas vozes carpidas, e hum estrondo
 Espantoso, de feros mortaes golpes:
 Retrato, e viva imagem dos tormentos,
 E pennas infernaes: mas dos imigos
 Era o pranto choroso, e lamentado,
 Porque o mal quasi todo elles o passam.
 O mais deste combate esteve sempre
 O Capitam ao pe do baluarte
 Sam Thome, onde estava mais revolta,
 Mais acesa, e travada. esta pelleja:
 O necessario esta dali provendo,
 E para socorrer a qualquer parte
 Que os Mouros cometessem. Dom Fernando
 De Castro, acompanhado de muy forte
 Destra, esvolhida gente, defendia
 A estancia Sam Ioaõ: lugar mais fraco,
 E onde muito mais certo está o perigo:
 Por isso o Capitam daqui se mostra
 Descansado por ter taes defensores.
 Por hũa, e outra parte se levantam
 As grandes, temerosas, e altas gritas.
 Nam está ocioso o delicado
 Esquadram feminil, antes acode
 Com summa diligencia, aos que pelejam.
 Aquella cor sanguina ja roubada,
 Traspassadas as timidas entranhas,
 E arrasados os olhos em viva agoa,

Os levantam ao Ceo com efficacia ,
 Pedindo a Deos que aos seus favor conceda.

Como nesta fazam aqui estivessem
 Juntos , os que na fortaleza habitam
 Ate pequenos moços , e os doentes
 Que no hospital procuram seu remedio :
 Eleravos , e outra fraca , debil gente ,
 Faziam retinir os altos ares
 Com clamor sonorofo , e vivos gritos :
 Cauzando confusam , e espanto aos Mouros ;
 Que sabem certo ser a gente de armas
 Pouca , e dibilitada das vigias :
 Das fomes , dos trabalhos , e outros males
 Que ali tinham passados. Ia se apartam
 A pesar de seu grado , e ali deixam
 Mil , e seiscentos Mouros em pedaços ,
 E mal feridos mil , e quatrocentos :
 Dos Portuguezes foram sos tres mortos ,
 Feridos , e queimados trinta , e cinco.
 Assaz turvo , e calmofo era este dia ,
 Escondendosse o Sol por grossas nuvens ,
 E como todo o seu poder mostralle ,
 Naquelle conjunçam , causava grandes
 Lentas calmas , pennosas , e aborridas.
 Isto deu aos soldados gram trabalho ,
 Ficando quasi todos quebrantados ,
 Da quentura do dia brusco , e triste.
 Eram ja neste tempo fallecidos
 A ferro , e de doença , mais de cento ,
 E cincenta dos nossos , sos ficando
 Duzentos , e quarenta , e dous , servindo

124 SVCCESSE DO SEGVNDO

Em reparar os muros , fazer minas ,
 Derrubar edificios , trazer cestos
 De terra , pedra , e cal , sem nunca hum ponto
 Alivio receberem : mas trazendo
 Continuamente as mãos nas duras armas ,
 E os corpos no trabalho. Ia faltava
 Dentro na fortaleza o mantimento ,
 E se se achava algum era tam caro
 Que poucos o compravaõ. Trinta alqueires
 De trigo feito em paõ , por cento , e vinte
 Pardaos de ouro , se vende , e em graõ , por cento
 E trinta , e sete e meio. Dez cruzados
 Para hum enfermo , val hũa galinha.
 Comem gatos algus , comem legumes ,
 E ainda estes por regra. Bebem agoa ,
 Nam de puras , e claras , frias fontes ,
 Nem de rios correntes , cristalinos :
 Mas daquella , causada de vapores
 Humedos , e pesados : que com força
 Da regiaõ do ar , as nuvens lançam
 Em antigua cisterna , e represada ,
 Grossa , e de mão sabor ali se torna.
 A polvora faltava , e nam avia
 Em toda a fortaleza , mais algũa
 Que aquella que despense o basalisco ,
 Que levava de peso quatro arrobas ,
 E esta se faz ali na fortaleza.
 Panelas , e alcanzias tambem faltam ,
 Que era hũa deffensam mais necessaria ,
 De que os Mouros recebem maior dano ;
 E aquella que era dellés mais temida.

CERCO DE DIV. CANTO. X. 129

Sentindo o Capitam esta gram falta,
 Hum ardil inventou desta maneira,
 Duas telhas tomava, e com betume
 De pez negro, e viscoso, ambas abraça,
 E manda encher o vaõ da salitrada
 Pestifera fazinha. Estas serviám
 Ate que se venceo a gram batalha,
 Com ajuda divina: porque a outra
 Que os Portugueses tinham, nam bastava
 Tais imigos vencer, tam belicosos,
 Tam sutis nos ardis: tambem armados,
 Tam duros, destros, fortes, e soberbos.

Estando as cousas ja nestes taes termos,
 Entrando aquelle mes, onde tem força
 Erigo, a bella filha de Deicaso,
 Ao Capitam foy dito, que de nocte
 Ate ponte chegavam algus Mouros:
 Que em numero seriam seis, ou sete,
 E que ali muitas vezes se ajuntavam,
 Ou fosse por esforço, ou interesse:
 Em fim, que as mais das vezes vinham juntos
 Perto da fortaleza. Sendo disto
 O forte Capitam sabedor: manda
 Hum valente soldado (cujo nome
 Era Martim Botelho) que escolheffe
 Nove, ou dez companheiros seus amigos,
 E que armados viessem ja nas horas
 Que em cor escura, e triste fica o mundo.
 Este Martim Botelho era criado
 Do Capitam, e a elle muito acceto,
 Por sua valentia, e grande esforço.

Tinhã robustos membros, tinha forças
 Bem conformes a elles: era ousado,
 De vivo coração, experto, e duro.

Pois como a luz do Sol se transformasse

Nũa sombra espantosa, humeda, e fria,

Os nove companheiros se apresentam

Ao Capitam, contentes, e animosos:

O qual, naquellas horas repartida

Tinha pelas estancias toda a gente.

Vai buscar hum lugar que esta secreto,

Escondido dos Mouros: dali manda

Que hũa corda lançada seja abaixo:

Chama Martim Botelho, e encomendalhe

Que se esconda num poço, onde divise

Os Mouros que ali vem, e que procure

Algũs delles tomar: que lhe de novas,

E o informe de tudo o que no campo

Antre elles se consulta, e se pratica.

Dece Martim Botelho, e apos elle

Decem seus companheiros com silencio:

Escondidos naquelle negro manto,

Em que os ares, e o mundo estam envoltos,

Quando Phebo cansado da jornada,

Nos braços do Oceano ja repousa.

Caminham pelas fraldas do falgado,

E transparente Reino de Neptuno:

Metidos pelas ondas (muitas vezes

Ate junto dos peitos) se lançaram

La no cabo da ponte, e com gram tento

Aguardam pola presa duvidosa,

Com animes ousados, e seguros.

CERCO DE DIV. CANTO. X. 127

Nam tardou muito espaço que sentiram
 Hum confuso rumor, e fallas baixas :
 Que chegandose vinham pouca a pouca
 Para onde elles estavam. Ia ferviam
 Os fortes coraçoes em vivo fogo,
 Por se ver em batalha : e hum desejo
 De fazer cousas dignas de alto nome
 Lhes abraza as entranhas. Assi estavam
 Tqdos apercebidos, aguardando
 Que os inimigos chegassem (que esta noite
 Acafo se acertou virem dezoito)
 E passando per onde os Portugueses
 Agachados estavam, levantouse
 Martim Botelho, e diz aos companheiros :
 O tempo he ja chegado, sus senhores,
 Com animo esforçado, acometamos
 Estes que vem seguros : em dizendo
 Estas palavras, chama Sanctiago.
 Levantaraõse todos bem cubertos
 Dos escudos, e correm dando grita
 Dos muros lhe respondem num momento,
 Com trombetas, com vozes : disparando
 Muitas espingardadas, de que os Mouros
 Que eram na ponte entrados, receberam
 Hum grande sobressalto : ficam todos
 Enleados, medrosos, e confusos :
 Mas vendo que lhes era necessario
 Pelejando morrer, ou vencer estes,
 Esperam com feroz, bravo semblante.
 Animosos se chegam huns aos outros,
 Daõse grandes lançadas, e recebe

128 SVCCESSE DO SEGVNDO

Cada parte igualmente grandes golpes.
 Mas como estes soldados se prezassem
 De honrada opiniaõ, e fossem todos
 Mancebos, destros, fortes, e valentes,
 Claro mostravam ja ser vencedores,
 Redobram mais os golpes, nam podendo
 Os Mouros aguardar tam duras forças,
 A ponte vaõ deixando com seu dano.
 Hum destes, era mais que os outros, fero:
 De grande corpo, forças, e ousadia:
 Dos Nobis era o seu natural sangue:
 Destes nasceo, e destes tinha o nome,
 Com vagaroso passo, retirando
 Se vai, dando, e sofrendo grandes golpes.
 Martin Botelho, vendo que sostinha
 Este todo o trabalho da peleja,
 Determinase entrar co elle a braços:
 Tendo esperança em Deos, aguarda o tempo
 Que o Mouro a lança empuxa com violencia;
 Entrega ao ferro agudo, o escudo forte:
 Desvialhe com mauha a grossa lança,
 Entra ligeiro, e cinge o grande corpo
 Cos nervosos, robustos, duros braços:
 Aperta rijo, e alça os pes, que estavam
 Assiz firmes na ponte: e com tal pressa
 Se chega ao pe do muro, diz: abri-me,
 Que desta vez teremos quem nos diga
 Verdade, do que os Mouros determinam.
 O Capitam deceo, e aberta a porta
 Recebe com prazer o valeroso,
 Estorçado mancebo: entrando dentro

Os nove companheiros rodos juntos
 Sem nenhum perigar. Martim Botelho
 Os braços abre, e solta em terra o Mouro;
 Que estendido ficou sem movimento,
 E o rosto demudado, parecia
 Estar de todo frio, e ja sem vida.
 Hum Físico chamado foy, e violhe
 O pulso differente do desmayo,
 E mortal accidente que mostrava:
 O Capítam com riso, e com voz alta;
 Diz: piquemao com ferro agudo, e limpo;
 E nam tornando em si, passemhe o peito
 De hũa para outra parte, e saberemos
 Que esta morto de todo com verdade.
 Hum soldado arrancando levemente
 A cortadora espada, pica o peito,
 Na parte onde se via trabalhando,
 O coraçam pulsar com puro medo,
 Chegando a dura ponta a carne branda;
 O Mouro se levanta muy ligeiro,
 Pedindo que o nam matem, dando causa
 De grande riso a todos: e apertado
 O resurgido Mouro, contou logo
 Tudo quanto passava na Cidade.
 Tambem contou o estado descontente
 Em que esta Rumeção, continuo triste,
 Por de todo yr perdendo a esperança
 De por força render a fortaleza.
 Vendo os Mouros que tarda ja o socorro
 Que mandaram pedir ao gram Mamude,
 E que a armada Chyristã nam poderia

Muito tempo tardar , alevantaram
 A grossa artiheria , que afeftada
 Tinham na fortaleza : e sendo visto
 Polos que estavam dentro , se alegraram
 Iulgando por final ja de fraqueza.



*Neste undecimo Canto se trata do quinto combate
 que os Moiros deram na fortaleza : onde pe-
 la falsa informaçam de hum Guzarate os Por-
 tugueses receberam grande dano , no incendio ,
 e ruina do baluarte Sam Joaõ.*

Q Vantos successos maos vimos no mundo
 De cousas que os principios tinham prosperos.
 Quam defaistrados casos redundaram ,
 De torpes coraçoens , falsos , fingidos.
 Quantos males , e danos se seguiram ,
 De mentiras cubertas com virtude.
 Quanto podem maldades escondidas ,
 Em sanctas , e singelas apparencias.
 Aqui se pode ver hum claro exemplo ,
 De hum animo danado , e contrafeito ,
 Causador de trabalho , e triste pranto ,
 De espantosas , crueis , e feras mortes.

Estava o baluarte do apelido ,
 Daquelle Evangelista , que no peito
 De Christo reclinado , mil segredos
 Da Sagrada Paixam vio manifestos :
 Situado na parte que ja fora.

CERCO DE DIV. CANTO. XI. 131

Larga, profunda cava, quando o insigne,
 E valeroso Antonio da Sylveira,
 Com forte coraçam resistio todo
 O furo dos Janiçaros valentes,
 Que por terra, e por mar o combatiam,
 Tendo quazi no ponto derradeiro.
 Occupava tambem da rocha firme
 Algũa cantidade, porque quando
 Por Manoel de Souza de Sepulveda
 Redeficada foy, ficou mais larga
 A fortaleza toda. Pois sabendo
 Os Mouros, que esta parte era mais fraca,
 E para o seu intento mais disposta:
 Começam de minar com grande pressa,
 Sem nunca se entender esta tal obra
 Dentro na fortaleza, polo falso
 Estrondo dos picoens, que ali no muro
 Juntamente trabalham, para engano,
 E dissimulaçam da verdadeira,
 Desastrada, infelice, cruel mina.
 Chegandose vem mais: ganhando sempre
 A estancia Sam Thome. Trazem num ponto
 Mil cavallos de pao, fingem sobida
 Proveitosa, no muro: e como fosse
 Este ardil tam nocivo aos Portugueses,
 Ali tem sempre pronto, nesta parte
 O cuidado, com summa vigilancia.
 Nas ilhargas da estancia foram feitos
 Hús revefes, por onde tudo quanto
 Os imigos tratavam, descobria.
 Chovem de la do muro, ali sobre elles,

De fogo rodeados mil pelouros :
 Fazem mortal estrago : mas nam deixam
 O proveitoso ardil , e obra fingida.
 Neste tempo chegou ao pe do muro
 Hum vil trabalhador seu , Guzarate :
 De engano , e de mentira vem armado ,
 Ou lhe fosse danosa , ou conveniente.
 Determina passar misera morte ,
 Se por ventura fosse comprehendido.
 Assi determinado chega , e brada :
 O' soldados (dizendo) soccoreime :
 Nam me negueis favor que sempre acharam
 Em vos outros os miseros ajuda.
 Dizei ao Capitam que quero darlhe ,
 Hum proveitoso aviso , e que lhe cumpre
 Falar logo comigo. Mas os nossos
 Perguntaolhe se quer sobir : dizendo
 O Gienio que si , foy recolhido
 Dentro na fortaleza , e todos mostram
 Grandissimo alvoroço de tal vinda.
 Quanto melhor vos fora ó bons soldados ,
 Disparar todos juntos nesse peito
 Perverso , e causador de hum mal tamanho ,
 Furiosas espingardas : ou com lanças
 As entranhas abrir , onde forjada
 Tanra maldade vinha , que yr de pressa
 Alegres recebello : sendo a causa
 Da morte de taes homens , os mais delles
 Conhecidos fidalgos , e outros muitos
 Notaveis cavalleiros , cujas vidas ;
 Em toda parte foram necessarias.

Mas como alcançaram os mortaes homens ,

Aquillo que o divino entendimento

So consigo dispoem , e determina ?

Ou como fogiram casos adversos

Pola summa potencia permitidos ?

O falso Guzarate rodeado

De muitos cavalleiros , e homens nobres ,

Foy com grande alvoroço dellès todos

Levado ao Capitam : que lhe pergunta

Por novas do que passa na Cidade.

O maldito Gentio com sembrante

Ledo , dissimulado : num momento

Começa a desatar em mil mentiras ,

A venenosa lingoa astuta , e destra

Em toda traiçam. Diz que os Pathanes

Vinham sobre Cambaya , destruindo

Os lugares , e campos , avexando

A gente com mil roubos , e outros males.

Pola qual vinda estava o gram Mamude

Em grande confusam , e arrecooso

Do mal que lhe virá , tinha mandado

Hum forte capitam , prudente , e grave ,

Senhor de muitas terras , e vassalos :

Mogerecaõ chamado , este trazia

Cem Cavalleiros sos , e buscar vinha

A grossa artilheria , para offensa ,

E resistencia dura dos imigos.

Ao Rumeçaõ tambem traz hum recado

Expresso do Soltam : que se va logo ,

E levantando o cerco , fossem todos

Em socorro delRey , com grande pressa.

Isto foy occaziam de levantarem
 Aquella artilheria , grossa , e forte :
 Mas antes que se fossem determinam
 Ambos os capitaens ver se a fortuna
 Lhes ferá num combate favoravel.
 Tudo

De Mogetecaõ era verdadeira :
 O qual consigo traz treze mil homens
 Fortes , e bem armados os mais delles.
 A dessimulaçam foy tal do imigo ,
 E a fingida vontade que mostrava ,
 De querer ser Christão , que todos juntos
 Creram ser verdadeiras as palavras
 Cheas de falsidade , e puro engano.

Alguns dias avia , que nam davam
 Mostra de pelejar : mas com cuidado ,
 E diligente estudo , levantando
 As muy grossas paredes , hiaõ sempre :
 Que a estancia S. Thome ja senhoream.
 Tudo isto parecia ser resguardo
 Do ultimo combate , que esperavam
 Fidalgos , e soldados : tam contentes
 Como se a grandes festas , ou solennes
 Recebimentos fossem : assi todos
 Alegres , festejavam o que estava
 Ordenado do Ceo para seu danno.

Dom Fernando de Castro , neste tempo
 De perigosas febres maltratado
 Estava : mas sabendo que o combate
 Se ordenava de dar , com novas forças
 Se faz para elle prestes , sem poderem

Por alguma maneira deffenderlho.
 Tambem outros mancebos animosos,
 Feridos, e doentes se apercebem:
 Que por ser este dia desejado
 De todos, com prazer, e hum alvoroço
 Grandissimo, quiseram ser presentes
 Em todas as estancias, e ao perigo
 Que elles nam presumiaõ. Ia chegava
 Aquella conjunçam, e triste ponto,
 Em que Atropos furiosa se apercebe:
 Tendo a espada na maõ, e o braço forte
 Levantava no ar: o braço digo
 Com que o fio sotil das vidas corta,
 Sem resistencia algũa: nam fazendo
 Nos annos differença, ou nos estados.

Tu Musa Erato canta com voz alta:

Com lamentado som, funesto, e triste,
 O successo infelice, permitido
 Por respeitos, que so Deos os compreende.
 Os duros coraçõens todos se abrandem:
 Com lagrimas, com dor mostrem moverse,
 Do destino cruel, e fatal caso
 Que aconteceu aqui. Toma tu Musa
 Comigo resumir as tristes mortes
 Daquelles, que com fogo embravecido
 Ao ar arremessados, de la decem
 Ardendo, todos feitos em pedaços.

Dia era do Martyr, que estendido
 Em vivas brasas, disse ao juyz tyrano,
 Que assado estava ja, sentindo grande
 E glorioso descanso em tal tormento:

Quan-

136 SVCCESSE DO SEGVNDO

Quando os imigos todos bem amados,
 E em som de dar combate se chegavam
 Nas horas que o grām Phebo ja sobido,
 No meyo da jornada se mostrava.
 Por detraz das paredes aparecem
 Bandeiras arvoradas, estendidas
 Polos ares delgados. Grandes montes
 De lanças, cujos ferrôs, a mil partes
 Resplandecentes rayos despediam.
 Ao som dos atambores vão marchando:
 Lançando o passo igual, medido, e justo,
 Mostrando hũa animosa confiança.
 Logo final se deu na fortaleza,
 Da vinda que elles tanto desejavam:
 Apressados acodem aos lugares
 Limitados, e certos. Todos mostram
 Grande contentamento, e determinam
 Aventar-se aqui com fama, e nome
 De que memoria fique para sempre.
 Os vivos coraçõens, ja costumados
 A estas affrontas taes, os peitos rompem
 Dos mancebos fidalgõs, desejando
 Verense cos imigos em batalha
 Travada, e perigosa. Neste tempo
 Detiverão-se os Mouros pouco espaço,
 E logo apercebidos á batalha,
 Mostram querer sobit aos baluartes.
 Tocam com grande pressa os atambores,
 E ao tempo que haõ de dar o fero assalto,
 Tornaõ-se para tras acovardados.
 Quando o Capitam vio que alli mostravam

Desusado temor manda num ponto
 Avisar dom Fernando (que com muitos
 Nobres, e fortes homens aguardava
 O impeto dos Mouros) que se affastem
 Todos os capitaes, e os bons soldados
 Que ali com elle estam: porque parece
 Que a detença que viaõ nos imigos
 Era, quererem dar fogo em algumas
 Minas que tinham feitas. Alguns ouve
 Que ouvindo este recado se sairam,
 Daquelle baluarte destinado,
 Para ser de fidalgos sepultura.
 Mas como o que ha de ser nada o impide:
 E ao que Deos determina, niuguem foge:
 Estando todos ja, deste perigo
 Livres, levanta a voz hum valente homem,
 Que Diogo de Reinoso se chamava,
 Dizendo: Nunca Deos isto permita,
 Que os Portugueses tenham tal infamia,
 Nem no mundo se diga, que fizeram
 Couza que se lhes note por fraqueza.
 Pode ser isto ardil, que se deixarmos
 A estancia, sobiram estes imigos,
 Ganhando o que despois, nenhum remedio
 Tera: e se aqui tenho certa a morte,
 Morrer com ganhar honra, isso he o que busco.
 A vos digo senhores, que guardemos
 Esta estancia delRey, e a deffendamos,
 E aquelle que se for, eu lhe prometo
 Dapregoar que faz o que nam deve.
 Tiveram tanta força estas palavras,

Que

133 SVCCESO DO SEGVNDO

Que logo tornam todos ao perigo ,
 Querendo antes morrer que ser notados
 De fazer covardia. Vendo os Mouros
 Que ja no baluarte ninguem cabe ,
 Ferozes arremetem , levantando
 Hũa muy espantosa , e alra grita.
 Os mais ousados sobem , bem cubertos
 Com escudos , os peitos , e as cabeças :
 Mas como achassem dentro a resistencia
 Mais furiosa , e mais dura que as passadas ,
 Retirandose vaõ , mostrando medo.
 Apartados os Mouros , bem puderam
 Iulgar os Portugueses , que era indicio
 Certissimo de darem fogo á mina :
 Mas avia de ser o triste caso ,
 Com tanta desventura acontecido.
 Esta foy a razam , que quasi a todos
 Os olhos lhes cegou. Pois como foram
 Distantes pouco espaço , lançam logo
 Hũa grande panella em fogo ardendo :
 Pegase num momento em grande soma
 De polvora , que estava derramada ,
 Ate dentro na cava antiga , e velha.
 Hum caminho se mostra de hum ligeiro
 Embravecido fogo : que com furia
 Vai correndo ate dar na cava chea
 De polvora , e de salitre. O Deos eterno ;
 Daime Senhor , favor , que eu so nam basto
 Dizer o que aqui fez a repentina ,
 E salitrada chama : que buscando
 Por onde respirar , e achando todos

Os lugares tapados, com gram força
 Repuxa para cima, arrunha, e abre
 O balluarte todo: reatombando
 Os altos, e sotis, delgados ares
 Com estrondo medonho. Hum grosso fumo,
 Turvo, de negra cor, affombra, e cobre
 Todo aquelle lugar. As labaredas
 Arremessam ao Ceo pedras, envoltas
 Com miseraveis corpos (crua, e triste
 Maneira de morrer) de la deciam,
 Hús, de todo ja feitos em pedaços,
 Caindo antre os imigos: outros dentro
 Na fortaleza, mortos com disformes,
 E feas apparencias: outros ficam
 Saõs, e vivos no campo, soterrados
 Ate cima dos peitos, onde os Mouros
 As cabeças lhe cortam num momento.
 Todos estes estavam na ametade,
 Que o balluarte tinha fabricada,
 Sobre o que fora cava em outro tempo:
 E os da outra ametade, que na rocha
 Mais firme se mostrou, que nam passaram
 Tanto trabalho, todos derrubados
 Na cava das ilhargas foram juntos:
 Onde hús quebram os braços, e outros muitos
 Pisam, e torcem pernas, nam podendo
 Sairse do tropel defatinado.
 Outros, os rostros trazem muy disformes
 Inchados, e feridos, todos cheos
 De grandes pisaduras, de caliça,
 De po, de espesso fumo, e negro sangue.

Assim desta maneira, dom Fernando
 De Castro aqui morreo, de dezanove
 Annos, nam bem compridos, esforçado,
 E de animo invencivel: generoso,
 Gentil homem, cortez, discreto, e braudo.
 O' avaro, o cruel preciso fado:
 Ah morte rigurosa, acerba, e triste,
 Cortaste a florecente idade, quando
 Mil triumphos insignes pretendia.
 Aqui morreo tambem dom João Dalmeida,
 Em quem valor das armas se mostrava
 Em summa perfeiçam: varam sesudo,
 Liberal, animoso, e dos soldados
 Amado, e muy bem quisto. Gil Coutinho,
 Ruy de Souza, e Diogo de Reinoso,
 Luis de Mello, e Alvaro Ferreira
 Aqui todos morreram. Tambem foste
 Tu ó Tristam de Sa, gentil mancebo,
 Contado no successo amargo, e triste:
 Cerrou a morte os teus fermosos olhos,
 Com maõ fera, e cruel, antes de tempo.
 Este mancebo foy, quando vivia,
 Antre todos os outros diferente,
 Em ram gram perfeiçam de rostro, e membros
 Que aquelle bello Adonis excedia,
 Por quem Venus ca fez tantos extremos,
 Quando vio traspassado o branco peito,
 E o dente da salvaje, brava, fera,
 Banhado no seu puro, e fresco sangue.
 Co a força do salitre, foy nos ares
 Em grande altura erguido, e delles veyo

Cair na fortaleza sobre hum monte
 De agudos, limpos ferros, e hastas grossas,
 Algũas dellas passam levemente
 Aquelle corpo, em que a natureza
 Quis mostrar seu saber, engenho, e arte,
 Tingindo as vay de sangue, ja cerrando
 Os olhos com sinas de grande penna:
 Mudando a viva cor, e ledo rostro
 Numa amarelidam, e mortal sombra:
 A graça convertendo, que antes tinha
 Na imagem da morte muda, e triste.
 Qual fica o roxo lirio, que o agreste;
 Rustico layrador, com curvo arado
 Arranca do lugar, que o sustenta,
 Dandolhe ali virtude, e fermosura:
 Murchase a verde folha, e se entristece
 A fresca frol, perdendo o humor, e a vida:
 Assi desta mancira o gentil moço
 Inclina o debil collo: cerra os olhos
 Constrangidos da morte, e com profundo
 Gemido espira, e voa ao Ceo sua alma.
 Muitos outros fidalgos, e soldados
 Morreram, que contados eram cento,
 E vinte homens por todos, escapando
 Treze fos, dos quaes tres logo acabaram
 A trabalhosa vida, e o tormento
 Que o fogo lhes causava ardendo vivos.
 Maltratado ficou o forte moço,
 Que dom Pedro Dalmeida se chamava,
 Queimado de hũa parte, foy forçado
 Que a peleja deixasse por huns dias.

Pois como os Mouros viram quanto estrago
 O fogo tinha feito , e que arrasara
 Aquelle baluarte ate o cimento ,
 Sem ficar final delle , correm todos
 Com grandissima furia , dando grita ,
 Que bem se pode ouvir no Ceo mais alto.
 Entram pela fumaça negra , e turva
 Em cerrado tropel : cometem rijo
 Entrar polo lugar falso de muro.
 Acham nelle cinco homens , que resistem
 A farracina furia , com esforço ,
 E coraçoes ousados , todos cinco
 Soffrendo , e dando mil furiosos golpes.
 Era Bastião de Sã hum destes cinco ,
 Outro Antonio Peçanha , valerosos ,
 E valentes mancebos : e outro era
 Mestre João , que ali perdendo a vida
 Foy sentida de muitos , pola falta
 Que lhes fez seu saber : Bento Barbosa
 Varaõ muy esforçado era o quarto ,
 Bartholameu Correa ali cerrava
 O breve , e forte numero , soffrendo
 Todos cinco hum trabalho , e grande affronta.
 Tanto que o Capitam vio , da fortuna
 O defaistrado caso , vem correndo
 Co aquelle coraçam , ousado , e forte
 Que para cousas grandes sempre teve.
 Quatorze ate quinze homens o acompanham ,
 Sem mais outro socorro , e em chegando
 A desigual batalha , a voz levanta
 Dizendo : O valerosos Portugueses ,

Aqui, por Deos percamos nossas vidas :
 Ganhando eterna gloria, e ca no mundo
 Honrada fama, e nome para sempre.
 Dizendo estas palavras, cntra rijo,
 E os cinco companheiros favorece.
 Carrega ali sobre elles, dos imigos
 Hum fermoso esquadram de bons guerreiros :
 Acendese a batalha em furor grande :
 A gente ferve em huma, e outra parte :
 O rogado das armas, e os clamores
 Ia fazem resonar os altos ares.
 Ali fortes escudos nas cabeças
 Levantados, deffendem muitas vidas :
 Ali direitos, e nervosos braços
 Com furor, e com força sãm movidos.
 Huns arremessam lanças, outros decem
 Carne, e armas cortando. Ia se estendem
 Muitos Mouros no campo, e sempre crece
 A grande multidam com mayor furia
 Estando nestes termos o revolto,
 Perigoso combate : eis vem correndo
 Hum Sacro Sacerdote, e traz erguido
 Nas maos hum Crucifixo, que em tal hora
 Ao forte da furor, forças ao fraco :
 Dos outros baluartes, vem correndo
 Tambem alguns soldados, que mostravam
 Querer morrer por elle, e ganhar honra.
 Envolve-se cos Mouros, e o Vigairo
 Chegando, com clamores altos disse :
 O' fieis cavalleiros, vede a Christo
 Que aqui crucificado esta presente :

Olhay

Olhay as sanctas Chagas , que derramaõ
 O sangue divinal , que das. entranhas
 Daquella pura Virgem foy tomado.
 Vede o divino lado todo aberto ,
 E o coraçam partido : vede os braços
 Estendidos na cruz , com mil tormentos ,
 Com mil deshonoras morto , por nos outros,
 Morrey por tam bom Deos , ó Portuguezes ,
 Morrey neste lugar , e a Fe Sagrada
 Deffendi fortemente , que esperando
 Este Senhor está por vossas almas:
 Nam vejais maltratar sua sancta Imagem ,
 Baste o que padeeço por nossas culpas.
 Ajuntavaõse a estas taes palavras
 Outras que o Capitam alto dizia :
 As quaes humas , e outras bem se imprimem
 Nos coraçõens que a sancta Fe confessam.
 Perluadidos assi co a verdadeira ,
 E sancta exortaçam , logo acometem
 Os Mouros ate li victoriosos :
 Com animo invencivel , confiados :
 Vendose acompanhados do divino
 Redemptor que os anima , e lhes da forças,
 Os Mouros por entrar , e os Portuguezes
 Por deffender a entrada , danse grandes ,
 E valentes lançadas. Logo acodem
 As molheres na pressa revoltosa ,
 Com desmayados rostros , acatretam
 Grande somma de pedra , iudo , e vindo
 Com muita diligencia. Tambem fervem
 Os feridos , e enfermos. Combatida ,

E pelejada foy toda esta tarde,
 Revezandose dos Mouros muitas vezes:
 Bem o podem fazer, porque ali passam
 De quatorze mil homens, os que a entrada
 Procuram no lugar aberto, e fraco.
 Em quanto huns pelejam, fazem outros
 A pesar dos imigos, hũa forte,
 Alta, e larga tranqueira. Mil panelas
 Todas ardendo em fogo, se arremessam
 De hũa, e de outra parte, e com mais força
 Muito mais se animava, quando viram
 Que Apollo entrava ja nas grossas ondas,
 Deixando polos arcs estendido
 Hum negro, e triste veo. Pois como a noite
 Se achegasse assombrando todo o mundo,
 Apartanse os imigos, descontentes:
 Perdida ja a esperanza de poderem
 Entrar na fortaleza. Foram mortos
 Trezentos delles neste meyo dia,
 Valentes Abexins, e fortes Turcos.
 Oito centos feridos, e abrasados,
 Lamentando seu mal, com grandes dores,
 Foram la na Cidade recolhidos.
 Tambem dos Portuguezes alguns foram
 Mortos: mas muitos mais dos que faziam
 A obra proveitosa da tranqueira.
 Morreo Mestre João, varam prudente,
 De onfado coraçam, de vivo spirito,
 E muito experimentado em Cururgia.
 Apparrados os Mouros, ajuntouse
 A feminil companhia, em fama illustre,

Para dar sepultura aos que morreram.
 Com lagrimas vaõ todas ao funesto,
 E tristissimo officio, ja nas horas
 Que de estrellas o Ceo todo se pinta.
 Huás levam brandoens, que aos tenebrosos
 Ares vaõ dando luz, outras gemendo,
 De funebres mortalhas vaõ providas.
 Hum pranto baixo, e triste antre ellas se ouve:
 Huns sospiros de la do mais profundo
 Intimo das entranhas: huns saluços
 De desconsolado, e piadoso choro.
 Assi desta maneira chegam onde
 Os corpos ja defunctos, estendidos
 Aguardavam por esta obra tam pia.
 Começam de apartar os que conhecem:
 Logo em brancas mortalhas os envolvem:
 Com olhos feitos fontes, os levantam
 Nos trabalhados braços, e os reclinam
 No geral aposento, escuro, e frio.
 Dom Fernando de Castro alevantaram
 Pisado o corpo todo, e a cabeça
 Amassada das pedras, sem figura
 Do rostro juvenil, risonho, e ledo:
 Levaõno com pesar, e com sospiros,
 Com lagrimas, com dor de todos quantos
 Na fortaleza avia. Os tristes rostros
 Daõ muy claro final da saudade
 Que todos ali sentem, da brandura,
 E da conversaçam do gentil moço.
 Tambem a dom João Dalmeida, e outros
 Fidalgos alevantam, abrasados

CERCO DE DIV. CANTO. XI. 149

Do pernicioso fogo : a todos juntos
Lhe deram para sempre sepultura.

Andando assi tirando os corpos mortos,

Acha Isabel Madeira , o firme amigo
Conjunto em matrimonio , do qual tinha
Tres mininos pequenos : que ali estavam
Em lagrimas banhados , perguntando
A' may desconsolada , que era feito
Do pay , que tem diante em fogo ardido.

A constante mulher , toma o defuncto

Marido nos seus braços , e ajudada

De piadosas amigas , na mortalha

Alvissima o envolve , tendo o rostro

Seguro , sem chorar : mas rodeado

De humia palida cor , e profundissima

Tristeza (sinaes claros do que a alma

La dentro padecia) levam todas

Aquelle mortal peso , e ja deixado

No lugar dedicado a mortuorios ;

Profeguir tornam todas o exercicio

A Deos aceito , e grato , sepultando

Todos os que ficavam. Ia acabado

O trabalho fundado em charidade ,

Vai-se a triste mulher acompanhada

De outras muitas mulheres que lhe ajudam

Chorar seu desamparo , e grande perda.

No vazio aposento entra , dizendo :

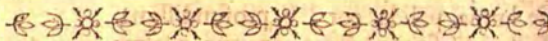
Que cousa pode aver que me consolo

Na vossa morte , ó meu amigo caro ,

Pois em quanto vivi convosco , nunca

Pude estar com razão de vos queixosa.

Dizendo estas palavras, abraçava
 Configo os seus mininos que lhe ficam
 Por suave penhor do bem perdido.
 Depois que os Mouros ja se recolheram,
 Os de dentro acabaram diligentes,
 A tranqueira de todo igual cos muros:
 Com degraos para dentro, porque subam.
 Sem trabalho os soldados deffendela.
 Muitos dias durou o venenoso
 Perjudicial cheiro, de alguns corpos,
 Que nam puderam ser desenterrados:
 Aquelles molestando, que a seu cargo
 Tinham de deffender aquella parte.



*Neste duodecimo Canto se trata como os Mouros
 minaram a torre Sanctiago, e como chegaram
 a fortaleza Antonio Moniz, e Garcia Rodriguez
 de Tavora, apartados da armada de dom Alva-
 ro de Castro, filho mais velho do Viso Rey. Tra-
 ta tambem da vinda de alguns fidalgos: com ou-
 tras cousas que soccederam.*

GRande foy a soberba dos inimigos,
 Vendo os da fortaleza maltratados,
 E muitos delles mortos no passado
 Fero, e medonho incendio. Logo tornam
 Prantar a artilheria nos lugares
 Onde sohia estar: os Mouros chegam,
 Affrontam com palavras aos dos muros,

Mais cheas de arrogancia, que cortêses.
 Começam com dobrada torça, e pressa
 Profeguir o trabalho, e vão picando
 Todo hum laço, do muro, com continuação
 E summa diligencia. Ouvido o estrondo
 Dentro na fortaleza, sospitou-se
 Que o cubello minavam: porque o muro
 Era tal, que nam pode ali romperse,
 Sem discurso de tempo, e gram trabalho.
 Pois vendo estes imigos a dureza,
 E a gram largura delle, num momento
 De lenha, e rama fazem montes altos,
 E arrimados ao muro lhe dam fogo.
 Levantaõse furiosas labaredas,
 Queimando as duras pedras: acaretam
 Os Mouros de vinagre muitos vasos
 Grandes, e tolos cheos: ja se rendem
 As pedras a esta força, e as robustas
 Mãos de picos armadas, ja derrubam
 Com bem pouço trabalho o grosso muro.
 Outra mina fizeram no recanto,
 Que a estancia San Thome e o muro fazem:
 A qual dos Portugueses foy sentida,
 E com muy grande pressa começaram
 Contraminalla fogo. Nestes dias,
 Que no cerco se passa o que he contado,
 O Viso Rey mandou para socorro
 Dom Alvaro de Castro que era filho
 Primogenito seu, com dezfate
 Ligeiras fultas, todas bem providas
 De chusma e munigoens, e bouz soldados.

Navegar cada hum experimentando
 A qual se mostraria ali a fortuna
 Mais amiga , mais branda , e favoravel.
 Avida esta licença , logo tornam
 Importunar o mar , offerecendo
 Todos juntos as vidas ao perigo ,
 Que manifesto estava. Destes todos
 Antonio Moniz foy o que primeiro ,
 Com Garcia Rodriguez dos de Tavora ,
 Ambos juntos entraram num pequeno ,
 E ligeiro catur na fortaleza ,
 Levando sos consigo seis soldados.

Grande contentamento deu a vinda
 Destes dous bons fidalgos companheiros ,
 Dos quaes souberam novas dos navios
 Que com furiosas ondas , e soberbos
 Ventos , ficam travados em peleja.

Ia neste tempo se hiaõ descobrindo
 As minas dos imigos , por aquella
 Que dentro se fazia : sendo visto
 Polos Mouros , repuxo fazem logo.
 E sendo defaseis dias de Agosto ,
 Fogo lhe dam de preffa : mas estavaõ
 Todos tam prevenidos , que affastandose
 Os Mouros , outro tanto ca fizeram
 Dentro na fortaleza : e aceso o fogo
 Nam achando tal força , e resistencia ,
 Qual era necessaria no repuxo ,
 Com aspera braveza atras se torna.
 Leva a face do muro com grande impeto ,
 E com medonho estrondo cae sobre elles :

Que

Que corridos, por nam entrarem dentro
 No passado combate, agora ettavam
 Pouco espaço apartados, esperando
 Que este muro cahisse, para entrarem:
 Arremetendo todos com valente,
 E animosa ousadia: mas bem foram
 Seus oraculos, fortes, e prodigios
 Falsos ao que cuidavam: que este peso
 Amassou, e ferio mais de trezentos:
 Vazandose a furiosa, cruel chama
 Por outras contraminas, que os de dentro
 Abertas tinham ja por outras partes.

Quando o muro cahio, arrebrandando
 A mina dos imigos, levantouse
 Nos altos ares, pô tam grosso, e turvo
 E o fumo foy em tanto estremo negro,
 Que com largo circuito se mostrava
 Hũa cerrada, escura, e triste noite.
 Fidalgos, e soldados todos entram
 Com vivo coração, pola furnaça
 Horribel, atinarido aos baluartes,
 E a todas as tranqueiras: outros sobem
 Em cima do cubello, sem lembrança
 Que lhe podem por fogo. Ia desfeito
 O nevoeiro ali, que o salitrado
 Pestifero vapor tinha estendido:
 O baluarte Sam Thome se mostra
 De hũa, e outra parte, com bandeiras
 Despregadas ao vento, e apparecem
 Todos para batalha, apercebidos.
 Os Portuguezes chegam bem cubertos

Dos escudos, e logo em pouco espaço
 Fazem, que estes imigos se arrependam
 De ser tam diligentes na sobida.
 Muitas espingardadas, muitas lanças
 Arremessadas, vaõ fendendo os ares,
 Rompendo entranhas vivas: mil panellas
 Em labareda acesas, vam voando:
 Tambem valentes pedras, e outras muitas
 Manciras de dar morte. Tal se acerta
 Cahir de agudo dardo atravessado:
 Tal fica ali estendido sem moverse,
 Tocado de pelouro que espingarda
 Com violencia mandou: hum fica ardido
 Em fogo irremediavel: e outro entrega
 A setas crudelissimas o peito.
 Aqui Antonio Moniz mostrava o preço,
 E o valor que nas armas sempre teve:
 Pois Gracia Rodriguez bem trabalha,
 O braço rodeando a todas partes:
 Procura sinalarse no perigo,
 Sem descanço tomar: o rostro banha
 Em suor abundoso, e a dura espada
 No escumoso sangue dos imigos.
 Todos os mais fidalgos, e soldados
 Nam estam de vagar, antes pelem
 Com tal impeto, e furia, que duzentos
 Dos Mouros foram mortos nesta parte,
 E das outras estancias receberam
 Assinalada perda. Ia se affastam
 Maltratados, feridos: e dos nossos
 Alguns perdem as vidas, outros ficam

Com panellas de polvora queimados.
 Coufa de admiraçam, que parecia
 Ser ali milagrosa, que nam sendo
 Os Portuguezes mais, para deffensa
 De todas as estancias tam cahidas,
 Que cento e cincoenta, e os mais delles
 Feridos, e queimados, sempre achavam
 Os inimigos, em todos os lugares
 Forçosa resistencia, que caulava
 Hum grande espanto nelles. Affrontados
 E de alcançar victoria duvidosos,
 Desistem do combate: e recolhidos
 Para a sua Cidade, com tal perda:
 O grande Rumeçaõ afflige o espirito
 Com imaginaçoens todas diversas.
 Sabe que dos Christaõs duzentos eram
 Com mais cincoenta mortos, e outros muitos
 Doentes, mal feridos: e sabendo
 Que naquelle principio que assentaraõ
 Cerco na fortaleza, nam avia
 Outros tantos ali, que armas vestissem:
 Espantase, e nam sabe que remedio
 Nisso possa tomar: desata, e manda
 A fantasia oppressa, por mil partes.
 Arreamentalhe dentro nas entranhas
 O triste coraçam cercado de ansia.
 Assi como frenetico tomado
 Do mortal accidente, que o juizo
 Lhe trastorna de todo, ali imprime
 Mil fantasticas formas alteradas.
 Affronrase o enfermo, e vira os olhos

Desvelados a huma , e outra parte.
 Levanta os braços dando em vaõ mil golpes:
 Com varios delatinos brada , e pede
 Vingança para o mal , que imaginado
 O triste passa ; e sente tanto a penaa ,
 E trabalhos gravissimos causados
 So da imaginaçam , quanto se fossem
 Verdadeiros , e firmes , nam fingidos.
 Desta maneira aquelle belicoso
 Prudente Capitam raivoso , e bravo
 Configo falla so , e diz bradando :
 O fortuna cruel , cruel destino ,
 Como me perseguis com tanto dano ?
 Com tanta infamia minha ? O' altos deoses ,
 Porque me permitis tam grandes males ?
 Porque ordenais , que assi tam pouca gente
 Leve sempre o melhor dos meus combates ?
 Onde , todo o poder que ao Soltam destes
 E toda sua força aqui esta junta.
 Malditos sejais vos ò deoses falsos :
 Maldito seja quem em vos confia ,
 E quem tem postas suas esperanças
 Nos enganos de vossas vans promessas.
 Pois que quereis que a maõs de tam vil gente
 Sejamnos todos mortos , e vencidos :
 Mas isto nam será , que eu tenho forças ,
 E tal poder , que o mundo he ponco , ou nada
 Para me contrastar : quanto mais estes
 Miseros Portugueses , que nam podem ,
 Por razam soffrer ja tam duros males.
 Dizendo estas palavras , todo aceso

Em raivoso furor, manda, num ponto
 Que la na Igreja logo lhe derrubem
 Os altos chapiteos; porque ficando
 As casas sem reparo descubertas,
 Executar pudesse a furia nellas,
 Que no seu coração arde continuo.

Estava a fortaleza tam cahida,
 E tam rotos os muros, que aos inimigos
 Grande esperança davam de victoria.
 Em pouco espaço foy a Igreja toda,
 Com grandes bombardadas derrubada,
 E em todas as estancias sempre avia
 Rebates perigosos. Neste tempo
 Determinam fogir huns tres escravos:
 Confados de achar nos seus socorro,
 E aquella desejada liberdade
 Que os captivos procuram, pondo as vidas
 A perigos, e mortes por salvarse.
 Esperam todos tres que a noite venha
 Darlhes favor, mudando em triste sombra
 A clara, e graciosa luz do dia.
 Ia chegadas as horas opportunas
 Que dam licença a mil secretos males,
 Os conjurados vão a hum lugar baixo
 Examinado, e visto delles antes:
 Deseja cada hum ser o primeiro
 Que de fora se veja posto em salvo.
 Hum dece atentamente com silencio
 Outro seguindo vay os mesmos passos,
 Ficando do terceiro o triste espirito,
 Com medroso receo trabalhado:

Patecendolhe sempre qualquer cousa
 Que ali o ouve, ou ve ser ja sentido,
 Pois vendose ja livres, e seguros,
 Contentes todos tres, vanse á Cidade,
 Ao grande Rumeção apresentados
 Foram, que os receboo alegremente.
 Perguntalhe do estado forte, ou fraco
 Da Christãa fortaleza, e os soldados
 Se receberam grande perda, ou dano
 Daquelle fero incendio, na passada
 Mina, tam desastrada aos Portugueses.
 Os fogidos lhe dam razam de tudo,
 E particular conta: tambem juraõ
 Que la na fortaleza sos avia
 Sesenta homens, que possam tomar armas:
 Porque todos os outros de diversas
 Graves enfermidades, e feridas,
 Maltratados estam, e quasi mortos.
 Sabendo Rumeção o que deseja,
 Aguarda que o gram Delio, claro Apollo
 Venha dar luz as terras offuscadas,
 E sombrias, co a noire fria, e triste.
 Pois como amanhecesse, movem todos
 Com guioens, e bandeiras despregadas:
 Em grandes esquadroens, bem repartidos,
 E para hum fero assalto affaz despostos.
 Chegando perto ja dos baluartes
 Tocase hum sino grande, e aos soldados
 Chama com apressadas, vivas vozes:
 Acodem logo todos diligentes
 Ao rebate improviso, e as estancias

Num momento ficaram povoadas
 De valentes destrissimos mancebos.
 Os Mouros arremetem dando gritas :
 Comerem Sam Thome , porque cuidavam
 Que nesta estancia estava toda a força
 Da mais principal gente : e em chegando
 Começam de subir : mas acham dentro
 Aspera resistencia. Vendo muitos ,
 E bem armados homens , cuidam certo
 Que nesta parte estava a gente toda ,
 E que as outras estancias estariam
 Desemparadas , sos , e sem deffensa.
 Vay hum grande esquadrão muy furioso
 Comer a tranqueira , e achão nella
 Alguns fortes soldados , que os recebem
 Com animos ferozes : huns com setas ,
 Grossas , compridas lanças : outros muitos
 De rodellas nervadas bem cubertos ,
 E nas direiras mãos largas espadas ,
 Provadas ja mil vezes em mil duras
 Arriscadas empresas : outros acham
 Com mortaes , e furiosos arcabuses ,
 Com que muitos perderão na chegada ,
 As vidas , dando as almas aos abismos.
 Vendose estes imigos enganados ,
 Dos Indios que fugiram , vão-se todos
 Affrontados , corridos , condenando
 A miseravel morte os tres fugidos ,
 Para que geralmente fosse exemplo
 A semelhante engano , e ousadia.
 Vendo o gram Rumecão sempre os successos ,

Em

110 SVCCESSE DO SEGVNDO

Em todos os combates diferentes
 Do que elle desejava, mandou logo
 Fazer naquelle muro alguns buracos,
 E por elles, com pedras, e espingardas,
 Manda tirar continuo aquella parte,
 Que por mais baixa ser que as outras ruas
 A cova lhe chamavam. Aqui muitos
 Escravos foram mortos, e em sabendo
 O Capitam tal dano, deu remedio,
 Mandando abrir as casas, e por dentro
 Fazer as serventias: tambem manda
 Repairar com madeira, terra e pedra
 Os topos destas ruas. Vendo os Mouros
 Que a este mal remedio tinham dado:
 Lançavam muitos panos todos cheos
 De polvora, e salitre, que serviam
 Quasi como alcanzias, porque as casas
 Que nesta cova estavam, as mais dellas
 Fram de seca palma fabricadas,
 E dando o fogo nellas, facilmente
 Poderiam queimar-se: mas Deos sempre
 Aos seus Christaõs guardou de tal perigo.

Achandose das minas ajudados
 Estes fortes inimigos, tornam logo
 Minar por outra banda aquella torre
 Que o apelido tem de Sanctiago.
 Mas os cercados vendo este tal dano
 Diligentes acodem ao perigo
 Com huma contramina: e ordenaram
 Logo hum repuxo tal, que bem pudesse
 A' força resistir do embravecido,

E salitrado fogo : o qual foy dado
 Com summa brevidade : e como a torre
 Das grandes batarias estivesse
 Abalada , e movida , cahio toda
 Para a parte contraira dos imigos ,
 Ficando o muro sam : foy Deos servido
 Que os seus nam recebessẽ nenhum dano.
 Aqui os Mouros ganharam desta torre
 Dous camellos , hum sam , outro quebrado :
 E dando todos juntos hũa grita ,
 Que bastara causar qualquer espanto
 Em outros coraçõens menos valentes :
 Com ligeireza sobem pola parte
 Que dantes era torre , agora hum monte
 De pedras , e caliça igual cos muros.
 Seus guioens , e bandeiras assentaram
 Em cima , rodeados de espingardas :
 Dali gram dano fazem aos de dentro ,
 E delle outro tal tambem recebem.
 Os Portugueses poem logo fronteiro
 Hum camello de bronzo , que lançava
 Muy violentos pelouros , que aos imigos
 Que alcançava fazia mil pedaços,
 Ficou a Sancta casa dedicada ,
 Para divinos cantos , e louvores ,
 De Sanctiago , tal , que aõ meyo della
 Era ali deffendido fortemente
 Dos Mouros , pola parte donde a mina
 Huma abertura fez , e dali tolhem
 A entrada aos Christaõs : os quaes fizeram
 Huma gossa parede , resistindo

Os imigos com força , que nam entrem.
 Nesta tal contumacia se gastava
 De cada parte o tempo : ora lançados
 Os Mouros com seu dano : ora sobidos
 A pesar dos que ali lho defendiam.



Neste decimo tercio Canto se trata , como chegaram a fortaleza Luis de Melo de Mendonça , e dom Duarte de Menezes , filho do Conde da Feira , e dom Jorge de Meneses com alguns soldados. Trata tambem da vinda de dom Alvaro de Castro , e dom Francisco de Meneses : e de como o Capitão mor sabio nos imigos , tornandose a recolher com perda , e morte de alguns fidalgos.

O Mundo mal recebe adversidades ,
 Grandes contas a Deos dellas pedimos.
 E se o Ceo nam responde ao que queremos ,
 De nós ousadamente he reprehendido.
 Qualquer pequeno mal julgamos logo
 Por rigor , e aspereza intoleravel ,
 Sem nos lembrar , que Deos , como nos ama ,
 O que nos he melhor , sempre nos busca.
 Se por nós quis vestir humana carne ,
 E padecer na Cruz horrenda morte ,
 Como se pode crer que os nossos males ,
 Para nos fazer mal elle os permita ?
 Sam casos que a divina Providencia

CERCO DE DIV. CANTO. XIII. 163

So para si os guardou, e so os entende,
 Louvemos o que faz, pois he tam justo,
 Sejam boas, ou mas as apparencias.

Quatorze dias eram ja de Agosto,
 Quando esse Luiz de Mello de Mendonça,
 Na pequena galveta embarca, e segue
 Outra vez a viagem, pondo a vida
 Ao perigo evidente, das soberbas,
 E procelosas ondas. Leva nove
 Soldados Portuguezes: mas o tempo
 Naquella conjunçam foy tam furioso,
 Que la dentro no golfam, muitas vezes
 A pequena galveta se cubria
 Daquella tam soberba, e revolta agua.
 Os soldados começam (vendo a força
 Dos ventos, e o mortal termo chegado)
 Enfraquecer de todo, e determinam
 Fazer que o Capitam por força arribem.
 Aires Gomes de Quadros, que era hum delles
 Lhe descobre este intento; mas o forte
 Mancebo, toma as armas desmandadas
 Daquelles que o motim tinham movido.
 Tendo elle nas mãos ambas alto erguida
 Hũa luzente, aguda, larga espada.
 Diz com bravo semblante: Ninguem seja
 Mais ousado a fallar, nem tema dano,
 Que em fim Deos he por nos, e desta affronta
 Todos nos salvará. Sus bons soldados
 Esforçay, esforçay, que nestes tempos
 Se mostram coraçõens livres de medo.
 Dizendo estas palavras, rompe as nuvens

Hũa ligeira luz de vivo fogo :
 Ouveſe polos ares hum rogado
 Espantoso que corre a todas partes :
 Deixaſe vir abaixo impituosa
 Espessa , e grossa chuiva , acompanhada
 De horrendissimo vento , que revolve
 Com grande furia o mar : fica a galveta
 Cuberta de mil ondas , e escondida
 Toda a gente ficou debaixo da agua.
 Aparece outra vez o affadigado ,
 E fumido navio : Soa hũa alta ,
 E miseravel grita , a Deos pedindo
 Mercê , dizem : Senhor misericordia.
 Luiz de Mello esforça a desmayada
 Enfraquecida gente , alto dizendo :
 O nobres companheiros , ó soldados
 Não mostreis tal temor , que os Portugueses
 Assi servem seu Rey. Mores perigos
 Passamos todos ja , pois que fraqueza
 He esta que mostrais injusta agora ?
 Acodi , acodi ao necessario ,
 Nam vos espante a força deste vento ,
 Nem menos estas tam soberbas ondas ,
 Que eu vos affirmo aqui , que Deos nos leve
 Todos a salvamento dentro a Diu.
 Ouvindo estas palavras , toda a gente
 Acode aos ambornacs , e facse humilde
 Toda quanta agua entrou dentro soberba.
 Com tal navegação , tam trabalhosa
 Surgiram dentro em Diu : de que a gente
 Mostrou grande alvoroço , polas novas

CERCO DE DIV. CANTO. XIII. 165

Que deu da outra armada , que ficava
Procurando chegar , soffrendo a furia
Daquelle tam terribel tempestade.

A vinte deste mez tambem chegaram
Dom Jorge de Menezes que a Cidade
De Baroche tomou , e outro mancebo
Chamado dom Duarte de Menezes ,
Filho daquelle antiguo illustre Conde
Que la na Feira tem renda , e governo.
Num Catúr estes ambos vinham juntos .

Trazendo dezafete bons soldados ,
Todos vem desejosos de mostrarem
Honra , valor , esforço , e valentia.

Quis o Capitam mór polòs em parte
Onde se finalassem seus ousados ,
E vivos coraçõens. Entrega logo

A guarda a todos tres do baluarte
San Thome , que os imigos quasi o tinham
De todo ja ganhado , vindo sempre

Com impeto arrunhando pola banda
Donde a mina foy feita junto ao muro.
Estavam ja Senhores , e occupavam

Do enulho , aquella parte que de fora
Para elles se estendia. Muitos ouve
Dos imigos , que neste gram trabalho ,

Vidas , e almas perderam juntamente ,
Sem tornar nunca atras de seu intento.

O Capitam dom João co a nova vinda
De tam bons companheiros , determina
Tornar ganhar aos Mouros tudo quanto
Daquelle baluarte tem perdido.

Apercibidos todos de muy fortes,
 E proveitosas armas, entram dentro
 Do cerco, que os imigos tinham feito
 No mesmo baluarte, e como fossem
 Acesos em furor: em pouco espaço
 Mataram muitos delles, e lançaram
 Com pura força aos outros desta estancia.
 Os Mouros levantaram grande grita.
 E antre ella vivas vozes de bastardas,
 Sonoras trombetas, ao rebate
 Acode a gente toda da Cidade.
 Cobrese num momento o novo muro,
 De mil montes de tefas, grossas lanças,
 De espingardas, de dardos, e de muitos
 Curvos, nervosos arcos. Aparecem
 Bandeiras arvoradas, e hũa turba
 De muy lustrosa, armada, e forte gente.
 Repartense em chegando, polas torres
 De Sanctiago, e Sam Thome: disparam
 Muitas espingardadas, grandes nuvens
 De setas, outros correm dando gritas:
A tranqueira cometem, donde fora
 O desfaste passado. Destas partes
 Os Portugueses fazem mortal dano,
 Pelejando igualmente braço a braço.
 Nesta tal conjunçam o claro Apollo
 Foy escondendo os seus dourados rayos,
 Detraz de grossas nuvens, e cobriose
 O Ceo de negra cor, lançando rijo
 Hũa multidam grande de agua espessa,
 Que fez logo cessar a bataria.

Como os Mouros se viram bem seguros
 Do fogo, todos juntos arremeterem
 Ousados, e combatem sem receo:
 Danse mortaes lançadas huns aos outros,
 Encontranse as espadas cortadoras
 Com pesados alfanges, retinindo
 Os lisos capacetes, e os escudos,
 Com grandes, apressados, duros golpes.
 Dom Duarte, Dom Jorge ambos Menseses,
 Mostram seus coraçoes sem nenhum medo,
 Cubertos dos escudos, apertando
 As espadas nas mãos fazem temerse.
 Dom Francisco Dalmeida esta travado
 Em aspera peleja sem descanso
 Tomar hum só momento: da mil golpes
 Pesados, e furiosos, amostrando
 A muita valentia de que estava
 Seu coração altivo, ornado sempre.
 Aqui Antonio Moniz, e Luis de Mello
 Bem fazem conhecer seu grande esforço,
 As espadas, e as mãos tintas em sangue
 Dos que a elles se chegam mais ousados.
 Pois Gracia Rodriguez bem peleja,
 Com vivo coração, robusto, e duro.
 Assi todos os outros cavalleiros
 Animosos, pelejam com tal pressa,
 Que o mundo parecia ali fundirse.
 O Capitam prudente Mazcarenhas,
 Com diligencia acode aos tres lugares
 Affrontados dos Mouros, com palavras
 Que em tal conjunçam criam novo spirito.

Os soldados anima , socorrendo ,
 E ajudando co a espada cõradora
 Aquelles que tem mais necessidade.
 Frios corpos se estendem ja sem vida ,
 Em hũa , e outra parte : mas dos Mouros
 Era o numero mais : muitos feridos
 A seu pesar deixaram a peleja.
 Querendo os Mouros ja deixar o duro
 Trabalhoso combate , se romperam
 As nuvens la no Oriente , e aparece
 A clarissima face do gram Phebo :
 A agua cessar fez , que do Ceo vinha ,
 E hum tempo concedeo sereno , e limpo.
 Logo os que pelejavam , vendo as nuvens ,
 Esgotadas ja da agua , que ficavam
 Mais leves , e de cor mais aprazivel ,
 Tornaõse ás espingardas , e alcanzias :
 Disparam muitos tiros , e arremessam
 Mil panellas acesas , nas estancias ,
 Chovendo em ambas partes vivo fogo.
 Este sereno tempo toy aos Mouros
 Causa de grande estrago , nam ficando
 De todo livres delle os Portugueses.
 O combate durou mais de seis horas ,
 A noite lhe deu fim , a qual ja vinha
 As terras , e altos ares assõbrando.
 Ficam ali sem vidas muitos mortos :
 Outros muitos feridos , vaõ gemendo
 Lamentando seu mal , seu triste fado.
 Despois deste combate , ao outro dia
 Chegaram Dom Antonio de Taide ,

E Francisco Guilherme , em dous Catures.
 Quinze soldados traz cada hum delles ,
 Envejosos das honras que ganhavam
 Os que esta fortaleza defendiam.
 Do Capitam mor foram recebidos ,
 E dos outros fidalgos com muy grande
 Alvorço , e prazer : estes disseram ,
 Que a outra armada estava pouco espaço
 Apartada dali , que em breves dias
 Surgiria no porto. Com tal nova
 Ficou a gente toda tam contente ,
 Quanta era a vexaçam , e a trabalhosa ,
 Grande necessidade que soffriam.
 Tambem foy grande alivio aos que continuo
 Pedtas acarrretavam , com gram soma
 De terra , e grossas vigas : com que fazem
 Proveitosos repairos , e defensas.
 Logo o Capitaõ mor aos marinhetros
 Mandou que se occupassem no trabalho :
 Dando alivio algum aos ja cansados.
 Quando os imigos viram que hum bom tempo
 Sororro concedia , detreminam
 Com mais pressa minar a fortaleza.
 Que esta so esperança lhes ficava
 De a poder alcançar : se toda junta
 Podesse vir ao chaõ por todas partes.
 Despois de ja assentado este conselho ,
 Começam de minar com brevidade
 Todo o lanço do muro , que corria
 Da tranqueira ao cubelo do Peçanha.
 Bravo fogo lhe daõ : mas prevenidos

Os Portuguezes disto , nenhum dano
 Receberam , e o muro cahio todo.
 Mas dentro tinhaõ ja feito outro muro ,
 Muy alto , largo , e forte , que sosteve
 E resistio a entrada dos contrairos.
 Ia se acarreta terra : ja mil vigas :
 Ia pedra , e outras cousas necessarias.
 Fidalgos , e soldados todos andaõ
 Neste trabalho tal , muy diligentes :
 Acodindo de pressa ao lugar fraco.
 As ricas armas trazem de po cheas :
 Os rostros affrontados , e cubertos
 De abundoso suor , continuo , e grosso.
 Este justo trabalho constrangia ,
 Ser o Capitam mor nelle o primeiro :
 O qual destes fidalgos rodeado ,
 Trazem todos nos ombros graves pesos ,
 Com mais razam dividos a vulgares
 Rusticos jornaleiros : mas a hum nobre
 Sangue , em tal conjunçam tudo he devido.
 Por milagre evidente se julgava ,
 Antre tal multidam de fera gente :
 Antre tantos pelouros , tam continos ,
 Nam ser nenhum dos nossos, Portuguezes ,
 Nem morto , nem ferido neste dia :
 Andando descubertos , sem fazerem
 Caso das bombardadas , e outros tiros
 De espingardas , e setas , que sobre elles
 Espessos vinham la dantre os imigos.
 Os quaes vendo que aqui nam tem remedio :
 Com furor , e com novas forças tornam

CERCO DE DIV. CANTO. XIII. 171

Cometer Sam Thome , e tanto infisitem ,
Que aquelle espaço tomam , que ja dantes
Nelle tinham ganhado. Muitos sobem
Acelos em furor polas paredes
Que estavam derrubadas : fortalecem
O meyo desta estancia , pelejando
Cada momento , e hora , sem deixarem
Tomar algum descanso , aos que amerade
De dentro com esforço deffendiam.

Nesta tal conjunçam , quis o prudente
Dom Joaõ Mascarenhas ter aviso
Do que os Mouros faziam : desejando
Hũa lingua tomar , que lhe de nova
Do que o gram Rumeção la determina.
Escolhe hum valente homem , que em perigos
Se mostrava animoso , cujo nome
Era Antonio Correa , e a este manda
Que leve alguns soldados : embarcando
Num ligeiro Catur , naquellas horas
Em que a noite se mostra mais escura :
Tomando a terra firme , que se via
Fronzeira da outra banda : e ali todos
Escondidos , detras de humas pequenas
Palmeiras , que da estrada estam vezinhas ,
Aguardem alguns Mouros , dos que sempre
Por ali vaõ , e vem : e que hum lhe tragam ,
Que lhe possa dar novas , se sam feitas
De novo no arrayal algumas obras.
O valente soldado despedido
Do Capitam mor , vay logo embarcar-se :
O ferro levantaram de tres dentes ,

Que

Que o Catur sogigava , e mansamente
 Ferem co remo , a onda escurecida
 Co a tenebrosa noite , vam guiando
 Ao lugar limitado , onde estiveraõ ,
 Ate que se mostrou risonha e leda
 A bellissima Aurora : derramando
 Ao derrador do Cco , purpureas rosas.
 Embarcaranse todos descontentes ,
 Por nam poder fazer a desejada
 Presa , que hiaõ buscar: porẽm naõ foraõ
 Sentidos no arrayal , e desta sorte ,
 Duas vezes ali toram , mas ambas
 Assi como a primeira , tornaõ tristes.
 Passados despois disto cinco dias ,
 Ao Capitam disseraõ que hum pequeno
 Fogo , na propria ilha se fazia :
 Quasi no cabo della , e parecendo
 Ser alguma vigia (o que em verdade
 Era , que os Mouros tinham nesta parte)
 Foy Antonio Correa por mandado
 Do Capitaõ geral , logo embarcarse :
 Levando no Catur vinte soldados ,
 Partem do porto , e vaõ remando sempre :
 Chega onde parecia a luz do fogo ,
 E sargido o Catur distante delle ,
 Desembarca o vaiente e bom soldado :
 Viando so de si a incerta empresa .
 Vaife direito ao fogo , e posto em parte
 Onde devisa tudo o que deseja ,
 Vio estar assentados doze Mouros
 Derrador da fogueira que hũas vezes

CERCO DE DIV. CANTO. XIII. 173

Morrendo a labareda, os deixa em sombra,
 Outras torna a dar luz co a diligencia
 Com que os Mouros lhe poem assopro e rama
 Vendo Antonio Correa que eram doze
 Os que estaõ vigiando, vay de pressa:
 Diz a seus companheiros: sus, seguime
 Que remos presa boa, sem nos pormos
 Em risco, ou em ventura de perdernos.
 Todos desembarcando, o vaõ seguindo:
 Levaõ prestes as armas: mas mais prestes
 E ligeiros os pes para a fogida.
 O' baixa, crível gente, que chegando
 Onde os Mouros estavam, todos vinte
 Se tornam para tras, virando as costas
 Fogindo sem lembrança de desonra.
 Fica o Correa ali desemparrado,
 Mas elle so valia mais que os outros,
 Move com força o braço: da mil golpes
 Muy grandes, e pesados: mas os Mouros
 Animosos o cercaõ, levantando
 Alaridos nas nuvens, acometem
 O esforçado varam por todas partes.
 Qual se mostra feroz, raivoso, e bravo
 No campo o Iavali, que perseguido
 De animosos librés, e dos monteiros
 Que a morte lhe procuram, vendo a pressa,
 E alaridos dos caens, que ja lhe chegam,
 Com temerosos roncós, encrespadas
 As irtas sedas, vira, bate o dente
 Agudo, todo envolto em branca escuma,
 E ao que chega hũa vez, faz que nam ouse

Importunalo mais. Affi o animoso ,
 Valeroso soldado aperta rijo
 A espada na mão , e aceso em yra
 Escarmenta os inimigos : mas cansado ,
 E as forças ja de todo enfraquecidas ,
 Nam podendo mover a espada , cerram
 Seus contraitos co elle ousadamente :
 Derrubaõno , e as mãos atras atadas ,
 Desarmada a cabeça , o levam preso
 Ao Capitam geral : que em grande estremo
 Co elle se alegrou , por saber novas
 Do trabalho em que estava a fortaleza.

Pergunta se virá cedo o socorro :
 Se esperam muitas vellas : e pergunta
 Que defenfa terá dom Joaõ , se fosse
 Acometido entaõ por toda a gente
 Que no arrayal avia : quantos eram
 Os homens que podiam tomar armas ,
 E quantos eram mortos no discurso
 De todo aquelle cerco : e outras cousas
 Muito particulares lhe pergunta.

Mas Antonio Correa a nada disto
 Respondeo á vontade de que o Mouro
 Desejava saber , o qual aceso
 Em colera , e furor , manda que seja
 Ao cabo de hum cavallo fortemente
 Atado , e que arrastado seja logo
 Pola Cidade toda : despois manda
 Por ultima sentença que o degolem.

O' mancebo ditoso , que tam perto
 Por essa morte estas de alcançar vida ,

Que para sempre dure descansada.
 Os Martyres no Ceo já te aparelham
 Lugar, para que estés em gloria, dando
 Louvores ao que quis nelle admitirte:
 Angelicos espiritos juntamente
 Se alegram, e festejam teu martyrio.

Os Mouros que apegados estam nelle
 O levam com injurias, dando griira,
 Estendemno no chaõ, e os pes atados
 Ao cabo de hum cavallo, vam contentes
 Arrastando o que estava mais contente,
 Por morrer pola Fe. Levava os olhos
 Levantados no Ceo, com ledo rostro,
 Pelindo a Deos favor em tal tormento.
 Ia leva quebrantado todo o corpo:
 Ia por alguns lugares corre o sangue,
 Que dava testemunho da pennosa
 Grave dor que padece. Acompanhava-o
 Gram concurso de gente, e pelas ruas
 Por onde vay lhe dizem mil injurias
 Com tal penna, e deshonna foy levado
 Por todos os lugares da Cidade,
 E no fim da jornada tam ditosa
 A cabeça lhe cortam: say hum rio
 De puro, e quente sangue: e vay voando
 A invisivel alma libertada,
 Ficando o corpo ali feito pedaços.
 A cabeça fixada em grossa lança
 Foy posta num lugar que esta defronte,
 E vezinho dos muros Portugueses:
 Para que sendo vista dos que dentro

Estavam, recebessem dislo penna.
 Passada a noite, viram la de cima
 Dos muros a cabeça que estilava
 Gotas de negro sangue, e conheçido
 Aquelle mortal rostro dos soldados
 Que as estancias guardavam, vaõ de pressa
 Dizello ao Capitam, que gravemente
 Esta morte sentio, e muitos outros
 Amigos que ali tinha, bem mostraram
 Com lagrimas a dor que as tristes almas
 (Vendo o triste espectáculo) sentiram

Alguns Mouros estavam tam soberbos,
 Vendo a fortuna, e tempo que succedem
 Ambos em seu favor, que procurava
 Mostrarse cada hum de vivo spirito
 Em cousas arriscadas: pondo a vida
 A perigos notaveis, levemente,
 Mostrando hum coraçam sem nenhum medo.
 Aconteceo despois da cruel morte
 Do valente Correa, no segundo
 Dia de seu Martyrio, que intentando
 Hum Mouro fazer cousa, que julgada
 Antre elles todos fosse por muy grande:
 Ousadamente sobe num reparo,
 Que o Capitaõ mandou que se fizesse
 Onde hũa torre foy, com grande força,
 De muiras bombardadas derrubada.
 Despois de ja sobido, afferra rijo:
 Esforçase a levar hũa bandeira
 Que ali estava arvorada: mas nam pode
 Desta vez arrancala, e recolheose

Sem receber dos nossos algum dano.
 O intento do Mouro, ja entendido,
 O Capitam mandou que tres soldados
 Prevenidos estem, porque presume
 Que outra vez tornará provar, se pode
 A bandeira levar, e aparecendo
 Num ponto todos trez, nelle disparem
 Furiosos arcabuzes: porque o Mouro
 Gabando nam se va desta ousadia.

Assi como acontece ao cobiçoso
 Caçador, que deseja empregar tiro
 Na caça, que presume passar cerra,
 Polo posto onde está, ja conhecido
 E examinado dantes, ali aguarda
 Com prontos olhos, e com pronto espirito:
 Vendo que ja aparece, ou toda, ou parte,
 Por antre verdes ramas escondida,
 Num momento despede a ervada seta,
 Que voa rechinando polos ares:
 Num tempo juntamente soa o brado
 Da corda que escapou, e a caça morre.
 Assi estam os soldados aguardando
 Que o Mouro outra vez torne, tendo sempre
 Arcabuzes nos rostros: chega o Mouro
 Afferra na bandeira, e num momento
 Hum dispara a espingarda, corre o fogo
 Embravecido, lança hum fumo espello
 De arrebatada morte acompanhado.
 Polo meyo do peito entra o pelouro,
 Fazendo mil pedaços as entranhas:
 Passa sem se deter as costas, foge

Escondido nos ares , e estendido
 O Mouro fica ali de todo morto.
 O soldado esquecido do perigo ,
 Com muy grande alvoroço sobe ousado ,
 Em cima do reparo , e num momento
 Se lança la na parte , onde estendido
 O Mouro esta debruços : e em chegando
 A elle , sem temor das espingardas ,
 Que da parte contraira lhe tiravam :
 Arranca a espada , e da com grande força
 Hum golpe na garganta , say hum sangue
 Das veas vagaroso , negro , e frio.
 O ditoso mancebo , levantando
 A defunta cabeça , que ficara
 Apartada do corpo , denegrida :
 Retrocidos os olhos , e sangrenta
 A boca mea aberta , recolheose
 Co ella para os nossos , sem ferida ,
 Nem dano receber , assaz contente
 Por lhe succeder bem , com tanta honra
 O feito a que se pos , com tanto risco :
 Nam pertendendo : mais outro interesse ,
 Que aquella fama so ; que os Portugueses
 Antigos procuravam , pondo as vidas
 A mil grandes perigos levemente ,
 So por delles ficar viva memoria :
 O Capitani mandou que fosse logo
 Posta na propria lança , onde a bandeira
 Que elle yinha tomar estava atada.
 Ficou fronteira ali por muitos dias ,
 Da que Antonio Correa perdeu , dando

Ao nome lusitano honrada fama.

Creciam sempre mais em força os Mouros
 Nos asperos combates, ja faltava
 Muy pouco por tomar, e ser senhores
 Da estancia S. Thome: mas acodindo
 O forte Capitam com diligencia,
 Manda pôr hum furioso Basalisco,
 No mais alto da Igreja: e desta estancia
 Sagrada, os Mouros foram maltratados,
 E co aquelle espantoso, grosso tiro,
 Todos seus edificios destruidos.

Neste mez Ruy Fernandez tambem veyo,
 Que era em Chaul feitor, este trazia
 Vinte, e quatro soldados: la se vinha
 Cada hora acrecentando ali o socorro.

Aquelle que venceu o bravo, e fero,
 Espantoso Python, e foy vencido
 De Daphne ninfa bella, isenta, e dura:
 Alegrando ja vinha com seus rayos,
 A casa onde a balança tem num peso
 Igual noites, e dias: quando longe
 Engolfadas no mar, la se devisam
 Vinte vellas inchadas com bom vento,
 Cortando as grossas ondas, e aparecem
 Bandeiras que húa cruz trazem vermelha:
 Outras as Portuguesas Reaes quinas.
 Sinal se deu da armada, num momento
 Acode muita gente aos baluartes,
 Que para o mar tem vista, e delles olham,
 Coino todas as fustas vinham juntas,
 E a pressa com que vem surgir no porto.

180 SVCCESSE DO SEGVNDO

Ia chegadas , disparam muitos tiros ,
 Salvando a fortaleza , e os de dentro ,
 Com algũs lhe respondem dando gritas .
 Sabendo o Capitam mor que ali vinha ,
 Dom Alvaro de Castro , e dom Francisco
 De Meneses , foy logo recebellos ,
 Com todos os fidalgos , e algũs outros
 Cavalleiros de preço. Recolhidos
 Todos na fortaleza , e descansados
 Aquelles que das ondas algum dano ,
 E affronta receberam : foy entregue
 Dom Alvaro de Castro da tranqueira
 Que estava no lugar mofo , e triste ,
 Porque com sua gente so bastava
 Deffendella aos inimigos. Dom Francisco
 De Meneses , se foy ao baluarte
 S. Thome , que ali está quasi caydo ,
 E perigoso assaz. Todos os outros
 Capitaes , e fidalgos se repartem ,
 Delles em Sanctiago , delles nesta
 Estancia S. Thome : que nestas partes
 Todas tres se mostrava ali o perigo
 Muito mais evidente : trazem logo
 Das fustas mantimento , com que a gente
 Satisfeita ficou remedeando
 Suas necessidades alguns dias.
 Ia nam trabalham tanto deffenderse ,
 Quanto por offender a seus inimigos.
 Nisto determinados , allestaram
 Tres camellos de bronzo em tres lugares ,
 Que nas suas estancias , grande dano ,

CERCO DE DIV. CANTO. XIII. 187

Mortalissimo estrago lhe faziam.
 Hum esforço mostravam, com que os Mouros
 Aparecer nam ouſam, nem ſairſe
 Fora dos grandes valos: porque a morto
 Com furia arrebatada, num momento
 Lhes aparece, e da fim deſaſtrado.
 Eſtando neſtes termos hũs, e os outros,
 Confiados nas forças que ali tinham
 Quiſeram retirar os Portugueſes
 Hum grande, e monſtruoſo baſaliſco,
 Que eſtava em S. Thome: mas tanto eſtava
 Medido pola terra, que nem forças,
 Nem industria, nem manha lhe dam vento.
 Pois vendo que era vaõ todo o trabalho,
 E que era por demais poder movello,
 Liganino com amarras fortemente,
 Avendo que aſſi fica bem ſeguro.
 Mas nam lhe ſoccedeo como cuidavam:
 Porque os Mouros que vinham ſolapando
 A eſtancia, que eſte tiro ſuſtentava,
 A fizeram tam fraca, e pouco firme,
 Que ſoffrer nam podendo o grave peſo
 Se rendeo para baixo, e nam podendo
 De todo ali cayr o grande tiro,
 Ficou dependurado das forçoſas,
 E groſſas araduras. Os ſoldados
 Que nas fuſtas vieram, vendo a força
 Com que os muros deſfazem, e o continuo
 Trabalho dos picoẽs, com que no muro
 Hum temeroſo ſom ſempre ſe ouvia:
 Ouvindo elles tambem fallar nas minas:

Na braveza do fogo, que em pedaços
 Arremessa aos ares muro, e homês:
 Pesavalhes do cerco, e determinam
 No campo pelejar como valentes,
 E nam morrer ali por defastrada
 Sorte, como ja a outros succedera.
 Ajuntaõse em conselho antre si mesmos,
 Dizendo, que melhor aos Portugueses
 Seria ser primeiros nos encontros:
 Fazendo elles fogir a seus imigos,
 Que esperar que se fossem livremente
 E sem receber dano: tambem dizem,
 Que se o Capitam mor tinha ganhado,
 Deffendendose tanta fama, e honra,
 Que muito mais louvor lhe estava certo,
 Se pelejando em campo, e em batalha
 Aprazada, os vencesse: e se esquecido
 Da honra, e gloria antiga Portuguesa,
 Isto nam concedesse, que em tam nobre,
 Illustre companhia, certo estava
 Acharse quem seguise esta famosa,
 E tam honrada empresa. Todas estas
 Cousas, antre os soldados se praticam:
 Os quacs todos num corpo amotinados,
 Com animos ferozes se vam juntos
 Buscar o Capitam, e nam o achando
 Naquelle conjunçam, em sua casa,
 Ascendese nos peitos alterados,
 Húa dissenssam grande, e brava furia.
 Aquelle infernal Rey, que as tristes almas
 La no profundo abismo, eternamente

Castiga com rigor, e em prisam dura :
 Com mil pennas, e males sem remedio
 Atribuladas tem, vendo desposta
 Hũa tal conjunçam, em que podia
 Estes noveis soldados Portugueses,
 Com seu Capitam mor revolver todos,
 Com horrida voz chama Alecto, e dizlhe:
 Ao alto mundo sube, e vaite a Diu,
 E aos soldados que agora ali se mostram,
 Contra o Capitam mor quasi divisos,
 Ençherás de furor: movendo antre elles,
 Tam grande dissenssam, que se nam possa
 O Capitam valer, e furiosos
 Os imigos cometam, recebendo
 Aquelle galardam, que de tam leves
 luzos, sempre em taes casos resulta.
 Em quanto Pluthon disse estas palavras,
 Tremco co a voz o centro negro, e triste:
 As immundas cavernas rebramaram,
 E as atligidas almas desmayadas
 De puro medo, ali ficaram mudas
 Os monstros infernaes, polas sombrias
 Concavidades todos se esconderam,
 Do sembrante espantoso, e vista esquiva
 Do bravo, cruel Rey, medonho, e fero.

La no meyo de Italia, ao pe de huns montes
 Altissimos, se faz hum vale escuro
 De negro, e espesso bosque rodeado:
 Polo qual hum medonho, torto Rio
 Corre com gram rugido antre penedos.
 Dentro neste lugar, sombrio, e triste,

Hũa

Hũa profunda cova , e boca horrenda
 Escurissima está , e nella se abre
 Hũa fera garganta , que descobre
 As tristes negras agoas de Acheronte :
 Infernaes , e pestiferos vapores
 Desta espantosa boca vem continos
 Daqui ligeira say aquella horribel ,
 Abominavel furla , que com impio ,
 Duro , sangrento açoute , as tristes almas
 Castiga com rigor perpetuamente.
 Duas asas estende , e solta aos ares ,
 As pennas de cor negra , e pelo triste ,
 Os olhos rutillando ardente fogo ,
 Mostrando hum cenho esquivo , odioso ao mundo
 Palido o rosto , a fronte rodeada ,
 De venenosos Aspides nocivos :
 As mãos , e escura veste , de corrupto
 Humor , e sangue vil , todas manchadas.
 Com estrondo espantoso as asas bate ,
 Despedindo fumoso , e negro lume ,
 A pedragosa altura do Apenino
 Monte , demanda , e la subida para.
 Vira os olhos á parte esquerda , e nota
 Como se vay mostrando por tal parte
 Essa famosa Italia , combatida
 Do Adriatico mar , e mar Thirreno.
 Ve Apullia , e Calabria : ve Siponto ,
 E aquelle monte Gargano vezinho ,
 Illustrado co a luz viva , e fulgente
 Do Arcanjo , a quem Luzbel está rendido.
 Ve Brundusio assistente ao rompimento

Desta gente Cesarea, e Pompeana :
 Ve que do mal passado se lamenta
 Hidruntó em outro tempo, Ottanto agora.
 Ve Tarento feroz, assento antigo
 Dos bravos inimigos dos Romanos,
 E ve deffronte os portos, os de Albania :
 Os de Epyto, Durazo, e os de Velona.
 A pestifera Deosa corre a vista,
 Ao longo da outra costa do Adriatico,
 Ve Dalmacia, com tantas fortalezas,
 Do perfido Tyrano possuydas.
 E os seus povos Illiricos onfados,
 De animos invenciveis, bellicosos :
 Viver agora ja em triste jugo,
 De sozeiçam tirana, dura, e barbara.
 A Istria chega os olhos, e ve nella
 Os Alpes delcansar, despois que a Italia
 Deixam murada, e forte, com mil voltas
 De levantados montes, e agras ferras.
 A Austria ve soberba co Danubio,
 Illustrada das ondas cristalinhas :
 Ve Bohemia cercada da Herecinia,
 Onde o Albis nascendo, a rega, e lava.
 Ve Moravia, e Xaxonia poderosa,
 Por seus cavalloos Frisia conhecida :
 Junto desta vio Hassia, ambas sentadas
 Antre os famosos rios Rheno, e Albis.
 Toda Alemanha ve, onde o gram Phebo
 Oblicos manda os seus dourados rayos :
 Ve Vngria, e Polonia, ambas partidas
 Co as traldas desse gram monte Carpatho.

E vio aquellas gentes obstinadas ,
 Na sua opiniam , e infernal cizma ,
 Que vibrando os nervosos , curvos arcos ,
 Nuvêes de seras lançam nos imigos.
 Lituania , e Livonia , com sombrosas
 Coroas de pungentes , e altos pinhos :
 Ve delias vir Boristhenes bramando.
 Com impeto rompendo o ponto Euxino.
 Aquelles ve tambem , que mais ao Norte
 Em mil perpetuas neves sempre vivem ,
 E a mor parte do anno se lhe esconde
 O lathonico carro em grossas nuvês.
 Poem os olhos em Grecia , e ve a insigne
 Thesalia do Peneo , ja libertada ,
 E vio a inculta Tracia , onde os dous montes
 Hemo , e o Rodope ambos se exalçam
 Regada co a corrente amena , e doce
 Do Hebro , que com voz confusa , e rouca
 Inda lamenta a morte , e fim tam triste
 Daquelle que Euridice em vaõ chorava.
 Ve da Pharsalia os campos tristemente
 De sangue de Romãos todos banhados :
 Ve os ditos Pheaces , e as alturas
 Com que os Acrocervinos o Ceo tocam
 Infamados com mil naufragios tristes ,
 De graves , desestrados , infortunios :
 E assentados ambos la em Epiro
 O Adriatico mar , e o Ionio Apartro.
 E vio aquella parte que com voltas
 A corrente veloz de Halyacmon banha ,
 E as ondas de Axio liquidas , que alegram

Os campos dessa antiga Macedonia.
 Ve aquella regiam fim dos trabalhos
 Do filho de Agenor, cuja Cidade
 Pola musica, e harpa sonora
 De Amphion, foi de muro alto cercada.
 Ve desta a antiga Euboca dividida,
 Polo temido Euripo, aos navegantes
 Espantoso, e cruel, polas mudanças
 Sete vezes ao dia nelle certas.
 Ve a grande Morea entre dous mares:
 Onde Corintho lustra o mar Egeo,
 E o Ionio se ennobrece, e toma brio,
 Tendo na boca o golfo de Lepanto.
 Insigne, co a victoria antiguamente
 De Octaviano Cesar: mas agora
 Muito mais celebrado, mais insigne
 Co a fama do mancebo, que Austria exalça.
 A parte do meo dia volve os olhos,
 E ve o Thyrreno mar que lava Italia,
 Ve por elle assentado aquelle reino,
 Sobre o qual ouve ja tantas discordias.
 Sicilia vio, e os altos promontorios,
 Que Trynacria lhe dam por appellido:
 Por quem Romaos, e Penos, as sangrentas
 Armas, com brava furia, ja tomaram
 E passando cos olhos ao dereito
 De Affrica, bem no fim vio a Numidia,
 De ferissima gente, ousada, e forte
 Entre a antiga Carthago, e Mauritania.
 Ve a Penthapolim, e no deserto
 Areoso, devisa as sepulturas

Dos Philenos yrmaõs , que pospúseram
 O gosto de sua vida , ao bem da patria.
 Ve Marmarica ao longo la do Egypto :
 Que os moradores barbaros constrange
 Buscar torpes comidas , pola falta
 Dos nossos costumados mantimentos.
 Os feros Trogloditas ve que habitam
 Lugares solitarios , espantosos
 Naquelles arcaes , onde Vulturno
 Abate daqui feras , dalli as alça.
 A quente Ethyopia ve toda estendida
 Ao longo do gram Nilo , cujas ondas
 Da sua alta catadupa despenhadas
 Ensurdece os vezinhos , e os atroa.
 Centypoléa ve donde devisa
 Miseraveis ruinas de Cidades
 Outro tempo famosas : e ao presente
 Delas enxerga so tristes memorias.
 A fresca , e fértil Cipro , onde se honrava
 Antiguamente a bella Cytharea
 Ve com grande alegria , polas mortes ,
 Poles danos belligeros futuros.
 Quando do cruel Barbaro insolente ,
 A poderosa mão , e forte armada ,
 Em sangue banhará praças , e ruas
 Da forte Phamagusta , e Nichossya.
 Depois que a brava furia vio aos lados ,
 O que de Europa , e Affrica se moltra
 Em Asia firma os olhos , estendendo
 As negras , serpentinas , grandes asas.
 Daquella grande altura se abalança ,

CERCO DE DIV. CANTO. NIII. 189

Para onde a menor Asia está fronteira,
 As bramadoras cobras, de veneno,
 Enchendo lhe vaó mãos, peitos, e rostro.
 Bythinia vai passando, onde o sangrento
 Fero Carthagines morto descança:
 Deixa Galacia, e deixa os que as montanhas
 De Pamphilia, entre feras sempre habitam.
 Deixa Phrygia, onde vio vestigios tristes
 Daquella nobre, antiga, infauſta Troya:
 E deixa os que com curvo arado rompem
 As jugadas fructíferas de Lycia.
 Tambem deixa Cilycia, antigo assento
 De valentes Pyratas, deixa aquelles
 Que no Caucaſo monte, as tristes vozes
 E o pranto de Promotheo, estam ouvindo.
 Deixa ambas as Armenias: tambem deixa
 Aquelles que na altura pedragosa
 Do gram Niphate habitam, gente brava:
 De feroz coraçam, e animo duro.
 Exercitada, e destra em vibraç arcos,
 E despedir com força mortaes setas:
 A terra defendendo, que do Euphrates,
 E do ligeiro Araxes he regada.
 Aquelles vay deixando que entre as aguas
 Deste ligeiro Tygris, e as quietas,
 E liquidas do Eufrates, os lanofos
 Gados, em campos ferteis apascentam.
 Vay vendo as tres Arabias, a Petréa,
 A Felix, e a Deserta, entre os dous mares:
 Roxo, e Persico seo, caminhando
 Para onde Persia ve sem mais deterſe.

Os olhos infernaes firma nas armas
 De seus habitadores: nos cavallos
 Briofos, e soberbos, nos luzentes
 Açacalados ferros, e hastas grossas.
 Chega ao Paropaniço, onde se envolve
 Co a liquida corrente do rio Indo,
 Sem nunca se apartar della assombrando
 As transparentes ondas, entra em Diu.
 Entra na fortaleza, e num momento
 Corre os soldados todos, e destilla
 Hum veneno infernal em todos elles.
 Os sentidos lhes cega, e assopra hum fogo
 Que os oílos, e as entranhas lhes abraça,
 E no mais fundo dos yrados peitos
 Lhes deixa hũa peçonha, e furia insana.
 Despois que embravecidos, e instigados
 Os vio, e a desfestrada rea urdida,
 No medonho aposento se abalança
 Alegre, por deixar posto em effeito,
 A vontade danada, e inico zello.

Os soldados ja cheos desta furia
 Vaõ bramando, dizendo muiros delles
 Em alta voz, palavras atrevidas.
 Do Capitam se queixam, e de medo
 Dizem que pellejar lhes nam concede
 Em batalha campal: mas que ali todos
 Encerrados de fome morreriam.
 Pois como ao Capiram lhe fosse dito
 O furor dos soldados, e o que pedem,
 Acodio diligente, e traz consigo,
 Dom Alvaro de Castro, e Dom Francisco

CERCO DE DIV. CANTO. XIII. 191

De Meneses , com todos os fidalgos :
 Com outros Capitães , e Cavalheiros.
 Aos do motim chegando , com semblante
 Benevolo , amoroso : a todos pede
 Que promptamente o ouçam , que quer darlhes
 Razam daquella guerra , e vendo a todos
 Em silencio , lhes disse estas palavras :

Companheiros , amigos , bem sey certo
 Que os vossos coraçoes sempre vos pedem
 Cousas , de que tereis honrada fama ,
 E que estardes aqui , nam vos consentem
 Detras destes tam rotos , fracos muros :
 Mas rogovos que olheis a merce grande ,
 Que ategora nos fez Deos neste cerco ,
 Ajudandonos sempre contra tantos ,
 E tam duros imigos : e pois sendo
 Nós tam poucos aqui nos deffendemos ,
 Estando a fortaleza como vedes ,
 Desfeita , e derrubada em tantas partes ,
 Agora ja que somos mais , mais justo
 Será , que deffendamos nossas vidas ,
 Com trabalho menor , e sem perigo.
 Mandarey tomar lingua , que nos diga ,
 O que passa no Campo : quantas forças
 Os imigos tem , para fazermos
 Aquillo que nos for mais proveitoso :
 E tendo por certeza que tam pouca
 He a gente que está la na Cidade
 Como cuidais , entam bem poderemos
 Comer , e vencer muy facilmente.
 Peçovos que tireis , ó bons soldados ,

Tal imaginaçam de vossas almas:
 Que gram perda seria se por desastre
 Algum mal, algum dano acontecesse,
 Em tam fortes varoës como sois todos.
 Nam vos concederei sairdes fora,
 Ate que nam tomemos hũa lingoa,
 Que de toda a verdade nos informe.
 Porque se vos cuidais que a gente he pouca,
 O meu parecer he muito contrario,
 E tenho para mim que toda a força
 E poder de Mamude aqui está junto.

Bem cuida o Capitam que com tam vivas
 Aparentes razoens tinha vencidos,
 E apaziguados ja estes soldados:
 Mas antre elles se ouvia hum mal destinto,
 Hum confuso rumor alvoroçado.
 Algũs mais acendidos, alevantam
 Altas vozes, dizendo que bem fora
 Estam de tomar lingoa, porque tinham
 Os Mouros tal vigia, que escufado
 Seria hũa esperança tam incerta:
 E que nam se ganhava mais que estarem
 Presos, acovardados, dando aos Mouros
 Animos mais ousados, e soberbos.
 Dizem que S. Thome desbaratado,
 E de todo está ja quasi rendido:
 Que se os inimigos tomam posse delle,
 Mataram aos que andarem polas ruas,
 E aos outros que estivessem descuidados
 Dentro em seus aposentos. Que era injusto
 Querer o Capitam aguardar isto:

Pois a Victoria estava (pelejando
 Fora no Campo) certa , e muy segura.
 Estas palavras taes , eram muy altas :
 Com muitos ademães , com muitas vezes
 Levantarem ao Ceo os inquietos ,
 E collericos olhos , sempre ardendo
 Aquelle peçonhento infernal fogo ,
 Que Alecto , nas entranhas acendido
 Deixou , e os corações todos revoltos.
 Assi estavam ferozes , que nam pôde
 Valerse o Capitam : menos se atreve
 Apaziguar este impeto furioso.

Avendo quairo dias que Dom Alvaro ,
 E D. Francisco ali tomaram porto ,
 Os Mouros deram fim ao gram trabalho ,
 Em que contino andavam desfazendo
 A estancia S. Thome , levando a terra ,
 E o entulho por baixo , o Basalisco
 Das amarras ficou dependurado.
 Os Mouros começaram com industria ,
 E com força tirar por elle , dando
 Altas , e grandes vozes de alegria :
 E vendo isto os soldados , vão correndo
 Com corações , e entranhas abraçadas :
 Em tropel , todos juntos entram dentro
 Onde está o Capitam , ali começam
 Como homens sem juízo , dar mil brados ,
 Dizendo : Ia nos levam os imigos
 O grosso Basalisco , com deshonna
 E grande infamia nossa , pois o vemos
 Por força assi levar , e o consentimos.

194 SVCCESSE DO SEGVNDO

Como se soffrerá que polo mundo
 Se apregoe , e divulgue tal fraqueza ?
 Isto so basta dar aos Mouros forças ,
 Para tomar duzentas fortalezas
 Poderosas , e fortes : bem providas
 De gente , e munições , quanto mais esta
 Debilitada , fraca , e tam cahida.
 Com taes brados , e vozes isto dizem
 E com tantos sinaes de desmandarse ,
 Que o Capitam nam tendo quem o ajude
 A sustentar , o que elle bem entende ,
 Foy forçado fazerlhes a vontade.
 Avida esta licença , todos se armaõ
 De laminas , de malha grossa , e forte
 Com celadas , com limpos capacetes :
 Todos juntos na praça alvoroçados ,
 Ao Capitam aguardam , que ali vindo ;
 Cem homens repartio polos lugares ,
 Que estam mais derrubados : logo entrega
 A D. Alvaro de Castro , a D. Francisco
 Aquella dianteira , os quaes armados
 Estavam , de lustrosas , fortes armas.
 Segueos o Capitam co a outra gente :
 Com rodos os mancebos esforçados ,
 De nobre , e limpo sangue descendidos.
 Abrense as grandes portas , fae por ellas
 O fermoso esquadram dos fortes homês ;
 Hús levam refas lanças , outros levam
 Espadas de ambas mãos accaladdas ,
 Outros bem apontados arçabuzes ,
 Outros , grossas rodellas , com pinturas

Agradaveis á vista , de famosas
Batalhas , e de fabulas antiguas.

Ao tempo que sahia esta companhia ,
Thesiphone assentada estava em cima
Da porta , com defuncta cor , com triste ,
Infelice sembrante , prompta olhando
Como vaó descuidados os que estavam
Destinados á morte: e em saindo
O nobre D. Francisco de Meneses ;
Começa esta funesta , e triste furia
Dar mil grandes gemidos , lamentando
Aquelle desastrado , e máo successo.

D. Alvaro de Castro , e D. Francisco
De Meneses levando despregadas
Suas bandeiras ambas , chegam juntos
As estancias dos Mouros , e animosos
Sobem por força de armas ao mais alto.
D. Alvaro pedio neste trabalho
A Jorge de Mendonça , e Luis de Mello
De Mendonça , irmãos ambos , que a tentassem
Por elle na sobida das paredes.
Como sobidos foram nellas , logo
Dali se lançam dentro , ferem riço
Nos inimigos : que todos bem armados ,
Em pouco espaço acodem , levantando
Mil espantosas gritas , e alaridos.
Em chegando , despedem muitos dardos :
Daõse grandes lançadas huns , e os outros :
Disparam arcabuzes : tiram muitas
E violentas pedradas. D. Francisco
De Meneses , aos seus brada , dizendo :

396 SVCCESSE DO SEGVNDO

Ah Senhores , ah fortes companheiros ,
 Pelejemos , que a honra alli se adquire.
 Dizendo estas palavras , entra dando
 Grandes , e mortaes golpes : mas chegava
 A hora , que a sua alma num momento ,
 Deixando o mundo ao Ceo se sobiria.

Estando alli furiosos na batalha ,
 Vem das partes dos Mouros hum pelouro
 De chumbo , ardendo em fogo repentino ,
 Passa de D. Francisco as grossas armas :
 Passalhe o coraçam ousado , e forte :
 Cerralhe logo ao triste hum duro sono ,
 E hum repouso mortal , os frios olhos.
 Cac o bom Capitam antre os imigos :
 Alevantam o corpo ja deffuncto ,
 Ao Rumeçao foy logo apresentado ,
 Por dom de grande preço : e neste instante
 La no Ceo se apresenta a generosa ,
 Illustrissima alma. O' varaõ digno
 Dos louvores de Achilles , e grande Ector ,
 Desconsolados deixas , faudosos
 Todos os Portugueses , que na India
 No teu ditoso tempo residiam.
 Amigo eras de todos , brando , affabel ,
 Amado , e muy bem quisto dos soldados :
 De ousado coraçam , de proveitoso ,
 E prudente conselho : de virtudes
 Exemplo manifesto , tu morreste :
 Mas tua fama , e nome , ca no mundo
 Celebrados seram por tempo eterno.

O Capitam mior foy logo correndo

CERCO DE DIV. CANTO. XIII. 197

Apos estes primeiros, e em chegando
 Os soldados noveis, ao grosso muro
 Que os Mouros tinham feito, achamse todos
 Enganados da altura das paredes,
 Que com viçosas ervas pareciam
 De la da fortaleza serem baixas.
 Vendo que os Mouros matam alguns homens,
 Com setas, e arcabuzes: vendo certo,
 E evidente o perigo, nam ousavam
 Subir: mas recolherse determinam.
 O Capitam sentindo este desmayo,
 Com todos os fidalgos, arremete
 Dizendo a grandes vozes: Ah soldados
 Ousados nas palavras: mas agora
 Temerosos no Campo, eis aqui tendes
 Nas mãos o que pedieis, que fraqueza
 He esta que mostrais? Ea subamos,
 Restauray pellejando tal deshonna.
 Dizendo isto, subio logo as paredes,
 A pesar dos imigos, que com toda
 Sorte de pelejar lho deffendiam.
 Ate a ponte chegaram pelcçando
 Com impeto e furor: mas os imigos
 Vinham cada vez mais cobrindo o campo.
 Como quando no mar começam ondas,
 Com vento embranquecerse: em pouco espaço
 Crecendo o vento, crece a grande força
 Do tempestuoso mar, e vam sobindo
 Com furia desdo centro ás altas nuvens.
 Assi os Mouros acodem ao rebate:
 Engrossandose mais em força, e numero.

198 SVCCESSE DO SEGVNDO

Carrega hum grande monte de soberbos,
 Bem armados, e fortes, duros homens:
 A D. Alvaro poem em termo estreito,
 De grandissima affronta, o qual peleja,
 Ajudado dos seus, com grande esforço.
 Mas tudo nam lhe val, que foy forçado
 Recolherse da furia que os inimigos
 Trazem, matando muitos cavalleiros
 De fortes coraçoes. Porem chegando
 Ao pe destas paredes, quis sobirse
 Em cima: mas nam pode, porque o peso
 Das armas lho empedia. Neste instante
 Os dous irmãos Mendonças chegam juntos,
 Que tinham pelejado com esforço
 Digno assaz de louvor: o menor delles,
 Que Jorge de Mendonça se chamava,
 Andando ja ferido de hum pelouro
 Darcabuz, pola perna ezquerda, torna
 D. Alvaro nos hombros, poemno em cima
 Da parede, a pesar dos que o maltratam.
 Quis sobir apos elle, e nunca a perna
 Ferida o consentio: mas Luis de Mello
 Seu irmao lhe socorre, e ali por força
 Faz que suba, e se salve, e logo trepa
 Com assaz de trabalho: e neste tempo
 Os Mouros vencedores, chegam dando
 Hũa espantosa grita: frecham arcos,
 Despedindo ligeiras mortaes setas:
 Disparam arcabuses, arremessam
 Hũa nuvem de agudos, crueis dardos.
 A D. Alvaro dam com grande força

CERCO DE DIV. CANTO. XIII. 199

Em cima da cabeça hũa danosa,
 Gravissima, cruel, dura pedrada:
 Retine o capacete, cae o nobre
 Esforçado mancebo, sem sentido.
 Ferem Luis de Mello mortalmente,
 Que a Chaul foy morrer em breves dias.
 A Ruy Fernandes matam, e apos elle
 A Francisco Guilherme, ambos passados
 De arcabuzes, ja tendo mil feridas.
 Lopo de Souza está cercado á roda,
 Hum montante revolve a muitas partes
 Temer se faz aos Motiros: mas voando
 Hũ dardo agudo vem, passalhe o peito,
 Sae hũ rio de sangue das entranhas,
 Trabalha por soltar-se a triste alma:
 No mesmo ponto cae sobre a ferida,
 Os mortaes olhos ja com dor torcendo,
 E ja espirando, ali na dura terra,
 Calando, pega a boca enfanguentada.
 Dom Iorge de Meneses, sempre firme.
 O pe direito tem, o escudo em alto,
 Ora com furia matida a aguda espada,
 Aos imigos que a parte ezquerda ferem,
 Ora torna a virar sobre os que ficam,
 A direita offendendo, com agudas
 Lanças, dardos, e pedras, que o maltratam
 Fazendolhe perder quazi o sentido.
 Dezasete feridas juntamente
 Dam sahida ao seu puro, e quente sangue,
 Tingindo as rotas armas: mas o nobre,
 Esforçado mancebo, sempre apertã

200 SVCCESO DO SEGVNDO

Na maõ a espada mais : o braço forte
 Com colera movido , fere , e mata
 A muitos dos imigos. Neste instante
 Vendo os Mouros no campo tanta gente ;
 Parecelhes que ja ninguem la fica ,
 Para guardar os muros , e arremetem
 Com furia aos lugares derrubados.
 Vista por hum soldado a grande turba ,
 Soberba , e furiosa , que comete
 Entrar na fortaleza , sem lembrança
 Que la ficam valentes deffensores :
 Movido por fortuna , triste , adversa ,
 Ou foy porque assi Deos o permitisse ;
 A voz alevantou , e diz bradando.
 Acodi , acodi à fortaleza
 Porque entrada he dos Mouros. Estes gritos
 Causaram desfarranjo nos soldados :
 Alguns determinando morrer antes ,
 Que fraqueza mostrar , tendo presente
 Aquella opiniam , e illustre fama
 Dos Portugueses , entram mais ferozes ,
 Querendo ali vender caras as vidas.
 Outros de todo entregues , e rendidos
 A hum vil , e torpe medo , dam as coizas
 Aos imigos : fogindo , sem lembrança
 De infamia , ou de deshonna , todos cegos
 Desatinados , vam lugar buscando
 Para salvar as vidas : que isto era
 O que entram lhes lembrava : e como visse
 O Capitam mor este caso feo ,
 Vay correndo a detellos : affrontando

CERCO DE DIV. CANTO. XIII. 207

Os mais acovardados , com palavras ,
 Que os rostros lhe tornava em cor sanguinha ,
 Dizendo : Onde fogis , ó fracos homens ?
 Aonde intentais yr mezquinha gente ?
 Onde esperais salvar tam tristes vidas ?
 Porque abateis assi com tal injuria
 A fama Portugueza : que vos move
 Ao vosso Capiram deixar no campo ?
 Porque desamparais vossos amigos ,
 Que com esforço ficam pelejando ?
 Tornay , tornay soldados Portugueses ,
 Nam infameis hũ tam nobre apellido.
 Com taes palavras , muitos delles viram
 Os rostros outra vez , e sobem todos
 A muralha dos muros : procurando
 D. Alvaro ajudar , e D. Francisco
 Que ainda nam sabiam que era morto.
 O' quanta multidam de armada gente ,
 Quantos Helches , e Turcos , quantos outros
 Arabios , Fartaquins ali carregam
 Sobre estes Portugueses : quantos dardos
 Se arremessam com força : quantas setas
 Com gram rugido vaõ fendendo os ares.
 O' quantos arcabuzes se disparam :
 Quantos Portugueses mal feridos ,
 E mortos ali ficam : nesta volta
 Os mancebos fidalgos se offerecem
 Com grande estorço á morte : eta muy grande
 A grita dos inimigos , e outras vozes
 Dos que chamaõ com pressa Sanctiago.
 Quebraõse facilmente grossas lanças ,

Des-

202 SVCCRESSO DO SEGVNDO

Desfazemse os escudos com mil golpes ,
 Penetrando os fatis , delgados ares.
 As armas ja cortadas , ja desfeitas ,
 Se tingem de escumoso , e quente sangue :
 Os vivos alaridos sempre crecem ,
 Mostrandose os imigos vencedores.
 Estando nestes termos o combate ,
 Dispara hum arcabuz , e vem direito
 O pelouro guiado por mosino ,
 E desastrado fado , acerta e passa
 O valeroso peito a D. Francisco
 Dalmeida , e as entranhas deixa feitas
 Todas em mil pedaços : cae o moço
 Estendido antre os pes dos que pellejam.
 Deseonjuntalhe logo hum mortal frio
 Todos os fortes membros , e a sua alma
 Polos ares se vay ao ceo voando.

Perdeste a vida , ó inclito mancebo ,
 Em grande esforço , igual ao fero Marte :
 Mas ficará teu nome alevantado ,
 La junto das estrellas : e a memoria
 De teus croycos feitos , dará lustre
 A Lusitana patria : tambem deixas
 Ao nobre velho pay , e aos irmaõs charos
 Grande consolaçam , com tam ditosa ,
 Com tam honrada , e gloriosa morte.

Estando assi affrontado este combate ,
 Hum valente soldado mal ferido
 Ao Capitam chegou , dandolhe nova
 Como vira matar ante seus olhos
 Ao nobre D. Francisco de Meneses ;

É o seu corpo levado por presente
 Ao grande Rumecaõ : tambem disse este
 Que da muralha abaixo quasi morto
 Derrubaram D. Alvaro, e o feriram
 Com violenta pedra, nam valendo
 Do grosso capace a fortaleza.
 Ouvindo o Capitam estas mas novas,
 Com tristeza, e trabalho se recolhe :
 Soffrendo ali os fidalgos, e outros homẽs
 Honrados, e valentes toda a força
 Todo o furor dos Mouros, que a victoria,
 Soberbos, e ferozes, vem seguindo.
 Nam val a resistencia dos fidalgos :
 Nam val do Capitam o animo grande,
 Para que concertados entrem dentro
 Nos conhecidos muros : mas vem todos
 Em confuso tropel : ora virando
 Meas costas aos Mouros, ora os rostros,
 E peitos, entregando as ferracinas,
 E victoriosas armas. Aqui neste
 Lugar tam perigoso, vam soffrendo
 Estes fidalgos hum trabalho immenso.
 Travados vam co elles os imigos :
 Hús, e os outros cubertos de huma nuvem
 Turva, espessa de pô, por onde voaõ
 Dardos, setas, e pedras que ali ferem,
 E maltratam valentes Cavalleiros.
 Desta maneira entraram todos dentro
 Na Christaã fortaleza, la ficando
 Mortos no campo, trinta homiens de preço,
 Com algús Capitaes : tambem se acharam

Setenta mal feridos, dos quaes eram
 D. Iorge de Meneses, hum; e o outro
 Era Nuno Pereira varaõ noble,
 Muy esforçado, e ríeo. Neste dia
 O Capitam levou, por culpa alheia,
 O pior da batalha, e a fortuna
 Imiga se mostrou neste successo
 Defaistrado, e cruel: mas ella mesma
 Hum tempo lhe mostrou mais venturoso,
 Em que tomou vingança igual ao dano.



Neste Canto Decimo quarto se trata como foy levado ao Visorey recado do discurso do Cerco: e do estado em que estava a fortaleza. Trata tambem da morte de Nuno Pereira, e de seu enterramento.

QVem sabe da fortuna a variedade,
 Pouco caso fará dos bens que offrece.
 De inconstante se preza, e quando mostra
 Mais firmeza, entam mais prestes se muda.
 Nunca repoufa, nunca a roda para,
 A hum estado contente, hum triste segue,
 Mil varios casos traz num so momento
 Quem fará de seus bens, ou males conta?
 Nem se pode alegrar o que esta prospero:
 Nem pode entristecerse o perseguido,
 Pois todos os estados sam fogueitos,
 Ao querer desta falsa tam mudavel.

Estando assi ferido mortalmente
 Nuno Pereira, pede que lhe outorgue
 O Capitam licença, que quer yrse
 Morrer, ou guarecer em sua caza.
 Embarcaraõno logo nũa fusta,
 Ao Visorey levando do descurso,
 E successo do cerco, certa nova.

Nestes dias os Mouros tanto cavam
 Na estancia S. Thome, que o Basalisco
 As amarras quebrou, e cae antre elles
 Iuntamente com outro Liaõ grosso.
 Levados foram logo dos inimigos,
 Com tal contentamento, quanto aos nossos
 De tristeza ficou, e de desgosto.

O Capitam mandou que se fizesse
 Dentro de S. Thome, com grande pressa
 Hum contra baluarte grosso, e forte:
 Com degraos para dentro, e nelle estavam
 Quarenta Cavalleiros, que o deffendem.
 Os inimigos fizeram tambem outra
 Obra mais admiravel, que entulharam
 O fundo, e largo rio, que divide
 A Cidade de Diu, de hũa villa
 Que dos Rumes se chama, ali fronteira.
 Era grande este Rio, tinha de alto
 Sete braças, e nove de largura.
 Entulhado foy logo em pouco espaço,
 Com gram somina de pedra, e nella fica
 Hũa mociga ponte, tam segura
 Que o grande impeto de agoa nunca pode
 Desfazer nada della, por mor força.

E furia, que a corrente ali levasse.
 Muitas carretas vaõ para serviço
 Do arrayal, e Cidade, pola estrada
 Feita de novo na agoa, com trabalho
 Que parece exceder humanas forças.

Tinha o gram Rumeção pouco receo ;
 Que o Visorey chegasse a dar socorro :
 Porque nesta fazam, tinha ali juntos,
 Vinte, e sete mil homés de pelleja :
 Muitos arcabuzeiros, outros muitos
 Que dobram fortes arcos, outros lanças,
 Outros que agudos dardos arremessam.
 Tam seguros estam, que junto ao muro
 Da fortaleza, ergueram muitas casas
 De palma, e nellas tem feitas estancias
 Todas paramentadas com mais ricas,
 E finas alcatifas : tambem tinham
 Suas torpes mezquitas, donde chama
 O Caciz infernal, com grandes brados,
 A gente ao Alcoram nefando, e falso.

Partido para Goa, e ja entregue
 Nuno Pereira ao mar : tambem se entrega
 Em muito poucos dias, a mil graves
 Acidentes, e dores que mostravam,
 Que ja se lhe chegava o fim da vida.
 Pois como pouco a pouco ja chegasse
 Aquella hora final que todos temem,
 Os seus cansados olhos começaram
 Sentir da vida o termo derradeiro.
 Vistos estes sinaes acodem juntos
 Seus criados ali, e os outros todos

Que no navio vaõ, mostram tristeza,
 Vendo o nobre varaõ que ja espirava.
 Hús nesta grande affronta em que está, chamam
 Iesu, com grandes brados: outros trazem
 Com pressa a funeral, ultima cera,
 Companheira das horas derradeiras.
 Entregãolha na maõ, e a triste alma
 Trabalhada, comete a sair fora:
 Mas cercada de extremos differentes,
 Acovardada torna a recolherse,
 Dando ao misero corpo grave penna.
 Os olhos tem no Ceo promptos, e fixos:
 A boca mea aberta, os beiços negros,
 Amarello na cor, inchado o peito:
 O alento apressado, os membros frios
 Ia do espirito vital desemparrados.
 Ouvese na garganta hum som ja rouco:
 Começa estremecerse com penoso,
 Mortal desassocego: e triste angustia
 De que a morte vem sempre acompanhada.
 Aquellas tres irmãs crucis, e feras,
 Por quem passam as nossas mortaes vidas,
 De tras da cabeceira ali presidem,
 Neste passo final tam certo em todos:
 Sinaes mostrando claro de tristeza,
 Vestidas de húa cor avorrecida,
 Qual para o triste officio se limita.
 Mantos de negro pano tem cubertos,
 Que hús tristissimos rostros escondiam.
 A Sentença aguardavam do supremo
 Iustissimo Iuiz, a quem confessam

Os Anjos por senhor : a quem com vozes
 Suavissimas louvam para sempre
 Os altos Seraphins , e a cujo nome
 Se inclina a larga terra , e o Reino escuro.
 Sendo chegado o termo , os poros se abrem :
 Estillanse por elles gotas frias :
 Abaixa os olhos ja cheos de morte ,
 E com grande agonia de improviso ,
 Húa nevoa mortal lhe cerca o rostro.
 Vendo Atropos sinaes tam conhecidos ,
 Alevanta no ar o braço , e corta
 Num momento o delgado , debil fio.
 Ajudado de todos , com devotas ,
 E pijs oraçoens , se foy sua Alma
 Ao Ceo , ficando o corpo ali estendido.

Neste successo máo , em que a fortuna
 Se mostrou regurosa aos Portugueses ,
 Ou por fallar mais certo , em que Deos ouve
 Por seu serviço , que isto assi passasse ,
 A fama levou nova do recontro ,
 Mosino , e desestrado , por estranhas
 Provincias , e regioens de nos remotas
 Assi como ligeira vai voando ,
 Assi deixando vai em mil diversos
 Lugares , esta nova acrecentada ,
 Dizendo : que perdida era ja toda
 Quanta gente Christãã em Diu avia.
 Isto affirmou no reino de Bengála ,
 E no de Bisnagá : tambem no reino
 De Pegú , discorrendo ate Malaca.
 Por toda aquella costa : tambem passa

Por Çamatra abundosa em ouro , e chega
 Ate toda Tartaria , dando sempre
 Por verdade esta nova fabulosa.
 Pois assi discorrendo o fero monstro ,
 Na Cidade de Goa entra escondida ,
 Sem se querer mostrar de puro medo :
 Mas com voz fraca deu a incerta nova :
 Cauzando geralmente gram desmayo ,
 Ate nos coraçõs mais animosos.
 Pola Cidade andava hum rumor surdo ;
 Hum pronostico mau , dito em segredo :
 Que nem crer se deixava , nem podia
 Escusar grande magoa esta so sombra.
 Desta maneira affirma a veloz fama ,
 E por certo faz crer o que era falso :
 E com ligeiro curso vay primeiro
 Onde pode causar mayor tristeza.
 Andando assi por húa , e outra parte ,
 Toma forças de novo , e entra ousada
 No sumptuoso , nobre , alto aposento
 Do grande Visorey , e nelle affirma ,
 Ser de todo assolada , e ja perdida
 A Christaã fortaleza , e os valentes
 Fidalgos , e soldados todos mortos.
 Esta nova causou no generoso
 Peito do Visorey , hum pesar grande ,
 E na sua alma dor quasi insoffrivel.
 Trabalha por mostrar sembrante alegre ,
 E por dissimular este tormento ,
 Que o animo lhe traz causado , e triste :
 Mas nunca hũ grande mal pode esconderse.

Esta continua dor, esta tristeza
 Lhe durou tanto tempo, ate que hum dia
 Estando em sua casa acompanhado,
 Do Sagrado Pastor, que tinha a cargo
 As Ovelhas Christaãs daquela terra,
 E tambem do Custodio, que seguia
 Do seraphico Padre a Sancta Regra.
 Fr. Antonio se chama este Prelado
 E alcunha do Casal, varaõ prudente,
 O qual sendo mancebo, foy muy destro;
 E esforçado em batalhas, nestas partes,
 Antes que honras do mundo avorrecesse,
 E a Sancta obediencia professasse.
 Pois estando assi todos dam recado
 Ao Visorey, que vem la polo Rio
 De Goa, pola parte que se chama
 Ponta do Arrebendar, remando a pressa
 Hum ligeiro Catur, e que cortava
 Ramos verdes, mostrando finaes claros
 De trazer nova certa de alegria.
 Outro recado vem, diz que despede
 O Catur enramado muitos tiros,
 Com mostras, e finaes de prazer grande.
 Chega o Catur ao caez, e vam correndo
 Com muy grande alvoroço muitos homens:
 Dizem ao Visorey que era chegado
 Ao porto o Capitaõ deste navio,
 Que a seu filho D. Alvaro de Castro
 Levou. Eis apos estes vem de pressa,
 O Capitam cercado todo á roda
 De gente popular, e dos honrados,

De saber desejosos , novas certas
 Do que a todos trazia tam suspensos.
 Tanto que foy entrado lhe pergunta
 O Visoray , se estava Diu ainda
 Por elRey seu Senhor , ou se de todo
 Era perdido ja , elle responde
 Com gram contentamento : Deos nam queira
 Nem tal permitirá : por nos he Diu ,
 E sello ha a pesar do gram Mamude.
 Ouvindo o Visorey tam boa nova ,
 Assentasse em gíolhos : isto mesmo
 Fez o Bispo , e o Custodio , levantadas
 Juntas as mãos ao Ceo , davam louvores
 A Deos , que se lembrava dos que estavam
 Sua Fé Sacra , e Sancta deffendendo.
 Tras isto o Visorey com grande festa
 Faz trazer hũa nobre vestidura
 De brocado requissimo , e lustroso ,
 Que de tam boas novas fosse o premio.
 Manda que o Capitam se vista nella ,
 E com tal ornamento a grandes vozes
 Alegre a triste gente , publicando
 O socorro que deu a fortaleza
 D. Alvaro de Castro , e D. Francisco
 A pesar do soberbo fero Eolo ,
 A quem os bravos ventos obedecem ,
 E do Rey que o falgado Reino manda.
 Correndo vão molheres , e meninos ,
 Para saber as novas. Ia se tocam
 Sonorosas trombetas junto ao patio :
 Ia sae o Capitam com veste de ouro ,

E a grandes vozes diz , que estava Diu
 Socorrido dos nossos. Toda a gente
 Alevanta hum clamor , dando a Deos mil graças.
 O Visorey ao Bispo , e ao Custodio
 Procissoes muy devotas encomenda ,
 Que agradeçam a Deos o bem presente ,
 E ao futuro trabalho favor peçam.
 E reprimindo a dor acerba , e grave
 Que dentro na alma tem , da triste morte
 Do filho , que elle mais que a si amava ,
 E dos outros fidalgos louvou muito
 D. Joaõ Mazcarenhas , e os soldados ,
 Que com tanto fervor ali se tinham
 Contra taes adversarios sustentado.

Quando pola Cidade andava a nova ,
 Que a todos dava gram tormento
 Nam sendo inda passadas duas horas ,
 Que o Catur enramado ao porto veyo ,
 Surgio a triste fusta que trazia
 O corpo do Pereira ja defuncto ,
 E as novas traz tambem dos que lhe foram
 Na morte aquelle dia companheiros.
 Chegou ao Visorey esta tristeza ,
 Que nam pode encubrir , ouvindo a perda
 De tantos , e esforçados cavalleiros.
 E mostrou mil sinaes de grave penna ,
 Que sentia a sua alma pola ausencia
 Do nobre D. Francisco de Menezes.
 Porem isto nam fez que se esquecesse
 Da pompa funeral deste defuncto.
 Desembarcaram logo o corpo frio ,

De lagrimas , e gente acompanhado ,
 Para o seu aposento o vaõ guiando ,
 Onde a triste molher , de tal desastre
 Estava neste tempo descuidada :
 Ainda que hum receo de continuo
 Avexa o feminil , e fraco espirito .
 Ia do triste aposento se divisa ,
 Aquelle funeral ajuntamento ,
 Quando corre a gram pressa hũa criada ,
 Encontrando a Senhora solta a lingua ,
 Com grande torvaçam nestas palavras :
 Muita gente acompanha hum corpo morto ,
 Nam sey o que sera , que esta minha alma
 Toda se me cobrio de negra sombra ,
 Quando hum clamor ouvi triste , e chorofo ,
 E que esta casa vinham demandando .
 Dizendo estas palavras , assentouse
 Mostrando hum coraçam enfraquecido .
 Estas novas ouvindo aquella casta ,
 E fermosa molher , a quem seus tristes
 Cruellissimos fados ordenaram ,
 Que todo o bem da vida entam perdesse ,
 Perdendo para sempre hum tal amigo .
 Emmudecida fica , toda fria ,
 Atonita , pasmada , sem sentido :
 Passado coraçam , alma , e entranhas
 Desta desconfolada , e triste nova .
 A cor do rosto perde , perde o tento :
 Levantase torvada , e vay deprella :
 As criadas tambem se vam tras ella ,
 Incertas deste mal : mas receosas .

De-

Desacordada vay toda tremendo
 A misera viuva trespaffada,
 Tocando ao coraçam o que recea.
 Alli como em cerrado, espesso bosque
 Onde pacendo andava livremente
 A descuidada Cerva, foy ferida
 Do rustico pastor, com venenosa,
 Ligeira, aguda seta, o doce pasto
 Desfatinada deixa, e vai correndo
 Por onde a leva a dor, ate que chega
 O corrompido sangue, em pouco espaço
 Ao vivo coraçam, e ali num ponto
 Supitamente cae sem mais moverse.
 Alli a formosa dona sem lembrança
 Daquelle vagaroso, honesto passo
 Com que sohia andar, vai apressada
 Chegando a huã janella, vio no patio
 Huã tumba cercada de mil gritos,
 De saluços cansados, e ja roucos:
 Sabendo que ali dentro vinha morto
 Seu remedio, seu bem, sua alegria:
 Com dor pennosa, e grave se lhe cerram
 Os spritos vitaes, e as femininas
 Forças, de todo ja enfraquecidas,
 Cahio supitamente quasi morta.
 Levantaõse mil gritos de improviso:
 Mil alaridos altos de molheres,
 Fazendo hum triste som que rompe os ares.
 A cabellos, e rostros nam perdoam,
 A tudo huã raivosa dor maltrata.
 O concavo aposento soa, e brama,

Com vozes desiguaes a todas partes.
 A fermosa mulher está cercada
 De parentas, e amigas que a confortam,
 Fazem-lhe remedios necessarios,
 Trabalham por lhe dar outra vez vida.
 Pois como em si tornasse do desmayo,
 E mortal accidente, os olhos abre
 Cheos de grossas lagrimas dizendo:
 Qual desaventura fez, que vos perdesse
 O meu unico bem, minha esperança,
 Em que eu so sustentava a triste vida,
 Porque assi me deixastes nesta idade
 Desemparada, e so? com taes palavras
 Perde outra vez as forças, e o sentido,
 E outra vez desmayada cae em terra.
 As mulheres nos braços a levantam:
 Para dentro a recolhem, porque possam
 Remedio dar ao corpo ainda vivo,
 E lugar para as honras do defuncto.
 Choram sobrelle, entam todos os nobres:
 Alçam os principaes a negra tumba,
 A casa se despeja, e fica toda
 Vazia desta gente; mas muy chea
 De lagrimas, de dor, de grandes gritos,
 Os sacros Sacerdotes, ja começam
 As vozes levantar, com triste acento,
 Dizendo: Senhor dalhe eterna gloria.
 Muitas rochas ardendo vão diante,
 Estas levavam pobres, e a insignia
 De noísa redempçam, vai junto d'elle.
 Ia se ouve o triste som desconcertado,
 Do

Do concavo metal, e ja se move
 A grande procissam, com novo pranto.
 Todos com vagaroso passo chegam
 A Igreja mayor, onde lhe deram
 (Depois do funeral, e santo officio)
 O geral aposento, escuro, e triste.

Acabadas assi estas exequias,
 Deste nobre defuncto se apercebe
 Com pressa o Visorey, para socorro.
 Manda Vasco da Cunha (experimentado
 Em mil perigos ja, e em cousas de honra)
 Que ajunte toda a armada, que por força
 Dos tempestuosos ventos, nam chegara
 Com seu filho D. Alvaro, e a levasse
 A Diu, o mais depressa que pudesse.
 E que ao Capitam mor da sua parte
 Avise, e com instancia tambem peça
 Que nam de de si copia aos enemigos,
 Nem saya fora ao campo, antes que chegue
 A frota em que elle vay. E com gram pressa
 Arma seis caravellas, as quaes levam
 Polvora, mantimentos, e pelouros,
 Escadas, ferramenta, e outras cousas
 Que sam la necessarias: nellas manda
 Quatro centos muy bõs espingardeiros.

Gravissimo tormento lhe causava,
 A morte de seu filho D. Fernando,
 E aquelle apartamento, e dura auzencia,
 As entranhas lhe passa com dor grande.
 Trabalha quanto pode por mostrar-se
 A toda a gente ledo: mas os olhos

CERCO DE DIV. CANTO. XIII. 217

De viva agoa arrafados, descobriam
 Aquella faudade que a lembrança
 Continua de feu filho lhe fazia.
 Quantas vezes o Sol deixava os ares
 Cubertos de hũa fria, e negra sombra,
 Tantas o triste pay, despois que todos
 Delle se despediam, se encerrava
 Na casa onde dormia, e com sospiros,
 Com lagrimas dizia estas palavras:
 O filho meu, tristeza da minha alma,
 Annos tam mal logrados: mas ditosos
 Pois morrendo ganhaste eterna fama.
 Iusto he o que Deos faz: mas parecia
 Razam viveres tu, e no principio
 Da florecente idade, a injusta morte
 Affi te me roubou, sendo tu filho
 A vista destes meus tam tristes olhos.
 Grande magoa me faz ver acabar-se
 Na tua tenra idade, aquella grande
 Honrada opiniam, que em ti se via.
 Mas consolame ver, que se morreste
 O teu braço tirou primeiro muitas
 Vidas dos infieis, e que pagaste
 A teu Rey hum tributo tam devido,
 Como era em seu serviço, e deffendendo
 A verdadeira Fe, perder a vida.
 Eu vingarey meu filho a tua morte,
 Se Deos vida me der, ou nesta empresa
 Se acabaram os meus cansados annos.

Estas palavras raes da alma saidas,
 Com salgado licor banhado o rosto

Dezia o Visorey, quando em lugares
 Apartados se via, constringido
 Do entranhavel amor, brando, e suave
 Com que amava este filho. Sempre teve
 Passado o coraçam de dor secreta,
 Inda que no sembrante trabalhava
 Por parecer contente: mas no meyo
 Deste prazer fingido, e contrafeito
 Se enxerga claramente a grave penna
 Que sua alma la dentro esta sentindo,
 Que nunca a grande dor pode encobrirse.

Parte Vasco da Cunha com a armada,
 E dandolhe favor o mar, e o vento,
 Ancóra em breve tempo dentro em Diu.
 Alegrase de vello aquella gente,
 Que está na fortaleza desejosa,
 De ver aparecer aquella frota,
 Em que o gram Visorey lhe traz socorro.

O Capitam prudente Mazcarenhas:
 Esforçado, leal, e da fortuna,
 Posto junto daquelles dous tam fortes,
 E soberbos parentes, que os Farfalios
 Campos, de nobre sangue bem tingiram.
 Mandou alguns navios que cotressem
 A Costa, e que fizessem todo o dano
 Quanto fosse possivel, alagando,
 Roubando, e dando morte a quantos Mouros
 Achassem polo mar. Antre elles hia
 Luis Dalmeida, e leva tres guerreitas,
 Soberbas caravellas, bém armadas
 De artilheria, e gente. Era este homem

De bom sangue, cortez, e muy valente,
 Partidos deste porto, em poucos dias
 Se encontraram com naos de mercadores,
 Que do estreito de Meca, e da gram costa
 De Arabia, vinham todas juntamente,
 Carregadas de muitos mantimentos,
 Para sustentaçam do campo inimigo.
 Vendo Luis Dalmeida a boa presa,
 Que a fortuna lhe dá salta ligeiro
 No meyo do convés, e diligente
 Manda, que se aperceba a gente de armas.
 Acodem logo todos num momento,
 Servindo seus officios: hũs borneam
 Grossas bombardas, outros caçam pojas,
 Outros com gram prazer alçam bandeiras.
 Infundadas as vellas, com forçoso,
 E favoravel vento, vem mostrando
 Os navios as quilhas. Ia se cerram
 Os lemes a huma banda: ja se cortam
 Grossas ondas com proas, e atras fica
 Hum rasto de salgada, branca escuma.
 Apontam aos navios dos imigos,
 Ficando a balravento, ali disparam
 Reforçadas esperas, e outros tiros,
 E todos logo amaina, amaina gritam.
 Hum negro fumo cobre as caravellas,
 Resplandece o cruel, e vivo fogo:
 Saem dantre elle acesos mil pelouros,
 E rompendo os sotis, delgados ares:
 Cada hum la nas náos dos inimigos
 Rompe, quebra, destroça, abrafa, e mata.

Despois que os Mouros viram evidente
 Viçtoria conhecida, mais quizeram
 Entregar-se a clemencia que esperavam
 Alcançar dos Christaõs, que ferem todos
 Manjar dos mudos peixes, e dos brutos
 Crucis habitadores de Neptuno.

Vendo Luis Dalmeida as naos rendidas,
 Afferra na mayor, e salta dentro:

Apos elle outros muitos bons soldados:
 Aos desmayados Mouros as mãos atam,
 Tomando o Capitam que era parente
 Do gram CogeÇofar, se recolheram
 A sua caravella, e com tal presa
 Alegres se tornaram para Diu. •

Algũs outros navios Portugueses
 Tambem por força de armas sogigaram
 Naos de mercadorias, foy levada
 Toda a gente a Chaul, onde num ponto
 Enforcada foy toda, nam fazendo
 No sexo differença, ou nas idades.

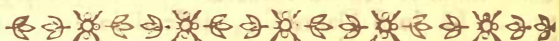
Surgio Luis Dalmeida la na barra
 De Diu cos seus presos, e sabendo
 O nobre Capitam, tam bom successo,
 Com gram contentamento mandou logo
 Que as cabeças lhe cortem: nam ficando
 Molher, velho, ou menino ali com vida.
 Executada foy esta sentença

Com grande brevidade, os frios corpos,
 E as defunctas cabeças, ja deitadas
 Nas alteradas ondas, a corrente
 Em tombos as levava, ora fumidas,

E cubertas das ondas, ora em cima
 Todas desfiguradas apparecem,
 Enchendo o mar de sangue negro, e frio.
 Quando o Capiram Turco a regurosa,
 Cruel justiça vio, ouvindo os gritos
 Dos tristes que morriam: bem se pode
 Presumir o temor, e a grande affronta
 Em que a sua alma misera estaria.
 Com voz embaraçada, e mortal rostro,
 O Sarracino diz, todo tremendo:
 Trinta e dous mil pardaos de fino ouro
 Darey por meu resgate: disto levam
 Recado ao Capiram: mas antes elle
 Quis do Mouro a cabeça, que o dinheiro.
 Ia vay tremendo o triste desmayado:
 Atadas leva as mãos, e junto ao bordo
 Que de qualhado sangue estava cheo,
 O derrubam de bruços, no pescçoço
 Hum fero golpe soa, e juntamente
 Sae da boca mortal hum triste grito.
 Deitado foy no mar, seguindo a via
 Que os outros corpos mortos ja levavam.
 Quando o gram Rumeçaõ vio tal castigo
 Gravemente o sentio, e aceso em yra
 O coraçam rebenta por vingarse.
 Hũa mina mandou fazer na torre
 Que foy do Alcaide mor Antonio Freire:
 E como dos dentro foy sentida,
 Com grande diligencia, e pressa vazam
 Muita parte do entulho: porque sendo
 Derrubada, ficava descubetta

A fortaleza toda , e sem deffensa.
 Pois sendo ja chegados dez de Outubro ;
 Com grande pressa os Mouros lhe daõ fogo ;
 Derruba toda a face que para elles
 Se mostrava , sem mais , outro algum dano
 Fazer aos Portugueses , que ficarem
 Tres delles com feridas perigosas.
 Abertos foram dous grandes buracos ,
 Pola parte contraira neste muro ,
 Onde affetados foram dous camellos ,
 Que feriam continuo com gram força ,
 A cisterna que estava junto á cova ,
 De cuja agoa bebia a gente toda ,
 Que outra na fortaleza nam se achava.
 Vendo o Capitam mor este perigo ,
 Manda fazer de pressa hũa parede ,
 A qual de bestiam servir pudesse :
 Manda nella alentar hum furioso
 Reforçado camello , que ficava
 Fronteiro dos buracos : este tiro
 Reprimio o furor dos enemigos
 Com tanto dano seu , que mais nam ousam
 Deterse nesta parte , e logo tapam
 Os buracos , deixando tal empresa.
 Alçam muitas panellas todas cheas
 De polvora , sobre tefas , grossas lanças :
 E das suas paredes as lançavam
 Dentro nos Christaõs muros , que de perto
 Nam ousam com temor : mas de la vinham
 Acesas , e apos ellas grandes pedras
 Que aos cercados fazem grave dano.

Outra mina se fez no baluarte
 Que de D. João Dalmeida, deffendido
 Foy sempre, ate que a negra, e triste morte
 A vida lhe tirou, dandolhe fama.
 Com grande diligencia logo vazam
 O entulho por baixo, mas os Mouros
 Daólhe fogo ao primeiro de Novembro.
 Com sonoro estrondo cae a estancia,
 Arrebenta por fora, e fica o muro
 Inteiro, sem fazer aos nossos dano.
 Tambem se presumio que em Sanctiago,
 E em S. Thome, queriam os imigos
 Outras minas fazer: porque se ouvia
 O som, com que os picoés em ambas partes
 Do contino trabalho davam mostras.
 O Capitam proveo a esta sospeita,
 Acodindo com pressa a tal perigo.
 Hum reparo mandou fazer muy grosso,
 E muy forte: affastado pouco espaço
 Da estancia S. Thome, e delle manda
 Fazer ate Sanctiago hum largo muro:
 Porque se arrebentasse a dura rocha
 Com a força do salitre nam ficassem
 De todo descubertos. Assi estavam
 Trabalhados affaz, sempre esperando
 Por aquelle ditoso, alegre dia
 Em que o gram Visorey, para socorro
 Traria poderosa, e forte armada.



*Neste Canto XV. se trata, como o Visorey par-
tio de Goa, levando grossa armada em soco-
ro da fortaleza. Trata tambem como D. Ma-
noel de Lima chegado de Portugal a India o
Visorey o mandou de Baçaim a costa de Cam-
baya fazer guerra, onde os Mouros receberam
muyto dano.*

T Rabalhos, afflições, grandes angustias,
Desconsolações, males, e miserias,
Soccorreas Deos entam, quando mais clara,
E mais certa se mostra a desventura:
Ou prenosticos tristes emmudeçam,
E palem com mortal espanto, a gente,
Ou a cruel fortuna, se nos mostre
Com aspero, feroz, bravo semblante:
Firme esperança em Deos tenhamos sempre,
Pois nelle certa está misericordia,
E quando em nossos males esquecido
Se mostra, entam nos da o mor remedio.

As naos tardavam ja em vir do Reino;
E a esta causa em Goa se enxergava
Na gente popular húa tristeza
Nascida do temor que o grande cerco
Nos corações vulgares tinha impresso.
Trespassa hum grande espanto as tristes almas,
Daquellas que na guerra os charos filhos,
E seus maridos tem aventurados

A desfaltrado fim cada momento.
 Os templos frequentados eram dellas,
 Com lagrimas pedindo a Deos socorro,
 E com voz alta, e triste, a Virgem pia
 Chamavam com fervor, que lhes valesse,
 Tomandoa por terceira em tal perigo.
 Estava o Visorey com pouca gente,
 Apercebendo a armada, e ordenando
 As munições, e cousas necessarias
 Ao lugar affrontado, que esperava
 Por este so remedio. Bem se via
 No aspeito descontente, o pesar grande
 Que tinha do trabalho que passavam
 Fidalgos, e soldados, pelejando
 Com tanta multidam de forte gente.
 Em Deos so confiava, que a esperança
 Das naos que aviam de yr tinha perdida.
 Confuso, pensativo, e triste andava
 Pola falta dos fortes cavalleiros,
 Que neste estreito cerco pelejando,
 Com muy duros trabalhos feneceram.
 Via bem que importava este negocio,
 A salvaçam da India, ou total perda:
 Parecialhe caso assaz difficil,
 De imigos cometer tamanho numero
 Que sobre trinta mil contar se podem,
 Tendo elle sos consigo dous mil homês
 Que possam menear espada, e lança.
 Differentes estremos lhe causava
 O trabalhado spirito, que trazia
 De varios pensamentos combatido.

Assi se apercebia diligente ,
 Tomando sobre si tam grave peso ,
 E ainda que a sua alma receava
 O incerto successo desta empresa ,
 Mostrava na apparencia hum grande esforço ;
 Com que animava a gente , e lhe fazia
 Determinarse a couzas que parecem
 Exceder as mortaes , humanas forças.

Estando nestes termos o socorro
 Com rezam desejado , dos que em Diu
 Resistem com esforço a furia imiga ,
 Mil trabalhos soffrendo , estando a gente
 De Goa toda triste , e receosa ,
 Por males que do cerco redundavam :
 La na volta do golfam aparece
 Húa nao alterosa , bem talhada ,
 A qual mostrava ser de grande preço.
 Inchadas tras as vellas , e rompendo
 Com força as ondas vem deixando hum rasto
 Por popa de salgada , branca escuma.
 A revolta foy grande na Cidade
 Co a vista desta nao , e num momento
 A nova se divulga a todas partes.
 Ajuntase no porto muita gente.
 Molheres , e meninos vam correndo
 Com mostras , e sinaes de prazer grande.
 Velhos de longos annos tambem correm
 Co a pressa concedida a tanta idade :
 Levantadas as mãos , dam mil louvores ,
 E mil graças a Deos , que em tal fortuna
 Tal remedio mandava , que por certo

CERCO DE DIM. CANTO. XV. 229

Tinham todos que a nao hia do Reino.
 Surge na barra a nao , a gente ferve
 Dentro nella acodindo ao necessario.
 Hũs recolhem as vellas estendidas.
 Outros deitam ao mar pesadas ancoras :
 Virase em larga roda a nao soberba ,
 E atefando as amarras se assegura.
 Ia polos altos bordos aparecem
 Os homẽs enfadados da viagem ,
 Feita por tantos climas diferentes :
 Por tantos , e por tam soberbos mares.
 Ia todos mostram quanto lhe he suave
 A deleitosa vista de tal terra ,
 E com luzidos trajos de mil cores ,
 Mostram dos corações os alvoroços.
 Hum final lhes foy feito , e recolhidos
 Nos castellos de popa , e proa deixam
 Livre todo o conves aos bombardeiros.
 Disparam furiosos , grossos tiros :
 Cobrese a nao de turvo , espello fumo :
 Soa dentro hũa viva , e alta grita :
 Mas logo em pouco espaço ali se mostra
 A grande nao ornada com bandeiras
 Nas quaes as armas vaõ dos fortes Limas :

O Visorey cercado de fidalgos ,
 Ao porto chega , e manda num momento
 Saber (do Capitam que nella vinha)
 O nome , responderam com voz alta ,
 Que D. Manoel de Lima governava
 Aquella gente toda. Era este homem
 Naquelle parte ja bem conhecido .

Por Capitam prudente , valeroso ,
 De grande authoridade , e experiencia
 Em perigosas guerras , e combates ,
 Onde sempre mostrou por muitas vezes ,
 Hum nobre coraçam , hum braço forte :
 Hum esforço em perigos , e foffrellos
 Com animo invencivel. Quando soube
 O Visorey que vinha ali tal homem ,
 Tam forte , tam versado sempre em guerras :
 Nam cessa de dar graças , e louvores
 A Deos que lho trouxera a tam bom tempo.

Hum ligeiro Catur chegou a bordo
 Da grande nao , e logo nelle veyo
 O Capitam da terra , onde esperando
 Estava o Visorey com toda a gente :
 Levanta o alegre povo hũa tal grita ,
 Que fere as altas nuvês , resonando
 Polos teitos das casas , e dizendo :
 Ditoso Capitam fejas bem vindo ,
 Pois a tal tempo vens remir a India.
 Apos estas palayras vaõ correndo
 Sem ordem pelas ruas , festejando
 A desejada vinda desta armada.
 Vendõ D. Manoel a pouca gente
 Nobre , que ao Visorey acompanhava ,
 E que os Capitaês eram quasi todos
 Em socorro de Diu : e quando soube
 Que Chaul se velava , receando
 Do Zamaluco a vinda , e juntamente
 Que tambem Baçaim se fortifica :
 Sabendo que o Hidalcaõ lhe era contrario ,

Ainda que encuberto : quando a India
 Em tal estado vio , e em tanto risco :
 Vendo os fortes soldados , delles mortos ,
 Delles , no grande cerco constrangidos
 A mil grandes trabalhos , foy forçado
 Mostrarem os seus olhos a dor grande ,
 O pesar , e a tristeza da sua alma.

Depois que ao Visorey fallou , e a todos
 Os fidalgos que ali estavam com elle ,
 Foraõse praticando no perigo
 Dos que na fortaleza estam cercados :
 Determinando logo que o socorro
 Se faça sem tardar , com diligencia :
 Chegam alli fallando ao aposento
 Nobre , dos Visoreys certa morada.
 Recolhe o Visorey este valente
 Insigne Capitam ali consigo ,
 Ate que hum favoravel , brando tempo
 Lhes conceda lugar para partirse.
 Mandam logo prover com muita pressa ,
 As fustas , e gales de artilheria ,
 De munições , e cousas necessarias :
 Soberbos galeões todos vaõ cheos
 De muitos mantimentos , de pelouros ,
 De polvora , e de muy lustrosa gente.
 Vendo D. Manoel tempo oportuno ,
 Para servir elRey , como a vontade
 Para isso assaz desposta sempre teve :
 Ao Visorey pedio com grande instancia ,
 Que licença lhe de para embarcarse
 Com trezentos soldados , e á sua custa

A todos largamente proveria.
 O Visorey lhe diz , que muy bem sabe
 Quam certo estará sempre no serviço
 Do poderoso Rey , e quam inueitas
 Estas suas palavras sam : mas que era
 Muito mais necessario que se embarque
 Núa ligeira fusta , porque possa
 Ir ali junto delle. Tanta conta
 Se fazia do seu animo grande ,
 Que sempre os Visoreys , em graves feitos ,
 Procuravam de o ter junto consigo.
 E bem parece ser isto verdade ,
 Pois quando sa em Diu , convidado
 O gram Nuno da Cunha foy daquelle
 Bhaudur Rey de Cambaya : vendo que era
 Importante , e arriscado este negocio
 A D. Manoel mandou que ali estivesse ,
 (Nam sendo nunca muito seu aceito)
 E a porta lhe guardasse : que em taes tempos
 Taes homês escolhia , outros deixando
 Que com adulações ganham vontades.
 Outro tanto como isto fez o nobre
 Visorey D. Garcia de Noronha ,
 Quando a soberba armada do gram Turco
 Foy aguardar no mar , que este prudente
 Valente Capitam mandou que andasse
 Com ligeiros navios na dianteira
 De toda sua armada : sendo hum caso
 Onde assaz evidente se mostrava
 A destruição da India , e final perda.
 Mil casos de importancia fez , andando

La no abundoso , e fertil Oriente
 Por tempo de vinte annos , que chegado
 Ali de hum anno fo , logo lhe deram
 Grandes , e honrados cargos , conhecendo
 Seu animo invencivel , seu bom zello ,
 Sua verdade , e seu felice fado ,

Pois como ja os navios estivessem

Guarnecidos de novo , e aparelhados :
 Os fortes galioes de vergas dalto
 Estavam todos ja , dando esperanca
 Da victoria futura : a grande praya
 Fervia a todas partes , e a revolta
 Da gente que embarcava , enfurdecia
 O porto , e alto , mar. Todos contentes ;
 E desejosos de honra , davam pressa ,
 Porque nada ficasse , que impedisse
 A ditosa partida hum so momento.
 Tudo ja concertado , tudo prestes ,
 O Visorey ao porto vem cercado
 De grande companhia de fidalgos
 Mancebos , de animosos , fortes peitos.
 Capitaes valerosos o acompanham ,
 E soldados robustos , no exercicio
 Militar sempre usados : tambem vinha
 Seguindo logo atraz hum grande povo
 Rogandolhe mil bens , a Deos pedindo
 Com grandes rogativas que deffenda
 Estes seus cavalleiros , e aos imigos
 De sua santa Fe , em triste jugo ,
 E captiveiro ponha para sempre.
 Aqui se via em rostros de mulheres



Húa defuncta cor , que as desfigura :
 Correndo hum medo frio polos ossos ,
 Que as entranhas lhe deixa trespassadas ,
 Com taes finaes , mostrando o temor grande
 Deste successo incerto , e duvidoso.

Ia o dourado Phebo aparecia
 Ferindo com luz nova os altos montes ,
 E aos nossos Antipodas deixava
 Cubertos de húa negra , e triste sombra ,
 Quando esta grande armada deixa o porto
 Desemparado , e so. Em despregando
 As grossas naos as vellas , alçam todos
 Húa grita que o Ceo penetra , e passa.
 Levava o Visorey na dianteira
 Húa fusta , antre todas escolhida ,
 Que vence em ligeireza o mesmo vento :
 Traz ella vam remando outras sesenta ,
 Com doze galeoës , e naos mais grossas.
 D. Manoel de Lima governava
 Outra ligeira , bem provida fusta :
 E Garcia de Sá varam prudente
 Por Capitam vay de outra , e outra leva
 D. Manoel da Sylveira , e o mancebo
 Valeroso , esforçado , cujo nome
 Era Jorge de Sousa , outra governa.
 Tambem Manoel de Sousa outra levava ,
 Deste era sobre nome de Sepulveda.
 Miguel da Cunha , e Ioão Falcam levavam
 Duas fustas iguaes , em chusma , e remos.
 A D. Ioão Manoel outra foy dada ,
 Que tocara inda entam o mar de novo.

Francisco Dazevedo ali procura
 Aventajar a sua de outras muitas
 Pois Francisco da Cunha bem queria
 Que a sua fosse igual das dianteiras.
 Leva Antonio de Sa, com força grande
 De valentes mancebos, outra: e outra
 Leva Iorge Cabral: tambem levava
 Cosmo de Paiva aqui outra pequena;
 Mas muy ligeira fusta, e por parceito
 Vay Pero de Taide, em outro novo,
 E bem feito navio. Iuntamente
 Luis Alvarez de Sousa vay regendo
 Outra fusta sotil, aparelhada
 De novas munições, de bõs remeiros.
 O Padre Fr. Antonio, que dalcunha
 Do Casal se chamava, e nestas partes
 Custodio era geral de S. Francisco
 Hia por Capitam de outro navio:
 Tres frades leva ali por companheiros;
 E leva vinte e quatro bons soldados,
 Dandolhes de comer muy largamente.
 Outros bõs Capitães vam repartidos
 Por naos, por Galioés, por outras fustas:
 Todas levam bandeiras de mil cores
 Defatadas ao vento, com devisas
 De suas entençaõs, todos vestidos
 De ricos, e lustrosos aravios,
 Causam nos coraçõs hum vivo esforço:
 Hũa grande esperança de victoria.
 Logo as fustas começam a moverse,
 Tornando em branca escuma o mar inchado

234 SVCCESO DO SEGVNDO

Os remeiros com força vam dobrando
 Os fortes remos com valentes braços.
 Cortam as naos a par as grossas ondas :
 Bate hum contino alento os açodados ,
 E trabalhados peitos dos que remaõ.
 Das secas bocas fae hum bafõ espeffo :
 Os robustos , e nus hombros se mostram
 De abundoso suor todos banhados.
 De quando em quando soa hũa alta grita
 Que as nuvês rompe , e chega ate as estrellas.
 Perdida ja de vista a terra firme ,
 Engolfados no mar , supitamente
 Nam muito longe delles , as inchadas ,
 E furiosas ondas arrebentam :
 E em largo circuito ferve a agoa.
 Empolas levantando a muitas partes :
 Taes que por altos montes se julgavam.
 Abrese em fundas covas o mar todo :
 Aparecem Marinhos feros monstros ,
 De mil diversas formas , festejando
 A vinda do gram Padre , que o governo
 Tem das profundas agoas. Aparece
 Aquelle velho Glauco co seu choro :
 Aparece tambem o grande exercito
 De Phorco , e a donzella Panopea :
 Aparecem Tritões , por outra parte
 Correndo muy ligeiros polas ondas.
 Aparece apos estes , Cimodoce
 Com suas companheiras , noutro tempo
 Troyanas naõs , agora convertidas
 Em fermosas Nereidas por Cibelles.

Todas trazem nas mãos muy sonorosos ,
 Suaves instrumentos. Apos estas
 A deosa Thetis may do Grego Achilles ,
 Vinha leda , e contente prometendo
 Hum tempo favoravel , sem perigo.
 No meyo destes todos , se levanta
 O gram Neptuno com sereno rostro ,
 Sobre hum carro riquissimo , adornado
 Com pedras , de valor raro no mundo ,
 Cujas ligeiras rodas vem cubertas
 Das perlas que produze o Oriente.
 Quatro cavallos fortes , e soberbos
 O gram carro tiravam : descobrindo
 Os escamosos peitos , dam mil golpes ,
 E ferem com as mãos as claras ondas.
 Das bocas , e das ventas lançam grandes
 Rios de agoa corrente , e o grande Padre
 Com sembrante aprazivel , e sereno
 Os olhos vay voltando a todas partes.
 Obedecem as ondas á presença
 Do poderoso Rey , e o mar inchado
 Sereno fica , manso , amigo , e brando.
 Alça Neptuno entam o braço forte ,
 O tridente sacode com gram força :
 Alteranse os cavallos , arremetem
 Dando saltos aqui , e ali ligeiros :
 Ferindo as agoas com sonoro estrondo.
 Repartese aqui a corte de Neptuno ,
 Cerca a armada por hũa , e outra parte ;
 Mostrando em todas ellas alegria.
 Hês se escondem debaixo dagoa , e logo

Contentes aparecem , revoivendo
 As escumosas ondas com rugido.
 Outros tocando vãs conchas , atroaõ
 Os altos ares , outros com diversos
 Alegres movimentos , fazem festas
 A Portuguesa armada belicosa.
 Ali guiava o carro de Neptuno
 A fusta Capitaina , e junto della
 Com vozes suavissimas , cantando
 Vaõ ferozas Nereidas , os louvores
 A tam bom Capitam , justo devidos.

Com tanta magestade navegando
 Chegam a Baçaim , e os encurvados
 Ferros ao fundo deitam : segurando
 Os nãvios no porto , onde estiveram
 Algũs dias : mas todos , embarcado
 Esteve o Visorey , sem tomar terra.

D. Manoel de Lima se offerece
 Ao Visorey , dizendo que elle yria
 A Costa de Canibaya fazer guerra :
 Da qual Costa tem larga experiencia ,
 E gram conhecimento dos lugares ,
 Em que pode fazer notavel dano.
 Aprova o Visorey este conselho ,
 Mandoulhe que partisse , e que levasse
 Seis ligeiros Caturos , por nam serem
 Mais entam necessarios , e fizesse
 Por ali quanto mal possivel fosse.
 Mandalhe expressamente que a molheres ,
 A velhos , e a meninos nam de vida :
 Mas antès crueldade em todos mostre ,

Nem perdoe a idade, ou fermosura.
 E para mais espanto, tambem manda
 Que os gados, os cavallos, e egoas mate:
 Para que o gram soltam sinta ver tantos
 Innocentes morrer, so pola culpa
 Do seu fraco juyzo, e pertinacia.

Chegam a enseada em breve tempo,
 Começam de fazer hũa sangrenta
 Cruellissima guerra. Tomam trinta
 Cotias que levavam mantimentos
 Ao imigo arrayal, e toda a gente
 O Capitam mandou que fosse feita
 Em pequenos pedaços, e as cotias
 Desta carga mortal todas enchessem.
 Os soldados com furia se arremessam,
 Aquelles que a morrer ja estam julgados,
 Com grande crueldade cortam membros:
 As entranhas desfazem, tiram almas
 Que em breve espaço vam com dor gritando
 Ao reino tenebroso, fero, e triste
 De hum congelado, negro, e frio sangue,
 Os soldados estavam todos cheos.
 Rodam polos conveses as cabeças
 Defunctas, em qualhado sangue envoltas,
 As cotias encheram desta carga:
 Polos rios as metem, publicando
 A temerosa nova em toda parte.
 Ia se ouvem tristes prantos, e altos gritos,
 Onde a funesta armada toma porto.
 Corre a misera gente sem concerto,
 Ajuntaõse molheres em manadas:

Espantadas vaõ ver o fero caso ,
 Que visto , as faz ficar emmudecidas.
 Hum medo torpe ali combate as almas
 Desta misera gente , e rouba aos rostros
 Aquella cor de vivos , parecendo
 Levantarse das frias sepulturas.
 Os dentes se lhe apertam , e hum rogado
 Nas desmayadas bocas se lhes ouve ,
 Qual soe causar no fraco , triste enfermo
 O frio da quartaã. Hum grande espanto
 Nos seus coraçõens causa o esquadram negro
 Das carniceiras aves que seguiam
 A frota avorrecida , com clamores
 Desconcertados , e altos , que rasgavam
 As mais sobidas nuvês. Constrangidas
 Da dura fome , decem com gram pressa
 Aquelles corpos vis despedaçados ,
 Armando antre si mesmas nova guerra ;
 Sobre a partilha vil da immunda carne.
 Os tristes miseraveis alaridos ,
 Da genre que isto via , atroa os montes ,
 Todos os fundos valles , e as cavernas
 Concavas retombavam com mil gritos.
 Sefenta Mouros todos escolhidos
 Meteram nos Catures : bem cuidavam
 Os tristes , que da morte ja seguros
 Hiam , e deste mal livres , e salvos.
 Despois que o Capitam este gram dano
 Naquella parte fez , tornase aonde
 Estava o Visorey , com promptos olhos
 Aguardando por elle , e em chegando

A' vista da gram frota , logo manda
 Enforcar os captivos que trazia.
 Sobiraõnos em alto a todos juntos :
 Derrubamnos dali a hum mesmo tempo ,
 Correndo de vagar os crueis laços ,
 As gargantas aperram com dor grande ,
 E com mortal trabalho padeciam ,
 Aquelles a quem sua triste sorte ,
 Tam defaistrado fim tinha guardado.
 Os corpos com dor grande , com tormento
 Se revolvem a hũa , e outra parte :
 E no ar estendidos se estremecem ,
 Lidando com tal morte tam penosa.
 Todos desta maneira á frota chegam ,
 Com grande grita , e festa dambas partes.
 Quando os da armada viram as bandeiras
 Com que os Catures vinhaõ tam soberbos ,
 Louvam com vozes altas a ventura
 De quem tam bom principio deu a guerra ,
 Que todos com razam tanto temiam.
 Muitas , e grandes honras foram feitas
 A D. Manoel , com pubricos louvores
 Do Visorey , com quantos cavalleiros ,
 Capitães , e fidalgos na gram frota
 Avia entam : dizendo que elle abrira
 A porta , e o caminho que fechado
 Estava com receo do successo ,
 Que duidavam serlhes favoravel :
 E co esta sua vinda tam ditosa ,
 Animára os soldados , e espertára
 Os corações de todos , que ja ardiam

Em

Em vivo fogo de honra: desejando
Fazer cousas de fama, e gloria dignas



Neste Canto Decimo sexto se trata, como D. Manoel de Lima tornou á Costa de Cambaya por mandado do Visorey: conta-se nelle todas as cousas que ali fez nesta segunda viagem. Trata tambem da chegada do Visorey a Diu.

A Nimos generosos, e esforçados,
Que altos, e grandes feitos emprenderam,
Da prospera fortuna, com successos
Ditosos, vimos ser favorecidos.
E a corações covardos, os desfaltres
Estam mais evidentes, e mais certos.
Sempre a fortuna ajuda hum nobre peito,
Ousado, que a morrer se determina.

Nam passou muito tempo descansando
Este bom Capitam que no terceiro
Dia, se apercebeo para dar volta
Segunda vez, a Costa de Cambaya:
Mandoulhe o Visorey que entam levasse
Trinta ligeiras fustas escolhidas
Das milhores que ouvesse em toda a armada.
Leva por Capitães algũs fidalgos
De origem decendidos, clara, illustre,
Com outros varoês dignos de mil honras,
Na guerra experimentados, e prudentes.
Tambem leva consigo outros mancebos,

De purissimo sangue , e tronco antigo :
 Aos quaes naquella idade , hum vivo esforço ,
 Hum desejo de fama , faz que emprendam
 Dificultosos , e arriscados casos :
 A vida offercendo pola fama .
 Os que vam por soldados se chamavam ;
 D. Fernando , e Antonio ambos de Lima ,
 D. Duarte tambem deste apelido ,
 Que a tantos deu glorioso , immortal nome .
 D. Hieronymo Deça , e D. Antonio
 Com D. Gemes , tambem Deça chamados :
 Vai Bernabe de Sa aqui neste conto ,
 Com Mathias de Souza , e hum mancebo
 Filho do secretario , cujo nome
 Era Miguel Carneiro . Todos levam
 Armas resplandecentes , e custosas ,
 Celadas fortes , duros cossolletes ,
 Com vestidos de panos de mil cores ;
 Que poem esforço nuns , noutros espanto .
 Enxergase bem nelles que desejam
 Empressas , de que tirem fama , e honra ;
 Os Capitaes das fustas que seguiam
 A D. Manoel de Lima nesta armada ,
 Eram D. Manoel Deça , Alvaro Peres
 Que tem Andrade , e Abreu por sobrenome .
 Tambem Iorge da Sylva , e Luis Figueira ,
 Hieronymo de Souza : e logo co elle
 Hum Malavar , sobrinho do Sequeira
 Que por Capitam hia em outra fusta .
 Hia Nuno Fernandez , que dalcunha
 Pegado se chamava , e o Ramalho .

242 SVCCESSE DO SEGVNDO

Vay Lourenço Ribeiro , Antonio Leme :
 Vay Alvaro Serram , homem fefudo ,
 E de animo robusto. Tambem leva
 O' destro Capitam Cosmo Fernandez ,
 Na Ligeira galveta sempre certo.
 E aquelle que a hũa voz todos chamavam
 O Rey de Zanzibar , que conhecido
 Era por este nome em toda parte.
 Sem mais outra detença o remo afferram
 Aquelles que escolheo por mais expertos :
 Usados em trabalhos , e em fortunas
 De tempestuosos ventos , diligentes.
 O mar batem com força , vaõ em saltos
 Os ligeiros navios , como quando
 Vaõ seguindo os Golfinhos no mar alto ,
 A civel , fraca presa , que lhes foge
 Assi vaõ com bom vento navegando ,
 Chegam a grande Costa de Cambaya ,
 E dentro na enseada entraram logo ,
 Por ser o principal de todo o Reyno.
 Desembarcam em terra , e de improviso
 Começa arder o fogo com braveza ,
 E levantar no ar a ardente chama.
 Ia se ouve o triste pranto , os altos gritos
 Daquelles miseraveis , tristes corpos ,
 Que abre o ferro cruel , e queima o fogo :
 Mas nem isto bastou para pôr freo
 Naquelles furiosos , duros braços.
 Despois que destruhio alguns lugares ,
 Sem ficar cousa em pe , e que nani fosse
 De todo ruinada , se tornaram

CERCO DE DIV. CANTO. XVI. 249

Logo embarcar nas fustas , indo sempre
 Tam pegados com terra , que varrendo ,
 E levantando vaõ a branca areia.
 Estava ali hum lugar que se chamava
 Do Abexim , de riquezas abundante:
 De Currate , distancia de hũa legoa ,
 Onde CogeÇofar tinha seu trato ,
 Com muitos outros grossos mercadores:
 Edificios mostrava bem lavrados
 Muitas casas fermosas todas cheas
 De grandes mercandias , e outras cousas
 De estranhesa , e valor raro no mundo.
 Como a gente sentio que hia sobre elles
 O Capitam valente , desemparam
 O lugar num momento : porque o medo
 Nam lhe consente mais ali deterse.
 O desejo da vida faz que deixem
 As fazendas , e tudo o que possuem ,
 Entregue ja de todo a hum fogo ardente
 Que em mil partes ardia , e aos soldados
 Que he outro fogo maior , mais perigoso ;
 O lustroso esquadram hia cerrado ,
 Guarneçido de muitos arcabuzes ,
 De lustrosas , e grossas , fortes armas:
 Hũa branca bandeira vay seguindo ,
 Que desatada ao vento , vay mostrando
 O divino final , em que Deos homem
 Por nos quis padecer , no gram Calvario:
 Indo desta maneira entraram dentro
 No lugar aprazivel , e nas casas
 Que de famosa presa estavam cheas ;

Lançam pernicioso, ardente fogo,
 Que em breve espaço faz notavel perda.
 Ia por mil partes arde o lugar grande:
 Os labores fatis dos altos teitos,
 Vivas brasas se tornam: e a custosa,
 Bem lavrada madeira, em fogo ardendo
 Por todas partes cae, e entupe as ruas.
 Grandes nuvês de fumo levantadas,
 Ali com outras se andam encontrando,
 Do po que o vento erguia. Grandes montes
 De trigo, milho, arroz, e de outros muitos
 Proveitosos ligumes, todos ardem,
 Todos em leve cinza, se convertem.
 Ali nada se salva, ali fenecem
 Mil nobres edificios, e estimadas
 Ricas mercadorias: tudo ao fogo
 Embravecido, com rigor se entrega.
 Ali ficam perdidos mercadores,
 Ali o racional, e o bruto morre.
 Tomarãse alguns Mouros nesta parte,
 Os quaes por deffender as tristes vidas
 Em balde se esforçaram, logo atados,
 E a bom recado foram todos postos.
 Vanse os nossos daqui a hum largo campo,
 Que estava do lugar pouco affastado.
 Levam consigo aquelles, a que o duro
 Fado quis dilatar hum pouco a morte,
 Para lha dar despois com mor tormento,
 Porque em muy breve espaço foram feitos
 (Mandandoo o Capitam) em mil pedaços,
 Hum so deixando vivo, que presente

Estivesse ao tormento rigoroso ,
 Que os outros condenados padeciam.
 Depois que se passou o triste termo
 Deste tam necessario , e cruel feito ,
 O Capitam mandou trazer diante ,
 O Mouro , a quem a vida segurara ,
 Que quer que va direito a fortaleza ,
 Levár do que ali vira certa nova.
 Tremendo , e sem figura vinha o triste ,
 Atonito pasmado , sem sentido.
 Tal vinha como aquelle a quem fantasma
 Apareceo de noite , com figura
 Horrenda , pavorosa , e allombrado
 Fica , com mortal cor da visam fera :
 E rodeando a vista a todas partes ,
 Nenhũa coufa ve : tam trespassado
 Está do grande medo , que nam falla ,
 Nem ouve o que lhe dizem. Assi este ,
 Dos que vira matar , vem com tal medo ,
 Que quasi traz perdida ja de todo
 A vista : mas sabendo por certeza
 Que o Capitam lhe dava a vida , torna
 Hum pouco sobre si com mais sprito.
 O Capitam lhe diz , que leve a nova
 Do que vira fazer , aos que em Currate
 Estavam recolhidos : mas queria
 Que primeiro deixasse as mãos la onde
 Elle vira deixar outros as vidas.
 Quando o Mouro entendeo que estava livre
 De morrer como os outros , inda que era
 Perdendo huns membros taes , tam necessarios ,
 Qua-

Quasi alheo de si co prazer grande ,
 Prostrase logo em terra , nam cessando
 De dar ao Capitam infindas graças ,
 Pola merce da vida : e logo estende
 Com alegria as maos no duro cepo ,
 Em que outros estenderam as gargantas ,
 Sogeitas ao cruel imigo fero :
 Onde foram cortadas , e ligados
 Os decepados braços fortemente :
 Porque o sangue nam salte achando as veas
 Abertas , que a fugir lhe da licença.
 Traz isto o Capitam lhe diz , que pode
 Partirse se quizer , porem que diga
 Aos que estavam em Çurrate que outro tanto
 Se avia de fazer a toda a gente
 Do reino de Cambaya. O Mouro inutil
 Depois que se vio solto vay correndo ,
 Sem acabar de crer que era verdade
 Que estava livre ja. Ainda sentia
 Aquelles crueis golpes com que vira
 Fazer em mil pedaços seus pareceiros.
 Ainda ali presentes leva os gritos ,
 Com que as almas deixando os frios corpos ,
 Deciam ao escuro , horrendo abismo.
 Pouca pena , e trabalho entam lhe dava
 Máos , e nervos cortados : mas ja quando
 O medo deu lugar que se sentisse
 A grandissima dor , começa o triste
 Queixarse gravemente : e a este tempo
 Chegava a fortaleza de Çurrate ,
 Ouvio dentro hum rumor , hum triste pranto ,

Hús gemidos cançados , e ja roucos.
 A grandes brados pede que o recolham ,
 Que vinha dos inimigos mal tratado
 Hum pequeno postigo abriram logo ,
 Os que estavam la dentro , com desejo
 De saber o que passá : e recolhido
 Na fortaleza , o Mouro com gram pressa
 Poem de novo ao postigo o duro fecho.
 Acode a gente toda desmayada ,
 Cercam o Mouro em roda , e lhe perguntara
 Se ficara contente com este dano
 O cruel Capitam , ou se elle ainda
 Lhes querera por fogo a fortaleza ,
 Deixandoos abraçados , e por terra ,
 Como , aos outros lugares tinha feito.
 Porque tal era o medo que lhe tinham ,
 Que inda ali se nam tinham por seguros.
 Em alta , e triste voz todo tremendo ,
 Estilando hum licor salgado os olhos ,
 A todos conta o Mouro o fero caso :
 Os tormentos crucis , as duras mortes.
 Os incendios , as perdas , e as ruinas
 Que elle vira , e em si tambem sentira.
 Os braços mostra entam correndo o sangue ;
 Testemunhas do mal que succedera.
 Tambem lhes da o recado que levava
 Do Capitam para elles , que foy causa
 De hum tormento mortal nas tristes almas.
 Sabida a cruel nova geralmente
 Se faz hum novo pranto , e as molheras
 Que os pequenos filhinhos sustentavam

Nas fabrosas tetas , quando ouviram
 Do Capitam contar taes crueldades ,
 Apertao nos configo , suspirando ,
 E gemendo diziam : tristes filhos ,
 Hay miseras de nos , se por ventura
 A fortuna cruel vos entregasse
 Nas mãos dos carniceiros Portugueses.
 Hay filhinhos pequenos , Deos nam queira
 Que o Capitam que agora fez tal dano
 Venha onde vos estais ; para vos verinos
 Acabados , e a nos com tristes mortes.
 Isto dizem as máis desconfoladas ,
 Em lagrimas banhando os tenros filhos :
 E destes sobrefaltos tinham sempre
 As almas , e as entranhas trespasladas.
 Tinham todos temor , e hum medo grande
 Porque viram bandeira , e mão armada ,
 Com perdas de lugares , de fazendas ,
 Com tanto dano , em parte onde cuidavam
 Que era cousa impossivel , Portugueses
 Poderem chegar nunca em algum tempo.
 Assi lhes parecia que hum tal homem
 Nascera por seu mal , e quando nelle
 Falavam , logo os rostros descubriam
 Das almas o temor , a cor perdendo.
 Depois que este lugar que se chamava
 Do Abexim , foy queimado , e tudo quanto
 Avia dentro nelle : determina
 O Capitam dar fim ao que ja tinha
 Começado tambem com tanta honra ,
 E ainda que fazia estas cruezas ,

Nam era por cruel, que muy benigno,
 Brando, e affabel era: mas compria
 Tratar desta maneira hũa tal gente:
 Porque eram tam fobertos que daquellas,
 E de outras muito mores crueldades
 Tiãham necessidade: porque sendo
 Tratados menos dura, e cruelmente,
 Levantam de continuo novas guerras,
 Dando novos trabalhos cada dia.
 Affi que era muito juſto, e necessario
 Domallos com temor, com força de armas.

Partido o Capitam deſte famoso
 Gram lugar do Abexim, de que nam fica
 Outra memoria mais, que grandes montes
 De cinza, e de carvoês, vai tomar terra
 Em Ançote, levando a dianteira
 Este Alvaro Serram que atras se conta,
 Esforçado em perigos, com quarenta
 Afraz deſtros, e bõs arcabuzeiros.
 O Capitam atraz o vai seguindo,
 Com todos os fidalgos, e ſoldados.
 Armados hiaõ todos de luſtroſas,
 Ricas, e fortes armas, delles levam
 Compridas eſpingardas, delles lanças
 Teſas de agudos ferros: e em tal ordem
 Chegam a dous lugares, nam muy grandes,
 E deixandoos queimados ſe pararam,
 Porque Ançote moſtrava os edificios
 Apartados dali pouca diſtancia.
 Neſte grande lugar avia muitas,
 E bẽm lavradas caſas, todas cheas

De muy grossas fazendas , tinha ruas
 Dircitas , e compridas , onde estava
 Húa fo fortaleza alta , e soberba.

Entrados na Cidade em breve espaço
 Começa o fogo arder por muitas partes :
 Cobrese o alto Ceo de huma fumosa ,
 Espessa nuvem negra , escura , e triste :
 Ia os soberbos , e os altos edificios ,
 Com espantoso estrondo vem a terra :
 Ia se movem os braços victoriosos :
 Ia soaõ grandes golpes , grandes gritos
 Dos tristes , que da morte , o duro encontro ,
 E do inimigo a furia , vaõ sentindo.
 Em todas partes crece o pranto , e o medo ,
 De mil mortes cruéis acompanhado.
 Os soldados com força (derrubando
 Vaõ) com fortes marroës as grandes casas ,
 Matando a quantos acham pelas ruas.
 O' caso cruel , duro , e lastimoso ,
 Que fo a lembrança delle nos inclina
 E move a piedade : muitas moças
 Alvissimas , fermosas , cuja idade
 Florescia em tal tempo , temerosas
 Daquelle grande incendio , nam sabendo
 A que parte fogissem , viuham todas
 Cair nas duras mãos de seus imigos ,
 Que acesos em furor , nam nas tratavam
 Co aquella cortesia honesta , e branda ,
 Que por razam se deve em todo tempo
 A hūs olhos fermosos , a huma graça
 Onde costuma Amor armar seus laços :

Antes de todo cegos, denodados,
 Os tenros peitos abrem, e as espadas
 Banham naquelle puro, e limpo fangue.
 A todas partes correm, tam cubertos
 De abundoso suor, de espesso fumo,
 De fresco, e ruivo fangue, que parecem
 Figuras infernaes, antes que humanas.
 Nam fica ali com vida o fraco velho,
 A innabel molher, o tenro moço,
 Nem o gado innocente, bruto, e manso,
 Com tudo o mais que goza a vital aura.
 Trinta e cinco cotias ardem todas,
 Com outras mil fazendas differentes.
 O Rumecam recebe grandes perdas:
 Ficam mil mercadores destruidos:
 Baneanes de resgates proveitosos,
 Enforcados os deixam nos caminhos:
 Nas mezquitas lhe fazem mil injurias:
 Mil grandes vituperios, a seus deoses
 Falsos, e mentirosos: daqui foram
 Quasi duzentas almas, ao profundo,
 Horrido, pavoroso, e triste inferno:
 Ficando esta Cidade, e tudo nella
 Sem nada se salvar, ardendo em fogo.
 Cansados todos ja de tantas mortes,
 Ao serviço delRey tam necessarias:
 Embarcamse nas fustas, quando Apollo
 O luminoso carro ja escondia,
 E os cavalloos banhava no Occeano,
 Ficando o ar envolto em negra sombra,
 E o mundo todo em cor escura, e triste.

Todos tomam repouso do contino
 Trabalho, em que o passado dia andaram.
 Estendense por bancos, por conveses,
 Dam repouso aos cansados, lassos membros,
 Entregandoos a hum brando, e doce sono.
 Dormindo movem hús os fortes braços,
 Dando com muita força em vaõ mil golpes:
 Outros com vozes mal distintas, dizem:

Aqui matemos estes que nos fogem.
 Alguns isto dizendo, levantavam
 As cabeças em sono sepultadas,
 Mostrando com sinaes de tutor grande,
 Naquellas mortes inda andar envoltos:
 Mas o profundo sono torna logo
 Render os alterados corpos: liga
 Os sentidos de novo, e representa
 Em todos húa imagem muda, e triste,
 Da cruel, fera, horrenda, e negra morte.

Quando no meyo ja da gram jornada,
 As luzentes estrellas se sobiam,
 E a terra estava entam em mor silencio:
 A deserta Cidade, com mais força
 Se abrafava de todo, e se ruina
 Ate o cimento as casas, sepultando
 Aquelles mortos corpos meyo ardidos.
 O fogo vai buscando onde se estorce,
 Onde faça mais dano com braveza.
 Acha vasos muy grandes de estimado
 Preciozissimo oleo (nesta parte
 Caro, e custoso assaz) os vasos ardem,
 Derramase o licor, desaparecem

As grandes, e furiosas labaredas,
 Vivas brazas de azeite ficam cheas,
 Fervendo, e levantando hum fumo negro:
 Mas logo em pouco espaço ali se ascendem
 Chamas, mais esforçadas que as primeiras.
 Ia com fogosa luz os mares mostram,
 Em largo circuito o grande incendio.
 Ia se converte em dia (antes das oras
 Costumadas) a fria escura noite.

Depois que amanheceo, vindo o gram Phebo
 Com seus raios dourando os altos montes,
 O nobre Capitam hum final manda
 Fazer da sua fusta, porque acordem
 Os que em sono agradavel sepultados
 Estavam, e a partir se façam prestes.
 Levantanse dali e a voga larga
 Vam sobre dois lugares, que mostravam
 Doerse das miserias da vezinha
 Misera, e mal affortunada **Ançote.**
 A gente foge delles nam salvando
 Mais que semente as vidas, que as fazendas,
 E os lugares, ao fogo ardente foram
 Logo entregues, caindo ate os cimentos.
 Aqui quinze lugares se queimaram:
 A gente toda sente o cruel ferro:
 Nem se perdoa a cousa alguma viva
 Os velhos, e mancebos, igualmente
 Passaram pola morte regurosa:
 As molheres, e moços mais pequenos,
 Todos hum fim tiveram desastrado,
 Nam ficou mantimento que nam fosse

E vendo a fortaleza conquistada,
 Por tantos, e tam duros inimigos,
 Hum alvoroço grande, húa viveza
 Ferue nos corações dos mais valentes.
 Grande foy alegria dos fidalgos:
 Grande o contentamento d'outros muitos
 Notaveis cavalleiros, quando viram
 Que se lhes chega o tempo de mostrarem
 A Fe devida a Deos, a lealdade
 Que devem a seu Rey, como vassallos,
 Que podem com razam ser escolhidos
 Antre todos os outros do universo.
 As fustas postas todas em concerto,
 Vaõ fazendo húa mei grande lua:
 Soberbos galeões com vellas altas,
 O rasto dellas vaõ de tras seguindo.
 Mil bastardas trombetas, e outros muitos
 Instrumentos de guerra alvoroçavam
 Os nobres corações, que ja desejam
 Em batalha mostrar seu grande esforço:
 Vaõ todos os navios com bandeiras
 De mil diversas cores, apraziveis:
 Mostra-se a gente nelles, com lustrosas,
 Resplandecentes armas: os remeiros
 Dobram com maior força os fortes remos,
 Chegando bem ao Ceo seus vivos gritos.
 Com tal ordem surgiram todas juntas,
 Espaço de húa legoa da Cidade.
 Começa logo a armada Portuguesa,
 Que la na fortaleza estava surta,
 Salvar o Visorey com muitos tiros,

Responde-lhe a gram frota juntamente :
 Turvase todo ar com grossas nuvês
 De peçonhento fumo : resplandecem
 Supiras labaredas , e bramavam
 Os ares , com estrondo fero , horribel :
 Dispara a fortaleza toda quanta
 Artilheria grossa tinha dentro.
 Os Mouros outro tanto das estancias
 Fazem , para mostrar quam pouco medo
 Daquella , e doutra armada , ter podiam.
 Nam tardou muito espaço , que hũa fustz
 De la da fortaleza vem direita ,
 Demandando a soberba grossa armada :
 Lourenço Pirez vinha dentro nella ,
 Dos Tavoras illustres descẽdido :
 E chegando onde estava a Capitaina ,
 Entrando dentro , vai com prazer grande
 Fallar ao Visorey , que por estremo
 Co elle se alegrou , por ser hum homem
 Na guerra largamente exprimentrado ,
 Prudente nos conselhos , e ardis della.
 Foy por Capitam mor das naos que foram
 Aquelle anno do Reino : e por ser tarde ,
 Fez viagem por fora de hũa ilha ,
 S. Lourenço chamada , e por tal causa
 Foy surgir a Cochim : onde sabendo
 Os termos deste estreito , duro cerco ,
 Se embarcou nesta fusta , co a mais pressa
 Que possivel lhe foy , e no passado
 Dia , desembarcou na fortaleza.
 Grande foy o prazer de toda a gentz

E em todas as paredes grandes pedras
 De gravissimo peso, que aos soldados
 Que sobissem, fizessem mil pedaços.
 Tambem manda que estem na frontaria
 Quinze mil bõs soldados, repartidos
 Por todas as estancias, combatendo
 Com grandissima força a fortaleza.
 Destes os mais sam Turcos, e hũa somma
 De muy valentes Helches, e de Arabios
 Estam na frontaria, porque possam
 Resistir ao furor dos Portugueses.
 Tambem mandou prover o baluarte,
 A que o nome ficou daquelle illustre,
 E nobre Diogo Lopes de Siqueira,
 Que ja naquellas partes do Oriente
 Teve mando absoluto: por acharse
 Nelle, saber, esforço, e mil virtudes
 Outras, dum cargo tal merecedoras:
 O qual foy situado nũa ponta,
 Que o seu muro fazia sobre hum posto
 De pequena calheta, lugar próprio,
 Para fustas poyarem gente em terra:
 Por aqui sospeitaram que queria
 O Visorey, que a gente desembarque.
 E por quanto esta estancia estava toda
 Derrubada, levando della pedra
 Para fazer os outros edificios
 Que ali da fortaleza estam fronteiros:
 Agora nestes tres dias tornaram
 Refazella de novo, pondo nella
 Soberbos, furiosos, grossos tiros.

E para os deffender puseram sete
 Centos homens de guerra : porque a força
 Do lugar , mais soldados nam pedia.
 Outros tantos puseram la na ponte ,
 Que o Rio atravessa , para a villa
 Dos Rumes , presumindo ser por esta
 Estancia por ventura acometidos.
 Assi tem Rumeção tudo provido :
 Assi está confiado na destreza ,
 Na grande multidam dos seus , que julga
 Ser vaõ todo o trabalho dos cercados ,
 E que haõ de ser em fim todos vencidos.
 Ia deseja no campo ver batalha ,
 Ia deseja provar as forças delles ,
 E ja se vem chegando aquelle tempo ,
 Que se arrenderá doite dezejo.

O Padre Fr. Antonio com tres frades ,
 Que elle levava ali por companheiros ,
 Ouvem de confissam a todos quantos
 Estavam para entrar na gram batalha.
 E sendo ja passados quatro dias ,
 Que o Sol com rayos de ouro visitava,
 O prudente Chiron , mestre do Grego
 Animoso , esforçado , fero Achilles :
 O virtuoso Prelado se levanta
 Cos tres seus companheiros , la nas horas
 Que as estrellas subidas no mais alto ,
 Mea jornada cumprem : apercebem
 No meyo de hũa rua , hum altar alto ,
 Para dar o divino Sacramento ,
 Aos que hiaõ pelear pola deffensa

Da Sanctissima Fe, so verdadeira
 Revestido o Custodio, disse Missa,
 Dando com devaçam aos cavalleiros
 O verdadeiro corpo, que por nossos
 Peccados padeceo com taes tormentos.
 Acabandose a Missa derradeira,
 O Visorey chamou quantos fidalgos,
 Capitaes, e soldados ali estavam:
 Vendo-os a todos juntos com silencio
 Com alta voz, começa estas palavras.

O' nobres Portugueses, se a grandeza
 Do animo que em vos claro estou vendo
 E essa grande alegria verdadeira,
 Que todos amostrais, me parecesse
 Que de temeridade procedia,
 Tivera o coraçam mendo alegre.
 Mas como sey muy certo, que vos lembra
 Quem sois, e o que deveis aquella fama
 Dos nossos Portugueses ja passados,
 Nam ha cousa que aqui me faça triste.
 Porque elles nam somente se tiveram
 Por contentes, vencendo muitas vezes
 Exercitos em Affrica coim pouca,
 E mal provida gente: mas ainda
 Aos valentes Romãos, que conquistavam
 Quasi tôdas as partes do universo,
 Deram muito trabalho, e sendo poucos
 Foraõ mil vezes delles vencedores.
 Alembrovos a todos as victorias
 Que aqui neste lugar, os nossos sempre
 Destes mesmos inimigos alcançaram.

Lembrovos que a batalha ha de ser rija,
 Perigosa e cruel em ambas as partes,
 E que elles fogiram, ou nós feremos
 Ao impeto, e furor delles rendidos.
 Pois bem sabemos todos que esta gente
 Pellejará a mais della com frieza,
 Sem muito se arriscar, porque bem sabem
 Por quam pouco interresse se aventuram:
 Pois nesta fortaleza, mais de pressa
 Acharam crueis mortes, que thesouros,
 Nem mais outro proveito os que acabarem
 Que penar para sempre la no inferno.
 A esperança lhe falta de poderem
 Alcançar de Mamude grandes premios,
 Por ser o seu thesouro ja gastado,
 Em guerras que tem sempre tam continas.
 Mas nós outros vencendo, temos certa
 Hũa fama gloriosa em todo mundo:
 Temos delRey merces, temos favores,
 Temos em fim fazer o que devemos
 Por Deos, por nossa patria, e por quem somos.
 O proveito que disto se nos segue,
 Alem destas razões que ja vos disse,
 He que ficando agora vencedores,
 (O que senhores tenho por muyto certo)
 Pois que temos a Deos por nossa parte:
 Nunca mais os inimigos teram forças
 Para se levantar: porque nos Turcos
 Tem postas todas suas esperanças,
 Os quaes, inda que sam fortes, e destros,
 Nam se igualam comyosco, comy grand parte:

E sendo estes por vos aqui vencidos,
 Serhaõ tam dilatados os socorros,
 Que de Tracia viram, ou Macedonia,
 Como os que a nós nos vem de Lusitania:
 A gente de Asia he mais belicosa,
 Que estes miseros Indios, e nam menos
 He dos Turcos immiga que nós outros.
 Pois o povo da India he costumado
 A contino servir: e nam tem conta
 Nem menos lhe da nada da victoria.
 Pondo estas cousas todas ante os olhos.
 Assi vos esforçay, como se visseis
 ElRey nosso Senhor aqui presente,
 O qual ha de julgar vossos trabalhos,
 E ha de remunerar vossos serviços.
 E ainda que este Rey tam poderoso
 Ausente está de nos, vos encomenda
 Que olheis ca por sua honra, que está posta
 No fim desta batalha, no successo,
 Que está ser mau, ou bom nos vossos bragos.
 Esforçaiuos valentes Portugueses,
 Que sois de Iesu Christo cavalleiros:
 Esforçaiuos leaes, e bons vassallos,
 Ou por melhor dizer amados filhos
 DelRey de Portugal. Pelejay todos
 Com grande coraçam, que aqui vos guia
 IESV Crucificado (isto dizendo
 Levanta hum Crucifixo, que adorado
 Foy de todos ali com reverencia.
 E grande devaçam) pois atentemos
 Se com tal Capitam avera cousa

Que possa contrastar o furor grande ,
 E a força dos soldados que o seguirem.
 Comeramos com força estes inimigos ,
 Da Santa , e Sacra Fe que professamos ,
 Mostremoslhe , que mais val a pequena
 Copia de corações nobres , e fortes ,
 Que a immensa multidam dos seus covardos
 Perversos , desleaes , e fementidos.

Dizendo estas palavras , lhes pergunta
 Se lhe parece bem , (e lho aconselhem
 Lhes pede) que a batalha apresentada
 Seja sem mais tardança : e disto todos
 Soldados , Capitães lhe dem reposta.
 Ouve-se antre elles hum murmurio surdo
 De juyzos diversos. Hús allentam
 Que a batalha se de , outros duvidam ,
 Outros dam mil razões , em nam ser justo
 Aventurar a India , e pola em risco
 De se perder no fim de hũa batalha
 Tam desigual , incerta , e duvidosa.
 Formavale hum rumor surdo , e confuso
 Ali , destes diversos pareceres ,
 Como quando se quebra manso rio
 Antre piquenas pedras , levantando
 Transparentes empolas , com rogado
 De sonoras , mal destintas vozes.
 Mas Garcia de Sa varão prudente ,
 De sembrante severo , de esforçado ,
 E nobre coração , com razões mostra
 Quam danoso seria se a batalha
 Se deixasse de dar : e que os inimigos

Mais

Mais fortes ficariam , parendolhes
 Que aquelle impero grande que mostravam
 Se lhes quebraya ja , e as forças todas
 Por fracas julgariam : que mais era
 Neste caso importante offerecerse
 A batalha , sem mais outra detença ,
 Pois tinham Deos por si , que lhes daria
 Vencimento , por mais , e mais que fossem
 Em numero dobrado seus contrarios.
 Estas razões moveram quasi a todos
 Num mesmo parecer de dar batalha ,
 Pedemna com instancia , e altas vozes.
 Armanse num momento de couraças ,
 De grossa malha , e fortes peitos daço :
 De limpos capacetes , de celadas
 Todas cheas de plumas , de mil cores,
 Grossos , fortes escudos , tefas lanças
 Levam todos , com ferros reluzentes.
 Apercebidos ja com ledos rostros ,
 Mostram hum coração activo , e forte :
 Húa noble , e animosa confiança.
 Aguardam na gram praça todos juntos ,
 O tempo em que o final se lhes fizesse ,
 Em que os Mouros aviam de ser delles ,
 Com furia violenta acometidos.
 O Padre Fr. Antonio , bem armado
 Nas armas de IESV , com que celebra ,
 Veyo logo , trazendo nas mãos ambas
 Arvorada huma grossa , e alta lança :
 E no mais alto della húa Cruz vinha ,
 Onde Christo IESV , por nos morrendo ,

Com tormentos, e dores, se mostrava.
 A cabeça inclinada, o mortal rosto
 Pisado, e denegrido, as mãos abertas,
 E o lado derramando infindo sangue.
 O Custodio chegado logo disse
 Com alta, e clara voz que todos ouvem,
 O Evangelho do Santo Evangelista,
 A quem Christo deixou encomendada
 A Virgem Sacratissima May sua.
 Absolveos em geral, e ali concede
 Comprida remissam de seus peccados.
 Alli esperando estavam que se abrissem
 As grandes portas, dandolhes licença,
 Rompendo os corações, quasi de todos,
 Os açodados peitos generosos.



Neste Canto XVII. Se trata, como o Visorey entregou a dianteira da batalha a D. Ioam Mazcarenhas Capitam da fortaleza, e de como se apresentaram aos inimigos. Trata tambem de outras cousas que succederam antes que comessem o assalto.

DEz dias sam passados que o gram Phebo

La na casa novena se detinha
 Festejando a Chiron, o sabio mestre,
 Do animoso, grego, ouzado, e forte.
 Aquelle de quem canta em desusado,
 Suave, brando verso, e alto estillo,

O antigo Meonio, os feitos dignos
 De perpetua memoria. E neste tempo
 Avia ja tres dias que batiam
 Tres grandes caravellas hũa estancia,
 E muralha dos Mouros, por mandado
 Do grande Visorey D. Ioam de Castro.
 Capitães eram dellas Luis Dalmeida,
 De que a traz se fez mençam mais larga.
 Outro era Antonio Leme valente homem,
 De quem se contou ja que acompanhara
 A D. Manoel de Lima quando fora
 Segunda vez a Costa de Cambaya.
 He Francisco Fernandez o terceiro,
 Que Mõricale tem por sobrenome.
 Tanto espaço bateram esta estancia,
 Com tantas, e continuas bombardadas,
 Ajudadas tambem de muitas outras
 Que o nosso baluarte do mar dava
 Com furia impetuosa, que as paredes
 Dos Mouros vem a terra: inda que eram
 Em largura dispostas a soffrerem
 Toda a força, e furor de grandes tiros.
 O Visorey chamando ali presente,
 O forte Mazcarenhas, diz que leve
 Aquella dianteira, e que acometa
 Os Mouros, como delle se esperava.
 Manda que vão com elle muitos outros,
 Valentes Capitães, e bõs soldados.
 Vay Antonio Moniz varaõ experto,
 De forte coração, de vivo espirito.
 Vay D. Ioão Manoel, gentil mancebo,

Esforçado , animoso , mas mofoño.
 Vay Antonio da Cunha : vay Francisco
 Dazevedo , e Coutinho varaõ forte ,
 E de animo feroz , robusto , e duro.
 Com elle vay tambem Iorge de Souza ,
 Mancebo , em quem se achava cortesia ,
 Destreza , coraçam , saber , esforço.
 Ah duro fado , dura , e triste sorte ,
 Ah misero destino , acerbo e fero :
 Quem poderá guardar-se , ou prevenir-se
 Dos fins cruéis , que la tendes guardados.
 Hia o forte mancebo com sembrante
 Aprazivel , contente , ledõ , oufano ,
 E no meyo da idade florecente ,
 Achou no fero assalto fera morte
 Tambem vay Ioaõ Falcaõ , Cosmo de Paiva ,
 Varões ambos de grande valentia.
 E vay Vasco Fernandez , cavalleiro
 De grande esforço , ao qual ali obedecem
 Gentios , Canarins. Este era em Goa
 Casado : tinha grande autoridade ,
 E nos conselhos era muy prudente.
 Apos estes vaõ muitos cavalleiros ,
 Muitos , e bõs soldados , que seriam
 Em numero quinhentos : mas em forças ;
 Em grande coraçam , assaz bastantes
 A pelejar com gram copia de inimigos.
 Pois estando alli todos esperando ,
 Que chegue a hora delles desejada ,
 O Visorey promete ao que sobisse
 Primeiro nas estancias dos inimigos ,

270 SVCCESSE DO SEGVNDO

Ou pufesse bandeira Portuguesa
 Em cima dos seus fortes , grossos muros ,
 Alem da fama , e nome que ganhava ,
 De lhe fazer por isso merce grande.

Estava Ioaõ Falcaõ desafiado
 Com D. Ioaõ Manoel , para que ambos
 Acabada a batalha se matafsem ,

Por certa differença que antes tinham.
 Mas antes que a batalha rompa , dizem
 Que aquelle que primeiro nas estancias
 Dos inimigos sobisse neste assalto ,
 Ficasse vencedor do desafio.

Despois que isto de tal sorte assentaram ;
 Procura cada hum ser o primeiro ,
 Querendo antes morrer que ser vencido.

Estando apercebidos os soldados ,
 Estando os Capitães para romperem :

Tendo prestes escadas , tendo prestes
 O que era necessario , para o assalto ,
 Chegaõse tres soldados companheiros ,
 Onde Antonio Moniz Barrero estava ,
 Esperando o final em igual passo ,
 Daquelles que procuram ser primeiros.

Todos tres neste tempo juntamente
 Hũa carta lhe dam , dizendo que era
 De ca de Portugal , que lhe pediam
 Quifesse entam saber o que vem nella.

Vendo Antonio Moniz o que com tanta
 Instancia lhe rogavam , toma a carta :
 Vio ser de sua may , e lendoa toda ,

Disselhes rindo : Amigos nam vos cumpre ,

Nem

Nem vos he proveitoso o que me manda
 Minha May que vos faça, ao menos neste
 Tam perigoso tempo: porque pede
 Que vos leve comigo em toda parte,
 E ja vedes que agora vos nam cumpre,
 Por ser em conjunçam de tanto risco.
 Se Deos vida me der eu vos prometo
 Fazeros quanto bem me for possivel.
 Hum delles com severo aspecto, disse:
 Se a nos nam nos comprira neste tempo
 Darvos senhor tal carta, nam avia
 Para que mais a dessemos: pois quando
 De Portugal partimos, nam foy outro
 O nosso intento mais que ganhar honra.
 Quatro dias ha ja que aqui chegamos
 E com Lourenço Pirez nos quilemos
 Embarcar em Cochim, por nam perdermos
 Húa tal conjunçam, de que está certa
 Honra, e fama no mundo, e no Ceo gloria.
 Aqui estamos Senhor para servirvos,
 O lugar este he que pretendemos:
 Aqui nos dai favor, que qualquer outra
 Merce, que nos podeis fazer, deixamos
 Por esta que entre as maos temos presente.
 Quando Antonio Moniz vio tam constante
 O valente soldado, e as palavras
 Em que bem se mostrava o grande esforço
 Que tinha, quando vio aquella altiva,
 Honrada opiniam, disselhe: amigos
 Nam posso mais fazer, que sem mais outra
 Noticia que de vos tenha, entregavos

A honra que pretendo ganhar oje.
 Mandalhe logo dar a sua escada :
 Encomendalhe muito que trabalhem
 Por lha por, das primeiras que no assalto ,
 Nas estancias dos Mouros , se arvorassem.
 Estes tres companheiros eram todos
 Naturais do Torram , villa pequena
 Situada na parte de Alentejo ,
 A qual sempre produz bellos rostros :
 Na qual sempre se criam perigosos ,
 Ferosissimos olhos , que a robustos ,
 Isentos corações dam triste vida.

A negra e triste noite ja perdia
 Sua força , e vigor : e a fresca aurora ;
 De aprazivel rocio acompanhada ,
 Vinha dando final da luz vezinha ,
 Quando o gram Visorey manda depréssa
 Pelos ares lançar tres ardentissimos
 Foguetes , onde a armada está esperando :
 Pois Nicolao Gonçalvez que ficara
 Por Capitam da armada , nam dormia
 Nesta tal conjunçam , e o final vendo
 Manda remar com força , dando gritas :
 Tocaõse mil trombetas , e outros muitos
 Istrumentos de guerra. As fustas todas
 Com força de valentes , bõs rémeiros ,
 Se movem polo mar de sombra negro.
 Reluze grande somma de acendidos
 Murrões , que de espingardas dam certeza ;
 Bem assi como quando la no tempo
 Da doce Primavera , se nos mostra

Em serena, calmosa, escura noite,
 Hum formado esquadram de ardentes bichos:
 Que a mil partes correndo polos ares,
 Com sombra escurecidos, vão mostrando,
 De quando em quando luz fogosa, e viva.
 Quando este tal estrondo os Mouros viram,
 Correm todos a parte que parece
 Ser desta grande frota demandada.

O' altissimo Deos Omnipotente,
 Daimo agora Senhor hum saber novo:
 Adelgaçay o meu grosseiro ingenho
 Que sem vosso favor nada tem força.
 Ajudandome vos ò Deos benigno,
 Cantarey por extenso o que succede
 Aqui neste conflicto tam confuso,
 Tam bravo, tam cruel, e combatido
 Com tanta força, e furia de ambas partês

Vendo os Mouros a frota que ja chega,
 Onde elles sospeitavam que queria
 Deitar a gente em terra: vendo tantos
 Montes de grossas lanças levantadas,
 Reluzindo por ellas os acesos,
 E delgados murrões: vendo a bandeira
 Que arvorada ali vay na Capitaina,
 Ouvindo os instrumentos sonorosos,
 E espalhadas mil vozes polos ares,
 Parecelhes que o Visorey procura
 Por ali tomar terra. Correm dando
 Huma grita espantosa, que ensurdece
 Ate aquelles que estam 'mais apartados.
 Pois vendo o Visorey o rumor grande,

E o estrondo da gente alvoraçada ,
 Mañda tirar as portas dos antigos
 Lugares em que estavam , fica aberta
 A fortaleza toda , e sem deffensa.
 Sae D. Ioão Mazcarenhas , e acomete
 Co a força dos soldados que levava
 O muro dos immigos. Os fidalgos
 Que vam na dianteira correm rijo ,
 E postas as escadas com gram pressa
 Na muralha dos Mouros , vão sobindo
 Cubertos dos escudos ao mais alto.
 Os dous defafiados procuraram
 Por ser ali primeiros : tambem foram
 Os que nestas paredes , com feridas
 Espantosas , primeiro foram mortos.
 Hia o gram Manoel ja quasi em cima ,
 Quando hum Turco chegou , vendo que alcança
 Co a mão direita o alto da parede ,
 Levanta o braço , e dalhe hum fero golpe :
 Apartandolhe a mão do braço , ficam
 Correndo em fio as veas ruiivo sangue.
 O mancebo esforçado reprimindo
 A gravissima dor ousado afferra
 Co a mão ezquerda , o muro procurando
 Entrar dentro húa vez : mas o soberbo ,
 E belicoso Turco outra vez alça
 O duro , forte braço , com gram furia ,
 E com raiva mortal , dece cortando
 Nervos , ossos , e a mão morta , pegada
 Fica ali na parede : o varão forte
 Nos decepados braços estribando

Todo o peso do corpo, inda procura
 Entrar: mas impidiolho hum furioso
 Mortal, e duro golpe, que fendendo
 O grosso capacete, entra cortando
 O agudo alfange, a carne, e os escondidos
 Miolos igualmente, dece abaixo
 Onde os dentes estam. Cac num momento
 O corpo da alma ja deseparado,
 Banhando armas, e terra em quente sangue:
 O' valente mancebo, que morrendo
 Em mil pedaços feito, a patria honraste:
 A fortuna cruel de ti envejosa

Esse fim te ordenou: mas a memoria
 Do teu animo grande, do invencivel
 Robusto coraçam ficará sempre
 Nos meus versos cantada, pois es digno
 De illustriſſimo nome, e fama eterna.

Nesta mesma fazem indo correndo
 Os fortes Capitães ao fero assalto,
 Aquelles tres soldados companheiros,
 De ea de Portugal encomendados,
 E que Antonio Moniz hiaõ seguindo:
 Com grande coraçam vaõ todos juntos,
 Levando a escada ali nas mãos erguida:
 Mas antes que chegassem pola em parte,
 Onde o seu Capitam lhes tinha dito,
 Das estancias dos Mouros vem bramando
 Hum pelouro de pedra ardendo em fogo:
 Encontra no caminho estes soldados,
 Desfaz a escada em rachas, e os tres corpos
 Feitos em mil pedaços, acompanham

Hum largo espaço as almas polos ares.
 Capitães, e soldados sobem todos
 Por escadas ao muro dos immigos:
 E sobidos em cima, ja se trava
 Hũa dura batalha perigosa.
 Os grandes alaridos ja se avivaõ
 Por todo o arrayal, achaõse os Mouros
 Enleados, confusos, vendo a frota
 Disparar muitos tiros, e as trombetas
 Mostrar certo final de tomar terra.
 Ouvem por outra parte gram rugido
 De lançadas, de golpes, de espingardas:
 Grande estrondo de vozes sem concerto,
 Nam sabem a que parte dem socorro,
 Nam sabem onde o mal he verdadeiro,
 Nem sabem dar remedio a tanto dano.
 Nesta cega revolta os Portugueses
 Mostram seus corações sem nenhum medo,
 Hús tiram arcabuzes, outros grossas
 Tesas, e fortes lanças, vaõ tingindo
 Em sangue dos immigos: outros cobrem
 Com rodela os peitos, e as mãos destras
 Aqui, e ali revolvem com gram força
 As armas do metal acecalado.
 Carrega hũ grande monte de soberbos
 E belicosos Nayres, que em destreza
 Despada, e de rodela igual não achaõ.
 Carregaõ muitos Helches, e hũ gram numero
 De Arabios, Fartaquins, Nobis, e Parsios.
 Em chegando despedem muitas lanças:
 Muitos e agudos dardos: dobraõ grossos

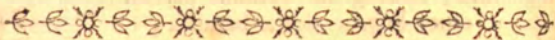
Fortes, nervosos arcos, dos quaes voaõ
 Mil nuvês de ligeiras, mortaes setas.
 Os fidalgos que estavam pelejando
 Com toda a multidão vinda de novo
 Metense ousados por agudos ferros,
 Mortes nelles buscando, e fins honrados.
 Cae Ioaõ Falcaõ, passadas as entranhas,
 E ja de todo morto, entrega as armas
 E o corpo espedaçado, a seus inimigos.
 Cahio Cosmo de Paiva neste instante,
 O qual tinha mostrado neste assalto,
 Hum grande coraçam, robusto, e duro,
 Hum esforço, e valor digno de fama.
 Estando pelejando aceso em yra:
 Procurando vencer aos que o contrastaõ,
 Chegase hum Turco a elle, pola banda
 Direita: levantando hum reluzente
 E cortador alfange: descarrega
 Tal golpe, que hũa perna pola coxa
 Levemente lhe corta, não valendo
 Grossura darmas, nem dureza de osso.
 O corpo desta parte cae lançando
 Hum gram rio de sangue, e a sua alma
 Nos ares escondida foy de pressa
 Presentar-se no Ceo leda, e contente.
 Estava em tal fazam Vasco Fernandez
 Afrontado de muitos Mouros, dando
 E recebendo mil furiosos golpes.
 Alcançou co a espada hũa cabeça
 Que o perseguia dandolhe trabalho,
 Cortalhe a branca touca, retorcida:

Cortalhe o grosso, duro, e alvo casco,
 E nam parando aqui, tambem lhe corta
 Sem nada se deter, brandos miollos.
 O Gentio cahio: mas nam se avendo
 Vasco Fernandez, disto por contente,
 Abaixase por dar de todo morte
 Ao que ali estava ja morto de todo
 Estando baixo assi, chegase hum Mouro,
 E dalhe em descuberto polas costas
 Tal golpe, tam pesado, que cortando
 Hum valente cotam de grossa malha,
 Entra na branda carne, e corta tanto:
 Que quasi o corpo em roda foy partido:
 Cae o bom cavalleiro, e rende o sprito,
 Banhando as duras pedras no seu sangue.
 Grande revolta avia em ambas partes:
 Grande pressa, e ferir sem cessar nunca
 Grandes vozes, e gritos vam rompendo
 Com miseravel som as altas nuvês.
 Banhase o muro em sangue, e o rugido
 Das armas, das trombetas, abraçado
 Com altos alaridos ao Ceo chega.
 Ia perdem os inimigos as paredes,
 Constringidos co a torça dos soldados:
 Ia tornam com favor da nova gente
 Que os socorre, ganhar tudo o perdido.
 Dardos, lanças, e pedras se arremessam:
 Acendense com fogo os sotis ares:
 Estendense sem vida muitos corpos:
 As concavas celadas, os escudos
 Retinem com pesados, duros golpes.

Como quando da parte do Occidente
 Hũa furiosa chuiva de ce supeta,
 Açoutando, e batendo a dura terra.
 Francisco D' Azevedo faz temer-se :
 Escarmentanse os Mouros, onde alcança
 O seu robusto braço, e dura espada :
 Mas na força de tal revolta, chega
 Hum pequeno pelouro d'escopeta,
 Passalhe facilmente as grossas armas,
 Os peitos tambem passa sem deter-se :
 Cae o bom Capitam dando a Deos a alma,
 E o corpo ali offerece a ser pisado.
 Aqui Jorge de Souza ja derrama
 Por muitas partes sangue em abundança :
 Mas com golpes mortaes, logo se vinga
 De todo quanto mal recebe.
 Estava este mancebo valeroso
 No meyo de hum gram corro de enemigos,
 Os quaes por todas partes o combatem.
 Hũs lhe arremessam lanças, outros chegam
 De mais perto a ferilo: mas o nobre
 Mancebo contra todos se embravece,
 E certo de morrer, entra animoso
 Com furor denodado, cos inimigos.
 Como em campo se ve Liaõ soberbo
 Cercado de monteiros, que procuraõ
 Com duros dardos, lanças, e altas gritas,
 Por todas as maneiras darlhe morte,
 Mas o fero animal, raivoso e bravo,
 Ligeiro salta dando mil bramidos :
 Com fea catadura, e cenho horrendo.

Foge a canalha vil : de todas partes
 Tirando dardos , pedras , e zargunchos.
 Assi , Mouros aqui juntos se esforçam
 Por de todo rirar a vida aquelle
 Que merece viver tempo mais largo.
 Estando assi afrontado na peleja
 O valente mancebo , dino de honra .
 Hũa lança com furia vem direita :
 De duro , e forte braço arremessada :
 Passalhas grossas armas : que de muitos
 Golpes ja se mostravam sem defenfa ,
 Atravessalho corpo facilmente
 Com ferida mortal : más o mancebo
 Sentindose morrer , afferra ousado
 Na lança : tira rijo , e apos ella
 Tira hum rio de quente , e puro sangue.
 Cae de bruços no muro , com raivolas
 E mortaes vascas , se anda revolvendo ,
 E logo entrega os olhos a hũa triste ,
 Profunda , sempiterna , escura noite.
 Antonio Moniz vay fazendo hum rasto
 De sangue , dando mil valentes golpes.
 Resistido he de gram somma de inimigos :
 Mas a todos faz elle conhecerse.
 Húas vezes o pe direito affirma
 Dando talho , oti revez com grande força :
 Outras lhe he necessario repararse
 Com espada , e rodela juntamente ,
 De pesados alfanges que sobrelle
 Os imigos com furia Descarregam.
 A batalha se aviva , e sempre crecem

As grandes, altas gritas dambas partes.
 Crece o cruel horror desta batalha,
 Por pontos, mais e mais, com nova furia.
 Que se dirá de ti ó valeroso,
 O forte Capitam, que ali levavas
 A teu cargo o perigo, e a dianteira
 Desta fera batalha? Softiveste
 Os trabalhos, e peso do gram cerco
 Com animo invencivel: com prudencia:
 Co aquella lealdade: co a virtude
 Que os teus sempre, aos passados Reis guardaraõ
 Hia o varaõ insigne, pola parte
 Onde estava dos Mouros, hũa estancia
 A qual de Diogo Lopez se chamava.
 Aqui estava gram força de soberbos
 Destros, e bem armados fortes Turcos,
 Por aqui vay ferindo com grande impeto:
 Fazendo nelles hum sangrento estrago.
 Nam fez Heitor famoso tantos males
 Nos Gregos arrayaes, quando seguindo
 A victoria dos ja vencidos, hia
 Abrafando mil naos, e neste ponto
 Tivera a guerra fim, se o duro fado
 Outro fim nam tivera, diferente
 Guardado a infelice, e triste Troya.



Neste Canto. XVIII. se trata da gloriosa victoria que o Visorey D. Ioão de Castro teve dos Capitães do Gram Soltam Mamude ajudados dos Turcos, e do que mais succedeo despois do vencimento desta tam famosa batalha.

O Belicoso Marte, fero, horribel,
 Quando batalhas ve com denodado
 Bravo, e cruel furor, ja começadas,
 E que hũa raiva ali causa mil mortes,
 Em peso as deixa estar ardendo sempre
 O impeto mortal, e brava furia:
 Mas querendo mostrar clara a victoria
 Busca os bõs corações, e ali se inclina.

Despois que o Capitam subio por força
 Em cima das paredes, pola parte
 Que temos atras dito pouco espaço
 O Visorey tardou, com todos quantos
 Soldados, Capitães, e valerosos
 Fidalgos o seguiam. Em chegando
 Ao muro dos immigos, sobem logo
 Por força, e a pesar dos que o defendem.
 Chegou Bastiam de Sa nesta presente
 Aspera conjunçam, que desdo tempo
 Que a ferida mortal recebeo, nunca
 Mais pode pelejar: mas embarcouse,
 La para Baçaim por remediarse,
 E sendo guarecido, chega neste

Tam perigoso ponto, e traz consigo
 Dezaete soldados. Pois entrando
 Pola batalha atroz, sangrenta, e fera,
 Acha Manoel de Souza de Sepulveda
 Estendido no chão, que procurava
 De vagar, e pesado, levantar-se.
 De sangue tinha o rosto todo tinto
 Que a ferida cabeça derramava,
 Vendo a Bastiam de Sa, diz-lhe bradando:
 Lantemonos Senhor, e nos inimigos,
 (Ambos juntos num corpo) feiremos.
 Mas como o tempo entam nam concedia
 Alguma dilaçam, foyse de pressa
 Onde a batalha vio, mais duvidosa.
 Entra animoso, e forte, e faz temer-se:
 Mostra de valentia sinaes claros:
 Da mil pesados golpes, e aqui logo
 Dos seus soldados foram seis feridos.
 Vai D. Manoel de Lima pola via
 Que guia ao aposento de Mamude,
 Onde lustrosa gente estava em guarda:
 Com muita artilhatia grossa e forte
 Subindo o Capitam, favorecido
 Da prospera fortuna, e os soldados
 Praceiros nos trabalhos de Cambaya,
 Com grande impeto fere, e vai rompendo
 Os que estaõ prevenidos, aguardando
 Com toda forte dardas, a batalha.
 Os valentes soldados arremetem
 Cubertos dos escudos: os inimigos
 Os recebem com lanças, espingardas,

Com setas , dardos , pedras , e alcanzias.
 Neste violento assalto , muitos Mouros
 Com dores trespassados , daõ as almas.
 Crece hum cruel , e lastimoso estrago:
 Ferue a gente com furia , soaõ golpes
 Pesados , com gram força nos escudos.
 Vai polos ares hum clamor horrendo :
 Que alçam de todas partes huns e os outros ,
 Com impetos contrairos , e discordes.
 Como quando no mes em que lamenta
 Philomena , setu mal com mais brandura ,
 Se ve grande esquadraõ soberbo e fero
 De nocivas colericas abelhas :
 Roubadas do lavor maravilhoso
 Que com tantos trabalhos aqueriram.
 Todas amotinadas se embravecem :
 Correndo sem concerto polos ares ,
 Com estrondo e clamor de roucas vozes.
 Raivosas , e assanhadas , daõ combate
 Com venenoso dente aos que procuram
 No silvestre aposento entrar por força ,
 Despojandoas do fruto de que vivem.
 Ouviaõse ali ja grandes gemidos
 Dos desaventurados que morriaõ ,
 E em lagos mil de sangue ja se envolvem
 Armas , e corpos mortos. Ali andavam
 Grandes nuvês de po espesso e turvo.
 Tudo era confusam , tudo era furia ,
 Tudo eram fortes golpes , e alaridos.
 Sem concerto pelejam braço a braço :
 Procura cada hum quanto mais pode

Chegar o seu contrairo ao fim da vida ,
 O Visorey subido cos fidalgos :
 Cos outros Capitães que o acompanham ,
 Resistido com força foy dos Mouros
 Com muitas espingardas : com panelas
 De ardentissimo fogo : com zargunchos
 Com setas , dardos , pedras , e huma somma
 Darremessadas lanças. Sobe a grita
 Aqui neste lugar , ate as estrelas.
 Portugueses soldados , algũs sobem
 Por partes , que para isso acham despostas ,
 Outros subidos ja , andam travados
 Em aspera peleja cos immigos.
 O Padre Fr. Antonio revestido
 Sobe , levando alçado hum Crucifixo ,
 Dizendo a grandes vozes : cavalleiros
 Olhai Christo IESV que aqui vos guia.
 Esforçay , esforçay , õ bons soldados ,
 Que com tal Capitam , nenhum perigo
 Se pode arreçar , e a morte menos ,
 Pois morrendo por elle , vos da vida
 Que descansada dura para sempre.
 Sobe Lourenço Pirez , dos de Tavora
 Illustres , decendido , e com grande impeto
 Atremete aos immigos , apos elle
 Sobe Duarte Barbudo , que levava
 Ao vento defatada huma bandeira
 Branca , com cruz quadrada em cor sanguinha.
 Perigosa era , e grande esta peleja :
 O eitrondo das armas espantoso :
 Os clamores , os gritos sem concerto ,

E furor sempre mais embravécido.
 Estando allí travados na profia,
 Onde mortes crueis estavam certas:
 Esforçanse os soldados a sobirem
 A pura força, em cima das paredes.
 Carrega grande somma de inimigos,
 Para lhes deffender com força, e armas
 A violenta sobida. Aqui se acende
 Com muito maior furia esta batalha.
 Muitas bombas de fogo os cavalleiros
 De Iesú Christo queimam, muitos dardos
 De pontas agudissimas, vem dando
 Onde acertam cair, mortaes feridas.
 Cae o Christaõ alferes co a bandeira:
 Levantase hũa grande, nova grita:
 Voaõ nuvês de pedras polos ares,
 Fazendo nos Christaõs mortal estrago.
 Muitas espingardadas de ambas partes:
 Muitas mortes, e gritos, muitas dores,
 Muito trabalho, e pressa aqui se via.
 Tal era aqui a desordem, como quando
 Por finalado dia, em larga praça,
 Onde anda o furioso, bravo touro,
 Acerta de cair alto palanque,
 Ao qual peso de gente fez renderse.
 Deixaõse vir abaixo grossas vigas:
 Levantase hũa grita aos altos ares:
 Armase hũa revolta affaz confusa:
 Procura cada hum poder soltar-se:
 Mas hũs detem aos outros, e allí todos
 Fervendo, ficaõ muitos maltratados.

Assi os fortes , e destros cavalleiros
 E animosos soldados que cahiaõ ,
 Trabalhaõ por erguerse , e tornaõ logo
 Subir ali outra vez ao largo muro ,
 Esquecidos da morte , que presente
 Em tal lugar estava manifesta.
 Levantase o Barbudo , intenta e prova ,
 Arvorar a bandeira nas estancias
 Que os Mouros com tal força defendiam.
 Tres vezes derrubada foy : mas todas
 Com vivo coraçãõ , se ergueo ligeiro ,
 E a pesar dos immigos , sobe em cima
 Daquella alta muralha : sobem muitos
 Soldados cobiçosos de bom nome.
 Começaõ com dobrada força , e pressa
 Hũa aspera , e durissima batalha.
 Os immigos pelejam com gram furia ,
 Se recebem , tambem daõ grandes golpes :
 Se morrem , tambem matam varoões nobres ,
 Iguaes estam nas forças : mas em numero
 Grande vantagem tem aos Portugueses.
 O' como em tal sazaõ , por todas partes
 Se mostrava a peleja brava e fera ,
 Quantos corpos ali jazem sem vida
 Feitos em mil pedaços : quantos lagos
 De negro sangue estam por todo o campo.
 O Visorey com yozes altas brada ,
 Esforçando os soldados , diz : O' fortes
 Illustres Portugueses , tomay todos
 Com vivo coraçãõ a fama e nome
 Que vos concede Deos nesta batalha.

Dizendo isto mostrava hum grande esforço :
 Dando golpes mortaes a todas partes.
 Juntas vem dos inimigos rechinando
 Duas ligeiras setas , que atravessam
 A branca forte adarga que trazia
 Este bom Capitam por seu emparo :
 Juntas ali pregadas lhe dam graça ,
 E juntas lhe acrecentam gentileza.
 Lourenço Pirez vay sempre com elle
 Sem nunca hum so momento desviar-se :
 Sofre trabalho immenso , e sempre anima
 Os soldados que ve faltar-lhe alento.
 Estando nestes termos. Vem da parte
 Contraira , hum grande monte denemigos
 Com toda sorte darmas , dando gritas ,
 E alaridos que as nuvês , e o Ceo rompem.
 Em chegando , despedem com gram furia
 Muitos dardos agudos , muitas lanças :
 Muitas pedras com força atremessadas.
 Avivase outra vez a perigosa ,
 E travada peleja , tornam dar-se
 De novo mil furiosos , grandes golpes.
 O' justissimo Deos , ô Senhor nosso ,
 Daime agora favor , que desfallece
 O meu sprito vital , e esta alma minha
 Toda sinto torvada , toda triste ,
 E toda com razam chea de angustia.
 Que duro coraçam ? Que secos olhos.
 Que perversas entranhas podem ver-se ,
 Sem mostrar sentimento , sem dor grande
 Do que aqui succedeo ? que Christaás almas

Averá sem gemidos, vendo a imagem
De Iesu Christo feita pedaços?

Estava ali o Custodio na revolta,
Tendo nas mãos alçado hum Crucifixo,
Pata que com tal vista se esforçassem
Aquelles que por elle pelejavam.

E como as pedras fossem tam continuas,
Offendendo os soldados, vem direita
Húa dellas com força polos ares,
De mão dura, infernal arremessada,
Acerta o Crucifixo, e leva hum braço
Daquelle piadosa, e sacra ephigie.

Vendo tam grande mal o bom Prelado
Com grandes brados diz: O' Cavaleiros,
O' soldados Christaões, vedes que offensa
Se fez, a quem por vos com tantas dores
Na Cruz quis padecer? Vingay soldados
A injuria feita a Deos, pelejay todos
Com mayor esperança dalcancardes
Victoria destes mãos, perversos homês.

Ouvindo estas palavras os soldados
Todos cheos de furia, tiram forças
Renovadas de novo, e arremetem
Com tal impeto aos Mouros, que nam basta
Numero desigual darmada gente:
Nem bastam quantas forças tinham juntas

Para que pelejar possam seguros:
Mas nam podendo ja resistir tantos
E tam pesados golpes, dam as costas,
Procurando salvar as tristes vidas.

O retinir dos golpes, os clamores,

E tristissimos gritos penetrando
 Vaõ as mais altas nuvês: os defuntos
 Despedaçados corpos impediam
 Aquelles que salvarse trabalhavam.
 Grande era a confusam, grande a revolta:
 Grande o estrôndo das armas, com que os ares
 Retombavaõ, bramando a todas partes.
 Pois o bom Capitam (dos Mascarenhas
 De valor, e virtude claro exemplo)
 Anda em tal conjunçam em furia ardendo
 As armas tras desfeitas, e elle todo
 Manchado de inimigo negro sangue.
 A vencedora espada tras ja bota
 De mil golpes nam vaõs: mas bem merece
 Ser húa das famosas, que no mundo
 Com justa razam foram celebradas:
 Cuberto o rostro tras de hum copioso
 Suor, e em cor vermelha todo aceso,
 Correndo a todas partes, onde a furia
 Da gente se mostrava com mais força.
 Em aspeito feroz, em vivo esforço,
 Parecia o temido, e fero Marte.
 D. Manoel de Lima, neste tempo
 Tinha chegado a ponte, e tinha feito
 Por toda aquella parte nos inimigos
 Hum mortal e cruel, sangrento estrago.
 Este bom Capitam hia tomando
 Com grande honra o triumpho concedido
 Da favoravel prospera fortuna:
 Rendendo estancias fortes, povoadas
 De belicosa gente: de mil peças

De grossa, e furiosa arilhaia.
 Já os braços daquelles que o seguiam,
 As lanças, as espadas se mostravam
 Todas tintas de sangue. Ia de todo
 Os inimigos fugiam, e eram tantos,
 Que sem muito trabalho grandes montes
 Ficavam, delles mortos polo campo.

Insignes Capitães, que ali mostrastes
 Tanta virtude junta, e tanto preço:
 E vos fortes mancebos, de nobreza
 De puro e limpo sangue decendidos,
 Que posso eu escrever? que satisfaça
 Vosso merecimento? nem que posso
 Dizer de vos? que seja de vos dino?
 Abasta que fizestes o que sempre
 Celebrado será por todo o mundo.

Mostram todos ali de valentia,
 Grandissimos estremos, e cubertas
 De negro sangue as armas, vaõ matando
 Sem piedade, os inimigos que fugiam.
 Chega D. Manoel de Lima a ponte
 Que atravessava o rio junto as casas
 De Mamude, Senhor da gram Cambaya:
 Ao Visorey mandou dali hum recado
 Como rendida estava aquella parte.
 Em tempo, e conjunçam chega esta nova
 Que estava o Visorey confuso, e triste,
 Porque nesta revolta tam furiosa
 Nam tinha algum recado, nem sabia
 O que era acontecido na batalha
 A D. Ioão Mazcarenhas. Quando soube

272 SUCESSO DO SEGUNDO

Que o campo era vencido, com farsofa
 E memoravel honra, a Deos da graças.
 Move para a Cidade, e entram dentro
 Os Soldados, mostrando hũa inhumana
 Barbara crueldade. Muitos ouve
 De cruel natureza: baixa e civil,
 Que mataram cansados, tristes Velhos,
 E innocentes meninos: tambem moças
 Alvissimas, fermosas, no começo
 Dos seus floridos, e apraziveis annos.
 Cortam sem nenhum do, castas gargantas:
 Peitos alvos trespassam, com feridas
 Que as entranhas descobrem: ficam todas
 As cabeças, sem cor desfiguradas:
 Trespasados os seus olhos bellissimos,
 Cubertos de hũa triste, e mortal sombra,
 Bem assi como quando ficam solas
 De suavissimo cheiro, e cor purpurea,
 Se por desastre sam, de animaes brutos,
 Pisadas, perdem cor, e aquella graça,
 Que dava vista aos olhos aprazivel,
 E ainda que perdida gem ja toda
 A fermosura, e lustre que antes tinham,
 E em differente forma estam mudadas,
 Toda via se enxerga, e se ve nellas
 Que tiveram fiescor, valor e estima.
 Outras molheras prehes tambem matam.
 Abrindolhas entranhas, e os filhinhos
 Que inda de todo nam eram formados,
 Tiravam com rigor: postos em cima
 Dos peytos das defuntas mãis, lhe cortam

Com crueza brutal as innocentes
 Imperfeitas cabeças. Nem perdoam
 A brutos animaes que nam tem culpa.
 Em fim destruem tudo, e põem por terra
 Quanto a ferro, e a fogo está fogueito.
 Pela Cidade correm, posta a sacco:
 Ficaõ todas as ruas convertidas
 Em ribeiras de sangue: ficam grandes
 Montes de corpos mortos, diferentes
 Nas idades, no sexo, e outros muitos
 Brutos irracionaes, ali empoçados.
 O' misero espectáculo, ó vista triste,
 O' caso lamentavel, e piedoso,
 Ver lagos de qualhado, negro sangue
 Cheos de corpos feitos em pedaços:
 De mãos, pernas cortadas, e cabeças
 Espantosas, e feas: que mostravam
 Em disformes sinaes, as grandes dores
 Com que as vidas perderam, e as torvadas
 Almas, ao duro inferno se abaixaram.
 Os soldados entravam nos desertos
 Aposentos, metendo tudo a sacco.
 Carregados vem todos de riquezas,
 De preço, e de valor raro no mundo.
 Hũs levam fina roupa, outros brocado:
 Outros sedas de cores diferentes:
 Outros a quem fortuna foy mais prospera
 Trazem fermosa, e rica pedraria.

Depois que o Visorey vio acabada
 E vencida a batalha duvidosa,
 A cavallo se pocim, e vay contente

Recolher os soldados : que chegando
 Onde elle vinha , todos levantavam
 As vozes pregoando seus louvores.
 A todos recebia o valeroso
 Prudente Capitam , com gafalhado ,
 E com amor de filhos , parecia
 Desejar de os meter la dentro nalma.
 Hum mensageiro ali chegou correndo :
 De D. Ioaõ Mazcarenhas enviado ,
 Dizendo ao Visorey que todo o campo
 Estava ja vencido , e ja seguro.
 Despedio Capitães , que recolhessem
 Os que a victoria seguem desmandados.
 Elle se foy direito ao aposento
 Do gram Soltaõ Mámude , ali chegado ,
 Vendo as furiosas , grossas , fortes peças
 De bronzo , ja tomadas as mais dellas
 Por D. Manoel de Lima , e por aquelles
 Que o seguiram , mandou que se chamaisse
 Este bom Capitam , e dalhe em premio
 Do trabalho soffrido hum muy furioso
 E grande Basalisco. Nam querendo
 D. Manoel de Lima mais que a honra
 Desta dadiva , torna o grosso tiro
 Ao Visorey , dizendo que aceitava
 Esta grande merce : mas que fazia
 Serviço a S. Alteza desta peça
 Por ser tam monstruosa na grossura ,
 No grande comprimento , e fortaleza.
 Morreram oito mil naquelle dia
 Gente de armas , e de outra desfarmada ,

Todos juntos decendo em breve espaço
 Ao choroso lugar abominavel:
 Desconsolado, e triste onde sam certos
 Excessivos tormentos: duros males
 Misérias, pena, e fogo eternamente.
 Soldados, e fidalgos Portugueses,
 Aqui cincoenta e cinco foram mortos
 Por defender a Fe; com vivo esforço
 E grande valentia, de què a fama
 E honra delles merece ser por tempos
 Eternos, ca no mundo celebrada.

O grande Rumeção, vendo presente
 O mosino successo, e grande estrago
 Desta batalha que elle tinha em pouco:
 Vendo morrer a gente, vendo a furia
 Dos soldados Christãos, que vão seguindo
 Por todo o campo o gram vencimento,
 Vendo ja seu poder desbaratado:
 Todos os Capitães mortos, e presos:
 As bandeiras tomadas, e a Cidade
 Entregue ja nas mãos de seus inimigos,
 Dapartado lugar olha o destroço:
 O cruel desbarato dos que fogem
 Sem concerto e sem ordem por palmares:
 Por campos, e por onde lhes parece
 Que poderam melhor salvar as vidas.
 Os olhos arrasados em viva agoa
 Lamenta, e chora o mal que os seus padecem.
 Estando assi cuidando que remedio
 Terá para salvarse, eis vem num ponto,
 Do reino dos defunctos, negro, e triste

Assi nos Capitães , como na força
 Deste Exercito grande de Mamude.
 Tinha grandes thesouros , tinha rendas ,
 Tinha ricos lugares , em fim tinha
 Suprema dignidade em todo o Reyno :
 Mas nada d'isto foy bastante parte
 Para estrovarlhe a morte baixa , e civil ,
 Que disfracado , aqui passou , contado
 Por hũ dos que na cava jazem mortos
 Em mil confusos montes , cuja vista
 Era espantosa , triste , e miseravel.
 Morreram no furor da gram batalha
 Outros dous Capitães fortes , e destros :
 Accdecão se chama hum , que o dia
 Dantes chegou com cinco mil soberbos
 E belicosos Mouros : sem receo
 De lhe ter o seu fado limitado
 Hum tam pequeno prazo , e breve termo ,
 Na ydade que entam mais florescia.
 Outro era o Hidalcão , sagaz , prudente
 Esforçado , e dos seus muito temido :
 Mas muito mais amado : trazia este
 A seu cargo o governo , e todo o mando
 Dos Turcos estrangeiros. Cativaram
 O Iuzarcão , yrmão do outro que o nome ,
 As terras , renda , e grande dignidade
 Lhe deixou juntamente no segundo
 Perigoso combate : quando entrada
 Estava ja de todo a fortaleza.
 Aqui renunciou o cargo , e mando
 A este yrmão , e a vida avorrecendo

Se foy ao triste reyno dos tormentos.

Mogethecaõ fugio: fugiraõ muitos

Outros bõs Capitães, e homês de preço:

Corridos, affrontados, nunca oufaram

Mais apparecer diante de Mamude.

Perdeo aqui o Soltaõ toda a nobresa

E honra da sua corte: perdeo quasi

Todos quantos thesouros tinha juntos.

Ficou desbaratado, avorrecido

Ficou com justa causa sempre triste.

Quantos Turcos, e Mouros neste alcanço

Foram cativos, todos afirmaram

Que hũa mulher estava em todo o tempo

Que a batalha durou, sentada em cima

Das ameas da ygreja, cujos olhos

A mil partes hũs rayos despediam

Fermosos, muito mais que os do gram Phebo,

Que a todos os cegava. O' escolhida

Mais que o radiofo Sol, O' mais fermosa

Que a Lua, vos O' Virgem sacratissima

Madre do eterno Deos, vos se presume

Serdes esta que aos Mouros vos mostravcis:

Para que com vos ver ficassem todos

Medrosos, desmayados, e confusos.

Dali Senhora nõsa socorrie is

As trabalhosas pressas, inspirando

Novo esforço, e alento: novas forças

Naquelles cavalleiros redemidos

Co Sanctissimo sangue, e sacra morte

De IESV Christo vossõ unico filho.

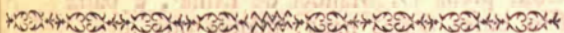
Quem vos servir Senhora tenha sempre

Firme esperança em vos, e terá certo
Remedio de seus males, e dos fortes
Adversarios, ditoso vencimento.

Estes tambem disseram que eram tantos
Os soldados Christãos, que parecia
A cada Mouro, ou Turco, combaterse
Com dez, e doze juntos: e a verdade
Era que os Portugueses nam passavam
De mil, e nove centos, os que o peso
Da batalha sotrendo, ali ficaram
Com gloria, fama, e honra vencedores.
Os inimigos contados eram vinte
E seis mil bõs soldados, em que entravam
Helches, Turcos, Arabios, e Resbustos,
Abexins, Fartaquins, Nobis, e Parsios.
Gente toda destrissima, soberba,
Bem armada, esforçada, e belicosa,
Com cem peças de grossa artilharia:
Com muitas espingardas, muitos arcos
Turquescos, muitas lanças, muitos dardos:
Muitas bombas de fogo, e alcanzias.
Mas isto que aproveita, se o divino
Favor se inclina, e esforça a outra parte?

Depois que a gram batalha foy vencida,
Os Capitães valentes do soberbo
Soltaõ Rey de Cambaya, todos mortos,
E a Cidade de Diu posta a faco,
Com morte, dano, e mal de muita gente;
O Visorey ficou na derrubada
Fortaleza, ja posta quasi em terra:
Por mandar desfazer os edificios,

Os engenhos de guerra, que os inimigos
 Tinham feitos ali, com admiravel
 Industria, subtileza, e diligencia.
 Mandou desfazer duas fortes pontes
 Que o Rio atravessavam, tambem manda
 Derrubar alcorões, derrubar todas
 Suas torpes mezquitas, e as soberbas
 Casas do gram Mamude: e nam querendo
 Que nada lhe ficasse ali com força,
 Tambem derrubar manda os altos muros
 Com quantas cercas tinha esta Cidade.



Neste XVIII. Canto se trata como D. Manoel de
 Lima por mandado do Visorey foy buscar duas
 Naos del Rey de Cambaya, e nam as achando,
 entrou outra vez na enseada de Cambaya, on-
 de destrubio a Cidade de Goga, fazendo gran-
 des danos por toda aquella parte.

IA vimos Succeder muy diferentes
 Fins, daquelles principios que intentamos;
 E em cousas nam cuidadas a fortuna
 Mostrarlenos mil vezes favoravel.
 Nam basta humano ingenho alcançar casos
 Sogeitos ao querer do fado ineerto,
 Nem comprehend segredos escondidos
 Nos celestes planetas, e orbes altos.
 Estando assi provendo o necessario
 Para reedificar a fortaleza,

Algũs Mouros de credito lhe deram
 Enformaçam de duas naos que foram
 Por mandado delRey surgir em Meca :
 Carregadas de ricas mercancias ,
 E de grandes thesouros , para soldo
 Dos Turcos , que de la manda que venhaõ :
 E que lhe era forçado tomar porto
 Nas barras de Baroche , ou de Çurrate ,
 E crea certo ser isto verdade.

Sendo este caso tal , tam importante
 O Visorey mandou que se aperceba
 Com pressa D. Manoel de Lima , e parta
 Em busca destas naos : manda que leve
 Mais , e melhor armada , que das outras
 Duas vezes levou , tambem lhe manda
 Que acabasse de entrar la bem no cabo
 Da enseada , onde fez ja tantos males.
 Porque elRey de Cambaya estava vinie
 Legoas no mais dali , e vendo os danos
 Que fizesse na Costa que ficara
 Das outras vezes ja segura , e livre ,
 Agora estando della tam vezinho ,
 Aifronta recebesse , e grande injuria.

O Sol deixava ja o signo aonde
 Subida , e tresladada ficou sempre
 A brutal Amalthea , que la em Creta
 De Saturno criou o nobre filho.
 Quando D. Manoel de Lima parte
 Desta barra de Diu , leva trinta
 Ligeiras fustas , todas escolhidas
 Em remos , munições , e bõs soldados.

Levava regimento , e de palavra
 Tambem o Visorey lho roga , e pede
 Que na barra de Goga não surgisse ;
 Por quanto era informado , que ali estava
 Toda a gente de guerra recolhida
 Que escapou da batalha , e por mandado
 Do grã Mamude estava toda junta
 Nesta grande Cidade , fabricada
 Pouco espaço do mar , determinando
 De ali se refazer , e ajuntar gente
 Com que outra vez tornasse dar batalha ,
 E para segurar esta Cidade
 Do grande estrago , e males recebidos
 Do forte Lima em toda aquella Costa.
 Pois assi navegando o valeroso
 E nobre Capitam : seguindo sempre
 Aquelle regimento que levava
 Com tanta instancia , e força encomendado
 Do grande Visorey , dalhe hum contrairo
 E tam furioso vento , que por força
 O fez surgir na barra prohibida.
 As fustas padecendo hũa tormenta
 De grande afronta , e ja quasi alagadas ,
 Os encurvados ferros todas deitaõ
 Ao fundo , assi esperando que se amanse
 A braveza do mar , a força , e furia
 Do tempestuoso vento , que mostrava
 Naquelle conjunçãna seu poder todo.
 Quando o Capitam soube que era aquelle
 O lugar defendido , ficou triste
 Por nam cumprir de todo o regimento

Que

Que o Visorey lhe dera ; e porque via
 Que era a Cidade tal , tambem guardada
 Que nam se lhe podia fazer dano.

Despois que ja seguros os navios
 Estavam todos furros junto a terra ,
 No lugar mais seguro , e abrigado
 Das furiosas correntes , que por toda
 Aquella grande enseada vam com impeto.
 Vem estar hũa Nao junto com terra ,
 E na alterosa popa lhe aparecem
 Algũs Mouros que davam grandes vozes
 Fazendolhe final com hũa bandeira
 Que estendida nos ares lhe mostravam ,
 Que a Cidade com pressa se despeja :
 Ficandolhe vazia , e sem perigo.
 Mas o bom Capitam estava longe ,
 E nam lhes entendia tal avizo ,
 Parecezhe que o fazem de soberbos :
 Por escarnecer delle , e que isto eram
 Mais feros , e algazarras que verdades.
 Saltalhe o coraçam dentro no peito :
 Embravecese , e arde em pura raiva :
 Sahiaõlhe dos olhos vivas chamas ,
 Por ver que zombam delle , e que nam pode
 Tomar satisfaçam , porque nam leva
 Gente que resistisse a toda quanta
 Se sospeita que está la na Cidade.
 Assi está furioso : assi está fero :
 Como quando no corro , bravo Touro
 De hum aspecto feroz se pára ousado :
 Acenalhe de longe o que presume

De fazer arriscada rara sorte ,
 Hum vivo grito da , movendo a capa :
 Fazlhe segura mostra de esperalo.
 O raivoso animal escarva , e lança
 A terra polo ar em grande altura :
 Recua para traz : escuma , e brama
 Todo cheo de furia , e de corage :
 Vaife determinando em ver se pode
 Vingarse do que mostra telo em pouco.
 Desta arte o Capitam ardendo em furia
 Se queixa da fortuna que começa
 Darlhe a seu parecer este desgosto
 Em desconto da gloria , e fama que antes
 Com tantas honras ja lhe concedera.
 Queixase do furioso , cruel vento
 Que o fez ali attribar : tambem se queixa
 Do seu fado infelice , que lhe tinha
 Guardado isto no fim de tal jornada.

No meyo desta afronta em que a sua alma
 Estava , vira os olhos á Cidade :
 Vio ferver muita gente por diversas
 Partes : levando fato , e pareceo-lhe
 Que nam era sem causa aquella pressa :
 Mas que a Cidade se hia despejando.
 Entaõ vio que o final que lhe faziam
 Os Mouros co a bandeira era dizerlhe
 Que a gente com temor hia fugindo ,
 E que a Cidade estava ja deserta.
 Manda fazer final a toda a armada :
 Os Capitães acodem num momento ,
 E juntos todos D. Manoel lhes disse

Com peito mais quieto estas palavras :
 Esforçados Senhores , bem vos lembra
 Com quanta instancia o Visorey me disse ,
 E assi tambem mo deo por regimento :
 Que nam surgisse aqui : porque presume
 Que toda quanta gente , da batalha
 Escapou , toda aqui está recolhida .
 Mas bem vedes Senhores que nam pôde
 Darnos culpa nenhũa , pois o vento
 E as furiosas ondas nos fizeram
 Neste porto buscar remedio ás vidas .
 Deos sabe qual fiquey , quam descontente
 Por nam poder seguir meu regimento :
 Mas se elle he assi servido , quem se pode
 Guardar ou prevenir do que elle ordena .
 Os olhos levantay : vereis a gente
 Como foge apressada , e desemparam
 Esta grande Cidade , que se mostra
 Tam fraca , e sem nenhũa resistencia .
 Eu quero embarcar so nũa galveta ,
 E saber se o que vemos he verdade .
 Peçovos bons Senhores , pois o caso
 He de tanta importancia , queirais todos
 Concederme que vá : ficando certos
 Que farey o que cumpre a nossas honras .
 Eu não vou pelejar , que se assi fosse
 Ninguem melhor que vos pode ajudar-me ,
 E se fosse treyçam , he tam ligeiro
 O navio em que vou , que facilmente
 Me posso recolher , sem temer nada .
 A todos pareceo que o que pedia

Este bom Capitam era muy justo.
 Sendolhe concedido se quiseram
 Algús parentes seus assaz valentes,
 E outros bós Capitães, embarcar logo
 Na pequena galveta, desejando
 Ir sempre junto delle em toda parte.
 Mas nam o consentindo o forte Lima,
 Entrou so na galveta, e apos elle
 Hum page seu entrou, que lho levava
 Hum furioso arcabuz comprido, e grosso.
 Apartado da armada, algús ficaram
 Descontentes, queixosos, elle corre
 E rodea a Cidade pola banda
 Da praya: vendoa toda atentamente.
 Entra por hum esteiro que a cercava,
 Dali divisa, e ve que a gente foge,
 E que com grande pressa, levam tudo
 Quanto podem levar. Olha por onde
 Podem poyar em terra os seus soldados,
 Acha que o mais seguro he aquelle esteiro.
 Manda que lancem prumo, e saibam certo
 Quantas braças avia de agoa nelle:
 Porque era preamar, e elle queria
 Saber em quanta altura lhe ficava
 O esteiro em baixa mar. Logo poseram
 Por obra o que mandava, bem medidas
 Oito braças acharam: mas ja vinha
 Decendose a marê, e porque em toda
 Aquella grande enscada corre a agoa
 Com tal velocidade, que num ponto
 Fica esgotado, e seco todo o esteiro,

Foylhe ali necessario recolherse
 La para onde o Catur ficasse em nado.
 Em breve espaço foy todo vazio:
 Ficando em lugar de agoa, branda, negra
 E atoladiça vasa, entam vio claro
 Ficar forçadamente a sua armada
 Em seco neste esteiro. E porque estava
 Adiante hum terreiro prano, e limpo,
 Determinou deixar as fustas todas
 Iuntas: cos esporões voltos a terra
 Para se defender co artilheria
 Se fosse necessario, e mais pudesse
 Aproveitarse bem dos arcabuzes.
 Porque os immigos vindo nam podiam
 Entrar por força de armas nos navios
 Se não fosse atolados pola vasa,
 Onde muy facilmente eram perdidos.

Despois que tudo assi fica ordenado,
 O Capitam se torna para as fustas,
 E diz aos Capitães que determina
 Desembarcar, ja quando a noite fosse
 Fogindo da graciosa luz, que a fresca
 E bellissima Aurora, traz consigo.
 Aos soldados tambem diz: Esforçados
 Companheiros, amigos, bem sei certo
 Que sempre mostrareis aquelle esforço
 Que em vossos corações está continuo.
 Nam peço que mostreis nesta peleja
 Animos invenciveis braços fortes:
 Que isto eu o vi em vos em todo o tempo.
 Porem vos encomendo, e tambem peço

Que avorçeis o fado da Cidade,
 E nam o cobiceis; porque nam seja
 Causa de desmandarvos, que bem pode
 Este despejo ser ardil, e manha
 Com que nam sendo cautos nos percamos.
 E se isto fosse assi (como ja muitas
 Vezes aconteceu) se formos juntos
 Nam ha cousa que estorve, ou nos impida
 A nossa embarçam: porque os soldados
 Que aqui mando ficar, e os bombardeiros,
 Com favor desta nossa artilheria,
 Nos faram tornar salvos, e seguros.
 Logo em amanhecendo desembarcam,
 E com boa ordenança e passo ousado
 A Cidade cometem pola parte
 Que está para o sertam: porque se ouvesse
 Cillada, a descubrissem de mais longe,
 E nam podessem ser nella enganados.
 Leva na dianteira arcabuzeiros
 Com outros de mistura que levavam
 Brancas adargas, tesas, fortes lanças,
 E destes poeni tambem na retaguarda.
 A Cidade passaram co este passo
 Seguro, e vagaroso, e em subindo
 Hum pequeno cabeça que escondia
 Grande espaço de terra, viram grandes
 Grossas nuvês de po revolto e turvo,
 Por hũa varzea larga de campina
 Ferosissima aos olhos dos que a viam
 Sem temor, e receo: mas nojosa
 E importuna aos tristes que deixavam

Seus bens todos entregues aos immigos ,
 E cortados de medo as tristes vidas
 Procuravam salvar da furia delles.
 Aqui neste lugar os Portugueses
 Se detiveram vendo a grande pressa
 Com que a mezquinha gente vay fogindo.
 Mil carreras douradas vam sem ordem
 Polo espaçoso campo , e vaõ de longe
 Com libistinos rayos reluzindo.
 Gente a cavallo vay por outra parte ,
 Levando muitos delles as molheres
 Abraçadas consigo : tambem fogem
 Traspassadas de medo muitas outras ,
 Com volumes de fato nas cabeças :
 Nos braços levam filhos que nam podem
 Andar , e os outros ja de mais idade
 Tambem vaõ carregados ajudando
 Suas miseras máys. Vaõ muitos velhos
 De longa idade e annos: ja cansados
 Com corrida forçosa , e defusada.
 Bem assi como quando , por castigo
 Divino : se permite aquella grave
 Contagiosa doença : de quem todos
 Fogem , sem se lembrar mais que das vidas ,
 Os caminhos , e campos occupados
 Se mostram de avexada , triste gente.
 Atonitos , pasmados , e as entranhas
 Traspassadas nam sabem onde assentem ,
 Ou onde lhes será lugar seguro.
 Sem concerto , e sem ordem vaõ fugindo
 Dos rebates mortiferos: que em dando ,

Maraõ sem ter remedio ; e estas mortes
 Causam temor aos outros , desemparam
 As familias , e casas , deixam tudo ,
 Fugindo do rigor que Deos lhes mostra.
 Assi desta maneira pola varzea
 Hia toda esta gente em mil manadas.
 Todos fugindo vam , quanto mais podem ,
 Receosos dos males , dos estragos ,
 Das perdas , e das mortes que este mesmo
 Famoso Capitam tinha ja dado
 Poucos dias avia , em toda a Costa
 Desta grande enseada , com que o nome
 Delle era nesta parte assaz temido.

Antre toda esta gente so se achavam
 Algũs poucos soldados que pudessem
 Pelejar , estes hiam disparando
 Arcabuzes de longe polos ares.
 Porque a gente de guerra que ali estava
 Ao gram cerco era hida , e á batalha
 De Diu , e ao presente nam avia
 Aquella guarniçam de bõs soldados
 Que ao Visorey foy dito : mas estavam
 Mercadores riquissimos , e outra gente
 Popular que seriam dez mil almas.
 Despois que D. Manoel descobrio todas
 As partes , que emboscadas ter podiam ,
 Deixando ja seguro todo o campo ,
 A Cidade se vay : entram com furia
 Os soldados correndo , acendem fogos
 Que em breve espaço vam as altas nuvês.
 Ia por mil partes ardem sumptuosos

Soberbos edificios : ja nos ares
 Se levanta hum bulcam escuro , horribel ,
 De peçonhento , espesso , e negro fumo.
 A grandes Almazés ja chega o fogo ,
 De azeites , e manteigas atestados :
 Onde com maior furia se embravece :
 Onde toma maior poder , e forças.

Depois que ja de todo o claro dia
 Fugio , e a noite deu cor triste ao mundo ,
 Recolhe o Capitam os seus soldados :
 Entram nas fustas , daõ aos lastos membros
 Hum desejado , doce , e brando alivio.

A deserta Cidade ficou toda
 Ardendo , e por mil partes arrasada.
 Ajuntaõse nas praças infinitos
 Caés , e outros animaes , dando bramidos :
 Certo retrato , certa , e viva imagem
 Do triste , e escuro inferno. Os carnicciros
 Corvos , todos em banda negra , o triste ,
 Os ares atroavam com mil gritos :
 Sem poder apartarse da fumaça
 Que o lugar abrasado assombra e cobre.
 Nam foy mais o medonho , grande incendio
 Da desaventurada infausta Troya :
 Nem aquelle que em Roma mandou Nero
 Acender : por tattar seus peçonhentos
 Brutos , torpes , crueis , e maos desejos.

Quatro dias andou sempre este fogo
 Furioso , e cruel tomando novas
 Forças cada momento : consumindo
 Muitas mercadorias de gram preço ,

CERCO DE DIV. CANTO. XVIII. §13

Pondo por terra nobres edificios
Ate que a seu furor saltou objeito.
E sempre neste tempo ali os soldados
Andaram trabalhando, porque tudo
Ficasse destroçado: convertido
Em desaproveitada, e leve cinza.
Tres ricos mercadores Baneanes
Aqui foram tomados, e em tres fustas
Repartidos, e a bom recado postos.
Porque quando os perguntem, nam se possam
Prevenir, com reposta ja cuidada,
Contrafeita, fingida, e fabulosa.
Manda o Capitam mor trazer diante
De si, hum destes tres fracos Gentios,
Apartado, perguntalhe se sabe
A gente que fugio, onde se fora.
Quantos eram de guerra, se levavam
Todos, ou delles armas: o mezquinho
Sem malicia responde: senhor pouca,
Ou nenhũa he a gente que aqui pode
Contra ti tomar armas: porque toda
Foy ao Cerco de Diu, sos estamos
Mercadores, e o mais he tudo povo,
Tudo gente fraquissima plebea.
Recolhidos estam num lugar rodos
Duas legoas daqui. Porem mais perto
(Todavia serà quasi hũa legoa)
Outro lugar se mostra mais pequeno
Onde está muita gente recolhida.

Despois que estas palavras, este disse,
Foy levado, e trazido ali o segundo,

E depois o terceiro : todos dizem
 Esta verdade , sem mudar mais nada .
 Tendo D. Manoel isto por certo ,
 Determina dar neste mais vezinho :
 Antes que a fresca Aurora o veo rompesse
 Da fria , triste , escura , e negra noite .
 Sua gente ordenada em bom concerto ,
 Começa de marchar com atrevido ,
 Seguro , deligente , e largo passo .
 Leva os tres Baneanes que lhe mostrem
 O direito caminho . Começando
 Entrar polo Sertão , vio mil Pagodes ,
 Mil tanques bem lavrados , e custosos ,
 Onde se vão lavar , assi guardando
 Seus costumes , e torpes cerimonia .
 Os soldados começam com violencia
 Derrubar , destruir quanto aqui acham :
 Sem couza lhe fiar a que perdoem .
 Porque como esta gente toda adora
 Qualquer boy , qualquer vaca , e tem por certo
 Estes serem seus deoses , os soldados
 Matavam muitos boys , e as immundicias
 Com cabeças , e pelles , todas cheas
 De negro sangue , deitam nos pagodes :
 Nos tanques , e nos poços de agoa fria ,
 Delgada , cristalina , e saborosa .
 Disto ficaram todos juntamente
 Com dor que lhe atormenta as tristes almas :
 Por ver assi seus deoses offendidos
 Com tanto mal , com tantos vituperios :
 Com tal rigor , e tanta crueldade .

Nunca mais os Genticos nestas partes
 Fizeram sacrificio, ou cerimonia:
 Porque lho defferdia a sua falsa
 Torpe religiam: neffandos ritos.
 Muitos Mouros ficavam nos pagodes
 Tambem por muitas arvores sostendo
 Todo o peso dos corpos, em delgadas
 Cordas, com que as gargantas padecendo
 Húa penosa dor, as tristes almas
 Trabalhadas, mandavam ao medonho
 Caliginoso, vil, escuro centro.
 E porque D. Manoel, encomendado
 Levava, que a ninguem vida outorgasse,
 Tambem manda enforcar os Baneanes
 Todos tres num pagode. Foy julgado
 Antre elles este caso por muy grave
 E duro sacrilegio: mal dizendo
 Este tam infernal homem, que em partes
 Tam sagradas fazia taes cruezas.

Mil manadas de gado aqui os soldados
 Tomaõ de toda forte. Hús traem mansos
 E simpleses cordeiros, outros trazem
 Atados com murrões, tentos cabritos.
 Outros trazem vitelas, outros mataõ
 Muitas vacas, e boys, com arcabuzes.
 Com espadas, e lanças atravessam
 Aquelles grandes corpos proveitosos.
 Tanto que cae algum, os tristes correm
 Onde estendido está: cheiramno dando
 Sobre elle mil tristissimos bramidos:
 Mas neste bruto, e tam funebre pranto,

Ou-

Outros muitos daquelles ficam mudos :
 Atalhados da morte que os soldados
 Lhe dão com pressa , e furia num momento.

Triste spectaculo era ver no campo ,
 Tanta somma de gado differente ,
 Com vozes desiguaes , queixar-se todo ,
 Quasi com natural destinto humano :
 Pareciam sentir as graves mortes.
 Que todos sem ter culpa padeciam
 Os soldados matavam sem piedade
 Fracas molheres , velhos , e meninos :
 Destes matam trezentos , que com medo
 Por altas milharadas se escondiam.

Chégando perto ja do lugar , fogem
 Aquelles que estam nelle recolhidos :
 Levando seus thesouros , e deserto
 Fica todo o lugar , ao fogo entregue.
 Abrasado foy logo em pouco espaço
 E com furiosas chamas consumido.
 Acabado este dano , se recolhem
 Onde a armada ficou. Todos cansados
 Num campo se assentaram , que vezinho
 Estava da Cidade , e nelle hum grande
 Alto tamarinheiro ali assombrava
 Verdes , e frescas ervas , com frondosos :
 Robustos , estendidos , velhos braços.
 Encima dellas poem brancas toalhas
 Polas ervas , e flores estendidas :
 Aqui nobres mancebos , ali destros
 E valentes soldados se assentaram.
 Em bom concerto , e ordem lhe trouxeram

Com grande diligencia muitos pratos
 Bem providos de todo o necessario:
 Com que os cansados animos recream
 la dos grandes trabalhos esquecidos.

Juntas estam aqui muitas cotias
 Encalhadas em terra, ardendo todas
 Em grandes labaredas: os soldados
 Querendo ali ordenar suas cozinhas,
 Assam nellas cabritos, assam quartos
 De saborozas vitellas: assam gordos
 Assaz tenros cordeiros. Hús nam podem
 Tanto espaço soffrer a fortaleza
 Do desmandado fogo, outros de pressa
 Com rostos affrontados vam correndo,
 Levando nos tostados paos (que servem
 De espetos) assaduras, que estilando
 Vam gotas de hum cheiroso, e quente fumo.
 Depois de satisfeitos, se levantam:
 Embarcaõse na armada, sem levarem
 Desta grande Cidade, mais proveito
 Que hum trabalho grandissimo: soffrido
 Por serviço delRey, com grande gosto.
 Porque como esta armada toda fosse
 De navios sutis, e esta enseada
 Mostrasse ali soberbas, procelosas
 E levantadas ondas: pola força,
 Polo impeto furioso das correntes
 Que ali sam sempre certas, e continuas,
 O Capitam pedio, e juntamente
 Mandou a todos, quantos seguem sua
 Vencedora bandeira, que nam levem

Destas fazendas grossas: porque possam
 Os navios soffrer qualquer tormenta,
 E possam mais ligeiros passar, esta
 Trabalhosa enseada a outra banda.
 Por esta causa foy tudo queimado:
 Sem nada se salvar, nem dar proveito
 A muitos que ali tem necessidade.



*Neste Canto Vigesimo se trata como D. Manoel
 de Lima atravessou a enseada de Cambaya com
 grande trabalho, e risco queimando, e des-
 truido a Cidade de Gandar, e tornando-se
 para Diu, o Visorey lhe entregou a Capitania
 da fortaleza, assi como estava derrubada, aber-
 ta, e sem nenhũa defensa.*

A Quelle belo filho de Lathona
 Visitava o Troyano Ganimedes
 Quando estas fustas todas levantando
 Os encurvados ferros atravessam
 A perigosa enseada, com trabalho
 E grandissima affronta dos remeiros.
 Chegando ja no meyo onde a corrente
 Mais impeto mostrava, as fustas passam
 Perigo de perderse, pola furia
 Com que as contrairas agoas as combatem.
 Os valentes remeiros vam dobrando
 Com tanta força os remos, que parece
 Nas gargantas, e braços as inchadas

Veas,

Veas, arrebentarem puro sangue.
 Hum penoso, difficil, grosso alento
 Affadigando vay os fortes peitos,
 E ja quasi raivosos apertando
 Os dentes com furor, ferem com força
 As salgadas, furiosas, grossas agoas.
 Nam deixam de remar: lutando sempre
 Co aquelle repentino, impetuoso
 E tam bravo escarceo. Procutam todos
 Surgir em grandes poços, que ali ficam.
 Com agoa, porque tudo o mais he negra
 E atoladiça vasa, quando dece
 A ligeira maré, naquella parte
 Tanto porfiam, tanto nisto insistem,
 Que ja quando a manhaã risonha, e ledã
 Com sereno sembrante, vinha dando
 Claro e certo signal da luz do dia:
 Com hum trabalho immenso, chegam todos
 Onde estava Gandar, Cidade rica
 Situada no cabo da enseada:
 Distancia da queimada, e triste Goga,
 Catorze grandes legoas: e foy tanto
 O fumo que em bulção nos altos ares
 Espesso, negro, horribel, se mostrava,
 E aquella claridade do furioso
 Bravo, medonho incendio; que os que nesta
 Nobre Cidade estavam, presumiram
 Que soldados Christãos eram chegados,
 E que era Goga delles destruhida.
 Fogem todos levando seus thesouros,
 E levando tambem as tristes almas

Traspassadas de medo , deixam erma
Desemparada , e so toda a Cidade.

Pois quando D. Manoel , e seus soldados
Neste rico lugar entraram , logo
Começam acender por todas partes
Ardentissimas , bravas , crueis chamas.
Deixam arder as casas , as mais dellas
De bem feita , e furil macenaria :
Correndo vam ao campo : mataõ muitos
Mouros , que da Cidade pouco espaço
Alongados estavam : tornam prestes
Derrubar , e queimar : destruyr quantos
Edifícios avia : sem salvarse
Cousa , que aproveitar ja mais pudesse.

Ardida ja de todo esta Cidade ,
Embarcaõse , deixando hum tal estrago
Por toda aquella costa , que a marmoreos
Corações , inclinados sempre a males
Abrandara , e movera aver piedade.
Toda a armada vay junta per hum manso
Aprazivel esteiro de agoa clara :
Cercado todo de húa e outra parte
De mil arvores altas , e sombrias ,
Em que o agradavel zefiro formava
Hum brando som , confuso e mal destinto.
As mansas ondas mostram ricos toldos ,
Pintadas popas , e armas reluzentes.
Reverberava nellas ouro fino
Com que vam guarnecidas : tambem mostram
Celadas de diversas plumas cheas.
Indo assi navegando mansamente ,

Sendo as agoas entam todas crecidas ,
 Querendo ja decer co aquella furia
 Sempre ali costumada , vanse todos
 Os navios surgir num poço grande ,
 De algũs que na vazante ficam cheos.
 Deitam ao fundo ferros : deitam berços
 Em grossas cordas , fortemente atados ,
 Para que segurar se possam da agoa
 Que começa a decer com grande força.
 Refvalando se foy polo Orizante
 O declinado Sol , ficando a terra
 E os ares juntamente escurecidos.
 O poderoso vento mais se esforça
 Quanto mais a maré vinha decendo.
 As correntes levantam alteradas ,
 E procellosas ondas. Ia começam
 Os navios arfar : ja o inimigo
 Mar os entra por força : ja caçando
 Vaõ todas as amarras , affrontados
 Em risco de perderse. Nam sabiam
 Patrões , e marinheiros que conselho
 Seguissem por melhor , e mais seguro.
 Mas D. Manoel de Lima aceitou antes
 Atravessar a enseada nestas horas ,
 Onde avia bem certos mil perigos ,
 Que esperar hum tal dano manifesto ,
 Ao qual so Deos podia dar remedio.
 Manda fazer final a toda a armada :
 As amarras levantam juntamente ,
 Dando as pequenas vellas ao furioso
 Embravecido vento. Desgarradas

As fustas vaõ sem ordem : mas trabalham

Quanto lhes he possivel por seguirem

O luzente Fanal da Capitaina

A termos chegam todas de perderse :

Mil vezes alagados se sentiram ,

Vendo de quando em quando ja chegada

A cruel , miseravel , fera morte.

Com tal trabalho vaõ todos cubertos

De hũa espantosa , escura , e triste sombra :

Onde o bramar das ondas , onde o vento

Nos ouvidos formava hum som horribel.

Passaram toda a noite em tal trabalho :

Mas ja quando a rosada manhaã vinha ,

As terras aclarando , estavam junto

Da derrubada Goga : e sendo o tempo

Sereno , favoravel , brando , amigo ,

As fustas todas movem per hum manso ,

Affossgado mar postas em ordem.

Os remeiros , saltar fazem das ondas

Feridas a compasso , espessa chuiva

De cristalinas gotas. Vaõ contentes ,

Vendo muitos lugares pola Costa

Destruídos , queimados , e outros danos ,

Perdas , e grandes males , que com crua ,

Sangrenta , e dura guerra tinham feitos.

Com tal contentamento a Diu chegam ,

Onde do Visorey foy recebido ,

Este bom Capitam com prazer grande :

Com festas , e alvoroco , com louvores

Encarecidos delle , e de outros muitos

Fidalgos , e vallentes eavalleiros.

Pois como neste tempo se quizesse

O Capitam famoso Mazcarenhas

Vir para Portugal: sendo comprido

O tempo do governo que ali tinha.

Entrega o Visorey a fortaleza

Toda desfeita, toda aberta, e fraca:

Sem reparo, sem muro, e sem defenfa,

A D. Manoel de Lima, que a governe:

Que a defenda, e empare, e reedifique.

Insigne Capitam, luz, gloria, honra,

E resplandor dos teus, ja concedia

O tempo a teus trabalhos, que puderas

Iustamente tomar delles descanso.

Vinte annos de serviço tam continuo

Em perigosas guerras, em combates

Estreitos, arriscados, pondo a vida

Mil vezes a perigos evidentes:

Assi nas tempestades do furioso,

Soberbo, e bravo mar, como em mil grandes

Trabalhosas affrontas, todo o tempo

Que no fertil Oriente residiste.

Vas agora aceitar tam perigosa,

Tam forte, e dura empresa. O' valeroso

Magnanimo varaõ, tudo isto he pouco:

Que o teu animo grande, o teu robusto

Coraçam invencivel mais te peac,

Mais te constrange, e faz que a mais te ponhas.

Quando la no meyo do estrellado

Ceo a humida noite se sobia,

E em repouso agradavel occupava,

O sono geralmente, os mortacs corpos,

O nobre Visorey no descansado
 Leito, mil cousas traça, e imagina:
 Nam cessando de dar infindas graças
 A Deos pola merce de tal victoria.
 Pois vendo o brando sono tam bom tempo:
 Tam boa conjunçam, tam opportuna,
 Entra na quieta casa facilmente:
 Com atrevido passo vagarozo,
 Onde pequena luz, com tristes rayos
 Mostrava tudo ali cego, e confuso.
 Ao Visorey se chega, e num momento
 Hum ramo em ambas fontes lhe sacode
 Molhado no licor do Rio Letheo,
 E na lagoa Stigia, turva, e triste.
 Cerralhe logo os desvelados olhos,
 Infundelhe hum pesado, e doce sono:
 As forças, e sentidos juntamente
 Lhe rouba, e deixa o corpo ali estendido,
 Sem ter de vida mais, que hum perlongado,
 Quieto, concertado, brando alento.
 Nam bem o repentino sono tinha
 Começado a travar os lassos membros,
 Quando num verde prado se vio junto
 De hũa delgada, clara, fria fonte:
 Cujas delgadas agoas cristalinas,
 Com suave murmurio, e lento curso
 As verdes, frescas ervas vaõ regando.
 Altos, e verdes Aemos faziam
 Aprazivel, quieta, e doce sombra.
 E as namoradas aves mansamente
 Feriam os delgados, e altos ares:

Com seus cantos , e clausulas sem arte :
 Co aquelle doce som nam aprendido.
 Parecelhe chegar cançado á fonte
 Armado de lustrosas , fortes armas :
 A sede satisfaz , e no delgado ,
 Transparente licor se desaffronta.
 Hum anciano varam de aspecto grave ,
 Maltratado no trajo , e differente
 De tudo o mais que nelle se enxergava ,
 A elle se chegava , e lhe dizia :
 Deos te salve ó magnanimo , felice ,
 Prudente Capitam , que ennobreceste
 A Lusitana patria , acrecentando
 Sua fama immortal , alta , e gloriosa.
 Deos te salve ó Coroa dos antigos ,
 Illustrissimos Castros : seja sempre
 O Ceo em teu favor , e os mais benignos
 Fados te dem o fim qual tu mereces.
 Vem comigo Senhor não te detenhas ,
 Que esperando te está desde principio
 De tua vida , hum premio so devido
 A bem affortunados raros homês.
 Nam refuses a minha companhia ,
 Ainda que me vez tam mal tratado ,
 Que da minha pobreza so tem culpa ;
 Os tempos pervertidos , e mudados.
 Meu nome sempre foy Merecimento ,
 Por mim vinham merces , por my se dava
 Toda a honra , e favor aos fortes braços ,
 Que as vidas arriscavam aos perigos.
 Illo se costumava nas idades

Antigas , e douradas : mas ja agora
 Sou pouco conhecido , porque os homens
 Por hum baixo interesse me deixaram.
 E aquelles que por my com justa causa
 Apresentados sam , ja nam alcançam
 Outra satisfacão polos serviços
 Continuos , e leais , mais que hum desgosto
 Que lhe vay consumindo as tristes vidas.
 Outros muitos verás que alcançam rendas ,
 Estados , dignidades , e privanças ,
 Sem os eu conhecer : mas isto tudo
 Por caminhos se adquire , e por huns modos
 Illicitos , e vis , dissimulados.
 Hús com boas , e santas apparencias :
 Outros per encubertas tyrantias.
 Outros per mil maneiras de interesses ,
 Em seus proveitos proprios mais fundados ,
 Que nos universais bês da República.
 Este he o mundo que corre , este he o tempo
 Que geralmente cursa em toda parte :
 Valias , e aderencias se procuram
 Alcançar , sem valer merecimento.
 Levantatê que he tarde , e temos muito
 Por fazer , e por ver com que te alegres.
 O insigne Visorey depois de ouvidas
 Ao antigo varaõ estas palavras ,
 Ligeiro se levanta , com sembrante
 Que mostrava hum prazer causado na alma ,
 Por se lhe offerecer tal companhia.
 Ambos vam praticando por caminhos
 Asperos , e fragosos : em que muitos

Diversos caminhanes porfiavam,
 Com assas de trabalho, por chegarem
 Ao sumptuoso templo, onde a Victoria
 Costumava de dar galardam justo
 Aquelles, que o temor nunca foy parte
 Para lhes impedir, que graves casos
 Deixassem de emprender: antes ganharam
 Com trabalhos, e affrontas grande fama.
 Estes que o Visorey neste caminho
 Via, lhe pareciam ficar sempre
 Grande espaço detras, e perguntando
 A causa disto, o velho lhe responde:
 Saberás bom senhor, que os que aqui nestes
 Caminhos ves andar, e que nam podem
 Chegar ao alto templo, sam aquelles
 Que por pura aderencia, ou por fingida
 Sanctidade, pretendem grandes premios:
 So devidos aquelles que com fangue,
 Com trabalhos, e mortes mereceram
 Ficar delles hum nome eterno ao mundo.
 Nestes tempos de agora reynão estes,
 Tem mandos, tem governos, tem privanças;
 Tem estados; e rendas, e admitidos
 Sam sempre seus conselhos, so Deos sabe
 O fundamento delles, e o seu zelo.
 La tem mundanos bens: mas aqui ficam
 Sempre em vaõ trabalhando por chegarem
 Ao sumptuoso templo, onde nos ymos:
 Mas como vaõ sem my, he lhes negado
 Aquelle galardam, que em ti está certo.
 Espantado ficou o nobre Castro

Das palavras do velho , porque a muitos
 Daquelles conhecia , e apressando
 O passo acelerado , nam quizeram
 Deterse em ver tal gente , tam fingida ,
 Chea de ypocresia , e falsidade.
 Nam muito espaço andaram , quando a hũ monte
 Altissimo chegaram , cuja vista
 Em toda parte os olhos alegrava.
 Começando a subir , supitamente
 Começa o monte todo estremecerse ,
 E abaixar com estrondo inchados ríos
 Polas ladeiras ingremes , e hum vento
 Furioso lhe resiste ali à subida.
 O nobre Visorey affadigado
 Co a supita tormenta , muitas vezes
 Poem em terra as mãos ambas , e outras muitas
 Ao velho se apegava por fosterse :
 O qual com riso alegre diz : Esforça
 Que nam se sobe aqui sem gram trabalho.
 Depois de ja sobidos ao mais alto
 Daquelle levantado monte , viram
 Estendidas campinas , todas cheas
 De purpureas , suaves , frescas rosas.
 Mil antigos carvalhos , e altos louros
 As graciosas ervas assombravam.
 Riquissimos tropheos delles pendiam ,
 Ganhados a nações muy belicosas ,
 Com gloria , e com louvor dos vencedores.
 No meyo do estendido campo , estava
 Hum admiravel Templo , cujos teitos
 Quasi antre as altas nuvés se escondiam.

No soberbo portal la no mais alto
 Se mostrava o furioso , fero Marte ,
 Todo de duro ferro bem cuberto.
 Num carro diamantino , com sembrante
 Horribel , e feroz , hia regendo
 Os soberbos cavalos : que com furia
 Pareciam romper os altos ares.
 A sangrenta Belona , e a gram Palas
 Ambas de armas riquissimas vestidas ,
 Nos dous umbrais da porta presidiam :
 E logo abaixo dellas , pouco espaço ,
 Em cada parte dez robustos homês
 Com bastardos claroês , e a hum tempo todos
 Hum rouco , e espantoso som faziam.
 Entram juntos no templo os companheiros ,
 O Visorey se espanta , e fica mudo
 Vendo a grandeza delle : vendo a obra
 Das Doricas columnas ; das Corinthias ;
 Das Ionicas , e de outras que excediam
 As raras perfeições do gram Praxiteles.

Muy trasportado estava o grande Castro ,
 Pasmado do lavor subtil , e estranho
 Do riquissimo teito , e das pinturas
 Que em torno das paredes , quasi vivas
 Com ledos rostos todas se mostravam.
 Os olhos levantou , e no mais alto
 Do templo , vio armados valerosos
 E famosos varoês , cujas cabeças
 Eram de verde louro coroadas :
 Muy certa , e clara insignia de notaveis
 E celebres triumphos. Muitos eram

Dos belicosos Gregos , outros muitos
 Dos valentes Troyanos , e húa turba
 De famosos Romãos em largo bando.
 E como o Visorey fosse muy douto
 Nas Gregas e Latinas letras , corre
 Por todos geralmente os olhos , vendo
 Se pode conhecer algum daquelles
 De quem graves auctores ca deixaram
 Os nomes em memoria eterna , e viva.
 Vio Ector valentissimo abrafando
 As Gregas naos , e vio mil desmayados
 Rostos que hiam fugindo da gran força
 Do seu robusto braço , e dura espada.
 Via per outra parte o fero Achilles
 Nos Troyanos fazer sangrento estrago.
 O grande Macedonio vio , que o mundo
 Com prospera fortuna fugigava.
 Ve o invencivel Cesar , triunfando
 De Affricanos , de Egypcios , de Franceses :
 Da provincia de Ponto , de Farnaces
 Muy poderoso Rey , e de outras muitas
 Belicosas provincias. Ve que a patria
 Por força conquistava , e pouco avante
 Ve que sobre a defuncta , ensanguentada
 Valerosa cabeça de Pompeyo
 Fazia piedoso , e triste pranto.
 Ambos os Scipioés , e aquelle forte
 Capitaõ , que em Cartago tinha o mando ,
 Dos Romãos muy cruel , duro adversario ,
 Ve com grandes victorias. Logo abaixo
 A Belisario ve vencer soberbas

Belicofas provincias. Junto delle
 Ve Iorge Caſtrioto Rey de Epiro ,
 (A que os Turcos chamaram Scander Bego)
 Vencer com pouca gente à Maſamede ,
 E Amurate ſeu pay , ambos Senhores
 Dos imperios , que agora rege o Turco.
 Folgava o Viſorey de ver os feitos
 De Varões tam illuſtres , e eſforçados.
 Ve muitos Capitães Italianos ,
 Outros muitos Franceſes , e outros muitos
 De diverſas nações , todos moſtrando
 A juſta , e digna gloria de ſuas armas.
 Virando os olhos ve por outra banda
 Famoſos Capitães , que com gram parte
 Se aventajavam deſtes mais valentes.
 Eſpanhoes eram todos , e as victorias
 De famoſas batalhas , retratadas
 Eſtavam tanto ao vivo , que o que nellas
 Via , lhe parecia verdadeiro.
 O valeroſo Conde Caſtelhano
 Vencia ali Almançor Rey poderoſo ,
 Com poucos cavalleiros enche o campo
 De Sarraeinos corpos ja ſem almas.
 Viſe a terra aberta , e que recebe
 No frio , eſcuro ventre hum cavalleiro
 Do Conde (triſte agouro , e final claro
 De certa deſventura) mas o Conde
 Nem por iſſo ſe eſpanta , antes ouſado
 Com animo invencivel acomete
 Os ſoberbos immigos : dando á patria
 Famoſo , e alto nome para ſempre.

O valente Bivar , Cid famosissimo
 Ali mostrava mil grandes victorias ,
 E Bernardo del Carpio tambem tinha
 De seus merecimentos a coroa.
 O gram Capitam ve que com seu nome
 Toda Espanha ennobrece , cujos fados
 Prosperos e ditosos , invencivel
 O fizeram , ficando entre nos sempre
 Eternos , e immortaes os seus louvores.
 O dos de Avalos gloria , e de Pefcará
 Dignissimo Marques , aqui se via
 Com mil grandes victorias , e o de Leiva
 Prudente Capitam : e logo avante
 D. Alvaro de Sande se mostrava
 Com forte coraçam , robusto , e duro.
 D. Alvaro de Baçam , e o de Mendoça
 D. Bernardino juntos , e outros fortes
 Insignes Capitães da nosa Espanha.
 Cujos illustres nomes , e famosos
 Deixo de referir , porque pretendo
 Cantar samente aqui da patria minha.

Tam enlevado estava , e sem lembrança
 O nobre Visorey , que o companheiro
 O toma pela mão , e dizlhe : Atenta
 O que agora te cumpre , que la fica
 Tempo , para que vejas tudo quanto
 Aqui com subtil mão está pintado.
 Dizendo estas palavras , vaõ sobindo
 Por hús altos degrãos : todos cubertos
 De despojos , com grande honra ganhados.
 Em cima no mais alto parecia

Hum escano real , em que assentada
 Se mostrava a Victoria oufana , e leda.
 Encostavase a hum alto , e verde louro ,
 Donde justas coroas , com louvores ,
 A famosos varoões se concediam.
 O bom velho tomou o muy prudente
 Visorey pola maõ : ambos chegados
 Onde estava a victoria , diz o velho
 Com voz sonora e grande , estas palavras :
 Aqui trago comigo apresentarte
 O' illustre senhora , o valerozo
 E nobre Visorey D. Ioaõ de Castro ,
 Para que de ti seja satisfeito
 Daquelle galardam , que nos passados
 Tempos aos Capitães tu concedias.
 Este he o que merece ficar delle
 Hũa notavel fama em todo mundo.
 Este he o que venceo com pouca gente
 Todo quanto poder tinha Mamude.
 Mais honras se lhe devem que ao gram Cesar ,
 Mais que ao grande Pompeo , e mais louvores ,
 Que ao valente Affricano , do senado
 Romaõ , mortal inimigo : nam lhe chega
 Aquelle Scipiam , a que tu tantos
 Triumphos outorgaste. Mais se deve
 A este so que venceo gente tam forte :
 Tam belicosa , destra , e bem armada.
 Com sos dois mil soldados Portugueses
 Venceo vinte e seis mil armados homens
 Delles Helches , e Turcos , delles Parsios :
 Delles fortes Arabios , e robustos.

Abexins, Fartaquins com curvos arcos :
 Com grossos arcabuzes , e hũa somma
 De tefas , e mociças , grossas lanças.
 Em batalha campal tomou quarenta
 Peças de artilheria , que lançavam
 Com violento furor , grandes pelouros.
 Concedelhe senhora aquelle premio
 Que com tanto trabalho , e tanto risco
 Nesta grande batalha tem ganhado.

Em quanto estas palavras o bom velho
 Em alta voz dizia : declarando
 Hum tam eroycó , e tam notavel feito ,
 Estava o Visorey quasi affrontado
 Ouvindo o seu louvor. Logo a victoria
 Com sembrante amoroso , e alegres olhos
 O recebe , e agasalha , e dalhe em premio
 Dos trabalhos soffridos , a Coroa
 Que aos insignes varoés dá tanta gloria.
 Neste ponto se ouviram polos ares
 Diverfos instrumentos sonorosos
 E mil vozes suaves , que o gram nome
 Do Visorey , cantando , repetiam.
 Satisfeito , e contente se levanta ,
 Atonito , e pasmado do que via ,
 Ambos se decem juntos : mas querendo
 O bom Visorey ver os grandes feitos
 Dos Capitães passados , que ali estavam
 Artificiosamente nas paredes
 Retratados ao vivo , vam detendo
 O vagaroso passo , e o parceiro
 Mostrandolhas pinturas , assi disse :

Ves aquella que vay de brancas armas
 Armado, e ja com fangue as leva tintas:
 Que hum cavalo feroz acubertado
 Revolve a todas partes, e entra dentro
 Naquelle alta mezquita? Ves que corta
 Todo aceso em furor pernas, e braços,
 E que com duros golpes poem por terra
 Grande copia de Mouros: mas atenta
 Verás que lhe nam val animo grande
 Nem forte coraçam, robusto, e duro,
 Que as forças lhe faltaraõ, e em fim morto
 Cahio de crueis golpes traspassado.
 Este que a vida deu por ganhar honra,
 Foy Conde de Monsanto, e na tomada
 De Arzila, se mostrou tal, que no mundo
 Seu nome ficará sempre famoso.
 Aquelle que ali ves no mesmo dia
 Cuberto de hũa adarga, yr com grande impeto
 Subindo por aquella escada, á torre
 Que na propria mezquita está mostrando
 Grande somma de Mouros recolhidos:
 Mas atenta senhor, e verás logo
 Que lhe daõ do mais alto, com tal pedra,
 Que aquella alta cabeça, que ja vimos
 Ordenar sabiamente mil batalhas,
 E sair vencedora sempre, agora
 Sem lhe valer o forte capacete,
 Rendida ao grave peso, por mil partes
 Os niolos descobre em fangue tintos.
 Este foy o famoso, illustre Conde
 De Marialva, dino de louvores.

Olha que aquelle invicto, e tam famoso,
 Rey D. Affonso o quinto deste nome,
 Ao Principe seu filho está dizendo,
 Dandolhe a militar ordem, sobre elle:
 Assim te faça Deos bom cavalleiro,
 Como esse corpo morto que estendido
 Na terra jaz, ganhando tanta fama.
 Ves naquelle recosto tanta gente
 Ir fugindo de pressa amedrontada
 E que no alcanço vão matando sempre
 Portugueses a Mouros? pois atenta
 É contarte ey hum caso de memoria.
 Olha aquelle que vay medindo o campo
 Com apressados pes de hum bom ginete:
 Que o rosto leva atras virado, e cobre
 Todo o corpo, co aquella branca adarga,
 Foy hum famoso Alcaide, cujo nome
 Barraxe era, senhor de toda a serra.
 Aquelle que lhe vay pondo a lança,
 E em cavalo rosilho ja lhe chega,
 Era hum valente moço de dezoito
 Ate dezanove annos: de robusto
 E forte coraçam: de vivo espirito,
 E grande opiniam. Este era neto
 Daquelle que na corte Lusitana
 Tanto valor mostrava: que quis darlhe
 ElRey, Corte Real, por apelido.
 Chamavase Vasqueenes este moço
 Corte Real, despois foy claro exemplo
 De mil grandes virtudes. Ergue os olhos
 Verás que o Mouro illustre abate em terra

Ferido gravemente. Ves aquelle
 Varam, que assi se mostra aventajado
 No cavallo fonveiro, e que vay dando
 Favor aos vencedores? foy do Crato
 Prior, tambem foy Conde de Tarouca.
 D. Ioaõ de Meneſes ſe chamava:
 Varaõ, por certo, digno de mil honras.
 Era ali Capitam na gram Cidade
 Fundada por Anteo: que rendido
 Foy do forte Thebano, e nos robustos
 Braços deixou a vida. Ves hum Campo
 Coberto de Aduzes, e infinitas
 Cabildas Sarracinas? Ves que occupam
 Duas lagoas em roda? Pois levanta
 Os olhos, e verás o grande eſtrago
 Que fazem Portugueſes nos Alarves,
 E nos Mouros de Fez: e ſe deſejas
 Saber, quem era ali ſenhor daquella
 Innumeravel gente, e que vencido
 Foy daquelle que ves yr muy ligeiro
 Sobre hu.ã cavallo ruço, ſabe certo
 Ser o gram Mulcinacete, ſe queres
 Que delle diga mais? eſcuta hu pouco.
 Ymaõ era delRey de Fez, e tinha
 Grandiſſimo poder de armas e gente:
 Mas em fim foy vencido por aquelle
 Capitam de Azamor: que ſe chamava
 D. Ioam de Meneſes: varam forte,
 De animo invencivel. Eſta empreſa
 Com mil outras venceo: dandolhe ſempre
 O Ceo favor, e foy couſa muy juſta

Ficar aqui seu nome eterno, e vivo.
 Nem canfes ja de ver, pois te concede
 O teu fado que aqui fiques com rantos
 Capitães tam famosos. Ves naquelles
 Outeiros hũa dura, pèrigosa,
 E travada batalha? Ves que fogem
 Juntas duas bandeiras, com mil Mouros
 De cavallo, e de pe quatro mil: todos
 A qual se salvará da furia grande
 De sos duzentos homés Portuguezes?
 Ves que ficam no campo muitos mortos?
 E que no alcanço tomam por captivos
 Mouros de muito preço? nam perguntes
 Isto como passou extensamente,
 Abasta que te diga que os vencidos
 Eram muy belicosos dous alcaides:
 Barraxe e Almanderim: ambos no campo
 De Tangere, venceo o generoso
 Capitam D. Duarte de Menezes.

Corramos mais abaixo, diz o velho,
 Veremos outros mil notaveis feitos
 Que em Africa passaram em diversos
 Tempos, e conjunções. Olha naquellas
 Frescas varzeas, veras hum poder grande
 De Mouros, que em tropel com tefas lanças,
 Adargas embraçadas vam correndo
 Em ligeiros ginetes? Ves que o campo
 Se tinge, e cobre todo de Albernozes
 De cores diferentes, e apraziveis?
 Entrar polas tranqueiras onde pouca
 Gente resiste bem a força grande

E furor denodado que ali trazem ?
 Ves a dura peleja ? Ves que ficam
 Estendidos na terra doze Mouros
 Dos principais de toda aquella gente ?
 Ora atenta senhor verás hum forte
 Prudente Capitam : aquelle digo
 Que a lança leva toda ensanguentada ,
 E parece foster com grande esforço
 O peso dos inimigos. Este he o Conde
 De Borba , Capitam nobre de Arzila.
 Os com que pelejou aquella tarde ,
 Foy o gran Rey de Fez , com seus Alcaldes :
 Mas foilhe necessario recolherse
 Affrontado , e com dano , aquelle dia ,
 Que era affaz venturoso , se a fortuna
 Lhe nam dera em desconto , a triste morte
 De D. Diogo Coutinho : yrmão de aquelle
 Conde de Marialva , que ja viste.
 Quero agora mostrarte hum poderozo
 E notavel encontro , ves armado
 Aquelle cavalleiro das Couraças
 Azueis , com cravos de ouro , e na cabeça
 Hum rico capacete , claro , e limpo ?
 Olha aquelle furor com que o cavallo
 Atropelando vay , e o duro encontro
 Que com lança enrestada , dá no Mouro
 Do capelhar de gran , olha que o deita
 Mal tratado , e por força , na pequena
 Cava de aquella vinha , pois atenta
 Que lhe começa a barba. Ia vou vendo
 Que queres que te diga o nome de ambos .

D. Bernardo Coutinho se chamava
 Filho daquelle tam illustre Conde,
 E neste mesmo dia, quis mostrar-se
 Contra o Alcaide Adel: por ser valente
 E affas bom cavalleiro: mas nam pode
 Defender-se da força do Coutinho:
 Que o lançou polas ancas do cavallo:
 Dando co elle em terra, hum grande golpe.
 Verás mais adiante nas tranqueiras
 Entrar elRey de Fez outra vez, dando
 Gram sobrefalto a Arzila: mas o Conde
 Com poucos cavalleiros lhe defende
 Que nam faça algum mal: antes lhe matam
 Cinco Mouros ali, e vayse triste
 Por nam poder fazer o que deseja.

Estava o Visorey pasmado, vendo
 Como parece vivo tudo quanto
 Ali estava pintado: mas o velho
 Lhe diz: pois que nas mãos temos os feitos
 Deste ditoso Conde sera justo
 Acabalos de ver, ora levanta
 Os olhos, e verás como se fia
 Daquelle falso Mouro, que a marlota
 Azul escura leva: ves a gente
 Como de tal treçam vay descuidada?
 Olha naquella parte que se chama
 O grande Azambujal de Taliconte,
 Verás húa cilada de mil Mouros
 Em fermosos cavalos: que parece
 Vir dando húa espantosa, e alta grita.
 Mas foram recebidos do bom Conde,

Co aquelle coraçam, co aquelle esforço
 Com que os grandes perigos desprezava.
 Nam ves quantas lançadas se dam todos?
 Nam ves que andam revoltos hús, e os outros?
 Ves o Alcaide de Alcacere captivo,
 Que mandava esta gente? Ves a volta
 Que a fortuna lhe deu? quando cuidava
 Desbaratar o Conde com tal manha,
 Foy vencido, foy preso, e toda quanta
 Gente trazia foy desbaratada.

Aquelle que ali ves levar trezentas
 Lanças de Portuguezes, e de Mouros
 Mil e trezentos mais, he o animoso
 E forte Capitam Nuno Fernandes
 De Taide em Çasim. Ves como passa
 A vista de Marrocos, e com força
 Nos aduares da, que apercebidos
 Ia por elle esperavam? Ves o estrago
 E matança que fazem? Ves cativos
 Antre homês, e molheres, quatrocentos
 Todos com tristes rostos, o successo
 Do fado crudelissimo, seguindo?
 Olha aquelle esquadram de grosso gado,
 Onde vem cinco mil, e cam cabeças,
 Tudo isto ali tomou com pouco dano
 Da gente que levava. Ves as portas
 De Marrocos fechadas? Ves que chegam
 Com fortes corações, algús mancebos
 Cujas almas, e enrranhas de amoroso
 Cruel, e doce ardor se consumiaõ?
 Com atrevida mão, e animo grande

Nas portas , os amados , nomes firmão
 Com letras de carvão. Caso foy este
 Arriscado , e affaz difficultozo :
 Mas que averá que amor nam faça leve ?
 Olha aquella tristeza , e grande angustia
 Do Sarracino Rey , vendose posto
 Em tal affronta , banha as brancas barbas ,
 E aquelle afadigado , triste peito
 Em lagrimas , sentindo gravemente
 Hum tal desprezo , e tal atrevimento.
 Tres dias se encerrou , sempre chorando
 A grandissima dor desta deshonra.

Ves acolá naqueiles grandes valos
 Cento , e quarenta bem armados homês
 Pelejar com dez mil guerreiros Mouros ?
 De que ficam duzentos ali mortos
 Traspassados os peitos , e as entranhas
 De mil grandes lançadas , de que a terra
 De negro sangue fica toda tinta ?
 Olha aquelle mancebo tam valente
 Que o cavallo castanho ali revolve
 Com gram dezenveltura , a todas partes :
 Olha com quanta força ali resiste
 Aquella multidam de grossas lanças ,
 E como esforça a sua ousada gente
 A que com corações fortes pelejem.
 Ves que o seu forte braço tanto offende
 Aquella grande turba belicosa ,
 Que quasi toda esta desbaratada ?
 Ora atenta Senhor , contarte ey este
Tam espantoso feito , que tam justo

Foy fizar para sempre neste Templo.
 Ajuntaraõse dous muy esforçados
 Irmãos delRey de Fez, ambos num corpo
 Com dez mil de cavallo determinaõ
 Correr a Ceita, e darlhe (se pudessem)
 Hum negro, e triste dia. Neste acordo
 Determinados ja, metense todos
 Em cilada, de tras de huns altos montes,
 Dali trinta Almogavres despediram,
 Para que co este ardil fizessem dano
 Como outras vezes mil, os Portugueses
 O tinham recebido; mas estava
 Naquelle tempo em Ceita o illustre Conde
 De Alcoutim, que despois soy juitamente
 Marques de Villa Real. Pois acodindo
 Este bom Capitam ao revoltoso
 Aprestado rebate, mandou logo
 Apos os Almogavres, ate vinte
 Cavalleiros dos seus: que do mais alto
 Dum monte, a multidam da gente viram.
 Saem os dous yrmãos, o toda a gente,
 Com gritas que ao mais alto Ceo chegavam:
 Com bandeiras nos ares estendidas,
 E no mayor furor de seus cavalos,
 Aos grandes valos chegam: mas o Conde
 Tambem affortunado, os escarmenta:
 Mandolhe duzentos. Com tal dano
 Os yrmãos se recolhem, e o bom Conde
 Com gloria famosissima entra em Ceita.

Outro feito mayor, mais admiravel
 De hum Principe illustrissimo, se mostra

Hum rarissimo feito, de que fama
 Bem merece ficar eterna, e viva.
 Ves aquelle esquadram, grande, cerrado
 De trezentos muy fories Portugueses:
 Onde a branca bandeira levantada
 Hũa vermelha Cruz nos vai mostrando?
 Ves outro de mil Mouros, que acompanham
 Este Sacro final, sem lhe dar credito?
 Olha que ao pe daquelles altos montes,
 Em grandes Aduares dam com impeto
 Hum cruel, furioso, duro assalto:
 Onde fracas molheres, e robustos
 Mancebos, traspassados dam as almas.
 Quinhentos, e sesenta verás mortos,
 No sexo differentes, e na idade.
 Quatro centos, e vinte vam cativos:
 Em lagrimas banhados muitos delles.
 Outros muitos verás que o torpe medo,
 As lagrimas lhe impede: mas palmados
 Do nam cuidado mal, vam sem sentido,
 E com palida cor, quasi defunctos.

Saberás que o senhor de Mira estando
 Em Casim (D. Affonso era o seu nome,
 Genro do Capitam Nuno I'ernandes,
 Que tantos males tinha feito a Mouros:)
 Entrou polo sertam vinte e seis legoas
 A traves de Marrocos, e levando
 Trezentos de cavallo Portugueses,
 E mil Mouros de pazes, despregadas
 As bandeiras, chegou sem ter receo
 Ao pe dos montes claros, onde o dano

Fez que ali ves pintado. Olha o despojo
 De doze mil cabeças de pequeno,
 E proveitoso gado: e juntamente
 Bem ves que levam seis mil bois, e vacas
 Sete centos camellos, e sesenta
 Formosos, ligeirissimos ginetes.
 Levam tambem seis centos, e quarenta
 Animaes de serviço. Nesta empresa
 Hum so Christão morreo, ficando treze
 Feridos: mas nenhum teve perigo.

Ves la vay o gram Duque de Bragança,
 Principe digno assas de nome eterno,
 Que tomou Azamor, Cidade nobre,
 E das mais principaes, e populosas,
 Que em toda a costa estam de Berberia.
 Ves a sua gram frota, que cortando
 Com bonançoso vento favoravel,
 As gressas ondas vai, na qual se contam
 Bem quatrocentas vellas, antre grandes,
 E outras de menos carga, onde vai toda
 A frota de Portugal? Dous mil valentes,
 Esforçados, e nobres cavalleiros:
 Quatorze mil soldados escolhidos,
 Seguem com ledos rostos, fortes peitos
 O foror deste Principe excellente.
 Em Mazagão verás que tomam porto,
 E com passo ordenado vão marchando
 Aquella larga praya, ate que assentam
 Sobre Azamor as tendas: e que logo
 A Cidade combatem com gram furia:
 Onde muitos morreram dos immigos,

E aquelle Capitam que os emparava ,
 Deixando o corpo ali feito pedaços ,
 Mandou sua alma em breve ao reino escuro.
 Ora atenta senhor verás envoltos
 Naquella tenebrosa escura sombra
 Os Mouros , com temor deixando erma ,
 Desemparada , e so toda a Cidade.
 Nam ves que quando ja mostrando vinha
 Phebo o seu resplendor , os Portugueses
 Os muros sobem sem trabalho , e andam
 Polas desertas ruas , despregando
 Com mil gritas as casas , onde ricos
 E estimados despojos se escondiam.

Vamos mais adiante verás outro
 Feito do Capitam Nuno Fernandez ,
 Affaz diroso , e bem affortunado.
 Ves aquella bandeira acompanhada
 De duzentos , e trinta Portugueses ?
 Que trezentas , e vinte almas cativas
 Trazem com mãos atadas ? Sabe certo
 Que os Mouros de Almedina receando
 As forças , e o poder do grande Duque :
 Temendo que quizesse porthes cerco ,
 A Cidade despejam : sem lembrança
 De salvar outra cousa , mais que as vidas.
 Pois sendo sabedor Nuno Fernandez
 Da medrosa fugida , vai depressa
 Com duzentos , e trinta cavalleiros
 Nam podendo alcançar a melhor gente ,
 Aquelles cativou , e com grande honra
 Se torna , e entra dentro na deserta ,

Desemparada , so , triste Almedina.
 Algũs Mouros achou que o recebaram ,
 Com mostras de prazer , falso , fingido ,
 E deixando a Cidade a bom recado ,
 A Casim se torna ledo , e contente.

Passemos mais a vante , verás outro
 Famoso Capitam , filho mais velho
 Do bom Conde de Borba : este foy Conde
 Do Redondo , varaõ de grande esforço :
 Na guerra prudentissimo , de aspecto
 Severo nas batalhas : mas affabel ,
 E domestico , quando a paz lhe dava
 Do continuo trabalho algum descanso :
 Tens aqui para ver diversos casos ,
 E todos de hũ so caso succedidos.
 Quanta gente ali ves naquelle campo
 Seguir duas bandeiras que vaõ juntas ,
 Leva por Capitães dous bõs Alcaldes :
 Hum de Alcacerquibir , de Iazem outro.
 Ves que o porto das pedras vaõ passando ,
 Com mostras , e sinaes de grandes gritas ?
 Ves ca de estoutra parte o nobre Conde ,
 Que finge recolherse por ser muita
 A ventage dos Mouros ? ora atenta
 Verás como revolve sobre aquelles
 Que o porto tinham ja passado , e vinham
 Com grandes algazarras , apegando
 Cos seus fortes duzentos cavalleiros.
 Ves o que la diante vai de todos
 No cavallo castanho , e que as entranhas
 Passa daquelle Mouro , com ferida

Mortal? he D. Bernardo irmaõ do Conde.
 Ves como os Mouros vaõ todos fogindo,
 E que morrem no porto muitos delles?
 Ali verás o Conde na revolta,
 Trabalhando passar por força o porto:
 E querendo sobir hũa pequena
 Barreira que ali está, foy impedido
 Pelo Alcaide de Alcacere que a lança
 Nas couraças lhe pos com tanta força,
 Que ali lhe fez deixar a sella livre,
 E dar na dura terra hum grande golpe.
 D. Bernardo Coutinho está diante
 Do valeroso irmaõ: tomada a lança
 Com ambas as maõs, dá mortaes lançadas:
 Bem ves o Conde ja posto a cavallo,
 A pesar dos que ali lho deffendiam:
 Pois olha velos muy bravo, e fero
 Passar a outra parte, e os seus co elle
 A victoria seguindo. Olha que encontra
 Com grande furia hũ Mouro valentissimo,
 E que o deita por terra, mortalmente
 Ferido. Do Forrobo este era Alcaide,
 Chamado Cidiziaõ, e ali trazia
 Cincoenta de cavallo: mas cos outros
 Foy vencido, e os seus desbaratados.
 Olha mais adiante verás este
 Capitam belicoso estar muy triste,
 Porque o Alcaide de Alcacere correndo
 La nos campos de Arzila, matou sete
 Valentes cavalleiros: mas o Conde
 Sentindo na alma a dor de seus amigos.

Determina vingarse, e accio em yra
 Aquella alta atalaya vai sobindo:
 Nam ves que dali corre, e que parece
 Chamar por Sanctiago? Ves os Mouros
 Que nam podem soffrer o grave encontro
 Daquelles Portuguezes? Ves que fogem
 Espalhados, por onde as vidas possam
 Salvar da furia delles? ora atenta
 Verás naquella parte onde aparecem
 Hás fragosos outeiros, que fogindo
 Vay Cidhameth Laroz, valente Alcaide:
 Sem lembrança dos seus, que ali no campo
 Muitos ficam sem vida, e outros muitos
 Nas mãos dos Portuguezes vão cativos.

Inda quero que vejas outro feito
 Muy finalado, deite illustre Conde,
 Espantoso de ver: mas assaz digno
 De ficar por memoria neste templo.
 Ves hum grande esquadram, em que vem juntos
 Mil e quinhentos Mouros, e que seguem
 A bandeira vermelha? Ves os trajos
 Que trazem de mil cores differentes?
 Ves adargas, e toucas todas brancas?
 Ves cavallo briosos, quam folgados
 A dura terra batem? Se desejas
 Saber quem governava esta luzida,
 E belicosa gente? Sabe certo
 Que era Bengija Alcaide, eilo vay junto
 Daquelle do albernoz, nam ves qual digo?
 Nam ves o que ali leva a rica espada,
 E de prata o thailí com borlas verdes,

Naquelle tam fermoso portto ruço ?
 Pois esse mesmo he. Ves o prudente
 Conde que se apercebe , e aos seus esforça
 Para entrar na batalha ? Ves que chegam
 Os corredores ja ? e que apegando
 Naquelle escaramuça vaõ cos nossos ?
 Olha que o Conde dá com grande força
 No mor peso da gente , e nam podendo
 O: Mouros aguardar a força , e furia
 Daquelles cavalleiros vaõ fogindo
 Da maneira que ves , deixando todos
 Poelo caminho as armas , porque possam
 Os cavallos correr com mais soltura.
 Quatro centas adargas , e outros tantos
 Cotoês de grossa malha se tomaram :
 Muitos Mouros perderam vidas neste
 Tam venturoso dia , e outros muitos
 Com mãos atadas foram dentro á villa.

Ves por aquella tam fermosa praya
 Vir correndo em tropel guerreiros Mouros ?
 Ves quantos capelhares , quantas toucas ,
 Quantos ricos alfanges , quantas lanças ,
 Com bandeiras de seda todos trazem ?
 Ves que os cavallos vem correndo , e deixam
 Mil ferrados sinaes na branca areia ?
 Olha daquella Villa que se mostra
 Cuberta com fumaça , espessa , e turva
 De grandes bombardadas , vir correndo
 Hum nobre Capitam : ves detras delle
 Armados cavalleiros apressados
 Olha a furia que trazem , e a revolta

Travada escaramuça que se ordena.
 Sete principaes Mouros verás mortos,
 (Caso de grande espanto) porque sabe
 Que el Rey de Fez ali traz todos quantos
 Cavalleiros de preço, e os melhores
 Alcaldes de seu Reino: mas nam pode
 Escusarse da magoa que este dia
 Lhe ficou, vendo sos duzentos homês
 Que sem receber dano, lho fizeram
 Diante dos seus olhos. Mais me espanto
 Como dali se foy o Sarracino
 Rey com tam pouco mal: porque o valente
 E valeroso Antonio da Sylveira
 Era aquelle que ves que lhe resiste.
 Dous ouve deste nome, ambos famosos:
 Ambos de gram prudencia: ambos na guerra
 Muy bem affortunados, hum softeve
 Aquelle impeto grande que os Geniceros
 Mostraram contra Diu, e velos logo
 Despois que os Capitães de Affrica virmos.
 Este que aqui se mostra, teve o mando,
 E governo de Arzila: ali mil cousas
 Lhe succederam bem. Queres ver outro
 Grande, e notavel feito deste insigne,
 Illustrre Capitam? Ora levanta
 Os olhos, e verás com que te espantes.
 Ves naquelle estendido, iargo campo
 A sangrenta peleja? Ves que fogem
 Muy perto de oito centos Mouros, todos
 Traspassados de medo, e que ali ficam
 Muitos delles no campo, com lançadas

Que as entranhas lhe mostram : e outros muitos
 Atados , e rendidos vaõ diante
 Do nobre vencedor , e duro inimigo ,
 Para mor gloria de hũs , e pena de outros.
 Nam ves que vam seguindo esta victoria
 Cem cavalleiros fos , e que nam podem
 Os cavallo correr , pola fraqueza
 Em que naquelle tempo a dura fome ,
 Sem deixar a nenhum os tinha postos.
 Este foy infelice , escuro dia
 Ao Alcaide de Alcacere : e muy claro ,
 Muy venturoso à gente Portuguesa.
 Quero que vejas outro varaõ forte ,
 Antre os Mouros temido : que mil grandes
 Empresas acabou , em quanto teve
 O governo de Arzila. Ves por cima
 Daquelle alto cabeça , hũa pequena
 Aldea , no mais alto da fragosa ,
 E levantada ferra , que se mostra
 De differentes gados toda chea ?
 Ves aquelle que vai no gram cavallo
 Ruço , com sella xerque , e as estribeiras
 Co mais fino metal resplandacentes.
 Aquelle , aquelle digo que tres Mouros
 Com grande força empuxa , e abate em terra ?
 D. Manoel Mazcarenhas tem por nome :
 Esforçado , prudente , valeroso :
 Affaz merecedor de ser louvado.
 Olha como lhe poem no peito juntas
 Mais de cincoenta lanças : e o valente ,
 Robusto Capitam não deixa a sella.

Ves que o ruço cavallo co seu fangue ,
 Que de vinte lançadas fae fervendo ,
 Em purpurea converte a cor nativa ?
 Ves por detras das casas , quam revolta
 Acefa anda a peleja ? Ora tem tento ,
 E verás quantos Mouros ali morrem ,
 Mostrando mil sinaes de valentia.
 Ves como tam ligeiros vem saltando
 Por asperos penedos , os que o medo
 Da morte fez deixar seus companheiros ?
 Grande victória teve o Mazcarenhas
 Este dia , e foy justo que a memoria
 De tal feito ficasse eterna , e viva :
 Correo Benamarés (que aquella aldea
 Assi tinha por nome) venceo cento ,
 E vinte Mouros , todos muy valentes.
 O lugar deu ao fogo , e recolheose
 Levando muito gado , e algũs cativos
 De gram preço , e resgaste : nem foy esta
 A derradeira cousa assinaada
 Que ali lhe succedeo. Ves a ruina
 Daquellas nove aldeas , que se mostram
 Ia de todo desertas dos antigos
 Naturacs moradores ? foram deste
 Esforçado varaõ desbaratadas ,
 Com perdas das fazendas , e das vidas ,
 Dos miseros que nellas habitavam.
 Olha naquella varzea , que hum gram rio
 Alcantilado , e fundo atravessando
 Vay com dissimulado curso , e busca
 Por caminhos torcidos o mar alto.

Ves que num porto fo , que dá licença
 E concede a passada a outra parte ,
 Se trava hũa sangrenta , perigosa ,
 Dura , e cruel peleja ? Ves cincoenta
 Cavalheiros metidos dentro na agoa
 Ate cima das cilhas : e os cavallos
 Revolvendo co as mãos as claras ondas ?
 Ves da parte contraira que ja dece
 Innumeravel gente a entrar no porto ?
 Olha quantas lançadas se dão todos ,
 E com quanto furor procuram morte.
 Nam ves que em puro sangue se converte
 Aquella crystalina , delgada agoa ?
 Olha este Capitam com quanta força
 (Ajudado dos seus) ali resiste
 Olha a forte peleja , olha os encontros
 Reverberados na agoa : ves que mostram
 De quando em quando as ondas outros tantos
 Cavalleiros furiosos ? Ves os braços
 Como se movem dando em vaõ mil golpes ?
 Aquelle que ali ves alto , e membrudo ,
 Que co a lança varada só deffende
 Passar por ali Mouro sem castigo
 De suas duras mãos , he o esforçado
 D. Manoel Mazcarenhas : que sabendo
 Por certeza , que elRey de Fez lhe vinha
 Por tal parte correr , quis esperalo
 Naquelle porto , e ver se era possivel
 Deffenderlhe a passada : e parecendo
 Ser caso temerario : muitos ouve
 Que seguir nam quizeram tal intento :

Se tiveram razam, cu nam no julgo.
 Ellos estam naquella alta atalaya,
 Onde o branco guiaõ ves arvorado.
 Christãos, e Mouros vem todos envoltos
 Em tera escaramuça pola varzea
 Dandose em toda parte grandes golpes,
 Mil lançadas mortaes, e com tal turia
 Ves que entram pola praya, e que nam deixam
 A desigual peleja: mas nestoutra
 Parte os verás ja todos recolhidos
 Com grandissima honra. Ves o fumo
 Que cobre os baluartes: ves a pressa
 Com que a fermosa praya se despeja,
 Da Sarracina gente, pelo estrondo,
 E furor das bombardas: Espantado
 Estava o Visorey de tal esforço.
 Passando mais avante, vio num campo
 Muita gente de pe yr em fogida:
 Por outra parte vio, nesta pintura
 Muitos Mouros fogir em corredores,
 E ligeiros ginetes: vio que duas
 Brancas bandeiras com vermelhas cruces
 Se apartavam seguindo a gram victoria.
 Pergunta disto a cauza, e o bom velho
 Com ledo rostro, logo lhe responde:
 Aquelle que ali vay com pouca gente,
 Fazendo tanto mal aos de cavallo,
 He Conde do Redondo, pola morte
 Do Conde que ja viste tam famoso
 Neste mesmo lugar, correo a Alcacere
 Com Francisco Botelho juntamente,
 Que

Que aquelle estrago faz nos que a pe fogem.
 O Conde residia, e tinha mando
 Na belicosa Arzilla, e o Botelho
 De Tangere ali veyo, ambos num corpo
 Levavam quatro centos, e scfenta
 Valentés cavalleiros: e fizeram
 Hum feito assinalado, porque á parte
 Onde corriam, davam final claro
 De perigo certissimo. Morreram
 Muitos Mouros, e muitos foram postos
 A bom recado, e guarda bem segura.

Ves o Mouro que vay naquelle grande
 Poderoso cavallo ruço, e leva
 Revolto ao braço esquerdo hum bedem branco
 E na robusta maõ direita, mostra
 Brandir hũa mociça, grossa lança?
 Contarte quero delle, hum raro caso
 Que cometeo, levando de furioso,
 Cruel amor passado o triste peito.

Antre aquelles cativos que ves juntos,
 Guardados de valentés cavalleiros
 Vay hũa bella moça, queres vella?
 Olha aquelle que os olhos agravados
 Das lagrimas, virando vay ao Mouro
 Que tal vista recebe: la no meyo
 Do triste coraçam, e alma afligida.
 Trasportado se chega, sem lembrança
 Do perigo evidente: constrangido
 De hũa dor infoffrivel, diz: Nam ajas
 Medo, nem te pareça que com vida
 ●Je pode ficar (indo tu presa)

Quem vive so de verte , e de servirte.
 Esforçate que temos grande o dia :
 O poder Deos o tem : e neste braço
 Esta hũa força nova , que de verte
 Neste perigo tal , sinto crecida.
 E se o Ceo me negar favor , protesto
 Morrer oje no campo , que mais sinto
 Verte levar assi a teus inimigos ,
 Do que posso sentir a cruel morte ,
 Recebida por mi ante teus olhos.
 Este coraçam ja ao ferro agudo
 Entregara : mas temo que pois nelle
 Tam imprimida estás , ali recebas
 Algum dano , que o meu faça mais grave.
 Dizendo estas palavras , vai seguindo
 O cerrado esquadram da forte gente ,
 Conjunçam esperando , em que pudesse
 Livrar quem o levava tam cativo.
 A moça mal segura das palavras ,
 Que pareciam ser muy duvidosas
 Lhe diz : Nunea cuidei que hum fim tam triste
 Se guardasse a hum amor tam verdadeiro
 Cinco annos me serviste , e quando estava
 O meu coraçam ja ao teu fogeito
 A fortuna envejosa nos aparta ,
 Pondome no poder de meus inimigos :
 Onde em pura saudade estará sempre ,
 E em tormento cruel , esta alma minha.
 Apos isto soltou de triste pranto ,
 Hũa muy copiosa , e larga vea
 Aquellas tenras lagrimas penetram

O coraçam oufado ao forte Mouro :
 Determina morrer , e disto o rostro
 Mostrou claros sinais , a cor perdendo.
 Os olhos nella fixos , com esforço ,
 E animo denodado , a voz levanta ,
 Favor pedindo a quem com brandos rogos
 E lagrimas , lhe vai favor pedindo.
 Firmase nos estribos , poem a espada
 Com gram força ao cavallo : sae ligeiro
 Mais que furioso rayo , e onde estavam
 Os miseros cativos chega , e toma
 Aquella , por quem todo o caso grave
 Lhe parecia ser facil , e leve.
 Desta sorte a levou , sem lhe poderem
 Resistir o furor que nas entranhas ,
 O poderoso Amor lhe tinha ateso.
 Alargase tras ellê o esquadram todo ,
 Segueo com grande instancia algum espaço :
 Mas todo foy em vão este trabalho ,
 Que num instante o Mouro nam he visto ,
 Porque o medo , e o amor lhe deram asas.

Morreo fo dos Christãos hum forte moço ,
 Que quinze annos não tinha , bem compriedo ,
 D. Vasco Mazcarenhas se chamava :
 Atenta la naquelles altos montes ,
 O verás yr correndo bem cuberto
 De húa adarga conforme a sua idade ,
 E com lança enrestada encontra , e mata
 Hum membrudo , robusto , forte Mouro.
 Quebrouse facilmente a tesa lança :
 O Mouro polos peitos traspassado

Cahio, banhando a terra em quente sangue.
 Mas encontrado foy ali de muitos
 Ficando a pe tirou a curta espada,
 Pelejando hum pedaço. Que lhe presta
 O vivo coração? Que lhe aproveita
 Aquelle grande esforço? pois de grandes
 Espantosas lançadas o ves morto.

Alça os olhos senhor verás hum feito
 Rarissimo e notavel, se a fortuna
 Tal prazer nam mudara em triste pranto.
 Ves hũ pequeno campo que da parte
 Do frio Polo está cercado de altos
 Montes, que o mar Mediterraneo assombram
 E nelles, lapas concavas, feridas
 De espessas ondas, fazem rouco estrondo?
 Ves que ali nove centos Mouros entram,
 Com sinaes de victoria, dando gritas
 Que atroam campo, e montes? Ves os trajos
 Que todos trazem ricos, e custosos
 Marlotas, capelhares de mil cores:
 Brancos bedés, e toucas retorcidas:
 Mil terçados de prata: mil bandeiras
 De seda, nas compridas, grossas lanças?
 Ves com quanto furor, com quanto esforço
 Entram pegando com cem cavalleiros,
 Arremessando lanças, e outros muitos
 A maõ tenente, dando mil lançadas?
 Ves que o Capitam chama Sanctiago?
 Que pede volta, e da com grande força
 Nos soberbos immigos, que cuidavam
 Que ja de todo vinham vencedores?

Olha

Olha que todos voltam bem cubertos
 Com adargas os peitos , e enrestadas
 As lanças , os inimigos enfraquecem.
 Ves o bom Capitam banhado , em sangue ,
 Que fervendo lhe sae de húa lançada ?
 O cavallo deixou , e a sella livres
 De forçosos encontros constrangido.
 Atropelado sli de arrebatados ,
 E furiosos cavallos , passou grande
 Perigo , e mayor dor. Ves que revolta
 Tam intricada , cega , e tam confusa ?
 Onde aquelles que vinham victoriosos
 Fogem , ficando algús ali estendidos ?
 Querendo proseguir o velho avante
 Nisto que lhe mostrava , o nobre Castro
 Lhe atalha , e diz : Desejo saber deste
 Varaõ tão excellente o certo nome.
 Satisfaz ao que pede , o velho illustre
 Dizendo : que D. Pedro se chamava ,
 Do nobre , e antigo sangue dos Menezes ,
 E que em Tangere estava , e nelle tinha
 O mando , e o governo. Pois hum dia
 Correndo juntamente quatro Alcaides ,
 Com tres mil de cavallo : eilos vem todos
 La por aquella varzea , entraram dentro
 Daquelle estreito campo , que se mostra
 Das tranqueiras vezinho : novecentos
 Escolhidos em todos por mais destros ,
 Por muito mais ousados , e valentes.
 Repartense por todas as tranqueiras
 Com soberba , por fereru taes , e tantos :

Mas em todas acharam certo dano.
 D. Pedro ali acudio, por ser na parte
 Onde o gado a pacer, e a fraca gente
 Por buscar erva, e lenha se apattaram.
 Achouse de fidalgos rodeado:
 Nam ves quam ricas armas todos levam?
 Destes, daquelle dia, para sempre
 Com razam ficará viva a memoria.
 Trinta e seis principais Mouros morreram
 Naquelle perigosa grande volta:
 Mas nam quiz a fortuna que isto fosse
 Com successo tam prospero ate o cabo.
 Junto do ribeiram que ali ves seco:
 O Capitam verás quasi chegado
 Ao ponto derradeiro: ves a seta
 Que o pescoco lhe passa, e que de bruços,
 Estendido na terra, sem bolirse,
 Desacordado está? Ves os immigos
 Distancia de sessenta largos passos,
 Tam cortados de medo, que nam ousam
 Tornar a cometer tam pouca gente?
 Ves quantas setas tiram: e os fidalgos
 Com quanto esforço soffrem tal perigo?
 Bem ves os altos muros povoados,
 De traspassadas mil fracas molheres:
 Que parecem pedir com grandes gritos
 Com lagrimas a Deos, favor, e ajuda.
 Tambem ves a fumaça espessa, e negra,
 Que assombra os baluartes? Vira os olhos
 Verás senhor que levam sem sentido
 O Capitam D. Pedro. Ah duro fado,

Ah

Ah planetas crueis, nam merecia
 Sua illustre molher ver mal tamanho.
 Quatro dias durou, e ali na tumba
 Que dez fidalgos levam, vai defuncto,
 Com grande pranto do generoso corpo.
 Amado era de todos por seu zelo:
 Por sua gram bondade, e vivo esforço.
 As lagrimas que ves em toda a gente,
 Bem mostram ser assi, e bem o afirmão.

Quero que vejas outro valetoso
 D. Pedro de Meneses que pudera
 Com justa razam ter vida mais larga.
 Ves naquelles caminhos pedregosos,
 Aquelle cavalleiro das couraças
 Verdes, com cravaçam, e brochas de ouro?
 Que o limpo capacete leva ornado
 Do mais puro metal, com sotil obra.
 E naquelle feroz cavallo ruço,
 Os Mouros vai seguindo, que lhe fogem?
 Na belicosa Ceita tinha o mando,
 E o inteiro poder; ves apos elle
 No cavallo castanho, que estribeiras
 De rico motam leva, ir hum mancebo
 Brandindo hũa mociga, grossa lança?
 Aquelle que nos ares em mil ondas,
 O capuz de escarlata leva solto:
 Mostrandonos as armas escondidas,
 Tam ricas, como fortes, e seguras?
 Ves como vai furioso? Ves a graça,
 E ombridade que nelle se ve junta?
 Ves que alcança dous Mouros dos que fogem.

E que ambos os derruba mal feridos ?
 Este era filho erdeiro do prudente ,
 E valeroso Conde de Linhares ,
 Irmão do Capitão que ali te mostro.
 Chamavase o mancebo D. Antonio
 De Noronha (uam posto sem dor grande ,
 E sem lagrimas mil contarte delle)
 Feroso , muito mais que o bello Adonis :
 Muito mor coraçam que o fero Achilles.
 Teve alegre sembrante : teve os olhos
 De hũa atrativa graça rodeados ,
 Que a todos obrigava , e constrangia
 Desejarenlhe bera sem ter mais causa.
 Era affabel , e brando , era esforçado ,
 Muy discreto , e cortez. Para que gasto
 O tempo ? pois em fim tinha so juntos
 Quantos bens por mil outros se repartem.
 Olha mais adiante verás este
 Ousado , e forte moço (em pouco espaço)
 Entregue ja de todo a indigna morte.
 Ves do corpo apartado aquelle rostro ,
 Onde hũa juvenil , graciosa barba
 Começava nacer ? Ves os seus olhos
 Cubertos de mortal nevoa ? e atentas
 A viva cor perdida ? transformado
 Aquelle parecer , dantes gracioso ,
 Em horribel imagem , muda , e triste ?
 O' impia , ó dura , fera , injusta morte ,
 Fados tristes , crucis , quam rigurosos
 Vos mostrastes , cortando em desastrado ,
 Amargo , escuro dia , os tenros annos

Que

Que ja mostravam claro hum valor grande,
E evidentes sinaes de mil virtudes.

Indo este Capitam no triste alcanço,
Da cilada que ves a maõ direita,
Com furor arrebenta infinda gente.
Ves as bandeiras ambas tremolando?
Ves aquelle gram monte espesso de hastas,
Com ferros reluzentes, e a corrida
Que os folgados cavallos ali trazem?
Bem ves (O' grande lastima) que chegam
Com furia arrebatada, e que derrubam
Esforçados varoës, rompendo as armas
Com lançadas crueis, por onde o fangue
Da maneira que ves a terra tinge.
Peleja o Capitam com grande esforço,
Ate que alento, e forças lhe faltaram:
Levaramlhe a cabeça: mas o corpo
Ali ficou cos outros estendido.

Acabadas de ver as Affricanas
Memoraveis victorias, espantado
O Visorey ficou suspenso, e mudo.
Julgava hũs Capitaës tam venturosos
Serem dignos de nome, e fama eterna,
E serem satisfeitos taes serviços
Com tal satisfaçam, que fossem exemplo
Aos que muy levemente a mil perigos,
(Servindo elRey) as vidas offerecem.

Desejoso de ver outras victorias,
No fertil Oriente acontecidas:
O vagaroso passo vay detendo,
E os olhos, no que mais gosto lhe dava.



Neste vigessimo primo, e ultimo Canto prosegue o Merecimento na demonstraçam dos feitos da India: Mostralhe em prophesia o nascimento do invictissimo Rey D. Sebastian. Declaralhe algũas cousas que ainda estam por vir. Trata-se tambem da chegada do Visorey a Goa: e da vinda de D. Joã Mazcarenhas a Portugal.

O Nobre varam diz: bem claro entendo
 Quanto te alegrarás vendo os tam famosos
 Feitos dos Portugueses nestas partes,
 Onde agora resides, que sam dignos
 De perpetuo louvor, e fama eterna.
 Dizendo estas palavras, vira o rostro
 Amostrando co a mão o grande Oceano
 Disse: ves acola quatro soberbas
 Naos, que com força as ondas vaõ rompendo,
 Passando varios climas, e caminhos,
 Nunca dantes tratados. Ali segue
 O bom Vasco da Gama o seu felice,
 E prospero destino. Passou grandes
 Trabalhos, navegando por incertos,
 E perigosos mares, descobrindo
 As riquissimas partes do Oriente.

Olha mais adiante a innumeravel
 Gente que o Çunori tras com soberba,
 Sobre elRey de Cochim: mas olha a força

De

De Duarte Pacheco, que resiste
 Com oitenta soldados Portugueses,
 E trezentos Gentios, toda a furia
 Daquelle poderoso, grande exercito,
 Onde sefenta mil varoës muy destros,
 E na guerra esforçados, por tres vezes
 Sam assaz maltratados, e offendidos,
 Com morte de dous mil: e nam se avendo
 O forte Capitam por satisfeito
 Foise ao longo da Costa: eilo esta furto
 No pequeno navio que se esconde
 Debaixo de fumosa, negra nuvem:
 Olha bem, e verás tambem o estrago
 Que a sua artilheria faz na gente
 Do soberbo enemigo? Ves a raiva
 Com que aporria, e torna ver se pode
 Passar ali outra vez o deffendido,
 E desejado porto? Olha o Pacheco
 Com que animo, e esforço lho deffende.
 Ves como vai fogindo, e ali deixa
 Seis centos mortos, e outros mal feridos?
 Foi descansar debaixo da palmeira,
 Que acola ves estar mais apartada,
 E ali o foy buscar hum furioso,
 Desmandado pelouro, que deu morte
 A dez dos principaes seus companheiros.
 Indinado ficou, e torna logo
 Com todo seu poder, determinando
 No Pacheco tomar cruel vingança,
 Mas olha o Capitam famoso, e forte
 Com que animo acomete a grande turba.

Cobrioſe todo o ar de eſcura noite ,
 Por cauſa da fumaça , groſſa , e negra ,
 Com trovoês de bombardas , que faziam
 Nos medroſos immigos mortal dano.
 Matoulhe cinco mil dos ſeus ſoldados ,
 E eſcondeo no ſalgado Reino muitos
 Ligeiros Paraôs , donde deceram
 Grandes eſquadroês de almas aos abifmos.
 A Calecut ſe foy desbaratado ,
 Faltandolhe dos ſeus vinte mil homens :
 E o nobre Capitam foy neſte templo
 Pintado como ves , com juſta cauſa.

Ves aquella naval , cruel pejeja ?
 Ves dezafete Naos , de furioſas ,
 Ardentiſſimas chamas abrafadas ?
 E o mar cheo de corpos , hũs ſem vida ,
 Outros , que ali nas ondas vaõ lutando ,
 Do furor Portugueſes todos fogindo ?
 Lopo Soares deu naquella parte ,
 Que era de Calecut , coſta ſabida :
 Nas naos pos fogo ardente , e nos immigos
 Com grande impeto pos armas , e forças.
 Setecentos morreram , os mais dellas
 Valentes , eſforçados , fortes Turcos.
 Tres mil com mais trezentos , eſpantados
 Se arremeffam nas ondas , onde muitos
 Traſpaſſados de medo , ſe eſconderam
 La no mais fundo dellas , por nam verem
 Tam ditofa victoria a ſeus immigos.

Querote ja moſtrar o valeroſo
 D. Francisco Dalmeida , neſtas partes

Primeiro Visorey , a quem os fados
 Deram indignamente hum fim muy triste.
 Olha aquella Cidade , aquella digo ,
 Onde a cruel batalha anda travada :
 A terra de purpurea cor tingindo ,
 Ves como está revolta , e posta a faco ?
 Ves quantos corpos jazem sem vidas ,
 Empoçados em vil , e negro fangue ?
 E aquelloutra apartada que arde em chamas ,
 Onde miseramente morrem muitos
 Mouros que a deffendiam : ves quam triste
 O Rey pasmado , e frio aos palmares
 Foge das Portuguezas , duras armas ?
 A primeira he Quiloa , esta Monibaça ,
 Ambas o Visorey tomou por força.
 E a outra que ali ves tambem vencida ,
 Cos seus habitadores , quasi mortos ,
 He a Cidade Onór , que este valente
 Visorey saqueou , e entrou matando .
 Grande copia de Mouros , que com armas ,
 E com esforço vão lhe resistiam.
 Todas as Naos queimou , que neste porto
 Ancoradas estavam , e no espesso
 Bulcão de negro fumo ver bem podes ,
 Que tal devia ser o grande incendio.
 Ves aquelle esquadram em que vem juntos ,
 Seis mil guerreiros Cafres que rodeam
 E poem em grande risco a fortaleza
 De Çofala ? não ves senhor quaes digo ?
 Aquelles que dobrando vem nervosos ,
 Carvos , e fortes arcos , despedindo

Húa nuvem de setas, que o Sol cobre.
 Em grande affronta está Pero Danhaya,
 (Aquelle he que os seus está esforçando)
 Por ver que nam tem mais para deffensa
 Que sos trinta soldados que armas vistam.
 Mas estes pelejaram com tal força
 Que os Cafres, de ali vir se arreponderam.
 Sentindo o Capitam este desmayo,
 As portas manda abrir, e sae por ellas,
 Olha que sos quinze homés o acompanham,
 Pois olha como dá nos enemigos,
 A força, e a vontade com que os fere.
 Postos em desbarato com gram gloria
 Se torna a recolher. Foy informado
 Ter elRey de Çofala disto a culpa,
 E porque outra treizam tal nam fizesse;
 Com algûs cavalleiros sae armado:
 Despois que anoiteceo, e no aposento
 DelRey entra, dizendo a grandes vozes;
 Portugal, Portugal, enche de armas
 A casa, e de valentes deffensores:
 Mas nada lhe prestou, que em pouco espaço
 Foram mortos ali, e elRey co elles.
 Ia te vejo enlevado, e desejoso,
 De saber o successo da gram frota,
 Que por acolá vem rompendo as ondas
 E que outra desigual: mas belicosa
 Armada, vai com furia acometella.
 Duzentas, e cinquenta Sarracinas
 Vellas de Calecut sam muy guerreiras,
 Aquellas que perguntas, e os navios

Que ves por esta parte, que nam chegam
 A mais que a vinte, e dous, sam Portugueses:
 D. Lourenço Dalmeida filho erdeiro
 Do nobre Visorey, os leva a cargo.
 Ves como em roda larga se vem ambas
 Chegando, e que aparecem nesta muitos
 Esforçados soldados: olha as armas
 Que do radioso Sol sendo feridas,
 Parece que tirar aos olhos querem,
 Co reciproco rayo a clara vista.
 Atenta a multidam que na contraira
 Armada dos inimigos se divisa.
 Olha que os estendartes, e as bandeiras,
 O vento os leva a húa, e outra parte:
 Os claroês, e atambores vaõ fazendo
 Hum espantoso som, que guerra incita.
 Ora atenta seuhor, verás hum feito
 Muy raro nestas partes, e muy digno
 De ficar por memoria neste templo.
 Bem nas ves ja chegadas? ora atenta
 A Portuguesa armada que se cobre
 De peçonhento fumo, grosso, e negro:
 Ves por elle luzir ligeiras chamas,
 De supito, e ardente, vivo fogo?
 Pois olha da contraira parte as nuvês
 Que hum chuveiro de setas arremessam.
 Atenta bem verás em ambas partes
 Muitos mortos cair, outros feridos.

Folgava o Visorey vendo a pintura,
 Onde quasi parece ouvir os gritos,
 E os altos alaridos, juntamente

Co aquelle estrondo horribel de bombardas.
 Via a branca bandeira tremolando ,
 Esconder , e mostrar a Cruz vermelha.
 Via andar a peleja muy turiosa :
 Muy travada , e cruel em cada parte.
 Por hũa banda via muitas fustas ,
 Entradas dos soldados , onde o sangue
 Dos vencidos inimigos , ja tingia
 Espadas , braços , vellas , remos , e ondas.
 Via por outra banda hum fumo espesso ,
 De grossa artilheria , e de arcabuzes.
 Por outra via o mar todo cuberto ,
 De desmayados Mouros , que cuidavam
 Achar nelle remedio , e ja rendidos
 A morte , com defuncta cor , erguiaõ
 Os traspassados olhos , e os cansados
 Corpos ali nas ondas sepultavam.
 Tambem via que o mar por muitas partes
 Naos em si recolhia , e muitas fustas ,
 Ficando a agoa fervendo , onde mil corpos ,
 Escudos , dardos , lanças , coldres , arcos
 Tornam a apparecer : mas num momento
 Somindose deixavam branca escuma ,
 Envolta roda em sangue. Esta victoria
 (Diz o velho) foi posta neste templo
 Por hũa das notaveis , e famosas ,
 Que nas partes do Oriente succederam.
 Desbaratada foy a grossa armada
 Del Rey de Calecut , com grande perda
 De fustas , e galés , e nobre gente.
 Cinco náos alterosas se tomaram ,

De fina especiaria carregadas,
 E outros muitos despojos, que fizeram
 Contentes, e muy ricos os soldados.

Ves a grande revolta, brava, e fera
 Que naquella Cidade anda travada?
 Por hũa parte vai Tristaõ da Cunha,
 Affonso de Albuquerque vai por outra.
 Entraramna por força, e todo aquelle
 Numero de inimigos deixam mortos.

Ves o Rey vai fogindo, e cuida o triste
 Que naquelle palmar terá remedio:
 Mas algũs cavalleiros o seguiram:

Rompendo vaõ por armas, e por gente
 Emgrossandose mais em força os Mouros,
 Poemnos em grande risco de perderse.

Olha aquelle mancebo das eouraças
 Azuis, com guarniçam, e brochãs de ouro,
 Que a celada, e rodella de aço puro
 Leva, e a espada em sangue toda tinta?

Nuno da Cunha he, que aquelle dia
 Muy grande honra ganhou, claro mostrando
 Do seu coraçam nobre, o grande esforço.

Olha as agudas setas, quam ligeiras
 Tiram do duro escudo ardentes chamas,
 Quantos golpes recebe, e quantas lanças
 Dandolhe gram trabalho, ali o contrastam.

E aquelloutro que chega denodado
 Ao Sarracino Rey, e a aguda espada
 Traspassandolhe o peito, em sangue banha:
 Muy bem conhecerás ser o valente,
 E nobre D. Affonso de Noronha.

Ambos os Capitães com tal estrago ,
 Cansados se embarcaram , e aqui foram
 Trasiadados seus feitos para sempre.
 Muy grande dano fez por esta costa ,
 O nobre Capitam Tristam da Cunha :
 As Cidades de Lamo , e a de Brava ,
 Ambas tomou por força , e com trabalho.
 Teve nos Mouros grande resistencia :
 Mas renderaõse em fim com grande dano.
 Profeguindo a viagem , desembarca
 La em Çocotorá , onde hũa grande
 Fortaleza verás muy bem provida ,
 De muitas munições , de armas , e gente.
 Dos soldados , entrada foy por quatro
 Muy perigosas partes : eilos trepam ,
 Hús por mociças , grossas , resas lanças :
 Outros vaõ por escadas : e olha aquelles
 Que sostentam nos ombros os que sobem
 Com industria , e perigo ao mais alto.
 Muitos dardos , e pedras , muitas lanças
 Aremessam de cima os enemigos :
 Mas nam lhe aproveitou , que o alto muro
 Entrado foy por força , e elles mortos.

Vamos mais adiante diz o velho ,
 Verás de Cananór a fortaleza ,
 Cercada por elRey da mesma terra ,
 Com ajuda , e favor do poderoso ,
 Soberbo Çamori : ves quanta gente
 Em grandes esquadroes bem repartida ,
 A combatem , e poem em grande aperto ?
 Ves Lourenço de Brito que está nella .

Por Capitam , com quanto esforço mostra ,
 Que os tem em pouco , e passa affaz trabalho ,
 Comendo até animacs torpes , e immundos
 Por lhe faltar de todo o mantimento ?
 Muitos dos seus soldados tem feridos ,
 Doentes outros , e outros tam cansados ,
 Que quasi ja nam podem tomar armas.
 Mas a frota que ves que lhe socorre ,
 Grande alivio lhe deu , animo , e forças.
 Traz por Capitam mor ao valente.

D. Lourenço Dalmeida. Olha com quanto
 Furor o Brito dá nos inimigos ,
 E o estrago que faz , dandolhe assaltos ,
 E rebates mortaes a todas oras.
 Olha que elRey levanta o grande cerco :
 Dos fados se queixando , e da ventura ,
 Por lhe ser tam contraira , que lhe ficam
 Seis mil soldados mortos , por tam pouca ,
 E mal provida gente : assi offendido
 Se vay co galardão , que os temerarios ,
 Soberbos pensamentos bem merecem.

Ves aquelle lugar que a hum furioso ,
 Ardentissimo fogo está entregue ?
 Os moradores ves andar envoltos
 Com soldados Christãos , em gram peleja ?
 Ves quantos Mouros ficam polas ruas ,
 Feitos em mil pedaços ? Ves os golpes
 De pesados alfanges , e de agudas ,
 Cortadoras espadas reluzentes ?
 Ves como se arremessam lanças , dardos ,
 Grandes pedras , e setas furiosissimas ?

Panane se chamava , e foy rendido
 Polo gram Visorey , e polo insigne
 Capitam mor do mar Tristaõ da Cunha.
 Aquelles que a porfia entram primeiro ,
 Fazendo ambos notaveis , grandes feitos ,
 Sam filhos destes dous varoës illustres ,
 Aquem se concedeo a dianteira
 Deste furioso assalto. D. Lourenço
 Dalmeida he o mayor , e o mais robusto.
 Ia saberás qual digo ? nam no enxergas ?
 Pois justa razam tem para ser visto ?
 Que mais corpo, e mais membros tem que os outros.
 Agora o verás bem , o que levanta
 Com ambas mãos em alto hũa pesada ,
 E cortadora facha (ó forte golpe)
 Que decendo com furia corta , e fende
 Daquelle Capitam peitos , e ventre :
 Facilmente partindo o corpo em duas
 Partes : mas de taes braços tudo he pouco.
 Nuno da Cunha he o que revolto ,
 Em batalha cruel anda cos Mouros.
 Outros tres Capitães , polos valentes
 Soldados Portugueses foram mortos ,
 Com outra grande copia de enemigos.
 A victoria foy aspera , e comprada
 Com sangue Portugues : mas muy contentes ,
 E com justa razam ali se embarcam ,
 E aqui ficou a fama eterna , e viva.

Aquellas cinco Villas , que na Costa
 De Arabia ves tomadas , cujos nomes
 Calayate , e Curiate , e a guerreira

Mas-

Mascate, e mais Soar, e Orfaçam, juntas
 Affonso de Albuquerque tomou, dando
 A elRey de Portugal, proveito, e honra.
 Estas Villas a elRey de Ormuz pagavam
 Tributo, e vassalagem. Ves que chega
 Este bom Capitam (levando sete
 Vellas nam mais) a Ormuz? surge no meyo
 Da gram frota que elRey no porto tinha.
 Ves das naos Portuguezas as bandeiras
 E ricos estendartes? Ves o fumo
 Da grossa artilheria, e as bastardas
 Trombetas, que os sotis, delgados arcs
 Atroam? Ves o medo dos inimigos?
 O temor, e a revolta da Cidade?
 Cometeram-lhe pazes: e entendendo
 O Capitam famoso serem falsas,
 Nam nas quis conceder, e num momento
 Pos fogo a toda a frota. Olha as ardentes
 Chamas, como nas naos se acendem, pondo
 Nos animos dos Mouros grande espanto.
 Queimaranse sesenta naos, e fustas
 E morreram dous mil dos inimigos.
 Olha que no terceiro dia mostram
 As ondas oito centos corpos, todos
 Inchados e amarellos: mas ornados
 De muy ricos despojos, olha a pressa
 Com que os soldados vaõ (sem tomar armas)
 Cometer outra vez o esquadram, que antes
 Com armas, e furor tinham vencido.
 Ves a gram diligencia, e a revolta
 Dos bateis, que aos defunctos corpos chegam?
 Olha

Olha quam facilmente despojada
Fica aquella funesta , e triste preza.

Ves acola na entrada de Malaca ,
Onde elRey de Bintam tinha o governo ,
Húa alta fortaleza ? Ves por terra
It marchando duzentos bós soldados ?
Dos quaes cento e dez eram Portugueses ,
E os noventa Malayos ? Ves quatorze
Navies polo mar , que ali procuram
Com gram furia bater a fortaleza ?
Hum esforçado Mouro estava nella ,
Que Sansorea Dayá tinha por nome ,
Com oito centos Mouros escolhidos ,
Destros , e bem armados : e trezentas
Peças de artilheria : mas atenta
Como Manoel Falcaõ (que dos duzentos
Soldados Capitam era) comete
Com grande animo entrar dentro por força.
E Duarte de Mello que na armada
Vinha , ambos a hum tempo correth , dando
Húa muy espantosa , e alta grita.
Travados andam todos os soldados
Cos Mouros , que muy bem se lhe deffendem :
Mas em fim foram mortos , e em mui grandes
Chamas a fortaleza convertida.
Notavel feito foy , por ser com gente
Muy belicosa , destra , e bem armada :
Foy posto neste templo , e bem ves claro
Que levam toda aquella artilheria.

Outro feito muy digno de memoria
Te quero aqui mostrar , olha la dentro

Daquelle grande Rio (que bem sabes
 Que Muar tem por nome) trinta vellas,
 Onde vaõ muy valentes Portugueses
 Co animo que ves , e desejosos
 De entrar por força o Pagó , lugar forte ,
 Onde elRey de Bintam estava : e antes
 Que la cheguem , bem ves quam facilmente ,
 E quanto sem trabalho , rendem hũa
 Fortaleza de Mouros , onde tomaõ
 Vinte peças de grossa artilheria.
 Fogiram para elRey os moradores :
 Mas Antonio Correa que levava
 A seu cargo esta frota , os vai seguindo.
 Olha o grande poder de armas , e gente ,
 De espantosos , e armados Alifantes :
 Ali aguarda elRey , e determina
 Fazer que os Portugueses se arrependam.
 Mas bem se lhe mostrou neste successo
 A fortuna ao revés do que cuidava.
 Olha como se trava hũa sangrenta ,
 Dura , e cruel pelega : ves os feros
 Terribéis animacs que ali parecem
 Darem grandes bramidos ? e espantados
 Do repentino fogo , e som horribel
 Dos arcabuzes , vaõ fogindo , e deixam
 Nos seus hum grande estrago , e mortal dano :
 Acolhense aos palmars , e ainda nelles
 Do medroso temor nam se asseguram.
 Foge elRey , foga a gente , e vaõ rompendo
 Os fortes Portugueses por mil nuvês
 De furiosas setas : ora atenta

A Cidade de Pago em fogo ardendo,
Depois de entrada, e toda posta a sacco.

Hum façanhoso feito verás logo,
Deixado por milagre neste templo.

No porto de Pacem: ves estar furto
Hum pequeno navio? Ves que manda

O Capitam fazer aguada, e remaõ
Malayos o batel? Ves que vaõ cinco

Portugueses no mais por guarda delles?

Ora atenta, e verás hum caso estranho,
De memoria, e louvores aílaz digno.

Olha o pequeno barco que se acolhe
Da lanchara que o vem detras seguindo.

Cento e cincoenta Mouros traz consigo,
Todos destros, e fortes, bem armados.

Olha a chuva de setas que despedem,
Com gritas, e alaridos que o Ceo rompem.

Nam podendo escapar os cavalleiros,
Com animo a morrer se determinam.

Co a lanchara abaltoaõ, e entraram dando
Grandes, e mortaes golpes. Olha o medo,

E desinayo dos Mouros: olha o preço
Dos cinco companheiros: olha a fera,

Perigosa batalha, brava, e dura.

Ves como se arremessam nas inchadas
Ondas, onde affogados morrem mortos?

Verás o Capitam (que se chamava
Rajá Cudameci geral das frotas

Destte Rey de Pacem) como se lança
Com grande furia ao mar, e na direita

Maõ, levantado traz hum reluzente,

E cortador alfange. Olha que os olhos
 Lhe lançam vivo fogo, com raivoso,
 Colerico furor, e co esta raiva,
 Os seus proprios soldados, que nas ondas
 De cansados moverse nam podiam,
 Com crueza brutal, e vista esquiva
A todos quantos pode alcançar mata,
E depois (bem o ves) que tambem morre?
Ves que a lanchara levam, dando graças,
E louvores a Deos pola victoria
Que parecia ser tam duvidosa?

Ves a innumeravel copia de Gentios,
 Que aquella fortaleza combatendo,
 Com muita artilheria, e grandes forças,
A tem posta ja em termos de perderse?
Lopo de Brito está nella, e primeiro
 Que o cerquem, bem verás que os acomete
Com cento e cinquenta bõs soldados?
 Olha que os inimigos vaõ fogindo,
E que lhe deixa ali à nossa gente,
 As molheres, e os tenros filhinhos,
 Com as mãos innocentes, e sem culpa,
 Atadas aos portaes das proprias casas:
 Olha as lagrimas dellas, olha os gritos
 Que ali parecem dar os innocentes.
Beim ves que a esta misera negaça,
 Acode hũa gram turba de inimigos,
 Frechando arcos, e dando grandes gritas
 Que atroaõ campo, e montes, e o Ceo rasgaõ?
 Cercam a fortaleza, e diligentes
 Dous grandes baluartes alevantam,

Povoãoños de gente, lanças, dardos :
 De muita, e muy furiosa artilheria.
 Ora atenta senhor verás que fazem
 Homês determinados. Ves as portas
 Da fortaleza abertas ? Ves por ellas
 Lopo de Brito vir, cos seus duzentos
 Soldados Portuguezes ? olha a furia
 Com que dam nos inimigos descuidados.
 Tomanhe os baluartes, recebendo
 Os Mouros, e Gentios grave dano.
 Ves como ao repentino, e nam cuidado
 Rebate, acodem muitos Mouros ? Olha
 O espantoso emparo que ali trazem
 De armados, fortes, bravos Alifantes.
 Ves que nas trombas trazem cortadoras,
 E luzentes espadas ? Ves a força
 Com que as revolvem, dando em vaõ mil golpes ?
 Mas bem ves que se algûs acerram, fendem
 E matam sem trabalho aos que alcançam ?
 Os soldados Christãos pouco se espantam
 Dos fortes animaes : antes desparram
 Com animo valente os arcabuzes,
 Nos monstruosos corpos, que espantados
 Daquelles trovoês falsos, e sentindo
 A dor do fogo ardente, voltam todos
 Dando hûs espantofissimos bramidos,
 E co as espadas fazem grande estrago
 Nos seus proprios amigos, que ali fogem
 Sendo vinte, e dous mil, de sos duzentos.
 Ves Antonio Correa que a Cidade
 Bharem tomou por força, e a Xarapho

A entregou: ves doze mil Gentios,
 Com quanta força, e furia lha deffendem?
 Mas o forte Correa com duzentos,
 E quarenta soldados, desbarata
 Aquella multidam soberba, e fera.

Ora atenta senhor, verás na boca
 Do Rio de Chaul tres Portuguefas
 Muy guerreiras galês: e que estam nellas
 Por Capitaês, D. Iorge de Meneses,
 E esse Diogo Fernandez, que de Beja
 Tinha por sobrenome: e outro se chama
 Andre de Souza, todos tres valentes,
 E fortes cavalleiros, oiha a pressa
 Que Amaghamud traz (Capitam Mouro)
 Com trinta fustas todas escolhidas,
 Com esforçada gente, e bõs remeiros.
 Hum dia pelejaram todo em peso,
 Mortos, e mal feridos em ambas partes.
 Ves o nobre varaõ de Beja morto?
 Ves que fica a galê quasi perdida?
 Os Mouros que ali vem forçados, chamaõ
 Os outros que os socorram, e que os livrem!
 Este perigo vendo o de Meneses
 Na galê sem senhor salta ligeiro:
 Bem ves que os que ali sam culpados fere,
 Tingindo co seu sangue a dura espada?
 Aos soldados Christãos dá liberdade,
 Valentes eram todos, e a victoria
 Tiveram com famoso, e alto nome.

Aquelle que ali vay, e leva a cargo
 Seis fustas, onde ves armada gente?

CERCO DE DIV. CANTO. XXI. 385

D. Jorge Tello he , ao qual fortuna
 Prospera se mostrou naquelle dia.
 Bem ves os paraós como se chegam ?
 E a soberba que mostram , sendo trinta
 E oito , onde aparece o fero Marte ,
 Com aspero semblante , e rostro horrendo ?
 Ves como os Mouros nelles fervem ? dando
 Altas gritas , mortaes setas atiram ?
 Mas das fustas lhe dam cruel reposta ,
 Com pelouros de ferro , e ardente fogo.
 Todos desbaratou : bem ves que jazem
 Os mais delles na costa ja rendidos ?
 E cubertos das ondas ? Ves que chega
 O nobre Capitam a Goa , e leva
 Destes paraós quatro : e as bandeiras
 Que nelles mandou por , sam tristes corpos
 No ar dependurados , e cabeças
 Que polos bordos vão em paos fixadas.
 Ves a gente vulgar que da Cidade
 Com pressa vem , por ver aquelle triste ,
 E funesto despojo : olha as mulheres
 Medrosas , vendo aquelles feros rostros ,
 Retorcidos os olhos , e as inchadas
 E denegridas bocas , amostando
 Hús dentes de qualhado sangue cheos.
 Tornou logo outra vez este esforçado
 Capitam , intentar se lhe seria
 A fortuna ditosa : e ja metido
 No largo mar , encontra húa alterosa ,
 Soberba , e rica não , bem deffendida
 De nove paraós : mas ella , e elles

Com grande dano , e mal foram vencidos.

Quero mostrarte hum feito milagroso ,
Dignissimo de nome , e fama eterna.

Naquelle fortaleza que se mostra
Por terra , e mar cercada , estava o nobre

D. Garcia Coutinho , posto em armas ,

Despois que o rey de Ormuz , a feitoria

Queimou , matando quantos nella estavam.

Cercou estreitamente a fortaleza ,

Dando ao nobre Coutinho gram trabalho.

Cento , e trinta terradas , todas cheas

De gente belicosa , armada , e destra

O focorro deffendem : mas atenta

Que Tristaõ Vaz da Veiga , num pequeno

Navio , entra ousado polo meyo

De toda aquella frota sem ser visto.

Olha que torna logo (nam achando

Ali Manoel de Soufa , que acodia

Tambem com pouca gente) dando pouco

Pola força , e furor dos enemigos.

E vendo elRey aquelle animo grande ,

E a confiança ousada , zomba delle ,

Dizendo : que tal gente era sem sizo ,

Ou que julgava ser desesperada.

Manda Coge Mahamud , que o va seguindo

Com oitenta terradas , e nam faça

Mal a tam fortes homês : mas procure

Trazerlhos todos vivos. Parte o Mouro

A Tristam vaz seguindo , ves que força

Poem todos os remeiros por chegarlhe ?

Mas elle recolhendose , fazia

Nos inimigos hum mortal estrago.
 Ia Manoel de Sousa no navio
 Que acolá ves chegava, e vendo o risco
 Em que o Veiga ali vinha, fazse prestes.
 Armafe a gente toda, e num momento
 O convés desempacham: hús borneam
 E poem a ponto toda artilheria,
 Outros alçam bandeiras, outros fazem
 Prestes os arcabuzes. Olha o Veiga
 Como vem demandar socorro aquelle
 A quem focorrer vinha: ves as setas
 De que o seu parao vem tam cuberto?
 Mas o bom Capitam fez tanto dano
 Nos Mouros, que a melhor gente foi morta.
 A' Cidade os tornaram com gram pranto,
 Que claro final dava de tal perda.
 Vendo elRey o successo amargo, e triste,
 Com grande furia manda que se embarque
 Em todas as terradas a outra gente.
 Ricos premios promete ao que primeiro
 Sobisse no navio: mas a aquelle
 Que mostrar covardia, ou vil receo,
 Promete que poram (para que seja
 Claro final da sua gram fraqueza)
 Insignia fiminil. Vai a gram frota
 Aperecebida de armas, e de gente
 A mais forte, e a mais destra que elRey tinha.
 Olha que os grandes remos revolvendo
 Vaõ as inchadas ondas, e levantam
 Húa chuva de liquida, alva prata.
 Faz Manoel de Sousa hum baluarte,

O parao de hum cabo , e do outro a fusta
 A sombra do navio. Ves que os ares
 Se cobrem de fumaça , negra , e turva ?
 E os pelouros crueis de furiosos ,
 Supitos resplandores rodeados ?
 Mas a rudo isto vence , a brava furia
 Dos soberbos immigos , que abalroão
 A fusta e parao : mas la de cima
 Do navio lhe fazem mortal dano.
 Muitos morrem dos Mouros , e nam deixam
 De levar sempre avante o forte intento.
 Afferradas assi nesta revolta ,
 E travada peleja , vaõ co as ondas
 Ate juntos estar da fortaleza.
 Ves que de la começam mil pelouros
 De fogo rodeados , aos medrosos
 Immigos maltratar : e com gram perda
 Deixando aquella empresa , se affaltaram.

O Visorey folgava ver tam grandes ,
 E façanhosos feitos , que illustravam
 A Lusitana patria , e o bom velho
 Prosegue mais avante , assi dizendo.

Naquelle fortaleza esta cercado
 Hum Capitam chamado Aires Coelho ,
 ElRey de Pacem he o que o persegue ,
 Com quinze mil frecheiros : olha os Mouros
 Como de noite vem todos com armas.
 Setecentas escadas trazem , logo
 Na fortaleza foram arvoradas.
 Olha por todas partes num momento ,
 Com quanto esforço os Mouros vaõ sobindo :

Mas atenta senhor verás de cima ,
 Com quanta violencia abaixo os mandam.
 Muitos morrem com fogo , e outros muitos
 Com cabeças quebradas , vaõ rombando
 De cima das escadas , e estendidos
 Ficam , regando a terra em quente sangue.
 Olha sete Alifantes com castellos ,
 Que iguaes do muro estam , donde a peleja
 He muito mais cruel , e perigosa.
 As poderosas trombas revolvendo
 Trabalham por quebrar aquella escada ,
 Que era da fortaleza servintia :
 Mas olha o Capitam que so deffende
 O nocivo , e brutal intento , dando
 Nas feras trombas mil valentes golpes.
 Panellas , e alcanzias de furiosas ,
 Ardentes chamas todas rodeadas
 Com impeto nos Mouros se arremessam
 E os animaes feridos , voltam , dando
 Bramidos horrendissimos , e rompem
 Por meyo da gram turba , ferem , matam ,
 Atropelam , e pisam : e com furia
 Fazem nos proprios seus hum grande estrago.
 Com grave dano o cerco levantaram :
 Morreram dois mil Mouros , e trezentas
 Escadas lhe tomaram , que aqui neste
 Nobre templo ficaram por memoria.
 Aquella funeral , triste batalha ,
 Que la naquelle rio ves sangrenta ,
 Nam poderey sem lagrimas contarte
 O desastrado fim que os duros fados

Nella tinham guardado ao valeroso
 D. Lourenço Dalmeida. Ves a frota
 Tam lustrosa, e guerreira que o comete?
 He do Soltaõ do Cairo, e vem entregue
 A Mirhocem, famoso, destro, e forte,
 Valente Capitam: ves como chegam
 Com gritas, que o mais alto Ceo traspassam?
 Olha as nuvês de agudas, mortaes setas:
 Ves a nao principal, que em fumo espello
 Se esconde, e que parece arder em chamas?
 Donde pelouros vem bramando, e fazem
 Dano, e perda notavel nos inimigos.
 Olha os Mouros que morrem, e a victoria
 Como nos Portugueses está certa.
 Aquelle grande estrondo de bombardas,
 Aquelles vivos gritos, e alaridos
 Dos miseros que morrem, vão rompendo
 A vacua regiam, com som horribel.
 Olha que estando ja quasi rendida
 A frota inimiga, ali chega outra armada
 Em que Meliqueaz, senhor de Diu
 Vem com luzida, forte, e destra gente.
 Ves como os Portugueses o recebem,
 Com grandes bombardadas: e com muitos
 Arcabuzes, e lanças de bõs braços
 Com destreza, e com força facudidos?
 Mas que aproveita ver desbaratadas
 Estas grossas armadas, onde vinham
 Sesenta, e quatro vellas, pois ao insigne
 Magnanimo Lourenço custa a vida.
 Ves como a sua nao das odiosas

Ondas avorrecida , e dos injustos ,
 Cruéis fados levada , se embarça
 La naquella estacada , onde o perigo
 Está bem evidente , sem poderem
 As companheiras naos ali acodirlhe :
 Por causa da maré que ja decia
 Com furia violenta arrebatada.
 O forte Capitam desenganado
 De poder ter socorro : olha com quanto
 Animo incita a gente , e o claro exemplo
 Que lhe da pelejando : com voz alta
 Os seus soldados chama , e move a todos
 A morrer pola Fe que professavam.
 De alto , robusto corpo , e fortes membros
 Dotado era , e de animo invencivel.
 Mas ah duro , cruel , fero destino ,
 Quam pouco valem forças , e ousadia ,
 Quando immigo te mostras , e odioso.
 Olha o forte mancebo derrubado
 De furioso pelouro , que húa perna
 Lhe fez em mil pedaços : mas atenta ,
 E verás que aos soldados , assi manda ,
 Que ao pe do grosso masto o cheguem , e olha
 Como dali os esforça , e como pede
 A Deos que os favoreça. Mas chegando
 A ora derradeira , e triste ponto ,
 Outro pelouro rompe aquelle forte ,
 Prudente , generoso , affabel peito
 No tempo que os seus annos floreciam ,
 E para grandes honras aspiravam.
 Dentro nelle ficou feito pedaços ,

Aquel-

Aquelle coraçam que fo bombardas
 Puderam desfazer. Quando isto disse
 O bom velho regou a branca barba ,
 Co falgado licor , que largamente
 Os seus antigos olhos estilavam.
 O belicoso Marte , e a innã fera ,
 Tambem mostraram grande sentimento ,
 Por esta arrebatada , indigna morte.
 Tornou a proseguir , e diz : Aienta
 A nao somida ja , e la na gavea
 Hum soldado verás que se deffende
 Dos immigos tres dias , despedindo
 Com força la de cima agudos dardos.
 Bem ves que está ferido , e que lhe falta
 O braço esquerdo ja , sem nunca os Mouros
 O poderem vencer ; mas a partido
 Se deu a Mirhocem. Mil Mouros foram
 Nesta peleja mortos , e outros tantos
 Maltratados , queimados , e feridos.
 As sete naos Christaãs todas se salvam :
 Olha como vaõ tristes , e com justa
 Razaõ , polo successo defaistrado
 Da valerosa empreza que ja tinham
 Com tal fama , e louvor posta no cabo.
 Ali verás Senhor a gram vingança
 Que o Visorey tomou , pola infelice ,
 Cruel , injusta morte de seu filho.
 Olha naquella insigne , e gram cidade
 Abrasada em furioso , ardente fogo ,
 Convertidas veras todas as ruas
 Em ribeiros de sangue : olha o desmayo

Dos velhos ancianos , e da turba
 Innabil , fiminil , fraca , e sem força.
 Com lagrimas , e gritos o Ceo rompem ,
 Correndo sem concerto a todas partes :
 Mas nas crueis chamas , ou no bravo
 Lusitano furor perdem as vidas.
 Caydos , e assolados veras muitos
 Notaveis edificios , verás altos ,
 Largos , e fortes muros , facilmente
 Desbaratados ja , e tudo quanto
 Gozava a viral aura , ali se entrega
 A misera , cruel , e horrenda morte.
 Dabul tinha por nome esta Cidade ,
 Abrasada foy toda , e quantas fustas ,
 E grossas naos no porto estavam , todas
 Consume o fogo , e torna em leve cinza.

Dali se parte logo , e vaíse a Diu ,
 Onde a armada dos Rumes reparando
 Se está do grande mal que recebera.
 Duzentas vellas eram , onde entravam
 Cem paraos de Chaul , com mais quarenta
 Fustas , com outras náos altas , e grandes.
 Olha que o Visorey sos vinte vellas
 Leva , e aos inimigos acomete.
 Olha a cruel peleja quam travada ,
 Quam dura , e furiosa ali se mostra.
 Bem ves as fustas ja , e outros navios
 Cheos de corpos mortos , e de sangue ?
 O mar esta qualhado dos escudos ,
 De mastos , remos , bancos , e de enxarceas.
 Bandeiras , e estendartes verás rotos ,

Verás vellas , e toldos de lustrosa
 Secla , feitos pedaços polas ondas.
 Acolá grandes náos se vão ao fundo ,
 Abertas de furiosos mil pelouros ,
 Outras ardendo em fogo sem remedio ,
 Nas proprias conhecidas fazem dano.
 Olha o grande clamor , e vozaria
 Que parece subir ao Ceo mais alto :
 Olha o grande destroço , e a revolta
 Cruelissima , e fera em ambas partes.
 Dous mil Mourós , e Rumes foram mortos
 Nesta fera peleja , e a gram frota
 Destroçada , e vencida : o muy soberbo
 Capitam Mirhocem fogio , deixando
 Bandeiras do Soltam , e outros despojos
 Que fizeram muy ricos os soldados.

Aquella fortaleza deffendida

De quatro centos Turcos , foy tomada
 A poder de lançadas , polos fortes ,
 Valentes capitães , Iorge Fogaça ,
 E o nobre D. Antonio de Noronha.
 Affonso Dalbuquerque esta de largo ,
 Que governava entam naquellas partes ,
 Vinte , e tres vellas tem : mas estas bastaó ,
 Para as grandes empresas , e famosas
 Victorias , que alcançou quasi impossiveis.
 A cidade de Goa polo esforço
 Deste bom Capitam , veras tomada :
 Mas olha o Hidalcão Rey poderoso ,
 Com sesenta mil homês (dos quaes eram
 Cinco mil de cavallo) porlhe cerco.

Olha

Olha a grande traizão que os da Cidade
Lhe cometem, lançandose na parte
Do soberbo inimigo, e o prudente
E o magnanimo Eroe se recolhe
Dentro na sua armada, onde o duro,
Tempestuoso inverno sempre esteve,
Passando mil trabalhos: dali dava
Assaltos nos inimigos: e se queres
Ver hum, onde tomou furiosas peças
De grossa artilheria: olha o castello
Onde a brava peleja anda revolta,
Verás dos inimigos, quatrocentos
Desbaratados, mortos, e rendidos.
Nesta parte veras, que o venturoso,
Insigne Capitam outra vez torna
Sobre a mesma Cidade: ves que ordena
Quatro capitancias, e huma entrega
A esse D. João de Lima, varaõ forte:
De hum animo esforçado, e invencivel.
A Manoel de Lacerda outra, e outra
A Diogo Mendes da, que dos antigos,
E nobres Vasconcellos descendia:
Outra para si toma, e desta gente,
Mil, e quinhentos eram hos soldados
Valentes Portugueses, e trezentos
Gentios: e pois folgas ver os grandes
Feitos deste Varaõ, olha o destroço
Que faz em nove mil armados homês.
Olha quam pouco valem fortes muros,
Quam pouco caso ali se faz de setas.
Ves a Cidade entrada, e a revolta

Tam entrificada, cega, e tam confusa?
 Nam ves ferver as ruas com lançadas?
 Ves aquelle ferir do reluzente
 Metal acecalado? olha os agudos
 Dardos que se arremessam, e a gram copia
 De voadoras, leves, mortaes fetas.
 Olha os soldados todos ja cubertos
 De abundoso fuor, olha as espadas
 Ia sem luz, todas tintas em vil sangue.
 Ali seis mil morreram, e aqui neste
 Sacro templo ficou viva a memoria.

Naquelle escaramuça que ves brava,
 Onde muitos verás perder as vidas:
 Anda Gaspar de Paiva, varão forte
 Que cometido ali foy por Melique:
 A quem o Hidalcão deu muita gente
 De cavallo, e de pe, para que a triste,
 E ja rendida Goa socorresse.
 Grande recontro teve na passáda
 De hũa ponte, e fogio quassi perdido.
 Tornouse a refazer, e com gram furia
 Passou o Rio, e foy dar noutra parte,
 Onde Gaspar de Paiva tinha poucos,
 Mas muy destros soldados. Ves com quantô
 Animo daõ nos Turcos? Ves que correm
 Cavallos polo campo, e debruçados
 Seus senhores vão nelles ja sem vida?
 Olha que outra ves tornam onde a grita
 Sobia ate as estrellas, arrastando
 Aquelles mortos corpos, que nas sellas
 Vão fortemente atados: olha o sangue

Que vai tingindo as ervas, e olha o dano
 Que os inimigos recebem, onde o Paiva
 Com grande louvor fica victorioso.

Verás naquella parte os altos muros
 Da Cidade Malaca, onde o famoso
 Affonso Dalbuquerque entra por força.

Olha a cruel peleja que na ponte
 Os soldados Christãos cos Mouros trazem.

Ves elRey como vem ardendo em furia
 Sobre hum fero Alifante? mas ferido

O monstruoso animal vai com braveza
 Pisando, atropelando, e cos agudos

Dentes, e forte tromba, vai ferindo,
 E matando dos seus quantos alcança.

Poucos dias depois, outra vez torna
 O nobre Capitam com força, e armas,

Comete a mesma ponte: mas estava
 Para deffensa della, muita gente

Bem armada, soberba, e belicosa.
 Olha com quanto esforço os Portugueses,

Aquelle esquadram rompem, olha os Mouros
 Com quanto animo soffrem o furioso

Impeto dos soldados: ves nervosos,
 Fortes, robustos braços levantados,

Zargunchos, dardos, lanças sacodindo?
 Ves o frechar dos arcos? Ves a força

Com que as setas os ares vão rompendo?
 Pois bem verás a copia de escopetas,

E grossa artilheria que dispara?
 Muitos morrem aqui dos bautizados:

Mas os Mouros em fim foram vencidos.

Ganhada a ponte já , vaõ com grande impeto
 Os soldados que ferro , e fogo sempre
 Costumavaõ soffrer , assi furiosos
 A cidade cometem , dando pouco
 Pola gram resistencia que acham nella :
 Entrãona por força , e olha o dano
 Que fazem , onde mais se ihe deffendem.
 ElRey foge , levando quasi morto
 Hum so filho que tinha : tambem foge
 A gente popular , e os que a deffendem.
 Olha a Cidade toda posta a sacro
 Sogeita ja a estranho senhorio.

Ves aquelle arrayai , onde estam juntos
 Vinte mil fortes homês , que a cidade
 De Goa tem cercada , e posta em risco ?
 Rosthomocão se chama o que ali rege
 Aquella belicosa , grande turba.
 Ves como de Malaca ja tornava
 Vencedor glorioso , aquelle insigne ,
 E magnanimo Affonso Dalbuquerque ?
 Sabendo o passo estreito em que estam todos
 Os soldados que ali para deffensa
 Da cidade deixou , toma num ponto
 As armas a vencer usadas sempre.
 Olha como acomete aquella força ,
 Onde os Mouros estavam muy soberbos ;
 E sendo taes , e tantos , ali deixam
 Duzentos mortos , e outros mal feridos.
 A todos destroira , se o felice
 Fado do capitam mais aguardara.

Quero que vejas hum notavel feito

CERCO DE DIV. CANTO. XXI. 399

De hum forte capitam, ousado, e destro :
 Merecedor de mil grandes louvores,
 E ficar delle fama eterna, e viva.
 Fernam Perez Dandrade se chamava,
 Capitam mor do mar, quando regido
 O fertil Oriente era do Albuquerque.
 Duzentos e cincoenta bõs soldados,
 Deseinbarca naquelle lugar forte,
 Onde Patequitir, cruel tyrano
 Tem todo seu poder de armas, e gente.
 Olha dos Portugueses a ousadia,
 O animo e furor com que cometem
 Sete mil esforçados, fortes Mouros,
 Todos de arcos, e setas, e de agudos
 Zargunchos bem providos : olha a força
 Com que aquella alta cerca poem por terra.
 Toda era de madeiros, que em dureza
 Aço, ferro, e penedos excediam.
 Entulhada por dentro com gram somma
 De terra, que a fazia enexpugnavel.
 Por mil partes foi rota, e logo entrada,
 (Que em fim nada resiste a hum furor grande)
 Ves com que pressa chegam ? e outra cerca
 De Sandalos cheirosos, num momento
 Derrubaõ, e entram dando grandes golpes.
 Olha o frechar dos arcos, e a revolta
 Perigosa, e cruel em ambas partes.
 Ves lanças, dardos, pedras facudidas
 De valentes, robustos, duros braços :
 E o estrago que fazem, derrubando
 Mortos, ou mal feridos muitos corpos ?

Olha

Olha Affonso Pelloa varaõ noble,
 Prudente Capitam, que com setenta
 Soldados Portuguezes, e quinhentos
 Gentios, entra ali por outra banda,
 Ferindo, e derrubando os que diante
 Delle com vaõ esforço se apresentam.
 Pathequitir acode, e traz armados
 Tres grandissimos Alifantes. Que aproveita
 Quanto trabalha, e faz, pois foy vencido
 Com perda, dano, e mal de sua gente.

Ves no Rio Muar cincoenta vellas
 Onde soberbos Mouros aparecem?
 Era Capitam mor dellas hum Mouro
 Estorçado, prudente, e muy famoso,
 Laxamana chamado. Ves que chega
 O valeroso Andrade, e determina
 Pelejar co soberbo, duro inimigo?
 Olha galés, e fustas todas juntas,
 Cos espotoés em terra, e que num ponto
 Os Mouros com temor as desemparram.
 Mas Pathequitir torna, e traz consigo
 Hum luzido esquadram de belicosos,
 E muy valentes laos, naçam soberba,
 Em cometer ousada, e nos perigos
 Animosa, e constante. Tambem corre
 Dos naturaes da terra hũa gram turba:
 Com setas, e zargunchos, dando gritas.
 Travase hũa batalha horrenda, e aspera
 Dentro no grande Rio: e olha a gente
 De hũa, e doutra parte, quam seguros
 Poem nas fustas os pes: ves os soldados

Portugueses com quanto esforço , e forças
 Os inimigos cometem ? Olha os ares
 Da luz desemparrados , como ficam
 Escuros , e sombrios , que foy causa
 Que a peleja cessasse : mas se atentas
 Ali senhor verás que dos inimigos
 As lancharas , e fustas vão rendidas ,
 Ficando muitos mortos , e o valente
 Andrade vai dali victorioso.

Olha naquella parte , onde cortando
 Vem fustas , e gales as bravas ondas :
 Verás hum Capitam muy poderoso ,
 Chamado Putheunuz que as governava.
 Noventa eram por todos os navios :
 Lustrosos , bem armados , e ligeiros.
 Soberba gente trazem , olha a somma
 Dos arcos , e de agudas , mortaes setas ,
 De arcabuzes , zargunchos , e compridas
 Mociças , tefas , grossas , duras lanças.
 Olha como os remeiros co a gram força
 Deixam cuberto o mar de branca escuma
 E os ricos estendartes de mil cores ,
 Que hũas vezes se encolhem , e outras vezes
 De Zefiro sentindo a branda força ,
 Vão fazendo mil forças polos ares ,
 Com que a vista se alegra , e se orna a armada,
 Vira os olhos verás por esta banda
 O animoso Andrade , que comete
 Com animo esforçado o forte inimigo.
 Jorge Botelho vai na dianteira ,
 Onde claro mostrou , com fama eterna ,

Hum alto esforço , hum animo invencivel.
 O General da armada , e Rui de Brito
 Capitam de Malaca , ambos vaõ juntos
 Com dezafete vellas , com trezentos ,
 E cincoenta soldados Portugueses ,
 Cometem doze mil armados Mouros.
 Ves como as froas ambas , ja se chegam ?
 E quam designaes sam ? Olha as fumosas
 Densas , escuras nuvês : olha os rayos
 De supeto , furioso , ardente fogo.
 Olha a chuva de setas que o gram Phebo
 Quasi eclipsado faz : olha os feridos
 Com miseraveis , altas , tristes vozes
 Pedi: algum remedio , com que a morte
 Ia vezinha se atalhe , e se lhe escuse.
 De ruivo fangue as ondas verás cheas ,
 E de mil corpos feitos em pedaços.
 Ia ves bem conhecida ali a victoria ,
 E que Putheunuz foge num guerreiro ,
 Soberbo Galiaõ : olha o destroço
 Das gales , e das fustas , que a mor parte
 Sumida foy nas ondas , e em terribel ,
 Ardentissimo fogo , outras ardidias.

Aquelle Rey que ves com triste rostrò ,
 Affrontado no duro , estreito cerco
 Daquella grande armada , em que estam juntas
 Setenta vellas , fustas , e naos grossas ,
 Era Rey de Campar , e o que em tal risco
 O tinha , era o famoso Rey da Linga.
 Campár tinha amizade , e era fogeito
 A ElRey de Portugal : estava o triste

Naquelle conjunçam ja sem remedio,
 Ia para se entregar: mas a fortuna
 Com grande ligeireza, muitas vezes
 Favorece o abatido, e o mais prospero
 Derruba, abate, e poem em baixo estado:
 Bem ves senhor que chegam com gram furia
 Cinco fustas Christaás, e que abalrroa
 Húa dellas co a fusta, onde soberbo
 Se mostra o Rey da Linga, fero e bravo.
 Olha que em todas ferve armada gente,
 Travandose cruel, rijo combate.
 Bombardas, e arcabuzês com horrendo
 Estrondo, hum mortal dano ja faziam:
 Ia corpos mortos vaõ ao mar, e as fustas
 Ia se enchem de escumoso, e quente sangue.
 O famoso Botelho, destas cinco
 Vellas he Capitam: e estando neste
 Tam perigoso termo, eis vem com força
 De favoravel vento, o mar abrindo,
 Nove guerreiras fustas, que ao valente
 Antonio de Miranda ali obedecem.
 Olha que co a chegada destes fortes
 Soldados, os inimigos ja desmayaõ,
 Nam podendo soffrer taes forças, fogem
 Os que escaparam vivos, e ambos estes
 Capitaês se recolhem com victoria.

Tam enlevado estava o nobre Castro,
 Que nada lhe lembrava, mais que o gosto
 De ver estas victorias Portuguezas,
 Que tanto a patria honravam, e o prudente
 Varaõ profegue, e diz desta maneira.

Olha tres Capitães, em companhia
 Do gram Governador, que na Cidade
 De Calecut estava, apercebidos
 De ardente fogo, e gente armada, e destra,
 Para tornar em cinza a feitoria
 DelRey de Portugal: mas prevenido
 O forte Capitam D. Ioaõ de Lima,
 (Que entam tinha a seu cargo a fortaleza
 De Calecut) armado a recebellos
 Vai com gram eoraçam: se queres vello,
 Aquelle he que as azuis couraças leva,
 E o limpo capacete ornado de ouro?
 Ves as portas abertas, e estendida
 Hũa branca bandeira, que no meyo
 Mostra vermelha Cruz fair por ellas?
 Ves cincoenta soldados valerosos
 Seguir aquella Sancta, e sacra insignia?
 Pois atenta, e verás hũ raro feito,
 Muy digno de louvor, e immortal fama.
 O Capitam reparte estes soldados,
 Entrega vinte, e cinco a hum varão nobre,
 Que D. Vasco de Lima se chamava:
 De animo valeroso, e de alto espirito.
 Para si toma os outros, que os mais delles
 Eram deste apelido, e illustre fangue.
 Olha que ricas armas todos leuão,
 E os vivos corações que claro mostram:
 Bastantes a acabar famosos feitos.
 Olha senhor com quanto esforço, e furia
 Os inimigos cometem, e em quam pouco
 Espaço, ervas e campo em ruivo fangue

Convertem , derrubando muitos corpos
 De espantosas feridas traspassados.
 Aquelle dianteiro , que a rodella
 Com grandes golpes tem toda desfeita ,
 E a vencedora espada ves banhada ,
 Tantas vezes no sangue dos inimigos ,
 Jorge de Lima he que ali seguindo
 A braveza do seu coração duro
 Se ouvera de perder. Bem o ves dentro
 Na mor força dos Mouros , recebendo
 Mil golpes furiosos , que maltratam
 O corpo juvenil , dandolhe fama.
 Olha o grande furor , e a valentia
 Dos nobres coraçãoes , e fortes braços.

Mais avante verás hum lugar grande
 Roubado , destruydo , e derrubado.
 Olha as chamas crueis de ardente fogo ,
 Quam nobres edificios , quantos corpos ,
 Quantas riquezas vão ja consumindo.
 Panane se chamava , era fogueiro
 A elRey de Calecut , e o valeroso ,
 Prudente D. Anrique de Meneses ,
 Que a India governava , vai sobrelle.
 Leva cincoenta vellas , que no porto
 Verás com mil bandeiras arvoradas.
 Nove centos soldados desembarcão ,
 Em tres Capitaniaes repartidos.
 Trezentos leva a cargo o esforçado
 D. Simão de Meneses , e trezentos
 A Pero Mazcarenhas acompanham ,
 E ao Governador seguem outros tantos :

Olha

Olha as roucas trombetas como mostram
 Fazer o temeroso final , dando
 Aos açodados animos esforço.
 Olha os rostros verás (quando ja todos
 Estam para romper) como se cõbrem
 De hũa defuncta cor os enemigos ,
 E assi desfigurados , claro mostram
 Hum desmayo , e sinaes de ja vencidos.
 Olha aquelle cruel , mortal estrago ,
 E o verde campo em sangue todo tinto.
 Ves os imigos vaõ fogindo , e deixam
 O lugar abraçado , deixam mortas
As molheres , e os filhos (dor gravissima :
 Mas co medo presente ali esquecida .)
 Olha Iorge de Lima quam ferido ,
 Quam maltratado fica , e com quam justa
 Razaõ ficará delle eternamente
 Neste templo hũa fama alta , e gloriosa.
 Com tal victoria parte este valente ,
 Nobre Governador , e dando vista
A Calecut , queimou quantos navios
 Dentro no porto achou. O forte Lima
 Da fortaleza sae com generosos ,
 E muy destros soldados , pondo fogo
 Nos grandes arrabaldes : mas num ponto
 Ao rebate apressado acodem grandes ,
 Soberbos esquadrões de armada gente.
 O Capitam apenas se recolhe ,
 Pola gram multidam que ali com toda
 Sorte de pelejar se lhe apresenta.

Parte o Governador , e em pouco espaço
 De-

Desembarca em Coulete, muy insigne,
 E oppulenta Cidade: ves o bravo,
 Medonho, e fero incendio, que no porto
 Em todos os navios anda: e o dano
 Das fustas, e gales: e as tristes mortes
 Que os que nellas estam todos recebem?
 D. Simão de Meneses, com trezentos
 Soldados, acomete pola parte
 Que ao Antarctic pólo olha, e entra
 Com denodada furia, cos immigos.
 O gram Governador por outra banda
 Vai com cento, e sessenta bõs soldados:
 Ali se acende mais, e mais a furia,
 Ali acode a mayor força da gente.
 Olha a pressa, e o ferir dambas as partes:
 Olha os lagos de sangue, e olha os corpos
 Das tristes almas ja deseparados,
 Como em confusos montes ficam todos
 Feitos em mil pedaços polo campo.
 Grande foy o destroço deste dia,
 E o Governador ganha immortal fama.
 Trezentas, e sessenta grossas peças
 Tomou de artilheria, tomou muitas
 Espingardas, tomou cincoenta e quatro
 Navios carregados de cheirosa,
 Proveitosa, e estimada especiaria.
 Pos fogo a outros muitos. Fez estragos,
 Males, danos, e perdas, que com justa
 Causa sempre seram ali chorados.
 A Cidade queimou, e a tudo quanto
 Avia dentro nella, deu fim triste.

Mostrarte quero ali hum duro cerco
 Espantoso , arriscado , e trabalhoso.
 Ves as tendas que cobrem todo o campo ?
 Ves a gram multidam de armada gente ?
 Ves aquella espessura , de compridas ,
 Tefas , e grossas lanças: ves os montes
 Dos fortes , e violentos arcabuzes ?
 Ves canhões reforçados , e bombardas
 De grandeza , e grossura monstruosa ?
 Ves as bandas dos arcos , e as aljabas
 Povoadas de agudos , morraes tiros ?
 Trombetas , e anafis verás que os ares ,
 Com espantoso , e rouco estrondo rompem.
 Toda a gente verás apercebida
 De confiança chea , e de soberba.
 DelRey de Calecut he o grande exercito ,
 Aquelle he que os seus está incitando.
 Olha aquella espantosa bataria :
 Olha os ares ardende , e olha as nuvês
 De peçonhento fumo , que o Sol cobrem.
 Empolavase o mar com mil pelouros ,
 Que nelle se perdiam , e nas lapas
 Concavas , e fombrias se formava
 Das altas gritas húa voz horribel.
 Naquelle fortaleza está o prudente ,
 Esforçado varaõ D. Ioaõ de Lima
 Com valentes mancebos , de seu sangue ,
 E de outro claro , illustre decendidos.
 Grandes cousas fizeram no descursio
 Daquelle perigoso , estreito cerco ,
 Todos nelle passando geralmente

Hũa muy trabalhosa , viva fome.
 Olha a grande revolta , brava , e fera
 Que sobre aquella fusta se levanta ,
 Onde cinco soldados Portugueses
 Aos cercados levaõ mantimento
 Nam podendo furdir onde queria ,
 Cahio nas duras mãos dos inimigos.
 Acode hum Capitam Mouro , e da parte
 Contraira acode D. Vasco de Lima
 Com setenta soldados : mas os Mouros
 Eram tantos que o campo todo enchiaõ.
 Ves as nuvês de setas ? Ves as lanças
 Como cobras brandindose nos ares ?
 Olha a força dos golpes , e a confusa ,
 Cega , intriscada pressa : olha os soldados
 Portugueses com quanto esforço soffrem
 Daquella multidam , armas , e furia.
 Bem ves Iorge de Lima rodeado
 De espedaçados corpos , e a dourada
 Rodella ja de mil golpes desfeita.
 Olha as armas ja rotas , olha o sangue
 Que lhe sac das feridas : mas o nobre ,
 Esforçado mancebo , nam lhe lembra ,
 Nem tem conta com mais que so com fama.

Alça os olhos verás hum manifesto ,
 Evidente final de hum vivo esforço.
 Ves naquella janella estar hum vulto ?
 Nam sey se o verás bem , mas ves qual digo ?
 Hũa que está ferrada , e cae encima
 Da parte onde mais brava anda a peleja ?
 Aquelle he o Capitam , que esta com duas

410 SVCCESSE DO SEGVNDO

Espingardadas mal ferido: e vendo
 A batalha cruel, ouvindo os gritos
 Qua faziam tremer os altos montes,
 Da cama se levanta, e como pode
 A janella se chega todo aceso
 Em colera, e furor rompendo o peito
 Aquelle coraçam, oufado, e forte.
 Vendo que entam nam pode ser presente
 No conflicto cruel, onde os seus soffrem
 Muitas feridas, e hum trabalho immenso:
 Chama com grandes brados hũa escrava
 Que ali fo lhe ficou, manda num ponto
 Trazer hum arcabuz: bem ves o dano
 Que nos immigos faz, inda que estava
 Gravemente ferido, e em tal estado,
 Que mil vezes a triste, horrenda morte
 Lhe esteve desta vez quasi vezinha.
 Ves as portas arder em grandes chamas?
 E que os Mouros trabalham por entrarem
 Dentro na fortaleza? e quando estava
 O perigo mais certo, chega a frota
 Que ali ves, onde vem dous esforçados,
 Valentes Capitães, hum delles era
 Aquelle Eitor famoso de Sylveira,
 Retrato do Troyano em preço, e armas,
 E Pero de Faria era o outro,
 Esforçado varaõ, trazem consigo
 Vinte, e quatro navios: olha a furia
 Da salitrada chama, que parece
 Abrasar toda a frota: ves a pressa
 Com que os immigos fogem, e as queimadas
 Por-

Portas ja desemparam : as quaes foram
 Com grandes vasos de agoa remediadas ?
 Perguntasme que gente ajuntaria
 ElKey de Calecut , naquelle cerco ?
 Cento , e vinte mil homês por certeza
 Podés ter que ali estam , com mil diversas
 Maneiras de peleja. Ora tem tento
 Verás hum espantoso , efranho caso.
 Ves outras vinte vellas derradeiras :
 Onde mil , e quinhentos bõs soldados
 Armados apparecem , com desejo
 De se ver ja cos Mouros em batalha ?
 O Governador vem nellas , e quando
 Determinado esta de tomar terra ,
 Muitas opinioês ha que lho impedem ,
 Dizendo que asseltada estava muita ,
 E grossa artilheria em toda a parte ,
 Onde desembarcar podem. Sabendo
 O bom D. Ioaõ de Lima estes divisos
 Pareceres , mandou com cincoenta homês
 Jorge de Vasconcellos , varaõ nobre ,
 Sefudo , e de muy raro , e vivo esforço :
 Naquella parte deu , quando os inimigos
 Estavam deste mal mais descuidados.
 A revolta foy grande , e perigosa ,
 Onde os Mouros gram dano receberam.
 Bem ves que o Arrayal ao improviso
 Rebate , todo acode : e da contraria
 Parte , D. Ioaõ de Lima vem com todos
 Os seus nobres soldados tam famosos ,
 Tomaõ por força de armas toda quanta

412 SVCCESO DO SEGVNDO

Artilheria estava ali allestada.
 Olha Iorge de Lima que se embarca,
 Despois que anoiteceo, num muy pequeno
 Batel, e que nam leva em companhia
 Mais que hum so marinheiro, e que ja perto
 Da armada, onde vai dar certo recado,
 O batel arrombado foy dos muitos
 Pelouros, que sobrelle espessos vinham.
 Olha o forte mancebo nas salgadas
 Ondas, e a morte ali sempre presente,
 No meyo de hũa sombra tenebrosa,
 E de ardentes pelouros, que a par delle
 Com rugido espantoso se fumiaõ.
 Mas o seu coraçam nunca vencido,
 De tal perigo faz muy pouca conta.
 A nado se salvou: e no primeiro
 Navio que ali ves o recolheram.
 Olha o Governador com toda a gente
 Desembarcado ja: olha as trombetas,
 E os outros instrumentos, que ali causam
 Nos fortes coraçõs grande alveroço.
 Olha a fera batalha que tomando
 Vai por medidos pontos novas forças.
 Bramava o ar com roncõs espantosos,
 Daquelle estrondo horribel das bombardas,
 E ralgavase o Ceo com altas gritas,
 Formandose diversos apelidos.
 Bem ves senhor no campo quantos corpos
 Ficam feitos pedaços: ves escudos
 Com grandes golpes ja todos defeitos?
 Ves espadas quebradas, e de lanças

Hũa soma infinita, feita em rachas ?
 Ves D. Vasco de Lima quantas vezes
 No mor pezo da gente se aventura ?
 Ali revolve a hũa, e outra parte
 Com ambas as mãos hũa larga espada :
 E á custa de mil vidas vai fazendo
 Grande praça, e lugar por onde passa.
 D. Iorge de Meneses vai furioso,
 Rompendo pola cava, o poder grande
 Dos Mouros. Bem o ves que outra luzente
 Espada de ambas mãos leva, fazendo
 Hum notavel estrago : mas se atentas
 Verheas a mão direita ja cortada,
 Com desastrado golpe : mas o nobre,
 E valente mancebo nam se aparta
 Da revoltosa pressa, antes tomando
 Outra pequena espada na mão livre,
 O claro vencimento vai seguindo.
 Para que contarey os admiraveis,
 E façanhosos feitos succedidos
 Nesta fera batalha, e os soldados
 Que com grande louvor nella ganharam
 Hum nome que immortaes os tará sempre ?
 Tres mil Mouros morreram, e os feridos
 Eram quasi sem conto. Esta victoria
 Foy hũa das famosas que no mûndo
 Nos tempos mais antigos succederam.
 O Governador manda que se embarquem
 Todos secretamente, e deixam erma
 So, e desenparada a fortaleza,
 Com grandes minas feitas : olha os Mouros

Como vaõ apressados ao fim triste ,
 Que o seu cruel destino lhe guardava.
 Com estrondo arrebenta o grosso muro ,
 E a força do salitre , com violencia
 Arremella ao Ceo pedras , e corpos
 Ardendo em vivas chamas. Ves o fumo
 Infernal , e pestifero que cobre
 O ruinado lugar : e que de corpos
 Miseraveis o campo está cuberto ?
 E as negras grossas nuvês , e os delgados
 Ares cheos de tristes alaridos ?

Parte Eitor da Sylveira , e vai correndo
 Com seiz vellas a costa , e quando vinha
 A fresca aurora a sombra affugentando ,
 Sobre Doifar surgio , Cidade forte ,
 De altos , e grossos muros bem cercada.
 Dous mil Mouros verás apercebidos ,
 De fortissimas armas , esperando
 Com soberba , e desprezo aos Portugueses.
 Olha o bom Capitam que acomete
 Com trezentos soldados : ves que fogem
 Os Mouros , nam podendo as duras forças ,
 E o impeto soffrer daquelles homês.
 Ves quebradas as portas da Cidade ?
 Ves valentes mancebos bem cubertos
 Dos escudos , entrar em tropel dando
 A quem se lhe deffende , cruel morte ?
 Verás todas as ruas povoadas
 De mortos , e de sangue todas cheas ,
 A gente de peleja vai fogindo ,
 Ficando ali a inutil , e sem forças.

Nam quis o Capitam (por serem fracos,
Tristes velhos, molheres, e mininos)
Queimar esta Cidade: mas dos fortes
Soberbos, e creeis quis a victoria.

Ves as naos que as inchadas ondas rompem

Levando as brancas vellas infunadas
Com favoravel vento: de huma parte
As escondidas quilhas vaõ mostrando,
E da outra polo bordo o mar recolhem?

● gram Nuno da Cunha ali governa
Aquella grande armada. O' varam digno
De perpetuo louvor, de nome eterno,
E de fama immortal, tu governaste
Onze annos la no fertil Oriente,
Com prudencia, justiça, com bom zello,
E co aquella virtude de que armado
O teu coraçam nobre estava sempre,
Do que era necessario, e se devia
Ao serviço delRey nunca faltaste,
Exaltaste seus Reinos com victorias,
Sogeitando a tributo Reis estranhos.
Na paz eras prudente, de conselho
Vtil, e proveitoso ao bem de todos,
Esforçado na guerra, e nos perigos
Eras forte, magnanimo, e constante.
Ah morte cruel, dura, injusta e fera,
Roubaste a Lusitania o generoso,
Insigne Capitam, e esta gram perda
Tarde a restaurarás. Isto dizendo
Correnhe vivas lagrimas dos olhos,
Banhando as barbas, mais que a neve brancas,
Mos-

Mostrando hũa entranhavel faudade,
Que da perpetua auzencia delle tinha.

Tornou a profeguir na começada
Demostraçam dizendo: ves que chega
Sobre Mombaça, e posta a gente em terra
A Cidade comete com gram furia?
Olha a cruel peleja, olha a revolta
Que anda por todas partes, olha a força,
E o furor dos soldados Portugueses:
Olha o bravo ferir dos fortes braços,
E o estrago que fazem nos immigos.
Ves a Cidade ja toda rendida?

Os fortes deiffensores todos mortos?
E em grandes labaredas abrasados,
Mil nobres edifficios, e riquezas?

Mais adiante verás este prudente,
Felice Capitam com grande armada,
Onde co elle vaõ nobres fidalgos,
E outros soldados praticos, que em grandes
Perigosas empresas ja se acharam.

A Cidade de Diu vai guianda:
Olha as soberbas náos como resvalam
Polo liquido campo, e as bandeiras
De Zefiro movidas: como escondem,
E amostram Portuguesas, reaes armas.
Ves que chegam a Bethe, ilha, onde estava
Hum Turco Capitam de duro esforço,
Ali lhe succedeo hum caso estranho,
So na antiga Numancia acontecido.
O gram Cunha lhe manda hũa embaixada,
Dizendo que se entregue sem batalha,

E se isto duvidassem, lha daria,
 Aspera, rigurosa, e sem clemencia.
 O Turco Capitam (como ja sabes)
 Nam quis isto aceitar: mas aos soldados
 Persuade a morrer, antes que verse
 Cativos em poder de seus contrairos.
 Determinam matar a inutil gente,
 Fracas mulheres, velhos, e meninos:
 E entregar quantas joyas ricas tinham
 A hum fogo furioso, que abrafasse
 Juntamente os mais nobres edificios.
 Neste accordo cruel determinados,
 Ia movidos ao impio, bruto intento,
 Armanse (como ves) de fortes armas,
 Os escudos embracam, e apos elles
 As espadas arrancam, correm todos
 Por onde os leva a furia, e aos que encontram
 Daõ morte rigurosa. Ali a cabeça
 Ia cuberta de neve, de hum so golpe
 Fica do fraco corpo separada,
 Verlheas os trespassados, frios olhos,
 E a denegrada lingua ainda moverse.
 Ali o tento infante, a casta moça
 Ficam banhando a terra em puro sangue.
 Os acentos finais do triste rogo
 Verás da fera morte interrompidos.
 Ali verás os filhos ser verdugos,
 De seus cansados pais. O' duro caso,
 O' crueza nam vista, que as espadas
 Nas maternas entranhas tambem banham.
 Verás tenros meninos, cuja idade

Tam aspero rigor nam merecia ,
 Polas ruas , e praças todos mortos
 Com furia , por aquelles que os geraram.
 Verás moças bellissimas , com duro ,
 Agudo , impio ferro traspastadas ,
 Verlheas pedir favor com brandos rogos ,
E com lagrimas tristes sem proveito.
 Ali verás maridos que ás fermosas ,
 Charissimas molheres nam perdoam ,
 Dandolhe juntamente os derradeiros
 Abraços , e apos elles triste morte.
 Polas casas , e ruas verás lagos
 De negro , congelado , frio sangue ,
 Tambem verás os ares povoados ,
 De gritos espantosos , e terribéis.
 Olha senhor os altos edificios ,
 E as riquezas arder em bravas chamas :
 Olha o grande esquadram dos crueis homês ,
 E as armas de innocente sangue cheas.
 Vendo Nuno da Cunha o fumo espello
 Que a ilha , e altos ares assombrava ,
 Manda Eitor da Sylveira que acometa
 Com impeto a Cidade , e que procure
 Entrar por força de armas dentro nella.
 O Capitam valente salta em terra ,
 Armado de lustrosas , fortes armas :
 Bem ves como acomete entrar por força
 Aquella grande porta : mas se atentas
 Hum esquadram verás dos inhumanos ,
 E barbaros immigos , que com furia
 A entrada ao Sylveira bem resistem.

Bem ves a grande pressa , e a revolta
 Perigosa , e confusa : ves os Turcos
 Quanto sem nenhum medo ali pelejam ?
 Ves o famoso Eitor Portugues morto ,
 Passado de hum pelouro de espingarda ?
 Mas antes que a cruel injusta morte
 Hum tal varaõ do mundo nos tirasse ,
 Muitos Turcos as vidas ali perdem ,
 Polo seu generoso , e forte braço .
 Ves que o Governador com toda a gente
 Desembarcada ja , comete o muro ?
 Entram por força , e fazem grande estrago ,
 E ainda que animosos os inimigos ,
 E com eroico esforço pelejaram ,
 Em fim todos morreram , sem que vida
 Nenhum delles quizesse , e deste dia
 Para sempre ficou naquella infauusta
 Ilha , nome dos mortos. O gram Cunha
 Torna logo embarcar-se , e vai-se a Diu :
 Surgem no porto as naos , e em breve espaço
 Com poderosa maõ toma a Cidade .

Mais adiante verás este famoso ,
 Insigne Capitam , que a força de armas ,
 A Baçaim toma , dando ao Lusitano
 Serenissimo Rey grande proveito .
 Notaveis feitos fez , muy dignos de honra ,
 Governou sabiamente , adequero rendas ,
 Sojugou Reys estranhos , venceo fortes ,
 E duros adversarios , tomou grandes
 Riquissimas Cidades , e apos tantos
 Trabalhos acabou , sem ver o premio

Que os seus grandes serviços mereciam.

Queres ver hum gram cerco trabalhoso ,
Digno de immortal nome , e fama eterna ?

Olha para esta parte , onde se mostra

Húa so fortaleza combatida .

Por feros Geniceros , que com força

Entrala determinam : olha o grande

Animo dos cercados , e a soberba

Daquellas destros , fortes inimigos.

Bem conheces aquella fortaleza ,

Ser a mesma que agora descercaste ,

E onde húa tal victoria celebrada

Nella , Deos te outorgou : ves no mais alto

Daquelle balluarte , dous soldados

Portugueses , que soffrem todo o peso ,

E o impeto dos Turcos ? elles ambos

Ali deffendem sos aquella entrada ,

Pouco difficultosa , porque o muro

Está qual ali ves , sem força , e fraco.

Antonio de Sylveira residia

Naquelle conjunçam na fortaleza :

E ainda que isto sabes , conta justa

He , sempre recitar feitos honrados.

Olha o grande trabalho que ali soffre ,

Sem nunca em vinte dias , hum momento

Deixar as duras armas , que de cama

Nas noites lhe servião : olha o nobre ,

Valente Capitam com que largueza

Reparte sua fazenda cos soldados.

Olha as grandes baixellas de dourada ,

E bem lavrada prata , todas feitas

Em pequenos pedaços , acudindo
 Com mão liberalissima aos que tinham
 Mayor necessidade : olha o perigo
 Em que está , vendo entrada a fortaleza :
 Mas o bom Capitam bem lhe resiste ,
 Ainda que nam tem mais de sessenta
 Soldados que pelejem : olha a estancia ,
 Onde hum fogo furioso está no meyo ,
 Que serve de muralha , e forte amparo ,
 Deffendendo a entrada dos Geniceros.
 Ves quantas lanças vão passando o bravo ,
 Ardentissimo muro de Vulcano ,
 E na contraria parte vão fazendo
 Hum sanguinoso , fero , duro estrago ?
 Nam ves aquella horribel bataria ,
 Que com dezoito grandes basiliscos ,
 De grossura espantosa , com estrondo
 Medonho , ali se dá sempre continua ?
 Ora atenta senhor o derradeiro ,
 Perigoso combate , olha a peleja
 Tam brava , tam cruel , e tam ferida.
 Olha os Turcès armados com muy fortes ,
 Resplandecentes armas , escondidas
 Debaixo de cabayas , de lustrosas
 Sedas de varias cores , e brocados.
 Ves quantos arcabuzes se disparam ?
 Ves as nuvês de setas que o Sol cobrem ?
 Ves as lanças , e os dardos sacudidos
 De valentes , robustos , duros braços ,
 Como as armas , e entranhas facilmente
 Passam de parte a parte ? bem ves mortos

Qui-

Quinhentos dos Geniceros, e a preſſa
 Com que o combate deixam, e ſe apartam?
 Olha quantas gales o mar aſſombra,
As mais dellas de trinta bancos: e olha
 Aquelles groſſos remos, como as ondas
 Vaõ revolvendo, e deixaõ largo raſto
 De hũa ſalgada, eſpeſſa, branca eſcuma.
 Olha toldos, bandeiras, e eſtendartes
 De ſeda, e cores mil, e as conhecidas
 Armas de Coleimaõ que ali aparecem.
 Vira os olhos verás neſtouteira parte
 A guêrreira, ſoberba, grande armada
 Como vai furda, e triſte pola morte,
 E pola falta, e perda de tal gente.
 Eroico feito foy digno de gloria
 Eſte, que o valeroſo, gram Sylveira
 Ali em Diu fez, e poucos ouve
 Dos famoſos antigos, que a eſte inſigne
 Illuſtre Capitam ſe lhe igualaſſem.

Quero moſtrarte hum feito glorioſo,
 Que deixa admiraçam ao mundo, e ſobe
 La nas nuvêz o nome do que à patria
 Luſitana, deu nome, e fama inſigne.
 Bem ves quinze gales, cujo aparato
 Bellicoſo, e potente claro moſtra
 Serem do gram Monarcha, impio enemigo,
E gram perſeguidor da Chriſtandade.
 Olha os fortes Geniceros, que nellas
 Animoſos, armados aparecem:
 Olha as diverſas cores das cabayas,
E os altos, e ſoberbos turumbantes.

As ondas vem rompendo com violento
 E forçoso poder de fortes braços ,
 Dessa misera turba , a quem fortuna
 Atferrolhada traz , presa , e cativa.
 Olha seis galiões acompanhados
 De outras seis caravellas , com mais sete
 Fustas de Portugueses , como rasgam
 As transparentes ondas de Nephthuno.
 Ves como as vellas vão todas inchadas ,
 De favoravel vento , e vão deixando
 Por popas , escumoso , e branco rasto ,
 Voando polo ar os estandartes.
 Olha com que furor todas se encontram
 Co aquella horribel força de Vulcano ,
 Bem ves como se cobrem humas , e outras
 De fumoso vapor , e negra nuve.
 Bem ves o galião que a insignia leva ,
 A que todos os outros obedecem ,
 Ali vai D. Fernando de Menezes
 Filho do Visorey do grande Oriente
 Animoso mancebo em cujo peito
 Se enxerga fortaleza , e vivo espirito ,
 Se enxergão mil virtudes , do alto sangue ,
 E Real origem donde descende.
 Aquelle he que na popa , no mais alto
 Lugar , incita , anima , e move a gente
 Que naquella batalha revoltosa
 Bem mostra o gram valor de Portugueses.
 Olha a braveza , e furia da travada
 Peleja : olha no mar corpos deffunctos :
 Olha as ondas de sangue todas tintas ,

E o ar que ali parece arder em chamas.
 Naquella caravella que no meyo
 Ves das duas galés, toda cuberta
 De pestifero fumo tenebroso:
 Cospindo aqui, e ali ardentes rayos.
 D. Hieronymo está de Castelbranco:
 (Olhao, que bem merece de ser visto,)
 Que ardido coração, que esforço, e brio:
 Que croyco valor teve, e que ousadia.
 De hum animo invencivel era ornado,
 O peito juvenil, robusto, e forte:
 Mas o Ceo permitio, que depois desta
 Celebrada victoria, elle acabasse.
 Olha como este rende os dous soberbos,
 E valentes navios, e apos elle
 Os outros Capitães victoria alcançam,
 Do que mostrava ali ser impossivel.
 D. Alvaro da Sylveira vai naquelle,
 No outro vai D. Alvaro de Tayde,
 Em outro vai Manoel de Mello, e outro
 Leva por deffensor Gomez da Sylva.
 D. Manoel Mazcarenhas, D. Fernando
 De Monroyo, governam caravellas,
 E Nicolao de Castro entre estes hia
 Em hũa, em outra vai Iorge de Moura.
 Sete Galés rendidas dentro a Goa
 Entrega ao Visorey o filho amado,
 Merecedor de ter a fronte ornada
 De Palma victoriosa, e verde louro.
 Sepultadas no mar ficaram duas,
 Com todas munições, chusma, e soldados,

Dali foram dos Turcos dous mil juntos
Ao rio Phlegethonte, e estigio lago.

Despois que o Visorey vio as famosas
Victorias que ali estavam, e admitido
Foy com grande louvor, antre os antigos,
Valentes Capitães, lhe parecia

Ter hum grande desejo de tornar-se.

Mas o Merecimento lhe diz: vamos

Que te quero mostrar cousas occultas,

Que ainda estam por vir ao belicoso

Reino de Portugal: e tu nam podes

Ver tam ditoso tempo, porque a Parcha

Cruel te cortará da vida o fio.

Mas sabe bom senhor que quando os fados

Rigurosos, e injustos nos mostrarem

O mayor final de odio, escurecendo

O Sol de Lusitania, e permitirem

Que a fera, e triste morte antes de tempo

Sepulte em noite escura os bellos olhos

Do Principe excellente, cujas mostras

Agora ja sam taes, que claro nellas

Se ve que Portugal co a eterna auzencia

Deste senhor, terá mil razões justas,

Para sempre viver lutozo, e triste.

Ja o antigo varaõ com triste pranto

As ultimas palavras nam podia

Expressar, e exsemit, antes no meyo

Da garganta opprimidas, lhe ficavam

Escuras, e co a dor mal entendidas.

O Visorey com lagimas ajuda

O piadoso, e tam justo sentimento,

Chora o notavel dano, chora a perda
 De todo Portugal, e o desamparo
 Da Lusitana gente. Em quanto duram
 As lagrimas que rios ja parecem,
 Cobrele o grande templo de húa sombra
 Tenebrosa, horrenda, escura, e triste.
 Ouvenfe muitas vozes lamentadas,
 Mil gemidos, mil gritos espantosos:
 Ouvenfe mil soluços de hum funesto,
 Miseravel, amargo, triste pranto.
 Pola concavidade do alto teito
 Se ouvia repetir o nome amado,
 Muitas vezes dizendo: ó senhor nosso,
 O' Principe excellente, que gram perda
 Causa geral no mundo a tua auzencia.
 Ao Visorey parece, (e nam se engana)
 Que daquellas imagens que com docta
 Mão, vivas se mostravam, era o pranto
 Muy justo, e merecido, que ali ouvia.
 Despois de ja passado hum grande espaço,
 Os lamentos cessaram, e em luz clara
 Quieto, e sem rumor fica o gram templo.
 Logo o nobre varaõ outra vez torna
 A pratica passada, e assi prosigue.
 Despois que Atropos impia, e indinada
 Dsr a juvenil vida hum breve termo,
 Ficando o Reino so posto em perigo
 De mil desaventuras, e mil males,
 No meyo das discordias esperadas,
 No meyo deste mal, e triste angustia;
 Vos dara Deos hum Rey, com que se alegre

A Portugueſa gente: tera grandes,
 Ditofos vencimentos, e o ſeu nome
 Sera temido, deſdonda o Sol nace
 Ate as partes remotas do Occidente.
 SEBASTIAM ſera o ſeu nome proprio,
 (O quantas couſas delle o Ceo promete)
 Em paz governará, ſera clemente,
 Fara juſtiça igual, ſerá temido:
 Mas muito mais amado, e com maõ larga
 Nam deixará ninguem de ſi queixoſo.
 Enlevavaſe o velho, e tendo fixos
 Os olhos la no Ceo, diz ſuſpirando:
 O' Padre eterno, Deos Omnipotente,
 Quando concederás hum bem tam grande
 Ao Reino Portugueſ? Isto dizendo
 Amotralhe fantaſticas imagẽs,
 E em ſombra vá, mil formas quaſi vivas.
 Movianſe per hũs alegres campos,
 Onde o Sol ſe mostrava com mais clara,
 E com mais pura luz, onde os Planethas
 Pronoſticam bẽs futuros, quando
 Hum Rey, de terra idade com juſtiça
 Direita, e ſanto zelo, em deſcanſada,
 Segura paz, ſeus Reinos governaſſe.
 Tudo era ali fermoſo, tudo proſpero,
 Em tudo parecia que Deos dava
 Compridamente o ſeu favor divino.
 No meyo de hum florido campo estava
 Hum alto, e rico throno, e no mais alto
 Hum riquiſſimo aſſento, guarnecido
 De pedraria tal, que a redondeza

Da terra lhe ficava em valor menos.
 Assentado está nelle hum Rey potente,
 Bellissimo de rosto, todo armado
 De armas resplandecentes, fameadas
 Por ellas grolhas perolas, fazendo
 Intrificado lavor de obra admiravel.
 Hũa celada tem, cuja cimeira
 Era hum fero dragão, que por narizes
 Por olhos, e por boca parecia
 Grande somma lançar de ardentes chamas.
 Na direita mão tem hũa riquissima
 E reluzente espada, atravessando
 As entranhas de tres grandes Gigantas,
 Que a seus pes todas tres estam rendidas.
 Deus degraos mais abaixo á mão direita
 Deste fermoso Rey estava armado
 De limpas, fortes armas, hum mancebo
 De aprazivel aspecto, e ledo rosto.
 Hum escudo embraçado, e nelle fixas
 As cinco Portuguesas reaes quinas.
 Na direita mão tem hum bastão de ouro,
 Insignia militar, e no sembrante
 Affabel, e gravissimo, mostrava
 Hũa benivolencia, que atrahia
 Os corações de todos ao amarem.
 Cereava este real throno, hũa copia
 Grande de Capitães todos armados,
 Ficandolhe nos elmos escondidos
 Os rostros juvenis, porem nos fortes
 Escudos claramente as mais antigvas
 Portuguesas linhagês se mostravam.

Pareciam ser fortes vencedores ,
 De perigosas mil grandes empresas ,
 Quando Deos ja de todo concedesse
 A Portugal , o Rey tam desejado.
 No meyo delles todos , parecia
 Hum espantoso , fero , horribel monstro ,
 Que a cabeça nas nuvês escondia ,
 Cheo de varias penas o disforme
 Corpo sem porporçam , e tinha aberto
 Hum olho vigiador em cada hũa.
 Outros tantos ouvidos , outras tantas
 Bocas , e lingoas tem , que sempre paltraõ :
 As vezes affirmando o que he mentira ,
 Quanto sempre apregoa o verdadeiro.
 O nobre Visorey , disto que via
 Estava como atonito , e pasmado :
 Desejava saber que Rey he aquelle ,
 Que de tam tenros annos , com tal força
 Tam fortes adversarios sojugava.
 Com grande instancia ao velho roga , e pede
 Que o faça sabedor , e lhe declare
 Se aquelle he SEBASTIAM o prometido
 Ao Reino Portugues por forte amparo ?
 Saberás Visorey , diz o bom velho
 Que aquelle he o remedio , e o supremo
 Bem , por Deos concedido , á Lusitana ,
 Belicosa naçam , aquelle he certo
 O que nascerá , quando em mor perigo
 Portugal estiver dependurado.
 E aquellas tres Gigantas que rendidas
 Ves citar a seus pes Affrica , Europa ,

E a oppulenta Asia sam sem falta.
 Em todas o seu nome por milagre
 Divulgado será, e obedecido,
 Pagandolhe tributos. E o que armado
 Se mostra abaixo d'elle, he do glorioso
 Serenissimo Iffante D. Duarte
 Vnigenito filho, cujo nome
 D. Duarte he tambem, gram Condestabre
 De todo Portugal. O' quanto preço,
 O' quam raro valor nelle se encerra:
 Dotado de prudente, e bom conselho,
 De cortesia, e animo invencivel,
 E de outras mil virtudes que o Ceo nelle,
 Com muy liberal maõ tem repartidas.
 Este monstro que ves dessemelhado,
 Com tantos olhos, bocas, e com tantas
 E tam ligeiras lingoas, tem por nome
 Velocissima Fama, que a ditosa
 Vinda do Rey felice está esperando,
 Para que geralmente em toda parte,
 Por todas quantas bocas tem divulgue
 Seu magnanimo esforço, seu prudente,
 Pacifico governo, seu piadoso,
 E clemente respeito, e a justiça
 Que a todos em geral fará direita.
 Tambem divulgará por toda a terra
 Suas determinações em Deos fundadas,
 E aquelle coraçam sempre desposto,
 Em defender a Fe sagrada, e sancta.
 Aquellas bocas todas sempre abertas,
 Aquellas apressadas, soltas lingoas,

Faram grandes provincias estar sempre
 Cheas de medo, horror, e grave espanto.
 Ouvindo o Visorey cousas tam grandes,
 Infundas graças dava a Deos, e alçando
 Os olhos outra vez ao Rey termoso,
 Estavao contemprando, quando o velho
 Lhe disse: queres ver hum duro cerco,
 Que nos primeiros annos deste forte,
 E bemaventurado Rey, nas partes
 De Affrica se pora? isto dizendo
 Desapparecem supito as figuras
 Para que estava olhando, e logo torna
 Ver outras differentes, ve mil tendas
 Que occupavam de terra hum grande espaço,
 Ve cubertos de gente, campo, e montes,
 Com bandeiras nos ares estendidas.
 De lanças, e de setas, e arcabuzes,
 Via somma infinita, ve bombardas
 Disparar furiosos mil pelouros.
 Hũa alta fortaleza, e largos muros
 Embandeirados vio, e que lustrosa
 Armada, e forte gente os deffendia.
 O Ceo tem permitido (diz o velho)
 Este espantoso cerco, olha os medonhos
 Incendios das profundas, crueis minas.
 Olha os ares cubertos de fumosos,
 Grossos, negros bulções, olha em pedaços
 Corpos, lanças, escudos, e couraças:
 Mil alfanges de ferros reluzentes,
 Em fogo, e fumo envoltos yr voando,
 Espalhados no ar em grande altura.

Aquel-

Aquelle que ali ves todo abrafado
 No meyo do perigo, he Ruy de Soufa,
 Alcuinha de Carvalho, que no tempo
 Deste cerco sera Capitani nelle.

Oiha quantos fidalgos nos combates
 Seram mortos, e ardidos, e o de Sôusa
 Ferido, incitara com grandes brados

A gente a pelejar. O valeroso
 Mancebo, que daras a patria nome
 Hourado, e a teu sangue fama eterna.

Cento, e vinte mil Mouros, as bandeiras
 Seguiram de Mulci Mahameth, todos
 Destros, exercitados sempre em guerras.

A Mazagam poram estreito cerco:

Mas sera com presteza socorrido,
 Pola gram Catherina, que em tal tempo
 Portugal regerá com sancto zello,
 E com claros sinaes de mil virtudes.

Co a grande diligencia desta casta,
 Catholica Rainha, e com o esforço
 Da Portuguesa gente, seram todos
 Os inimigos vencidos, e o gram cerco
 Com muitos males seus alevantado.

Agora que ja viste tudo quanto

O Ceo tem reservado, e permitido
 A tua amada patria, de que podes
 Com razam ficar ledo, e satisfeito,

Bem te podes tornar. Isto dizendo
 Nos ares se escondeo o varaõ grave,
 E em nevoa se desfez quanto ali vira.

Abre os olhos contente, e na sua alma

Sente hum grande alvoroço : mas cuidando
 Que a negra escura morte , hum bem tam grande
 Lhe nam deixará ver , fica muy triste.
 Esteve assi suspenso hum grande espaço ,
 Cuidando do varaõ a prophecia ,
 Que tam alegre o fez , cuidava em quantas
 Deleitosas visoens o doce sono ,
 Em tam diversas formas lhe mostrára.
 Dizia suspirando , quem pudera
 Chegar a ver hum tempo tam ditoso ?
 O' se os Ceos permitiram que os meus olhos ,
 Ao gram SEBASTIAM ver alcançaram.
 Estas , e outras mil cousas revolvia
 O nobre Visorey no pensamento ,
 Levantase da cama , e determina
 Tudo o que em sonhos vio , ter em segredo.

Neste tal tempo , la polas delgadas ,
 E cristalinas agoas do grande Euphrates ,
 Dece hũa sonima grande de pequenas ,
 E ligeiras damnacas , cujas vellas
 Inchadas com bom vento , e ajudadas
 Das correntes forçosas , que ali sempre
 Trabalham por entrar , e mesturarse
 Co as ondas do mar Persico , surgiram
 La sobre Baçorá , que era de Arabios ,
 Os guerreiros navios ordenados ,
 Em concertado som de dar combate.
 Nelles aparecia armada gente ,
 Valentes Turcos eram , que com muitos
 Anafis , e tromberas tomaõ terra ,
 E tomam Baçorá por forças de armas.

Estava Luis Falcaõ em Ormuz quando
 Baçorá se tomou, manda de pressa
 Recado ao Visorrey, que em breve espaço,
 A D. Manoel de Lima roga, e manda
 Que se va para Ormuz, pois lhe cabia
 Aquella entrada entam na fortaleza.
 Pois vendo o valeroso, forte Lima,
 O que o gram Visorrey lhe encomendava:
 Torna os muros de Diu ao que primetro
 Com tam eroeyco esforço os deffendera.
 Fazse prestes, e parte para Goa
 Dali, num galiaõ se embarca, e segue
 A viagem da Ormuz, e em breves dias
 Surgio na barra, e toma delle posse.

Despois que a fortaleza ficou toda
 Fabricada de novo, e com taes forças
 Que resistir pudeltem toda quanta
 Artilheria, e gente, e qualquer outro
 Belicoso poder que o gram Mamude,
 Por vingár este mal, mandar pudesse:
 Determina embarcarse, demandando
 A Cidade de Goa, onde reside.
 Aparelhanse as lufftas, e outros muitos
 Navioz de alto bordo, e todos juntos
 Soltam vellas ao vento; ao mar os remos,
 Dando graças a Deos por tal victoria:
 Partense do lugar que tantas vidas
 Custou, ficando dellas alta fama.
 Navegando vai toda a grande armada,
 Polo estendido mar, sereno, e calmo,
 E com tempo aprazivel, bonançoso

Na Cidade de Goa desembarcaõ.
 Ajuntase no porto infanda gente,
 Com ricos ornamentos, e custosos
 Trajos, onde se via o alvoroco
 Que geralmente avia desta vinda.
 O Visorrey recebe com mil festas,
 Com muy grande aparato, e nobre pompa:
 As invenções, as danças, as cançigas
 Faziam gram rumor, e furdo estrondo.
 O povo com aplauso ali mostrava
 Alegres cerações, e almas contentes:
 Cantando a vozes, altas o successo
 Desta victoria, e celebre triumpho.

Embarcase o fantoso Mazcarenhas,
 As vellas deu ao vento, e com fortuna
 Favoravel, e fado sempre amigo,
 Polo salgado Reino vai passando
 Em prolixo caminho, varios climas.
 Recebeo com prazer o grande Oceano:
 Com sembrante benivolo, e amoroso,
 Levanta os fortes braços, e as inchadas
 Ondas aplaca, e torna hum mar sereno,
 Humilde, manso, alegre, e sem perigo.
 Vai Zefiro, e Favonio brandamente
 As vellas assoprando, e as marinhas
 Bellissimas Nereidas com muy doces,
 E suavissimas vozes vaõ chamando
 O nome de immortaes louvores digno.
 E logo todas juntas alto dizem:
 O' forte Mazcarenhas Deos te guarde
 Em perpetuo descanso, e paz segura.

Os monstruosos Phochas, os ligeiros
 Trithoês o vaõ seguindo com mil festas,
 Com mil sinaes, e mostras de alegria.
 Entram todos com elle pola barra,
 Onde do Tejo, as agoas cristalinas
 Perdem sua duçura, e se melluram
 Cõ as alteradas ondas Occanas.
 Surge a soberba nao no porto, e deita
 Ao fundo grossas ancoras: acode
 Innumeravel gente por ver quando
 Este bom Capitam se mostraria.
 Mil illustres varoês todos se ajuntam,
 Com sembrantes alegres, esperando
 Ao nobre Mazcarenhas, que ja chega
 A borda da ribeira, acompanhado
 De hũa nobre, lustrosa grande turba.
 Segueos hum gram concursa de plebea
 Alvorçada gente, e como a cousa
 Rarissima, e estranha, leva os olhos
 Vulgares apos si, promptos, e fixos.
 Roganlhe grandes bens, louvando sempre
 A sua lealdade, e grande esforço.
 No aposento real, onde esperando
 O gram Rey Lusitano está por elle:
 Entra o bom Capitam, e ali tratado
 Foy como a hum tal varaõ se lhe devia.

L A V S D E O.

Impresso em Lixboa per Antonio Gonçalvez im-
 pressor. Anno de 1574.



rssy

84F00022900

106/89

✓
u
BIB 1288477
106/89

✓
869.12
e827
no
1784



